

**CAIO
PASSOS**

CADA RUA - SUA HISTÓRIA
PARNAÍBA

**CAIO
PASSOS**

CADA RUA - SUA HISTÓRIA
PARNAÍBA

CAIO PASSOS

Da Associação Parnaibana de Expansão Cultural
Da Associação Parnaibana de Letras e Artes
Da Associação Parnaibana de Imprensa

Este livro, além de utilitário, é
um esmerado manancial histórico
sobre Parnaíba.

Dr. Raul Bacellar

Cada Rua- Sua História

Dr. Renato Araribóia de Britto Bacellar
Diretor-Executivo/Procurador Geral
Fundação Raul Portado Bacellar (FRFB)

Parnaíba - Piauí

— 1 9 8 2 —

N O S S A C A P A

O Centro Cívico, que é o altar da Pátria, a Catedral do Civismo, foi idealizado pelo então Prefeito Municipal, Dr. Lauro Andrade Correia, em 1963, e projetado pelo Engenheiro Arquiteto parnaibano Dr. Regis de Athayde Couto.

No gênero, foi obra pioneira em todo o território nacional, na época de sua construção.

Destina-se às realizações de festividades cívicas, especialmente nas grandes datas: 14 de agosto — Dia da Parnaíba, 7 de Setembro — Dia da Pátria — 19 de outubro — Dia do Piauí.

É local destinado para desfiles militares e estudantis, em respeito às autoridades e em continência à Bandeira Nacional.

Nesse panteon histórico, foi comemorado, pela primeira vez, a 14 de agosto de 1964, o Dia da Parnaíba, ao transcurso do centésimo vigésimo aniversário da cidade, e também, pela primeira vez, hasteada a Bandeira do Município nos céus da terra simpliciana.

O Centro Cívico, que está localizado na Praça de Santo Antônio, é um logradouro público, aprazível e belo, que se destaca pelo seu grandioso conjunto arquitetônico, e foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1966.

P R E F Á C I O

LAURO CORREIA

Cada Cidade, sua História.

Sim, meus amigos, Salvador, primeira capital de nosso País, tem muita história a contar.

Além de Salvador, várias urbes, entre elas Rio de Janeiro, São Luiz, são consideradas cidades históricas.

A nossa mui amada Parnaíba possui uma gloriosa história, não longa como as daquelas outras cidades, mas expressiva e de significado nacional, mormente o admirável capítulo de 19 de outubro, vivido em 1822, com bravura e civismo, pelo inolvidável Simplicio Dias e seus companheiros de ideal, no largo da Matriz, hoje a nossa tradicional Praça da Graça.

Mas a história deve ser contada, e principalmente escrita, com imparcialidade e autenticidade, a fim de que ela não se converta em estória.

Daí a razão do público concurso aberto por Lei Municipal N.º 284, de 10.03.1964, desafiando os intelectuais da terra para escreverem a história da cidade.

Os historiadores não apareceram e a Lei Municipal não atingiu o seu objetivo.

Quando, pois, da construção do Centro Cívico, o então Prefeito Municipal escreveu um livro singular, em folhas de mármore, e o editou no Altar da Pátria, na Catedral do Civismo, em faces de prismas triangulares, que evocam o passado da terra.

Realmente, as Campanhas Cívicas, com as datas e os nomes de seus heróicos participantes, se constituem em admirável síntese da história da cidade de Simplicio Dias.

Claro que a “Cronologia Histórica do Piauí”, do ilustre pernambucano Pereira da Costa; as sucessivas edições, durante meio século, do “Almanaque da Parnaíba”, de Benedito dos Santos Lima e Ranulfo Torres Raposo; o notável “Livro do Centenário” de Benedito Jonas Correia e Benedito Santos Lima; a pioneira, no gênero, “História Administrativa da Parnaíba” (1963/1967), de Lauro Andrade Correia, e outras publicações se constituem em fontes ou subsídios ao relato da história da cidade.

O desafio aos historiadores continuava com sua validade

Eis que surge CAIO PASSOS com sua luminosa idéia de escrever um livro contando a história da cidade, ao seu modo.

CADA RUA — SUA HISTÓRIA.

Sim, meus amigos, o jornalista e escritor CAIO PASSOS, com feliz inspiração e com louvável dedicação, buscou e encontrou a história da cidade retratada em suas ruas, avenidas e praças, e, escrevendo-a, documentou-a para as gerações futuras.

TRABALHO notável, digno de elogio, por seu pioneirismo e conteúdo.

OBRA que consagra o seu autor e dignifica a cidade que o acolheu como se fora seu berço natal.

PUBLICAÇÃO que mereceu, desde o primeiro momento de sua idealização, até a ocasião de seu encaminhamento ao prelo, o meu mais irrestrito e integral apoio.

LIVRO que gostaria de haver escrito, pois em suas páginas se divulga a história da cidade amada, e, em muitos de seus capítulos, são contidas exaltações à Princesa do Igarçu.

Parabéns, CAIO PASSOS, você tornou-se cidadão da Parnaíba.

Em 07 de setembro de 1981.

P O R Q U E S U R G I M O S

Caio Passos

Havia um hiato na história de Parnaíba.

Existe, entretanto, um acervo enorme em torno dos fatos históricos desde a nascente vila de São João, quando a amputação do tempo marcava meados do século dezoito até hoje.

Os homens de letras, estudiosos das coisas do passado, deram-nos páginas memoráveis, imortalizantes.

Os poetas cantaram em versos magistrais toda a beleza, toda a exuberância da terra que marcou a 19 de outubro de 1822, uma epopéia de luz e esplendor, glorificada, mais tarde, no heroísmo e no sangue dos mártires da batalha do Jenipapo.

Historiadores e poetas caldearam-se, fundiram-se no mesmo cadinho de exaltação ao glorioso torrão parnaibano.

Inspirados por Deus e pela amizade que dedicamos a Parnaíba, que não é nossa pelo nascimento, mas que é nossa pelo coração — o órgão mais sensível do sentimento humano — aqui estamos procurando fechar este hiato, dando à publicidade — **CADA RUA — SUA HISTÓRIA.**

É uma obra inédita e, acima de tudo, pioneira entre nós; temos a satisfação de afirmar.

Quisemos, assim, dar à Parnaíba um pouco de nós, com este trabalho de profundas e demoradas pesquisas.

Para escrevê-lo tivemos de nos revestir de uma couraça de paciência e nos transformar em uma fortaleza de resistência.

Caímos em campo.

Folheamos pacientemente, obras amarelecidas pelo tempo e batemos a poeira dos arquivos adormecidos.

Em muitos casos, tivemos de entrevistar familiares dos nossos biografados e entrar em contato com pessoas ligadas às ancestralidades parnaibanas, missão que não foi tão fácil.

Fomos uma espécie de garimpeiros, juntando, peneirando os grãos de areia, para chegarmos ao pó de ouro da vida destas personagens ilustres que batizam pelos seus altos méritos, as praças, as avenidas e as ruas desta bonita cidade litorânea — carícia do mar distante.

Este livro não é apenas uma síntese biográfica dos patronos dos logradouros públicos da cidade; traz também em seu bojo acentuados respingos da história da terra que nasceu no “Testa Branca” e floriu no “Porto das Barcas”.

Que venham outros pesquisadores, outros historiadores, fazendo trabalho melhor e mais completo do que o nosso, neste gênero, são os desejos e os votos do autor deste livro.

Ao longo do caminho há muitos espinhos, mas há punhados de flores em suas margens.

Enfim, atingimos o ápice da montanha, depois de termos escalado as sinuosas veredas das pesquisas históricas.

Ao lançarmos — CADA RUA — SUA HISTÓRIA, tarefa exaurível, livro modesto, embora, só tivemos um escopo — ser útil à terra que nos acolheu com afeto e amizade.

Esta é a única razão porque surgimos.

A O N O S S O P A T R O N O

Ao ilustre Doutor Lauro Andrade Correia, lídima expressão da inteligência e cultura da terra parnaibana, pelo incentivo e pelo apoio que nos tem dispensado, desde os primeiros instantes das nossas pesquisas até a ida deste livro para o prelo, tornando-se assim, incontestavelmente, o verdadeiro Patrono deste trabalho histórico-biográfico sobre Parnaíba, aqui deixamos o nosso profundo reconhecimento, o nosso inquebrantável apreço, tudo condensado no nosso afetuoso:

Muito obrigado!

Caio Passos

Dr. Renato Araribóia de Britto Bacellar
Diretor-Executivo/Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

HOMENAGEM ESPECIAL

A Excelentíssima Senhora Luiza de Moraes Correia Távora, no ano do Centenário de Nascimento do seu ilustre genitor Dr. Luiz Moraes Correia — homem de letras, professor e jurista — os nossos agradecimentos e os nossos respeitos à Primeira Dama Cearense, pela valiosa cooperação que nos prestou, ao lançarmos à publicidade este livro — relicário histórico sobre Parnaíba — a terra de seus ancestrais.

O Autor.

Dr. Renato Araribóia de Brito Bacellar
Diretor Executivo Procurador Geral
Fundação Paul Furtado Bacellar (FRFB)

Dr. Renato Araribóia de Britto Bacellar
Diretor-Executivo/Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

JORNALISTAS OPINAM

O Dr. Raul Furtado Bacellar, ilustre homem de letras, de nossa terra, fundador e Presidente da Associação Parnaibana de Imprensa e da Casa do Jornalista de Parnaíba, em torno deste livro, emitiu a seguinte opinião:

“Caio Passos é legítima expressão de cultura intelectual. Jornalista, pesquisador, historiador, conferencista. Sua palavra empolga o ouvinte pela pureza do estilo e elevação do assunto.

Este livro, além de utilitário, é um esmerado manancial histórico sobre a Parnaíba e todos aqueles que pelo seu valor pessoal ou serviços prestados à comunidade mereceram os seus nomes nas ruas e praças da cidade.

É um livro utilitário. No gênero não há similar que o iguale.”

X X X X X X

É de Adrião José Neto, universitário, poeta, historiador e romancista, este tópico:

“Dado o vínculo de amizade que tenho com o intelectual jornalista Caio Passos, tive a honra e o privilégio de conhecer, ainda nos originais, esta relevante pesquisa historiográfica, que reputo de grande importância e de vasta utilidade para os estudantes de todos os níveis e para toda e qualquer pessoa.

Com a extraordinária capacidade descritiva de que é portador, o jornalista Caio Passos se destaca entre os escritores de mérito, tanto pela simplicidade como pela comunicabilidade que são as principais características de seu estilo.

“CADA RUA — SUA HISTÓRIA”, além de ser uma importantíssima ilustração do passado, é um trabalho *sui generis*

e, sobretudo, um farto documentário histórico inigualável no gênero, que se constitui numa grande fonte de pesquisa e numa das principais peças da literatura parnaibana.”

xxxxxxx

Mário Carvalho, veterano jornalista, nome firmado nos meios intelectuais de Parnaíba, através da imprensa, escreveu:

“Tive o prazer cordial e erudito de visitar em sua residência, à Rua João Cândido, o jornalista amigo e escritor Caio Passos, meu colega em duas diretorias de assuntos intelectuais: a Associação Parnaibana de Imprensa e a Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural.

E usufruí do prazer intelectual e, porque não dizer, o orgulho de parnaibano ao ouvir, na voz de Caio Passos, cearense de nascimento, parnaibano de coração, alguns destaques do seu próximo livro — “CADA RUA — SUA HISTÓRIA” —, onde desfilam as ruas de nossa cidade com suas origens às vezes heróicas, outras jocosas, algumas eróticas, muitas folclóricas, todas, todas porém, com suas láureas e labéus, os primeiros suplantando os segundos.

E amenizando a leitura, fatos de épocas remotas e personagens que fizeram história na história de nossa cidade, tudo escrito com carinho, trabalho, muita pesquisa e, sobretudo, amor.

Sinceramente afirmo, é um livro pioneiro para a história de Parnaíba.”

xxxxxxx

É do brilhante jornalista Antônio Gallas, redator do “Nor-te do Piauí”, de nossa cidade, este comentário:

“Venho acompanhando desde o início o trabalho que o jornalista Caio Passos está desenvolvendo acerca da publicação de seu livro que traz o título — “CADA RUA — SUA HISTÓRIA” — que deverá ser de grande importância para Parnaíba, pois trata-se de uma obra valiosa que, pelo conteúdo, posso afirmar, deverá ser colocada em destaque, juntamente com tantas outras que formam o acervo cultural da nossa tão querida Parnaíba.

Para que o nobre confrade pudesse atingir o seu tão almejado objetivo, teve que recorrer a cansativos dias e árduas pesquisas sobre os nomes e as origens das ruas desta cidade.

O livro está pronto; agora vai ao prelo.

E o estilo do jornalista Caio Passos, ora mesclado em tom de poesia, de humor e histórico, prenderá o leitor da primeira à última página. E, repito, é uma obra valiosa e merecerá um lugar de destaque na minha pequena biblioteca.”

XXXXXXX

O consagrado radialista e cronista social Rubem Freitas, escreveu em “Folha do Litoral”, jornal que se edita em Parnaíba, o seguinte:

“CADA RUA — SUA HISTÓRIA” é o título do livro que o jornalista Caio Passos escreveu e vai publicar.

Confesso que fiquei altamente impressionado com o conteúdo do livro.

O trabalho de Caio Passos é a mais legítima história de Parnaíba, desde sua fundação até os dias de hoje, porque de cada rua, avenida, praça e bairro ele conta o porque da sua denominação e da sua origem. É uma obra pioneira.

Vamos todos nos empenhar para que o livro seja publicado já, já.”

XXXXXXX

O brilhante jornalista Bernardo Batista Leão, Superintendente do jornal “Folha do Litoral” e Coordenador-Geral da “Rádio Educadora de Parnaíba”, assim opinou, em torno de nosso livro:

“Conheço o jornalista Caio Passos, com quem tive a satisfação de lidar na imprensa piauiense, em épocas outras.

Pendente à história e à literatura, Caio Passos, que já escreveu várias obras, surge agora com mais um trabalho de fôlego intitulado “CADA RUA — SUA HISTÓRIA”.

Confesso que passei a acreditar mais, ainda, na capacidade intelectual de Caio Passos, que escreveu sobre as ruas de Parnaíba como se estivesse contando a própria história que se

fez grande, através da grandeza de seus filhos que, na sua quase totalidade, originou o nome dos nossos logradouros públicos.

A obra que escreveu Caio Passos, será colocada na galeria do pioneirismo desta grande cidade.

Parabéns, confrade, pelo seu valioso trabalho."

XXXXXXX

R. Fonseca Mendes, deão do jornalismo parnaibano, homem que cotidianamente vive de pena em punho na redação do "Norte do Piauí", dirigindo intelectualmente este órgão da imprensa citadina, escreveu esta página brilhante e concisa sobre "CADA RUA — SUA HISTÓRIA".

Eis aqui a palavra de R. Fonseca Mendes, Presidente da Associação Parnaibana de Letras e Artes: —

"O confrade Caio Passos, está trazendo ao lume da publicidade este interessante livro, o qual, além de ser um excelente repositório de informações urbanísticas da cidade de Parnaíba, é, sem favor, um grande e notável manancial de informações históricas sobre a cidade.

Realmente o livro em apreço não é apenas uma relação indicativa das ruas da cidade, dos seus nomes, e de sua situação topográfica. Além, muito além disso, ele é uma coletânea das mais esmiuçadas pesquisas dos nomes e dos motivos desses nomes, de todas as ruas parnaibanas, incluindo numerosas biografias de vultos históricos da cidade, do Estado, do País e até da extensa lista dos santos da liturgia católica.

Há, no livro em referência, cousas admiráveis e algumas delas até então absolutamente desconhecidas do grande público parnaibano. Uma dessas cousas — que consideramos a de origem até então mais incógnita — é o motivo do nome da rua "7 de Janeiro", que não é data feriada, nem municipal, nem estadual, nem nacional e nem santificada. No entanto, como verão a seguir, é de profunda significação cívica para a cidade. Vejamos:

O Governador Coriolano, que era militar, por motivos de ordem política, decidiu fechar o Conselho Municipal de Parnaíba, hoje Câmara Municipal, e, para isso, emitiu ato, cujo

ENTREVISTAS PESSOAIS

Com a expressão cordial de nossos agradecimentos aos ilustres informantes:

Desembargador Salmon de Noronha Lustosa Nogueira
Dr. Cândido de Almeida Athayde
Dr. Raul Furtado Bacellar
Professora Maria da Penha Fonte e Silva
Professora Edmée Rêgo Pires de Castro
Elias Ximenes do Prado
Godofredo Correia Lima
Pedro Machado de Moraes
Oscar Costa Vaz
Valdemar Miranda Escórcio
Antônio João Basto Ribeiro
Ciro Ciarlini
Mário Carvalho

Dr. Renato Azeiteiro de Brito Bacellar
Diretor Geral do Promat (P. 100)
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

HOMENAGEM PÓSTUMA A

João de Brito Tupinambá
João Cândio Rodrigues
Raimundo Souza Lima
Francisco Oliveira

Nossos entrevistados, chamados por Deus, antes da publicação deste livro.

PRIMEIRA PARTE

BAIRROS

Dz. Renato Azeiteiro de Barros Bocellar
Diretor-Executivo Promotor Social
Fundação Paulo Fernando Bocellar (FRFB)

B E B E D O U R O

Entre os acidentes geográficos do município de Parnaíba, encontra-se a lagoa do Bebedouro, alimentada pelo rio Igarauçu.

Este lago constitui um manancial da classe humilde. Os homens vão buscar nos ganchos dos anzóis o peixe para alimentação da família. As mulheres, lavadeiras anônimas, no afã constante, vão com o suor do rosto ganhar o pão de cada dia.

E o turismo, no seu avanço vertiginoso, já quer tomar conta da lagoa. É o progresso varando a cidade.

Em tempos remotos, esse lago servia de bebedouro para o gado que pastava nessa zona quase rústica, na época. Talvez, dessa cena aparentemente campestre, paisagem diária e rotineira, tenha gerado o seu nome — Lagoa do Bebedouro.

Daí foi fácil; o vocábulo Bebedouro passou a batizar o bairro.

Certa a denominação. Ela nasceu da filosofia popular, apenas coube ao poder público oficializá-la.

Foi crescendo, avançando, tornou-se um grande bairro, de ruas calçadas, luz e água, boa edificação.

Em suas adjacências está o Grupo Escolar “Dr. Cândido Ataíde” que vem prestando inestimáveis benefícios às crianças que residem na parte sul do bairro.

Oxalá que a Lagoa do Bebedouro, dentro da sua policromia costumeira, continue ser o oásis da gente humilde e laboriosa deste pedaço de chão parnaibano.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Avenida Cel. Lucas Correia; ao sul — Rua Dr. Godofredo de Miranda; ao leste — Avenida José de Moraes Correia e ao oeste — Avenida das Normalistas.

BOA ESPERANÇA

O seu nome é uma mensagem de confiança no presente e de fé no futuro.

Ele vem da hidrelétrica de Boa Esperança, a barragem do velho Parnaíba, quando corta Guadalupe.

A homenagem é merecida!

É obra redentora, espargiu energia por todos os quadrantes da terra mafrense, foi como que uma injeção de ânimo no organismo do Piauí, desenvolvendo a sua industrialização e iluminando as suas cidades e os seus núcleos rurais.

Surgiu sob o céu da Boa Esperança!

Veio predestinado para as grandes realizações. O seu alvorecer despertou com a construção do conjunto habitacional de 185 casas populares, em ruas bem traçadas, uma lavanderia moderna e um bem edificado Grupo Escolar que recebeu o nome de “Edson Cunha”, provecto professor piauiense com inestimáveis serviços prestados ao magistério parnaibano.

Essa arrancada deu-se no Governo Petrônio Portela Nunes, em 1965.

Mais tarde veio o conjunto Igaraçu com 315 casas populares, obra do Governo Dirceu Mendes Arcoverde e inaugurado em 1978.

Além desses dois conjuntos habitacionais, totalizando 500 casas populares, foi construído no bairro o magnífico “Centro Social Urbano Mirocles Veras”, empreendimento de grande envergadura que muito beneficiou o bairro.

É um trabalho dignificante.

Jardim de infância, curso do primeiro grau, artes artesanais, biblioteca, teatro e um grande parque esportivo.

Completando essa obra de âmbito social, está a Unidade Médico-Hospitalar, com internamento para parturientes e graves casos de enfermidades, contando com uma equipe médica e enfermeiros.

E o bairro Boa Esperança, que trouxe a mensagem de fé no futuro, aguarda novos blocos habitacionais, outros Grupos Escolares e um Centro de Abastecimento, complementando, assim, as grandes obras sociais que se realizam ali.

Apesar do Bairro já ter sua capela sob a invocação de Santa Cecília, sugerimos que ali fosse erguida um santuário em homenagem a Nossa Senhora da Esperança, a santa que foi a padroeira e sacra protetora da esquadra de Cabral, diante de cuja imagem foi celebrada a primeira missa na terra de Santa Cruz, em 26 de abril de 1500, pelo Frei Henrique Soares.

Façamos também N. S. da Esperança a padroeira e a sacra protetora do Bairro Boa Esperança.

A semente da fé está lançada e que continue germinando, crescendo e florescendo como os lírios do campo.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Avenida São Sebastião; ao sul — Rua Caramuru; ao leste — Rua Major Análio; e ao oeste — Rua Timbiras.

C A R M O

A N T I G A C O R O A

Este bairro situa-se à beira-rio.

O seu nome original nasceu das “coroas” do rio, espécie de minúsculas ilhas, formadas ao leito do Igarçu, quando diminui a sua correnteza.

Em curva principal para alcançar o caminho do mar, está a bela Avenida das Nações Unidas, com extasiante vista panorâmica, canoas de velas soltas ao vento passando ao longe, com canoieiros cantarolando. Banhistas, em manhãs de sol, apinham o braço direito do “velho monge”. Tudo é alegria e encantamento.

Em seu vasto contorno está a vida elegante do bairro: Igara Clube, Associação Atlética Banco do Brasil, Centro Recreativo “Ranulfo Torres Raposo”, Capitania dos Portos do Piauí, os seus bares e churrascarias elegantes — Psiu, Navegantes, Canto do Igarçu e muitos outros — com as suas comidas e bebidas típicas.

Em ruas adjacentes, estão algumas indústrias, destacando-se as de Moraes S/A e M. N. Gonçalves.

O seu topônimo foi mudado, por Lei Municipal, para Bairro do Carmo, por ter sido erguida na Rua Maestro Almir Araújo.

jo uma artística capela de Nossa Senhora do Carmo, que instituiu a Ordem do Escapulário, em 16 de julho de 1251, dia em que a Igreja Católica comemora a sua grande festa.

A Capela de N. S. do Carmo pertence à Paróquia de N. S. da Graça. Ali há sempre atos religiosos.

A sua área tem o seguinte perímetro: — ao norte — Rio Igaráu; ao sul — Avenida Primeiro de Maio; ao leste — Avenida Governador Chagas Rodrigues; ao oeste — Rio Igaráu.

E que N. S. do Carmo continue a expandir a sua graça e a sua fé à comunidade deste populoso bairro, cercado pelo norte e pelo oeste pelas águas do Igaráu “que se dobra em imenso caracol”, em busca do Atlântico.

C A N T A G A L O

O Cantagalo continua ainda com o seu aspecto de zona rural.

As suas casas de construções rústicas se espalham aqui e acolá.

Os seus moradores são humildes e vivem, ainda, em cotidiano do passado, da pesca e da roça.

Em época remota, cercado de canaviais, estava o afamado engenho do velho Lindolfo Carneiro, com a sua fabricação de rapaduras.

A gurizada ia ali pescar, pegar pássaros e beber, na cuia, a garapa do “Seu Lindolfo”.

Nos terreiros das casas, o galo cantava, comandando o galináceo, que era abundante.

Dali vinha o maior abastecimento de aves e ovos para o consumo da cidade. Talvez, daí tenha surgido o seu nome: Cantagalo.

Ali quase nada mudou de aspecto; apenas, por força de lei municipal, o Cantagalo foi transformado em bairro, passando a integrar o contexto da cidade.

A sua área está compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — o Rio Igaráu; ao sul — a Avenida Primeiro de Maio e a estrada para Luiz Correia; ao leste — a zona rural e ao oeste — a Avenida Governador Chagas Rodrigues.

Dentro deste quadrilátero, devidamente projetadas, estão quatorze ruas no sentido norte-sul e seis no sentido leste-oeste.

E o bairro continua no seu ritmo ruralista, no compasso de espera.

Até quando o progresso demorará a bater às suas portas?

E a resposta continuará pairando no espaço e no tempo.

Enquanto o Cantagalo espera, cheio de esperança, o nascer deste novo sol, o galo continuará cantando nos terreiros das choupanas espalhadas aqui e acolá.

C E A R Á

O Bairro Ceará é cortado pela Estrada PI-7, varando o município de Luiz Correia, demandada para o Ceará, via Chaval, cidade-berço do inolvidável Monsenhor José Carneiro da Cunha.

Esta reta rodoviária, asfaltada, com casas às suas margens, é a principal artéria do bairro, chamada popularmente de Rua Ceará.

A palavra Ceará significa: “onde canta a jandaia” — segundo José de Alencar, notável romancista cearense e profundo conhecedor do idioma Tupi.

Esta denominação é uma homenagem que Parnaíba quis prestar, com sobeja razão, ao Ceará, terra que deu o sangue de seus próprios filhos pela independência política do Piauí, na arrancada gloriosa da Batalha do Jenipapo, em 13 de março de 1823, escrevendo, assim, uma das mais épicas páginas da história da gleba de Simplicio Dias da Silva.

Cearenses e piauienses sempre estiveram de mãos entrelaçadas pelo afeto e pela amizade.

O consagrado poeta viçosense Lily Pery, em versos, diz que estes dois Estados são irmãos gêmeos e exclama: — “Gosto do meu querido Ceará/ Adoro meu amado Piauí” — mais adiante: — “Sinto saudade deste se me ausento/ Do outro, se me ausento, é com saudade.”

Dois cearenses já ocuparam, por eleição popular, o cargo de Prefeito Municipal de Parnaíba: — Dr. Carlos Marães Picanço e Elias Ximenes do Prado.

XXXXXXX

Dr. Carlos Marães Picanço: — Período — 1929 — 1930. Nasceu em Fortaleza em 8 de abril de 1889. Filho de Miguel Aguiar Picanço e Gertrudes Marães Picanço. Homem voltado para os estudos, sobretudo para a pesquisa científica, fez um curso de extensão universitária, frequentando, então, a Universidade inglesa de Birmingham. Concluídos os estudos naquela famosa universidade britânica, o Dr. Carlos Picanço voltou ao Ceará, onde exerceu as suas atividades como engenheiro. Mais tarde serviu como Engenheiro na construção da Estrada de Ferro Central do Piauí, trecho Parnaíba-Amarração. E foi ali quando, com descortino e largueza de visão, empregava a sua capacidade profissional na montagem da ponte de ferro sobre o rio Portinho, o eleitorado parnaibano foi buscá-lo para dirigir os seus destinos, como Prefeito Municipal.

Após quase dois anos de profícua administração, deu-se a eclosão da Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao Poder Supremo da República, perdendo, assim, o seu mandato. Entretanto, deixou algumas obras assinalando a sua capacidade à frente da municipalidade parnaibana.

O Dr. Carlos Picanço era casado com Dona Josefina de Castro Picanço, de cujo consórcio deixou três filhas: Ruth de Castro Picanço, funcionária do INPS; Lucy de Castro Picanço, de prendas domésticas, e Edna de Castro Picanço, formada em Medicina, Professora da Universidade Federal do Ceará e médica do Posto de Saúde da capital cearense. O Dr. Carlos Picanço faleceu em Fortaleza em 29 de junho de 1953, aos 64 anos de idade.

xxxxxxx

Na fazenda São Vicente, município de Sobral, Estado do Ceará, nasceu Elias Ximenes do Prado, no dia 4 de maio de 1925. Seus pais: Vicente do Nascimento Prado e Maria de Lourdes Prado.

Apenas com oito anos de idade, a 24 de janeiro de 1934, chegava a Parnaíba, para a casa de seu tio Francisco das Chagas Linhares. Tendo iniciado o seu curso primário na própria fazenda S. Vicente, aqui em Parnaíba, continuou os seus estudos com a Professora Ângela Pinto, que mantinha uma escolinha particular.

Em seguida, passou a auxiliar de balcão da firma de seu tio — F. Linhares. O seu progresso foi rápido, pois, aos catorze anos de idade, com permissão paterna, em juízo, foi nomeado Gerente-Procurador dos estabelecimentos de F. Linhares, grande empório comercial, na época, de nossa cidade.

Continuando os seus estudos, fez o curso propedêutico na Escola de Comércio da União Caixeiral, tendo, ainda, concluído ali o curso médio de Guarda-Livros, em 1943.

Casou-se em primeira núpcias com a senhora Altaide Souza Prado, tendo uma única filha — Altaide de Maria Souza Prado, formada em Turismo.

Em segunda núpcias com a senhora Maria da Conceição Passos Prado, com quem tem seis filhos: Elias Júnior — Economista; Luiz Augusto — Universitário em Engenharia; Tais Maria — Psicóloga-Ciências; Antônio José — Universitário em Engenharia; Sérgio Magno — Pré-Vestibular e Patrícia Maria — Ginásiana.

A partir de 1949, passou a negociar por conta própria, com indústria de construção e comércio imobiliário.

Desde muito cedo, aos dezoito anos, ingressou na política, despontando como uma nova liderança nas hostes partidárias parnaibanas.

Candidatou-se a Vereador, em 1954, tendo sido eleito por esmagadora maioria; reeleito em 1959 e 1964 à Câmara Municipal.

Mais tarde, em memorável pleito eleitoral, foi eleito Prefeito Municipal, no período de 1973-1976.

Em sua administração, foi construído o Edifício da Prefeitura Municipal, pois, desde 14 de agosto de 1844, data em que Parnaíba foi elevada à categoria de cidade, a sede da Municipalidade vivia em prédios alugados.

Hoje está em sua própria casa, bonita e confortável.

Atualmente exerce o mandato de Deputado Estadual, onde continua o seu constante trabalho em favor da terra parnaibana.

XXXXXXX

Sua área tem o seguinte perímetro: — ao norte, Rua Caramuru; ao sul — Rua Dr. Godofredo de Miranda; ao leste

— Rua Timbiras e ao oeste — a Estrada de Ferro Central do Piauí.

Este é o simpático e movimentado Bairro Ceará — onde canta a jandaia, na suave expressão de José de Alencar, o genial criador de Iracema, a bela índia da taba dos Tabajaras.

F Á T I M A A N T I G O M A C A C A L

Ele nasceu com o nome de Macacal, devido a grande quantidade de sagüins, macaquinhos de caudas felpudas e compridas, existentes nas matas desta região, na época, de seu povoamento.

O povo do bairro não gostava desta toponímia, mas um dia ele recebeu um novo e alvissareiro batismo.

Foi na memorável e histórica tarde de 26 de outubro de 1953, quando triunfalmente, numa verdadeira apoteose de fé, de luz, de vibrações e de intensa chuva de pétalas de flores, a Imagem de Maria, a Excelsa Mãe de Deus, vinda de Fátima, da Cova da Iria, chegava à Parnaíba e penetrava na cidade, cortando a larga e extensa avenida deste bairro de nome excêntrico.

E o povo em delírio aclamava: Fátima! Fátima!...

A partir desse instante, ele tinha outro nome; recebia no calor do povo, o seu novo batismo: — Bairro de Fátima.

Era a homenagem de Parnaíba à Virgem Peregrina, marco indestrutível que assinalava para sempre a passagem da Imagem de Nossa Senhora de Fátima pela nossa terra.

Mais tarde, o então Prefeito Dr. João Orlando de Moraes Correia, de saudosa memória, oficializava a nova denominação, ratificando a vontade popular.

Em sua artéria principal está a sua capelinha, que bem sintetiza estas palavras de Monsenhor Roberto Lopes: “Vós sois, Senhora, a glória do povo brasileiro, vós sois a alegria do povo piauiense, vós sois, ó Virgem Mãe, a honra do povo parnaibano.”

É um bairro de intensa movimentação.

É o caminho para o Aeroporto, o segundo do Estado, com moderna instalação e pistas para aviões de grande porte, e

para Atalaia, a bela e aprazível praia de Luiz Correia, grande centro turístico do Piauí.

Estão dentro de sua área o Estádio “Petrônio Portela”, a Estação Ferroviária, a Unidade Escolar Epaminondas Castelo Branco, o Clube Recreativo do Banco do Nordeste, o Clube do Trabalhador e o Centro Esportivo Governador Dirceu Arcoverde, Centro de Abastecimento, recém-construído e belas casas residenciais.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Avenida Primeiro de Maio; ao sul — Avenida São Sebastião; ao leste — Rua Benedito Santos Lima; e ao oeste — Avenida Governador Chagas Rodrigues.

J O Ã O X X I I I

João XXIII será futuramente um novo bairro de nossa cidade.

Pela Lei 390, de 22 de abril de 1966, foi autorizado o loteamento de sua área, localizada à margem direita da estrada Parnaíba-Luiz Correia.

Este bairro foi idealizado e projetado na administração do então Prefeito Municipal Dr. Lauro Andrade Correia, que assim justificou a necessidade da criação deste novo agrupamento populacional da cidade: “No futuro Bairro João XXIII, compreendendo 60 quarteirões, de 100 por 100 metros, foram doados 6 quarteirões para Casas Populares; 2 quarteirões para o “Estádio Municipal Zeca Correia”, um para o Clube do Trabalhador, um para escola e igreja, três destinados a praças, parque infantil, mercado, ambulatório; quarenta quarteirões loteados, de 10 por 50 metros e doados a famílias pobres e sem terreno.

Um dos mais angustiantes problemas da cidade, diz o Dr. Lauro Correia, através de sua mensagem à Câmara Municipal, “sempre foi a casa residencial própria. E o sofrimento de muita gente dos subúrbios sempre foi desmanchar a sua casa de adobes, coberta de palhas, fixá-la em outro local e aguardar, preocupadamente, o dia em que um outro foreiro, munido da Carta de Aforamento, batesse à sua porta e o con-

vidasse ou o ameaçasse a desocupar o terreno à procura de outra morada.

Sentimos com o humilde povo dos subúrbios da nossa cidade esse drama, essa injustiça social e temos a felicidade de poder afirmar publicamente que demos a solução ao problema, pois aí estão as concessões, em primeiro aforamento, de 800 lotes de terreno, medindo 8 por 30 metros, e 10 por 50 metros, localizados, respectivamente, 140 lotes no Bairro Boa Esperança e 660 lotes no futuro Bairro João XXIII, há 800 famílias pobres que não dispunham de terreno para construção de suas casas residenciais.” Convém ressaltar que, pela primeira vez nos 123 anos desta cidade, afirma o Dr. Lauro Correia, um Prefeito Municipal tomou medida de tão alto significado social e humano.

E por tratar-se de uma obra “social e humana”, este futuro bairro tomou o nome de João XXIII, homenagem de respeito e de admiração a este notável Pai da Cristandade.

Era o Cardeal Ângelo Roncalli. Foi Delegado Apostólico na Turquia. Nuncio Apostólico em Paris. Cardeal e Patriarca de Veneza.

Papa de 1958 a 1963. Durante o seu pontificado, muito aumentou o prestígio da Igreja. Tiveram extraordinária repercussão as encíclicas “Mater et Magistra” — “Mãe e Mestra” — e “Pacem in Terris” — “Paz na Terra”.

Convocou o II Concílio do Vaticano — (1962) — dando-lhe orientação ecumênica e reformista.

Nasceu em Sotto il Monte, Itália em 1881 e faleceu no Vaticano, em Roma, em 1963.

Aí está o Bairro João XXIII, tecnicamente planejado. Que ele surja o quanto antes, como uma redenção social, beneficiando a classe humilde da cidade, sob as bênçãos do seu imortal Patrono João XXIII, o Sumo Pontífice da “Paz na Terra”.

M E N D O N Ç A C L A R K

A N T I G A Q U A R E N T A

A sua história é epicante e satírica, daí o jocoso epíteto de Quarenta.

No inverno tornava-se um igarapé. A canoa vinha até a esquina da atual Praça Cel. Constantino Correia. Era habitado por gente pobre, em verdadeiro labirinto de casebres.

No verão, o panorama mudava. A alegria voltava extasiante. Aos sábados, ao som da harmônica e do pífaro, o forró estourava com cachaça e caranguejo.

Ali morava uma mulata, de idade já avançada, gorda e baixa. Tinha uma filha nova, bonita e atraente, que já trilhava o caminho da prostituição.

A noite, quando apareciam os ricos por ali, a velha ao lado da filha, querendo avançar nos bolsos recheados dos homens, irreverentemente anunciava — “É só corenta”! O que significava quarenta réis, moeda corrente naquele longínquo passado.

Desse fato pitoresco que a história popular guardou, sem malícia, apelidaram esse chistoso arraial da mulata gorda e baixa de “Quarenta”.

E o nome vinha rolando, rolando, através dos tempos.

O bairro foi saneado. Um largo e profundo canal, hoje, corta ao meio, a rua Luiz Correia até despejar as águas no Igarapu. A edificação melhorou sensivelmente, uma serraria e várias oficinas de diferentes especialidades, espalham-se pelas suas artérias. É o caminho de muita gente que demanda para o Bairro São José e Ilha de Santa Isabel.

O seu nome foi também saneado. Pela Lei Municipal n.º 444, de 6 de março de 1967, a sua denominação passou para Bairro Mendonça Clark.

Dois estabelecimentos de ensino administram instrução primária às crianças do bairro, o Grupo Escolar “João Cândido” e o Grupo Escolar “Godofredo de Miranda”.

José de Mendonça Clark era membro da tradicional família Clark. Sócio da secular firma James Frederik Clark & Cia. — a Casa Inglesa.

Homem de visão. Alto comerciante e político de invejável prestígio. Representou o Piauí no Senado Federal, com eficiência e brilhantismo.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Rua do Rosário; ao sul — Rua Cel. Pacífico; ao leste — Rua Conde D’Eu e ao oeste — Rio Igarapu.

MINISTRO REIS VELOSO

É o mais novo bairro da cidade.

Foi criado pela Lei Municipal N.º 920, de 15 de março de 1976, na administração do então Prefeito Elias Ximenes do Prado, por sugestão do ilustre Professor Lauro Andrade Correia, Diretor do Campus Ministro Reis Veloso, desta cidade.

Assim, ficou encravado nesta novel faixa urbana, o Campus Ministro Reis Veloso, da Universidade Federal do Piauí, uma das obras mais importantes do Magnífico Reitor José Camilo da Silveira Filho, realizadas em terras piauienses.

Como este livro é uma espécie de relicário histórico de Parnaíba e uma obra de pesquisa para o futuro, transcrevemos, data vênia, em nossas páginas, a biografia do ilustre Ministro João Paulo dos Reis Veloso, de autoria da inteligente acadêmica Lúcia Maria de Lima, do Curso de Ciências Econômicas, do nosso Campus Universitário, premiada em primeiro lugar, em concurso instituído pelo Diretor Professor Lauro Andrade Correia, em 1978.

Este bairro está localizado na parte alta da cidade, compreendendo o seguinte perímetro: Avenida São Sebastião, a partir da Rua Costa Fernandes, seguindo até o cruzamento da Avenida Lions Clube, por esta avenida, seguindo em direção norte, até o cruzamento com a rodovia BR-343 por esta rodovia em direção ao centro da cidade, até o cruzamento com a Rua Costa Fernandes.

Eis a biografia:

João Paulo dos Reis Veloso nasceu a 12 de julho de 1931 na cidade de Parnaíba, no Estado do Piauí, filho de Francisco Augusto de Castro Veloso e Maria Antonieta dos Reis Veloso.

Seu pai ora residindo em Brasília com a filha Maria Augusta e, vez por outra, em Valença do Piauí com suas irmãs. É funcionário aposentado da EBCT — Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos; sua mãe, já falecida, era doméstica e costureira, mulher simples e de elogiada inteligência. Dos seis filhos do casal, todos esforçados pelo saber, João Paulo foi o mais estudioso e o que mais destaque obteve até hoje.

O menino João Paulo era o tipo que se pode chamar de “garoto prodígio” ou mesmo “gênio de cada época”. Com a mãe Antonieta adquiriu o hábito da leitura diária, atividade que o ajudou a elevar seu nível cultural, enriquecendo sua capacidade de dialogar com os cultos adultos e de ampliar seus vastos conhecimentos.

Vivera sua infância e adolescência no aconchego da família humilde, honrada, unida e responsável. Considerava o estudo a chave do sucesso e a mais importante atividade de um jovem. Apreciava os banhos de rio e os jogos de futebol. Gostava muito de filmes, frequentava assiduamente o cinema, procurando distrair-se e usufruir da chance que lhe oferecia a condição de filho de um funcionário do DCT — Departamento de Correios e Telégrafos, dando-lhe uma oportunidade de assistir gratuitamente aos filmes. Mais tarde, achando que o tempo ocupado na apreciação de filmes, poderia ser utilizado na busca de novos conhecimentos, abandonou um pouco o cinema, dedicando-se mais à pesquisa.

Revelara-se, desde tenra idade, um “menino-homem”, com memória de anjo. Dedicou-se eficientemente ao estudo. Batalhou com firmeza para ocupar sempre o primeiro lugar entre os alunos da turma que integrava, não porque fosse ambicioso, mas porque necessitava da escola gratuita para continuar os estudos, vez que sua família não dispunha de recursos para custear os estudos dos filhos e nem havia escolas públicas para atender a população estudiosa de sua época. Sendo o melhor aluno, teria ensino grátis assegurado. Esforçou-se e conseguiu realizar seus sonhos, começando por ser premiado, aos nove anos, com uma bolsa de estudos da Prefeitura Municipal.

Aluno de extraordinária inteligência e realçada capacidade de trabalho, foi sempre o líder da turma e o seu orador oficial.

Seu desmedido esforço pela aprendizagem e a acelerada expansão de sua cultura, fizeram de Reis Veloso o aluno modelo, o invencível estudante e o líder permanente, em todas as suas turmas de primário, ginásio, colegial e superior.

Adolescente, já revelara um equilíbrio fora do comum. Sempre soube aproveitar de tudo em sua vida. Desde gina-

siano manteve estreita ligação com seus professores, mestres de grande preparo intelectual, com quem conversava sobre os mais diversos assuntos da atualidade. Em suas palestras discutia assuntos tratados em inúmeras obras, fazendo referências sobre seus autores e respectivas edições. Tornou-se frequentador assíduo do Professor José Rodrigues e Silva, com o interesse de aprender mais. Desse convívio, resultou o enriquecimento de seu ilimitado campo cultural.

Não se dispregava dos livros e sempre andava com um, debaixo do braço. Leu todos os livros da livraria, de propriedade do Professor José Rodrigues em sociedade com seu sogro, hoje Livraria Esperança.

Seus bons hábitos adquiridos no lar solidificaram-se no contato com os mestres, que muito o ajudaram no aprimoramento do saber.

Nos cursos ginásial e comercial, liderava o movimento cultural, participando ativamente das realizações escolares, publicando folhetos, jornais e revistas e fazendo divulgações entre estudantes. Seu discurso de orador da sua turma de conclusão do Curso Técnico, foi por ele publicado em folheto, assim como outros pronunciados que fez em outras significativas ocasiões.

Foi, em 1946, um dos fundadores, 1.º diretor e redator-chefe da Revista “Argus”, publicação dos alunos do Ginásio “São Luiz de Gonzaga”. Em 1950, era diretor de “O Arauto”, órgão oficial da “Associação Parnaibana de Letras,” sociedade da qual fazia parte desde 1948, sendo o mais jovem dos seus membros.

Iniciou o curso primário na escola particular da Professora Maria Luiza Madeira Basto, concluindo-o no Ginásio “São Luiz de Gonzaga”, onde também fez o curso ginásial.

Seu primeiro emprego aconteceu em 1946, quando ingressou como funcionário da firma Moraes Exportação e Moraes Importação, impressionando a todos com sua capacidade de realização. Foi professor de Português e Matemática no Ginásio Parnaibano e de Português e Contabilidade na Escola Técnica de Comércio União Caixeiral. Muito tímido e modesto, ficava acabrunhado quando as alunas o intimidavam.

Apesar de preferir ficar à parte da política partidária, em

1950 foi ao Rio de Janeiro, representando o Partido de Representação Popular numa Convenção Nacional. Sua atuação mereceu tanto destaque que, no ano seguinte, retornou ao Rio de Janeiro, então Capital Federal, para exercer o cargo de Assessor e Secretário particular do Deputado Federal Jorge Lacerda.

Neste mesmo ano, 1951, colaborou com o jornal “A MANHÃ”, do Rio de Janeiro, publicando pequenos ensaios literários e crítica de livros. Escreveu tópicos e comentários para a coluna política do jornal carioca “O Diário de Notícias”.

De inteligência privilegiada, grande capacidade de trabalho e elogiado interesse pelo saber, João Paulo Veloso foi em 1953 aprovado em primeiro lugar, no Concurso para Oficial Administrativo do antigo IAPI — Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Chegando a exercer as funções de Secretário do Presidente e várias vezes presidente provisório da citada autarquia.

Em 1955, quando contava com 24 anos de idade, foi novamente classificado em primeiro lugar, em concurso de âmbito nacional, de Escriturário do Banco do Brasil. Trabalhou no Banco do Brasil em São Paulo e na Direção Geral no Rio de Janeiro.

O avanço intelectual e cultural do jovem parnaibano tornou-se mais conhecido quando, em 1957, foi classificado em primeiro lugar no Vestibular de Economia, da Fundação Álvares Penteado, em São Paulo. Em 1960, formou-se em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio de Janeiro, onde sempre foi o primeiro aluno da turma.

Aos 28 anos, prestou serviços no Gabinete da Presidência do Banco do Brasil, em Brasília, por solicitação do seu presidente. Em 1961, fez o curso de pós-graduação no Conselho Nacional de Economia, de extensão universitária, sobressaindo-se como o melhor dos alunos participantes e sendo escolhido para orador oficial da turma.

Nessa ocasião, uma de suas provas foi transformada em apostila e distribuída entre os alunos, seus colegas, pela banca examinadora, que mostrou-se deveras entusiasmada com o excelente trabalho, por ela corrigido.

Em 1961, a convite de Ernani Galvêas, seu professor, pas-

sou a trabalhar na Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda, função que exerceu até 1962, quando ingressou no Curso de Aperfeiçoamento de Economistas da Fundação Getúlio Vargas. Nesse mesmo ano, foi aos Estados Unidos, usufruindo de uma bolsa de estudos, ganha na Fundação Getúlio Vargas. Na Universidade de Yale fez o curso de Master em Economia, recebendo diploma Ph.D. Em Yale foi o primeiro de todos em tudo, impressionando toda a família universitária, com a qual conviveu naquele período. Foi Professor da Escola de Pós-Graduação para Economistas da Fundação Getúlio Vargas. Foi convidado a continuar nos Estados Unidos, mas o seu sentimento nativista indicou-lhe o retorno ao Brasil. Aqui, procurando retribuir algo pelo muito que tinha recebido de seu País, recusou vários convites de indústrias nacionais. Preferiu trabalhar junto ao Governo, contribuindo para o avanço brasileiro nos vários setores da atividade humana.

Ainda em 1962, foi Secretário-Geral, Superintendente e Presidente do Instituto de Planejamento Econômico e Social.

Em 1964, após a Revolução de 31 de março, foi Reis Veloso convidado a estruturar e coordenar o antigo IPEA, hoje Instituto de Planejamento Econômico e Social. Exerceu, ainda, nesse ano, função de Secretário do antigo Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada.

A convite do ex-Ministro do Planejamento Roberto de Oliveira Campos, integrou a equipe de técnicos do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral.

Coordenou os Seminários sobre a Realidade Brasileira, organizados pela Presidência do Marechal Artur da Costa e Silva.

Em 1968, exerceu o cargo de Secretário-Geral do Planejamento e, em 1969, por indicação do então Ministro do Planejamento Hélio Marcos Pena Beltrão, João Paulo Veloso foi convocado pelo terceiro Governo Revolucionário, para ocupar o cargo de Ministro do Planejamento, ganhando para o seu Estado, antes tão esquecido, uma posição de relevo no cenário político-administrativo do País.

No governo atual, que tem à frente o Presidente Ernesto Geisel, Reis Veloso foi o único dos Ministros anteriores convidado a permanecer no Ministério. Em 1974, a Pasta do Planejamento foi elevada à Secretaria de Planejamento da Presidência.

cia da República. O Ministro piauiense, chefe da Secretaria de Planejamento, ocupa hoje, o cargo que depois da Presidência da República, é o mais importante e de maiores atribuições no executivo brasileiro, conduzido que fora pelas suas qualidades profissionais e pessoais.

É Membro do Conselho Federal de Educação e do Conselho de Pesquisas. Entende de inúmeras e destacadas técnicas, inclusive cinematográfica.

Casou-se muito jovem. Seu primogênito Ricardo Augusto Veloso, faleceu em 1976 em um desastre rodoviário. Seus filhos vivos são João Paulo dos Reis Veloso Filho e Ana Paula Veloso.

No dia 06 de fevereiro de 1975, quando visitou o Piauí, na companhia do Presidente Ernesto Geisel, recebeu das mãos do então governador do Estado, Alberto Tavares e Silva, a insígnia da Grã-Cruz da Ordem Estadual no Mérito Renascença do Piauí, comenda que, dentre as muitas que recebeu, foi para ele a de maior importância.

Para Reis Veloso, o desenvolvimento decorre da “bolação do homem”, do conhecimento, que ao lado da dimensão espiritual do progresso humano, conduz a humanidade para novos dias.

Acha que houve uma transformação em nosso Estado, mudança do espírito do Piauí e do piauiense, porque hoje o Piauí acredita em si mesmo.

O Ministro João Paulo é político, no sentido aristotélico do termo: não se engaja em facções e grupos dotados de visão unilateral, comporta-se com admirável autonomia intelectual e irrecorável soberania ética. É um exemplo a ser seguido e imitado, porque a sua vida, pontilhada das lutas mais difíceis, “constitui uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres e de esperança aos desenganados”.

N O V A P A R N A Í B A

A N T I G A C A A T I N G A D E C I M A

Coube ao Cel. Constantino de Moraes Correia, Intendente Municipal no quadriênio 1913 — 1916, a denominação de Bairro Nova Parnaíba e o seu traçado, dando forma retangular aos

quarteirões, conforme planta de 1913, pertencente ao arquivo do Dr. Lauro Andrade Correia.

A Nova Parnaíba é uma das zonas preferidas da cidade pela sua altitude, pelo seu clima ameno e pelas suas ruas e avenidas largas, arborizadas e bem delineadas.

Este bairro pela sua importância, é sede da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, a cargo da Congregação dos Padres Redentoristas.

A Igreja-Matriz está à Avenida Cel. Lucas Correia, ao lado do Quartel do Batalhão “Major Osmar”, da Polícia Militar do Estado.

Encontramos ainda no bairro, o Palácio Episcopal, a Escola Normal “Dr. Francisco Correia”, fundada em 11 de julho de 1927, as Unidades Escolares “Padre Vieira”, “José Alexandre” e “Luiz Galhanoni”, a Escola “Simplicio Dias” e o Jardim da Infância “Pequeno Príncipe”.

Como se verifica, a Nova Parnaíba é muito bem servida de instrução pública, desde o Jardim da Infância ao Curso Normal.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Avenida Capitão Claro; ao sul — Rio Igaraçu; ao leste — Avenida das Normalistas e ao oeste — Avenida Álvaro Mendes.

P I N D O R A M A

É um bairro novo.

O seu nome tem uma história bonita.

É a lenda do velho morubixaba.

— Ó Tupã! Tu és o maior do céu e Taibai, o maior da terra, desafio-te para a luta!

Ele subiu às alturas em que te escondes e vai vencer-te. Solta o teu raio sobre a cabeça de Taibai, mas mostra o teu peito ao meu arco e não te ocultes nas nuvens!

Parou e esperou. Mas foi em vão: Tupã não respondia.

Mas um dia, uma chuva intensa de flechas desceu sobre a imensa floresta, matando os guerreiros de Taibai.

As flechas começaram a crescer, a crescer, suas penas se transformaram em palmas e das hastes nasceram frutos.

Cresceram palmeiras nos campos, palmeiras nos vales, palmeiras nas serras.

Tantas e tão belas que os homens que chegaram depois deram ao país o nome de PINDORAMA, para afirmar que esta é a “Terra das Palmeiras.”

E esta lenda do velho morubixaba se enquadra ao Bairro Pindorama, não só pelo seu próprio nome, mas pelo crescimento que tem tomado, de maneira animadora e surpreendente, como as “palmeiras dos campos, dos vales e das serras”.

A denominação de Pindorama deve-se ao projeto de autoria do brilhante historiador Dr. Edson Cunha, de saudosa memória, quando Vereador à Câmara Municipal, legislatura de 1955 — 1958, depois promulgada pelo Prefeito Municipal, Dr. Alberto Tavares Silva, oficializando assim, o seu topônimo.

Está encrustado neste bairro, com frente para Avenida São Sebastião, em suntuoso prédio, o Ginásio Polivalente “Lima Rebêlo”.

E agora “os homens que chegaram depois” estão vendo o bairro crescer, florir, expandir, sob as bençãos de Tupã.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Avenida São Sebastião; ao sul — Rua Caramuru; ao leste — Rua Timbiras e ao oeste — Rua Benedito Santos Lima, antiga 16 de Novembro.

S Ã O B E N E D I T O

Este bairro nasceu abençoado por Deus, trouxe o nome de um grande santo da Igreja de Cristo, pois Benedito — significa bendito, abençoado.

A sua denominação de “São Benedito” vem de antigas escrituras dos terrenos encravados nesta área, na sua maioria, na época, pertencentes à família Coelho Basto.

Pela Prefeitura Municipal, em consonância com Fausto Fernandes Basto, representante da família, o bairro foi planejado, as ruas delineadas e os seus terrenos loteados.

Por doação de Fausto Basto foi reservada uma faixa de terra destinada à construção de uma capela ao santo que pastoreava o gado e que possuía uma junta de bois e um arado

para o seu trabalho agrícola, com o objetivo de auxiliar os pobres, mas a capela até hoje não foi erigida.

Por que? Ninguém sabe!

Benedito era um preto, descendia dos negros da Guiné e da Abissínia. Era frade Franciscano e, talvez, pela sua condição de preto, era o cozinheiro do convento. Nessa função, fez vários milagres; a exemplo de Jesus, fez a multiplicação dos peixes e dos pães. De cozinheiro passou, contra a sua vontade, a Superior do Convento de Santa Maria. Morreu em 4 de abril de 1589 aos 64 anos de idade. Canonizado pelo Papa Pio VII, reinante em 1800 a 1823. É o Patrono da Raça Negra.

Ali está localizado o Tiro de Guerra 10-012, em moderna sede, construída na administração do então Prefeito Elias Ximenes do Prado e inaugurado em 10 de julho de 1976. Em seu pátio, em pedestal apropriado, está um canhão histórico, onde se lê em placa de bronze, os seguintes dizeres: “Canhão da defesa de Parnaíba nas lutas da independência em 1822 — 1823, sob a chefia de Simplicio Dias da Silva. Doado ao TG — 10-012 pela Capitania dos Portos do Piauí”.

Está também neste bairro, em prédio próprio e moderno, o Campus Avançado da Universidade Federal do Espírito Santo, que honra e ilustra a nossa terra.

Ai, temos, em síntese, um pouco da história do Bairro São Benedito, um dos que mais crescem e se desenvolvem na paisagem urbanística da cidade.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro; ao norte — Rua Padre Raimundo Vieira; ao sul — Avenida São Sebastião; ao leste — Rua Major Análio e ao oeste — Rua Benedito Santos Lima.

S Ã O F R A N C I S C O

A N T I G A G U A R I T A

O seu florescimento e a origem de seu nome vêm da construção, em 1916, da Estrada de Ferro Central do Piauí.

Era a zona onde morava, a maioria dos trabalhadores braçais da ferrovia em preparo.

Famílias foram se agrupando, casebres iam surgindo em suas ruas estreitas e arenosas.

Os botecos já despontavam; aos sábados, as festanças surgiam animadas.

Ali foi construída uma guarita; casinha de alvenaria para abrigo do guarda ferroviário, encarregado da sinalização dos trens.

Daí nasceu o seu nome!

Essa guarita estava de pé até há pouco tempo, mas como o progresso é inimigo da tradição, destruindo os marcos históricos, lá se foi a casinha no bico da picareta.

Era um símbolo da Guarita do passado!

Hoje, tem nova denominação oficial.

É o Bairro São Francisco, mas como o povo não quer perder a sua tradição, chama-o de “São Francisco da Guarita”.

O seu novo topônimo veio em virtude de ter sido erigido ali, à Rua Oeiras, esquina da Rua Picos, uma capela em honra de São Francisco, pelos Frades Capuchinhos. Nessa capela funciona um pequeno Centro Social, aulas de alfabetização e artes artesanais.

São Francisco é fundador da Ordem Religiosa dos Franciscanos. Foi canonizado em 1225. A sua festa, aliás, uma das maiores do nordeste brasileiro, se realiza a 4 de outubro.

É a porta de entrada e saída de Parnaíba, razão porque é o bairro de maior movimentação da cidade.

Estão encartados em seu bojo, o antigo “Ginásio Parnai-bano”, fundado em 11 de julho de 1927, hoje “Colégio Estadual Lima Rebelo”, em prédio próprio, construído no Governo Helvídio Nunes de Barros, as Unidades Escolares “Edson Cunha”, “Clóvis Salgado”, Raquel Magalhães” e “José Euclides de Miranda”; a Casa de Saúde “N. S. de Fátima”, instituição particular, de uma equipe médica; mercado público, posto policial, posto de gasolina e táxis, hotéis, farmácias, oficinas de várias especialidades e até consultório sentimental, enfim, a sua comunidade goza de vida quase própria.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Avenida São Sebastião; ao sul — Rua Caramuru; ao leste — Rua Benedito Santos Lima e ao oeste — Avenida das Normalistas.

Era uma mata cerrada. O tucum, planta da família das palmáceas, que dá um coco bom e gostoso, imperava na região.

O rio, “caminho que anda”, deslizava.

O homem, este aventureiro audaz, começou a fazer às margens do Igarapu, as suas casas de barro batido, cobertas das palhas dessas palmeiras balouçantes ao vento.

Era um novo povoamento que nascia dentro da mata, em busca de um novo horizonte, de um amanhã cheio de sol.

Dentro de pouco tempo estava formada a Rua do Tamancão, bem na beira do rio.

A sua denominação surgiu do hábito dos seus moradores usarem rústicos tamancos, por ser zona alagadiça. E o apelido pegou, até que passou para 7 de janeiro, isto em 1893, imortalizando um importante fato histórico da cidade, comentado por nós, em outro capítulo deste livro.

Ali moravam as famílias que faziam do rio o seu “tesouro encantado”. Eram vareiros, canoeiros e pescadores.

E as veredas foram se abrindo, caminhos mais largos eram rasgados em todas as direções, casas iam apontando aqui e acolá.

De súbito, transformou-se em um aglomerado de gente trabalhadora e alegre. As festanças se espalhavam, em “lata-das”, iluminadas à luz fosca das lamparinas a querosene.

Na beira do rio, nascia um estaleiro para consertos das embarcações, já em quantidade, descendo e subindo o Paranaíba. Era a família Leite, a pioneira dessa iniciativa. Deram ao local o nome de “Porto da Mangueira”, por ser um trecho coberto de mangueiras. Tudo tem a sua origem. E o nome continua até hoje.

E foi assim que surgiu o Bairro dos Tucuns sob o signo do trabalho e da tenacidade do homem que se levanta ao nascer do sol e se deita ao faiscar das estrelas.

O seu traçado definitivo foi feito na administração do Intendente Municipal Cel. Constantino de Moraes Correia,

consoante planta de 1913, do arquivo do Dr. Lauro Andrade Correia.

Mais tarde, por Lei Municipal, teve a sua denominação mudada para Bairro São José, em homenagem ao humilde Carpinteiro de Nazaré.

A sua Igreja à Rua João Emilio Falcão Costa com esquina da Rua Monsenhor Roberto Lopes está atestando o alto espírito de fé de sua laboriosa comunidade.

Dentro de seu quadrilátero encontra-se a “Santa Casa de Misericórdia”, fundada em 26 de abril de 1896; o Ginásio “Clóvis Salgado”, a Unidade Escolar “José Narciso” e a Escola Comercial do Círculo Operário São José.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: ao norte — Rua Cel. Pacífico; ao sul — Rio Igarau; ao leste — Avenida Álvaro Mendes e ao oeste — Rio Igarau.

S Ã O J U D A S T A D E U

A N T I G O C A T A N D U V A S

Catanduvas era uma faixa rural do nosso município, com boas terras agrícolas e pastoris.

Catanduva é o mesmo que catanduba, árvore das leguminosas-mimosáceas, também chamada angico-surucucu, rama de bezerro, pau carrasco e pau branco.

Este nome, por certo, surgiu por ser esta região detentora em alta escala, deste pau-branco que serve para fabricação de tamancos, cangalhas, cochos e outros utensílios domésticos.

Dentro desta área está o “Testa Branca”, local onde foi fincado o primeiro marco da Vila de São João da Parnaíba, em 1761.

Ali iam se construindo casas rústicas, formando uma aglomeração de gente dedicada ao amanho da terra e à pescaria no rio que corre no rumo do mar, para se mesclar com as águas verdes do Altântico.

Dentro de sua área está o Aeroporto ,um dos mais modernos do norte do Brasil.

A sua comunidade sentiu de logo a necessidade de edificar ali uma pequena Igreja para que o seu povo tivesse, como era natural, tangido pela sua formação religiosa, um ponto para suas orações, um contato mais presente com Deus.

São Judas Tadeu foi o escolhido para orago desta zona rural.

O povo da região, com o valioso apoio da guarnição da Aeronáutica, dirigente do Aeroporto, o templo do grande Apóstolo de Jesus, teve as suas obras iniciadas.

Em pouco tempo a Igreja estava de pé, com São Judas Tadeu no seu altar, abençoando esta gente boa, modesta, trabalhadora, que continua no seu dia-a-dia cultivando a terra para a grandeza de Parnaíba.

Mais tarde, a Prefeitura Municipal construiu o Grupo Escolar “Borges Machado”, onde as crianças recebem as luzes da alfabetização.

Dado o seu franco desenvolvimento, esta faixa rural foi elevada à categoria de Bairro com a denominação de “São Judas Tadeu”, em homenagem ao seu Santo Padroeiro.

Pela Lei Municipal N.º 551, de 15 de junho de 1969, o bairro ficou assim delimitado: ao norte — Avenida Padre Raimundo José Vieira, partindo do seu encontro com a Rua Major Análio; rumo ao leste até atingir a Rodovia PHB-3 (Aeroporto), ao leste: — Rodovia PHB-5, rumo ao oeste até atingir a Rua Major Análio; ao oeste — Rua Major Análio, partindo do seu cruzamento com a Rodovia BR-343, rumo ao norte, até encontrar a Avenida Padre Raimundo José Vieira, no seu ponto de partida.

Para ilustrar a história do Bairro São Judas Tadeu, aqui damos uma compilação da vida desse Apóstolo de Jesus, feita através de “Série Sagrada”.

São Judas Tadeu era parente de Jesus, como se referem os Evangelhos. Figurava nas “relações dos apóstolos” que nos legaram os evangelistas São Marcos, São Mateus e São Lucas. Os dois primeiros evangelistas o designavam com o nome de Tadeu, enquanto São Lucas o chamava de Judas Tadeu.

Provavelmente São Mateus e São Lucas teriam procedido assim, com o intuito de evitar possíveis confusões com a pessoa

de Judas Iscariotes, o renegado discípulo que vendeu o Divino Mestre.

Com os demais Apóstolos, esteve sempre em companhia de Jesus, ouvindo-lhes as palavras admiráveis, e seguindo os seus exemplos. Era rústico como os demais e com o Senhor ele se instruiu e se tornou Santo.

Tudo que São Judas Tadeu via, aprendia.

Com os seus irmãos pela fé, ajudou na distribuição dos pães à multidão, quando Jesus operou o milagre da multiplicação, exclamando: — “Tomai e atendei ao povo faminto”.

E, ainda, com os demais Apóstolos, participou da última ceia do Senhor, quando Jesus disse: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco! Tomai e comei, isto é o meu Corpo, tomai e bebei, isto é o meu Sangue”.

Dirigiram-se, em seguida, para o “Horto das Oliveiras”, onde o Redentor orou na hora da agonia.

Assistiu, São Judas Tadeu, atônito, quando o outro Judas, o Iscariotes, deu-lhe na face o beijo da traição, indicando aos fariseus, que aquele era Jesus, o filho de Deus.

Jesus foi aprisionado. Os Apóstolos, apavorados, fugiram!

São Judas Tadeu sofria, dada a semelhança de seu nome com o do traidor. Durante bastante tempo, foi mencionado ou invocado com o nome de São Tadeu ou São Lebeu, pois muitas pessoas faziam confusão entre a sua personalidade e do Iscariotes. Fiéis evitavam pronunciar o nome de Judas.

Não tardou a se fazer sentir a reação contra esse modo errôneo de se apreciar os fatos.

E São Judas Tadeu começou a ser invocado e a ter devotos tantos e tão numerosos que até hoje se multiplicam.

Jesus, numa de suas revelações a Santa Brígida, disse: — “Invocai com grande confiança ao meu Apóstolo Judas Tadeu; prometo socorrer a todos quantos por seu intermédio a mim recorrerem”!

São Judas Tadeu recebeu também aquele aviso misterioso de que nos fala o notável autor de Nicéphoro: — “Reune-te aos teus irmãos. Maria vai deixar este mundo!

Reuniram-se os Apóstolos.

Maria agonizava; breve deixaria a terra. Havia lágrimas em todos os olhos. Grande era o sofrimento de São Judas

Tadeu, parente de Nossa Senhora. Quando as mães de todas as mães exalou o último suspiro, os Apóstolos, piedosamente, conduziram à tumba o corpo virginal.

Mais tarde, dirigiram-se todos à sepultura de Maria e ergueram a pesada pedra que a cobria. O corpo não estava mais ali. Suavíssimo perfume se desprendia do sepulcro vazio.

Os anjos conduziram-Na ao Céu. Maria estava junto do Filho para a Vida Eterna.

Depois, percorreu as terras de Mesopotâmia, pregando o Evangelho e realizando conversões. Multidões se converteram. E o rebanho da Fé Cristã cresceu e tomou vulto por aquelas paragens longínquas.

Foi na cidade de Araduas, então pertencente à Pércia, que São Judas Tadeu sofreu o martírio.

Encontravam-se, ele e São Simão, pregando a Boa Nova e fazendo conversões, mas os sacerdotes pagãos que adoravam o sol e seus rústicos ídolos, principiaram a maquirar a destruição dos dois Apóstolos.

“A presença desses homens ofende os nossos deuses! Temos que destruí-los,” afirmaram os sacerdotes pagãos. Em seguida, reuniram homens de sua confiança e levaram os dois Santos para o grande templo macedônio.

Ali, porém, um anjo refulgente de luz, apareceu aos dois Apóstolos prisioneiros, e falou:

“Escolhei entre o castigo dos vossos inimigos, com a vossa libertação, ou a vossa glorificação no martírio”!

“Que o martírio nos leve à Vida Eterna!”, respondeu São Judas Tadeu.

Os anjos, invisíveis para os pagãos, tocaram as suas espadas flamejantes nos falsos deuses, derrubando-os em mil estrondos.

Ao ver seus ídolos por terra, a multidão saiu enfurecida para a rua, em perseguição aos dois Santos, gritando: “morte aos infiéis; sim, matemos os que desprezam os nossos deuses!”

Era o dia 28 de outubro do primeiro século do Cristianismo.

Judas Tadeu e Simão foram levados ao suplício, na praça pública.

São Judas Tadeu implorava ao Altíssimo: “Senhor, misericórdia para este povo!”

Os corpos dos Santos foram depositados na Babilônia, de onde, no ano 800, Carlos Magno transportou-os para a Basílica de São Saturnino de Tolosa, na França. Mais tarde, foram trasladados para a Basílica de São Pedro, em Roma, onde os peregrinos prestam o seu culto de fé e de respeito a esses dois **mártires do Cristianismo**.

Muito antigo é o culto a São Judas Tadeu que a Igreja reverencia como um dos grandes Apóstolos, havendo uma Missa em sua honra.

Todos os Países católicos rendem, diariamente, nos templos, homenagens ao glorioso Santo.

No Brasil, o culto a São Judas Tadeu é bastante extenso e expressivo, sendo inúmeras as pessoas que têm obtido graças por sua valiosa intercessão.

E Parnaíba também prestou o seu culto a São Judas Tadeu, dando a este novo bairro o seu nome e ali erguendo a sua Igreja, para que o Apóstolo de Jesus, na glória excelsa do altar, seja o seu Padroeiro e o protetor da gente laboriosa do velho Catanduvás.

S A N T A L U Z I A

Fica às margens da rodovia Parnaíba-Teresina.

É de modesta edificação, mas de ruas delineadas e batizadas com nomes ilustres.

De início, não tinha denominação definida, apenas alguns epítetos pejorativos.

É integrante da paróquia de N. S. de Fátima, dirigida pela Congregação dos Padres Redentoristas.

A Prefeitura Municipal, em 1970, na gestão do Dr. João Silva Filho fez doação à paróquia de um barracão ali existente.

Depois de várias reformas, este barracão foi transformado em Centro Social “Santa Luzia”.

O Centro Social também serve de capela; ali os Padres Redentoristas realizam atos religiosos.

Passou a ser, então, Bairro Santa Luzia.

Foi uma escolha feliz e feliz de quem vive sob a proteção dessa grande heroína da Igreja de Cristo.

E agora vejamos um pouco da vida de Santa Luzia, a Virgem-Mártir, cujo túmulo está hoje em Veneza, na Itália.

Nasceu no século terceiro, na Sicília, Ilha do Mediterrâneo. Luzia, de tenra idade ainda, ávida de ser toda de Jesus, fez sagrado juramento de virgindade a Deus.

Diante do Governador Pascásio, poderoso anti-cristão, Luzia jurou: “Adoro a um só Deus verdadeiro; a Ele prometi fidelidade e a ninguém mais”.

Em virtude da fé inabalável de Luzia, mandou Pascásio que um dos seus soldados, com uma espada, atravessasse a sua garganta e arrancasse os seus lindos olhos verdes.

A ferida foi mortal. Luzia entregou o seu luminoso espírito a Deus, para receber a palma do vitorioso martírio.

Santa Luzia, a Menina Santa, é a protetora dos olhos e a sua festa é celebrada com muita fé e calor religioso, a 13 de dezembro.

Além do “Centro Social Santa Luzia”, as crianças do bairro são beneficiadas pela Unidade Escolar “Raquel Magalhães”, que se localiza em suas imediações.

Sua população é laboriosa; ali domina a indústria artesanal, enfim, é uma comunidade que vive para o trabalho na luta do cotidiano.

A sua área fica compreendida pelo seguinte perímetro: — ao norte — Rua Dr. Godofredo de Miranda; ao sul — Preventório Padre Damião; ao leste — Avenida José de Moraes Correia e ao oeste — Lagoa do Bebedouro.

SEGUNDA PARTE

PRAÇAS

ANTÔNIO DO MONTE

*Fica encravada no
Bairro São José.*

Toda a benemerência de Antônio do Monte Furtado está na história da Santa Casa de Misericórdia. Ali a sua vida foi um apostolado.

Provedor por merecimento, por dilatados anos de profícuo trabalho de filantropia.

Em 1927 foi reconstruído um pavilhão anexo, denominado Antônio do Monte, do lado da Rua Coronel Pacífico, com vinte compartimentos, destinados não só à residência das irmãs, enfermos, pensionistas, como também para receber operados e parturientes indigentes.

Em 1931, estando uma das enfermarias ameaçadas de ruir, e com este fato o sacrifício da vida de muitos antes, e embora a instituição contasse com poucos recursos, foi deliberado demoli-la e construir em seu lugar uma nova.

Tendo em meio deste serviço sido adquirido uma planta de todo o edifício, com modernas instalações e ampliadas enfermarias, foi resolvido demolir o antigo edifício para ser construído em seu lugar, em um ano e meses, o atual prédio da Santa Casa. Graças ao grande esforço, tenacidade e abnegação do seu Provedor, Cel. Antônio do Monte Furtado, com os auxílios moral e material de seus leais companheiros de luta, ele viu o seu maior desejo realizado.

A Praça Antônio do Monte é exatamente o logradouro onde está edificada a Santa Casa, como uma justa e merecida homenagem àquele que foi o seu maior benfeitor.

Antônio do Monte Furtado nasceu no Retiro da Boa Esperança, hoje a florescente cidade de Esperantina. Aqui che-

gando, foi trabalhar na “Casa Inglesa”, onde galgou o mais alto posto de empregado da firma, gozando de lastro imenso de confiança e amizade entre patrões e colegas.

Nesta qualidade de auxiliar do comércio, foi um dos principais batalhadores da fundação da “União Caixeiral”, fundada em 28 de abril de 1928.

Da história da “União Caixeiral”, lemos o seguinte: “A justiça manda que de antemão se ponha em relevo os nomes dos dois primeiros idealistas que se entregaram, de alma e coração, numa atividade dinâmica, em prol da “União Caixeiral”, — Antônio do Monte Furtado e Luiz Nelson de Carvalho. Foram realmente dois grandes realizadores, pois jamais estiveram num momento de desânimo, triunfando contra todos os óbices encontrados no espinhoso caminho, removendo-os, com denodo, a golpes de energia e boa vontade sempre crescentes.”

Presidiu essa entidade classista em vários mandatos, sempre dignificando o cargo.

Foi também Presidente da Sociedade “Protetora Parnaibana” no período de 1903 a 1922 — dezenove anos de administração — o maior período de todos os dirigentes.

O grande benemérito Cel. Antônio do Monte, morreu em 1932 na Santa Casa de Misericórdia, contemplando a sua grande obra, da qual foi a sua principal viga mestra.

Antônio do Monte é desses homens que vieram à terra para semear o bem.

CONSTANTINO CORREIA

*Centro. Denominação antiga:
Praça Barão de Lorena.*

Para falar sobre a personalidade marcante de Constantino de Moraes Correia, uma das figuras mais respeitáveis, padrão de honra e dignidade da terra parnaibana, fomos buscar no talento do Dr. Edison da Paz Cunha, provecto advogado, educador de mérito, e uma das mais altas e brilhantes expressões da cultura do Piauí, de saudosa memória, o seu magnífico ar-

tigo datado de 12 de agosto de 1941, publicado no Almanaque da Parnaíba — Edição 1942 — sob o título — Parnaibanos Ilustres — Constantino Correia — Um Exemplo Dignificante.

“.....a vida
É luta renhida,
Viver é lutar”.

Quando nos abeiramos da década de cinqüenta, com desenganos à frente, vamos sentindo necessidade de recordar, de investigar o passado, experimentando, em razão disto, sua-vidade e bem-estar espiritual.

Quantas vezes, acontecimento atual, que impressione fortemente os sentidos, pelas relações com tempos dantanho, nos arrasta à meditação, a contato com momentos idos e vividos...

Se esse acontecimento é a queda fatal no túmulo de individualidade que se projetou no cenário político, profissional e social de sua terra, pelas ações modelares, em sua geração, pela inteligência, capacidade de trabalho, espírito de combatividade, envergadura moral, estoicidade no sofrimento, lealdade irredutível, apresentando em suma uma personalidade invulgar, olhando-lhe o corpo álgido e inerme, — toda essa existência insofrida que viveu, desenrola-se em nossas divagações, passa em câmara lenta pelos escaninhos do nosso pensamento.

Foi o que sentimos quando Constantino Correia faleceu, às 13 horas de 14 de abril de 1941, nesta cidade, em sua residência.

Por ocasião de uma das mais tormentosas agitações políticas que sacudiram o Piauí, travamos conhecimento com o varão ilustre.

Em 1911, a sucessão governamental do Estado, refletindo a derrubada que se processava nas administrações estaduais, empolgara as energias piauienses, na dupla corrente partidária — situacionismo político, com a candidatura Dr. Miguel de Paiva Rosa, e oposição, com a do Tenente-Coronel Coriolano de Carvalho e Silva.

Do campo das idéias, pregadas, acaloradamente, pela imprensa e pela tribuna, a exaltação de ânimos levou os contendores para luta armada, constituindo-se efetivos para embates.

Em tempo, porém, o Governo Federal, compreendendo que a manifestação das urnas tornaria vitoriosa a candidatura palaciana, promoveu o afastamento do candidato militar do campo da luta, evitando, assim, derrame de sangue e sacrifício de vidas.

Constantino Correia, comerciante em Floriano, surgiu no campo de honra. Toda a família Correia assumira compromissos com a candidatura de Miguel Rosa. Família tradicionalmente muito unida. Por isso mesmo, de grande prestígio no Estado. Solidariedade fatal do comerciante florianense, que, em razão disso, se fez lutador, não adstrito à solidariedade platônica, mas agindo no campo de luta e entrando em ação imediata. Coordenou elementos combatentes, organizou, com Carlindo Nunes, um batalhão, a que deu o nome ameaçador de "Delenda Coriolano". Baixou de Floriano para Teresina, comandando sua unidade de guerra.

Estávamos na Capital piauiense, em férias do Curso Jurídico. Conheçemo-lo na ocasião; lealdade, firmeza e decisão suas impressionaram-nos, definitivamente.

Toda a imprensa do Estado, em editoriais, pôs em evidência sua personalidade destemida. Clodoaldo Freitas, jornalista fogofo e de talento, panfletário invencível, que vinha do bom combate republicano do tempo da propaganda, deu-nos a conhecer, naquela época, em linhas gerais, a vida de Constantino Correia, em trabalho divulgado pela imprensa, sobre sua eficiente atuação no movimento político.

Na impossibilidade de inserirmos tudo quanto divulgou o ardoroso intelectual piauiense, é do nosso dever, entretanto, resumir-lhe o estudo, com aditivos, para maior brilho desta sincera e imprescindível homenagem que estamos prestando à memória do saudoso e inesquecível filho desta cidade.

Aqui nasceu a 11 de agosto de 1872.

Nota-se uma coincidência digna de realce. Foi sempre amparo dos oprimidos; guerreiro da causa das liberdades públicas e privadas; defensor do direito e da moral social; e nasceu na data mesma da criação dos Cursos Jurídicos no Brasil.

Foram-lhe pais o Tenente-Coronel Francisco Severiano de Moraes Correia e sua esposa, Exmo. Sra. Maria Cleofas de Moraes Correia, sobrevivente, veneranda e respeitável ve-

linha, a quem toda a Parnaíba acata e quer bem, confortada, ainda, pela dedicação e carinho dos filhos, netos e bisnetos, que constituem uma imensa cadeia de lares, dos mais conceituados e prestigiosos de nossa alta sociedade.

Em Parnaíba estudou as primeiras letras. Muito jovem, seguiu às humanidades, em São Luiz do Maranhão, que era o centro de atração intelectual e educacional do norte brasileiro.

Logo ali, em plena juventude, deu-se a revelação de seu temperamento combativo, rebelde a injustiças e falcaturas políticas, tão ao sabor da época. Circulava na Capital maranhense "O Globo", periódico de propaganda republicana. Havia sido proclamada a República. Na noite de 17 de novembro de 1889, um grupo de populares investiu contra o jornal, para empastelá-lo. Entre os poucos que se expuseram em defesa estava o jovem estudante piauiense; e sustentaram a reação até à chegada de destacamento do Exército, que dispersou os atacantes. Na refrega, ficaram quatro mortos e muitos feridos. Mas não empastelaram o jornal republicano.

Isto foi, apenas, o prefácio de uma existência que se ia revelar rebelde contra toda opressão e todos os opressores.

A 29 de março de 1890, assentou praça no Exército, transferindo-se de São Luiz para Fortaleza, em cuja Escola Militar foi continuar os estudos secundários. No novo centro estudantil, o adolescente projetou-se na classe, firmando prestígio intelectual pelas notas elevadas conquistadas em exame, recompensa à aplicação em estudos.

Regressou a Fortaleza e logo seguiu para o Rio de Janeiro, ingressando nos estudos superiores da Escola de Guerra. Prestou brilhantes exames do primeiro ano, mas, desgostoso, voltou, definitivamente, à vida civil.

Permaneceu na Capital da República de 1895 a 1899, trabalhando, a princípio, como guarda-livros, depois, comerciante exportador de café.

Em 1900, vamos encontrá-lo em Sobral, Ceará, ainda atraído pela vida comercial. Constituiu família, na dinâmica cidade cearense, casando com a Exma. Senhora Consuelo de Andrade, de destacada família local. Foi-lhe a virtuosa esposa companheira e amiga a partir de então, compartilhando daquela existência de lutas, fadigas, vicissitudes, a confortá-lo até a

hora extrema.

Esteve ligeiramente em Camocim, no ano de 1905, funcionário da Estrada de Ferro de Sobral, para naquele ano reaparecer em São Luiz do Maranhão, aonde iniciara atividades no princípio da República.

Foi guarda-livros da firma Oliveira Neves & Cia., até 1909.

Divulgada a competência técnica e invulgar método de trabalho de Constantino Correia, o governador Benedito Leite, um dos mais ilustres homens públicos maranhenses da outra República, deferiu-lhe a incumbência de reorganizar a escrituração do Tesouro do Estado. Apresentou trabalho que lhe valeu consagração na imprensa, no comércio, nas altas esferas administrativas e na Câmara Legislativa do Maranhão.

Após esta segunda permanência no vizinho Estado, regressou ao Piauí, indo estabelecer-se em Floriano, sócio da firma exportadora Mota & Correia. Nessa fase de sua vida atribulada, deram-se os acontecimentos políticos já referidos.

Em 1912, foi Intendente Municipal em Parnaíba. Sua passagem pela administração local, assinalou-se por uma série de realizações e reformas, que ainda aí estão, a bendizê-lo, salientando-se o levantamento topográfico e urbanização da antiga “Caatinga de Cima”, hoje, uma cidade moderna ao lado da velha Parnaíba, bairro residencial elegante, a que deu o nome de Nova Parnaíba.

Mas os homens foram ingratos com a Família Correia. Sobrevindo, também, moléstia grave na esposa querida, deixou as rédeas do Governo Municipal, e esteve com ela na Europa, em 1913.

De regresso, abandonou mais uma vez o Piauí, voltando ao Ceará, na esperança de poder encontrar justa recompensa ao valor, à energia produtiva. Esteve em Viçosa, primeiro notário público vitalício. A política cearense da Velha República, foi sempre, muito extremada, cheia de soluções drásticas.

O honrado tabelião não era homem amoldável a desmandos; contrariamente, seu temperamento insurgia-se contra as injustiças e violências. Era fatal o choque com a mentalidade ambiente irreductível. Não se adaptou; tanto bastou para que contra ele investissem iras, com aplausos do Governador, Dr. João Thomé de Saboia e Silva.

Constrangido, abandonou o cargo.

Mais tarde, recorreu à justiça cearense, que lhe reconheceu direito, mandando indenizá-lo, compensadoramente.

Vemo-lo, após esses novos dissabores, no Piauí, agora para não mais sair da vida comercial, na Parnaíba, sócio do irmão Dr. Francisco Correia, na firma Moraes Correia & Cia.

Vimos encontrá-lo e revê-lo, depois de dez anos, em 1921, quando para aqui transferimos residência. Tivemos a honra de merecer-lhe amizade, até a hora extrema.

Constantino dedicou-se inteiramente à vida comercial, alheando-se às lutas políticas locais, desde então.

O intelectual irradiou o espírito em duas facetas marcantes de seu valor: jornalista e orador.

Não comporta a este trabalho apreciação detalhada de suas atividades na imprensa piauiense. Seria estudo para monografia; diremos, apenas, que foi um valente jornalista político, de argumentação lógica e convincente, como podemos evidenciar da coleção de “O NORTISTA”, editado, no começo do século, nesta cidade.

O orador revelou-se admirável, em duas oportunidades.

Todos que testemunharam, recordam-se daquela reação justa e necessária do comércio parnaibano, nos dez primeiros dias de setembro de 1929, contra a prepotência do inspetor de nossa Alfândega, cujo nome não interessa ser conhecido, nem revelado, aqui.

O comércio não podia sofrer as humilhações que lhe impunha a autoridade aduaneira. Agitou-se, e procurou um chefe para o movimento. Constantino, naturalmente indicado, decretou o fechamento da praça, até as reivindicações pleiteadas. Dez dias de paralisação completa de todas as operações. Vitória decisiva. A eloquência do chefe animava espíritos, alimentava sentimentos de classe, reconfortava esperanças na decisão justa do Ministro da Fazenda. Partindo da tese de que as leis devem ser aplicadas com suave arbítrio, Constantino fascinava pela dialética, pelos conceitos doutrinários, sem exaltação demolidora, impressionando vivamente a numerosa assistência, que se entusiasmava, ouvindo-o.

O homem de coração bom, sempre aberto ao bem, naquela conjuntura difícil, não esqueceu os humildes. Na praça da Par-

naíba, sempre trabalharam milhares de estivadores. Paralisado o tráfego do porto, era gente necessitada, famílias sombriamente ameaçadas de fome. Movimentou a organização de uma bolsa de amparo aos humildes trabalhadores, que o comércio manteve, durante o longo período da crise.

Anos depois, Parnaíba recebeu a primeira visita do Bispo Diocesano, Dom Severino Vieira de Melo. Católico extremoso, foi incumbido pela população e pela sociedade católica parnaibana, de saudar o príncipe da Igreja.

Em tribuna armada na Praça da Graça, perante incomputável massa popular, subiu sereno, calmo, consciente do dever e falou. Não. Eletrizou a multidão, durante mais de hora, em oração apropriada ao ato, novo Montalverne ou Vieira redi-vivos.

O casamento deu-lhe doze filhos. E aí foram-lhe reservados novos infortúnios. Alice, a primogênita e filha carinhosa, foi arrebatada à vida, pelas ondas do Atlântico, na praia de Atalaia. Inúteis todos os esforços para encontrar-lhe o cadáver.

Constantino não resistiu a tão terrível golpe. Acabrunhou-se. Não teve uma queixa. Não se lastimou. Adoeceu. Foi-se-lhe a saúde, para sempre. Recolheu-se, dentro da dor, ao lar. Passaram-se anos de sofrimento, sentindo, dia a dia, a aproximação da morte, que não temia. Encarava-a como um fenômeno natural.

Haveria de vir.

E veio, naquela hora luminosa e cálida de 14 de abril, enquanto o sol, prodigamente, a todos e a tudo inundava de calor e luz, que são Vida.

Voltaire disse que, por mais esperados que sejam, os acontecimentos graves apanham-nos quase sempre desprevenidos.

Foi assim, a morte de Constantino Correia.

C O R O N E L J O N A S C O R R E I A

Antiga praça do Mercado.
Centro.

A figura inconfundível do Coronel Jonas de Moraes Correia, prestigioso chefe político, que tanto trabalhou e honrou

Parnaíba e o Piauí é, sem dúvida, um dos mais ilustres filhos da terra parnaibana.

A 15 de janeiro de 1874, nascia em Parnaíba Jonas de Moraes Correia, sendo seus pais o respeitável Coronel Francisco Severiano de Moraes Correia Filho e Maria Cleofas de Moraes Correia.

Consoiciou-se a 1º de dezembro de 1894, com a senhora Maria Firmina Ramos Correia, filha do honrado comerciante e consul português, José da Silva Ramos, que também era genitor do General de Brigada Francisco da Silva Ramos.

Sobrevieram-lhe seis filhos. Entre eles, todos ilustres, destacamos aqui o professor, historiador e consagrado homem de letras, Jonas Benedito de Moraes Correia, a quem tivemos a honra de privar de sua amizade, tão cedo roubado do nosso convívio, deixando como seu herdeiro intelectual, o seu filho Dr. Francisco Canindé de Moraes Correia.

No círculo da família foi Jonas Correia, exemplo digno de imitação. Ninguém o excedeu no carinho e obediência de filho extremoso; no desvelo de marido dedicado; nos cuidados de pai e no afeto de irmão.

Era um homem de coração forrado de filantropia e caridade; basta relembrar a ação benéfica que exerceu por ocasião do terrível flagelo da seca de 1900, que assolou o nordeste, especialmente o vizinho Estado do Ceará, de onde contínuas levadas de emigrantes procuravam o território piauiense, especialmente o litoral.

E nessa tragédia climática, Jonas Correia deu prova de grandeza de benevolência, amparando, dentro do possível, as vítimas da seca, que aportavam a nossa cidade.

Foi de um altruísmo extraordinário, contando com o valioso e inestimável apoio do seu Pai, Coronel Francisco Severiano que, na época, era Intendente Municipal de Parnaíba.

Jonas Correia, homem inteiramente dedicado à sua terra, foi eleito Intendente Municipal para o período de 1901 — 1904 — primeiro gestor do Município no século XX —, tendo realizado uma administração pautada no trabalho e de rígida honestidade.

Logo no início de seu governo, surgiu uma terrível epidemia de varíola, mas a sua ação foi pronta e enérgica.

Com rapidez fez construir na Ilha Grande de Santa Isabel, no lugar denominado Cruz, um grande lazareto para tratamento dos variolosos.

Era um administrador que procurava solucionar os mais graves problemas do município.

A matança de gado para o consumo, por exemplo, foi uma de suas preocupações, pois o gado era abatido em pontos diferentes, nas moitas, sem a menor observância das regras de higiene e fiscalização municipal. Daí, coube a Jonas Correia construir o primeiro matadouro público desta cidade, nas matas da “Caatinga de Cima” hoje o pitoresco Bairro Nova Parnaíba, que se localizava na atual Rua Oeiras. Foi recentemente destruído por estar obsoleto, mas o pioneirismo foi seu.

Outro problema grave, enfrentado pelo seu dinamismo, foi a extinção de numerosos capinzais que, dentro da zona urbana, ocupavam considerável extensão, e eram verdadeiros focos de micróbios; lutando nesse sentido, contra tudo e contra todos, a sua tenacidade venceu.

Do Coronel Jonas de Moraes Correia só se pode dizer que dedicou a vida inteiramente ao serviço da terra e do povo de Parnaíba. Exemplo de como governou a cidade, basta citar o seguinte trecho do relatório que apresentou, a 30 de abril de 1902, ao Presidente e membros do Conselho Municipal:

“Estais, portanto, a par da maneira por que foi despendida, em 1901, a receita municipal, e habilitados a pronunciar o vosso juízo.

Podeis, igualmente, dar publicidade a esta minha prestação de contas, a fim de que todos os habitantes do município saibam o quanto deles recebeu a municipalidade e em que o despendeu, pois desejo viver às claras, e que os meus atos, no desempenho de um cargo trabalhoso e difícil, embora sem a menor gratificação pecuniária, sejam por todos conhecidos e apreciados”.

Exercendo, desde o começo de sua vida pública, posição saliente na política de sua terra natal, não tardou a se tornar figura inconfundível na política do Estado.

Eleito várias vezes Conselheiro Municipal, tendo exercido a sua Presidência em diversas legislaturas.

Deputado Estadual no quadriênio de 1912 a 1916, presidiu também o Poder Legislativo de 1912 a 1913, cargo que exerceu com nobreza e altivez.

Quando, em 1912, do lançamento das candidaturas do Dr. Miguel de Paiva Rosa e do Coronel Coriolano de Carvalho e Silva, Jonas Correia formou ao lado de Miguel Rosa, que foi eleito, graças ao maciço apoio dado pelo grande líder parnaibano.

Teve, entretanto, em meio do período governamental, de retirar seu apoio a Miguel Rosa, por motivos impostos por sua dignidade política.

Em seguida, dirigiu um vibrante manifesto aos seus correligionários do “Partido Republicano Conservador Piauiense”, entregando ao julgamento do tribunal superior da opinião pública a atitude que acabava de tomar na política estadual”.

A sua corajosa atitude foi aceita e aplaudida pelos seus correligionários e amigos, tendo o seu prestígio político crescido no seio do povo piauiense.

O Coronel Jonas Correia faleceu no dia 27 de setembro de 1915. No mesmo mês e ano, a 8 de setembro, perecia no Rio de Janeiro, vitimado pelo punhal de um sicário, o Senador Pinheiro Machado, que fora seu chefe na política federal.

Como repercutiu na alma coletiva de sua terra, a sua morte inesperada, ocasionada por colapso cardíaco, causou demonstrações de imenso pesar por parte de seus familiares, seus amigos e do povo parnaibano.

Foi um dos maiores enterros até agora vistos na cidade. Mais de cinco mil pessoas acompanharam Jonas Correia, seu grande ídolo, à última morada, ali no Cemitério Igualdade, desta cidade.

Vários oradores falaram à beira do túmulo, enaltecendo os seus dotes morais e cívicos.

Um dos discursos mais comoventes foi o de seu irmão, Constantino Correia, que arrancou lágrimas da incomputável multidão.

Aquela grande manifestação póstuma ao Coronel Jonas Correia foi uma inequívoca prova do valor e do prestígio des-

te notável líder parnaibano, cuja memória continua imperecível no seio da população da terra que ele tanto amou, dignificou e engrandeceu.

E esta praça — centro comercial de Parnaíba, onde está encravada a sua antiga residência — imortaliza o seu nome.

CORONEL OSÓRIO

Centro

O Coronel José Francisco de Miranda Osório, se bem que não seja filho de Parnaíba, esteve intimamente ligado à sua história, como um dos vultos que mais se destacaram na sua vida política.

Referindo-se a tão ilustre personagem, diz o historiador Pereira da Costa:

O Coronel José Francisco de Miranda Osório era filho legítimo do Capitão do Exército Francisco Xavier de Miranda Machado e D. Maria Bárbara da Anunciação.

Nasceu na cidade de Oeiras, a 19 de março de 1800 e teve praça de soldado privilegiado no primeiro regimento de cavalaria de segunda linha daquela cidade, aos 13 anos de idade. Em 1815 conquistou as divisas de alferes e, promovido aos outros postos, teve as de Tenente-Coronel em 1831, com o comando do 84º Batalhão de Caçadores.

Bem jovem ainda seguiu Osório para Parnaíba, entrou na casa comercial de seu tio Manoel Antônio da Silva Henriques, de quem mais tarde foi genro, e assim entregue ao comércio, conquistou fortuna e créditos, graças ao seu trabalho e honestidade.

As lutas políticas do Piauí, em prol da causa nacional da nossa emancipação, encontraram em Miranda Osório um operário diligente, incansável e destemido.

Foi ele um dos principais chefes do movimento emancipacionista do Piauí, que explodiu na Parnaíba em 19 de outubro de 1822, e a sua história, nessa fase de agitação por que passou a província, é a mesma dessa própria fase, pela saliência do papel que representou em todo o movimento.

A Granja, o Sobral e o Crato, na vizinha Província do Ceará, viram-no ativamente trabalhando em reunir gente para marchar em defesa dos piauienses empenhados nas lutas da sua liberdade, e tanto conseguiu, que no primeiro choque com o inimigo nas esplanadas do Jenipapo, em Campo Maior, no dia 13 de março de 1823, lá estava ele à frente das suas tropas, incorporadas à divisão da direita.

Em 1824 envolve-se Miranda Osório no movimento político da Parnaíba, em adesão à proclamada Confederação do Equador, triunfante desde Pernambuco até o Ceará.

Rompendo o movimento sedicioso do Maranhão, conhecido na história por Balaiada, e o qual impetuosamente refletiu no Piauí, Osório é incumbido de comandar as forças levantadas pelo Governo da Província para fazer frente ao movimento e, exercendo então o cargo de Prefeito da Parnaíba, presta assim os maiores serviços possíveis em tão calamitosa situação. Atos oficiais dão testemunho solene dos serviços prestados por Osório desde o primeiro de janeiro de 1839 ao último de fevereiro de 1841, em cujo período assistiu aos ataques e os comandou, pelejados na Barra do Longá, no Beiru, na Batalha e em Frecheiras, conseguindo derrotar os revoltosos, entre os quais o seu nome era pronunciado com respeito que só consegue a bravura aliada à humanidade.

Osório respeitou sempre aos vencidos, e muitas vidas pôde ele poupar aos prisioneiros nos combates, sobre muitos dos quais pesavam os crimes de roubos e assassinatos de pessoas importantes, cujos parentes serviam sob suas ordens.

Ao rompimento da guerra do Paraguai, Osório, apesar de adiantado em anos, oferece os seus serviços em defesa da causa nacional, mas não foram aceitos porque ali não se faziam precisos oficiais de patentes superiores e sim de soldados.

Apesar disso, prestou ele, então, relevantíssimos serviços na sua qualidade de comandante superior da guarda nacional, quer na designação de guardas, quer na aquisição de voluntários para a campanha, serviços esses que mereceram-lhe a conferência da comenda da Ordem de Cristo.

Osório ocupou o cargo de Vice-Presidente da Província desde as primeiras nomeações até 1876, em cujo caráter lhe coube dirigir a sua administração algumas vezes; teve assento

na Assembléia Provincial, em diversas legislaturas; foi Vereador e Presidente da Câmara Municipal da Parnaíba; Juiz de Paz, suplente de Juiz Municipal, e Delegado de Polícia, além dos cargos já mencionados.

O seu falecimento verificou-se no dia 15 de dezembro de 1877, na cidade de Parnaíba, assim termina a biografia traçada por Pereira da Costa.

Parnaíba não esqueceu este grande vulto de sua história.

Na Avenida Presidente Getulio Vargas está o Grupo Escolar “Miranda Osório”, em magnífico prédio, construído pelo então Prefeito José Narciso e a Praça “Coronel Osório”, no centro da cidade, imortalizando o nome desse herói da emancipação política do Piauí, da Guerra dos Balaíos e da Guerra do Paraguai que em vida chamou-se — José Francisco de Miranda Osório.

D A G R A Ç A

Coração da cidade.

Ao alvorecer da vila de São João da Parnaíba, em 1761, localizada no “Testa Branca”, a atual e bela Praça da Graça era a simples Lagoa da Onça, onde as canoas deslizavam sobre as suas águas barrentas.

A sua história vem de muito longe; vem da recuada época de Domingos Dias da Silva, português de fabulosa fortuna, das charqueadas do “Porto das Barcas” que tanto esplendor deu à vila que nascia cheia de esperanças para mais tarde ser a grande e majestosa Parnaíba de hoje.

Gustavo Barroso, ex-Diretor do Instituto Histórico Brasileiro, afirmou com a sua autoridade de notável historiador, que a Igreja de Nossa Senhora da Graça de Parnaíba, foi levantada com “riqueza e imponência” por Domingos Dias da Silva, em 1770.

Com o falecimento de Domingos Dias da Silva, em 16 de janeiro de 1793, coube ao seu filho Simplício Dias da Silva, o término da construção da suntuosa Igreja.

Assim, concluídas as obras em 1795, foi solenemente transladada a bela imagem de nossa Excelsa Padroeira Nossa Senhora da Graça, da Matriz de Piracuruca para a Igreja dos Dias da Silva, hoje elevada à categoria de Catedral por ser Parnaíba sede de Bispado.

Em frente à Igreja havia um lindo Cruzeiro, obra de arte com Cristo Crucificado, onde os fiéis oravam, pagavam promessas, acendiam velas e depositavam fitas e flores.

Um dia, este belo e artístico marco histórico-religioso de nossa terra, foi destruído, impiedosamente, por imposição do progresso, este terrível inimigo da tradição.

Era chamado, no passado, de Largo da Matriz. Anos depois, o erro foi corrigido passando a denominar-se Praça da Graça.

Quem conheceu em tempos idos, a velha e querida Praça da Graça, sabe que hoje, ali resta quase nada dos seus primitivos alvares.

A sua edificação está totalmente modificada. As suas casinhas modestas foram substituídas por prédios modernos e suntuosos. Até o seu ajardinamento sofreu completa e radical reforma por parte do Poder Público, dando nova paisagem urbanística ao velho logradouro do tempo do coreto, com as suas tradicionais retretas, com a Banda de Música Municipal, sob a regência dos Maestros Carlos Souza e Almir Araújo.

E a mangueira bem em frente da casa de residência de Fausto Fernandes Basto, hoje local ocupado pelo prédio do “Cine Gazeta”, também tem a sua história pitoresca; recorda uma página de saudade que, em síntese, vamos revivê-la.

Era frondosa; a sua imensa e acolhedora sombra servia, na época, de ponto de reunião dos motoristas de praça, também era ponto de convergência para palestras e discussões políticas.

A tarde, quando o crepúsculo começava a envolver a cidade, nas dobras do seu lençol, os pássaros, em algazarra, soltavam os seus últimos cânticos em despedida do dia que ia se findando.

E a secular mangueira ia cumprindo, em silêncio, o seu destino histórico.

Era a confidente de muitos segredos, de muitos amores trocados, às vezes, nas caladas da noite. Sempre impassível e majestosa, sacudindo ao vento, as suas folhas, dando os seus frutos saborosos à gurizada e dando conforto e alegria aos transeuntes da velha Lagoa da Onça.

Um dia chegou o seu martírio, a sua cruel imolação como intrusa do progresso, inimiga do urbanismo.

O calendário marcava 10 de junho de 1932.

Manhã fria, como se a própria natureza estivesse chorando, os machados, sem dó e sem piedade, diante dos olhos atônitos dos seus “habitués”, cortaram-lhe os galhos, arrancaram-lhe o tronco imenso e conduziram-nos ao fogo impiedoso, como os antigos bárbaros cremavam os mártires do cristianismo.

Era mais um marco que desaparecia do cenário da cidade.

Até os poetas choraram!

R. Petit, consagrado poeta que aqui viveu por muitos anos, deixando nos jornais e no “Almanaque da Parnaíba” o traço de sua inteligência e do seu fino sabor literário, deu-nos esta página de saudade: A MANGUEIRA DA PRAÇA. Vamos recordá-la:

“Ante a luz fraternal de uma manhã de junho,
Manhã doce, sutil, fria e doirada.
A mangueira real foi destronada!

Para erguer-se um jardim, mimo de graça,
No trecho abandonado de uma praça,
Foi preciso tombar a golpes de machado,
Partir em toros para nunca mais,
Essa bela e ciclópica mangueira
Onde as aves compunham madrigais.

E a mangueira garage, em plena majestade,
Esse ídolo dos “chauffeurs” desta cidade,
Fada do bosque a semear carinhos,
Mangueira pavilhão.

Teatro original dos passarinhos;
Essa árvore frondosa e hospitaleira,
Velho oásis dos nossos transseuntes
Nas horas de terrível soalheira.

E a mangueira do tempo do cruzeiro
Erguido quase em frente da Matriz,
Das barracas banais do mês de maio,
Da casinha “mignon” do Zé Luiz.

Da praça iluminada a querosene,
Sem jardim, sem coreto, sem vaidade,
Da “Lagoa da Onça” onde os meninos
Corriam seminus, em liberdade!

Relembra essa mangueira histórica e querida.
Uma folha do livro do passado
Que o progresso rompeu para não ser mais lida.

Que essa paisagem fique em nossa mente
Mas que é do cunho da realidade,
Agora, unicamente, há de ser vista através da penun-
bra sonolenta
Do velho cosmorama da saudade!...

Os homens, como as coisas, todos têm
O seu destino fatalmente impresso,
Tal como essa mangueira majestosa
Hoje imolada em nome do progresso”

A Praça da Graça também foi palco do fato mais notável registrado nos anais da história do Piauí, com as glórias para Parnaíba.

Foi o grito de independência dado em frente à Igreja, em 19 de outubro de 1822, por Simplício Dias da Silva, João Cândido e seus denodados companheiros, quando aclamaram entre vivas e palmas o Príncipe Dom Pedro I, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

E, agora, ao encerrarmos essas recordações da praça — coração da cidade — rogamos a Nossa Senhora da Graça, a Rainha Soberana de Divina Graça, que em sua vetusta Igreja bicentenária, continue século afora, a abençoar Parnaíba e seu povo.

GENÉSIO PIRES REBELO

Denominação dada pela Lei N.º
478, de 05 de fevereiro de 1968.
Fica no centro do Bairro São
Francisco.

O Dr. Genésio Pires Rebelo, homem inteligente e humanitário, nasceu em Barras do Marataoan, neste Estado, em 23 de setembro de 1890.

Filho de Patriotino Gomes Rebelo e de D. Antonia Pires Rebelo. Passou a sua infância na companhia de seus tios e padrinhos Gentil Costa e Dona Maria José Pires Costa, em União e Campo Maior.

Estudou o preparatório em Teresina.

Formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, depois de um curso com distinção.

Casou-se em 1919, com a Sra. Maria Marques Basto Rebelo, filha de um médico que fez da vida uma bela lição de trabalho e desprendimento — o Dr. Marques Basto.

O Dr. Genésio desde 1911 passou a residir nesta cidade, exercendo a sua nobre profissão, na atual Avenida Presidente Getúlio Vargas, dirigindo a “Farmácia Parnaibana”.

Dado o seu alto espírito comunicativo e a sua comprovada competência profissional, o Dr. Genésio, como era vastamente conhecido, criou fama.

A “Farmácia Parnaibana” diariamente estava repleta de clientes, principalmente pela classe humilde da cidade, que via no jovem farmacêutico, os seus dotes de bondade e de coração.

O Dr. Genésio, pela voz do povo, era considerado um médico, mormente em pediatria.

As mães, com os filhinhos doentes, corriam para o Dr. Genésio, na esperança de salvá-los.

Ali, com todo carinho, as crianças eram examinadas cuidadosamente, depois as mães saíam com o remédio à mão, muitas vezes, grátis.

Era o coração do Dr. Genésio marcado pela caridade, pelo amor ao próximo.

Esta foi a sua missão sobre a terra, semear o bem, “servir, pensar nos outros, antes de pensar em si”.

E como ele foi útil à comunidade parnaibana! Um trabalho, assim, é um apostolado.

O Dr. Genésio Pires Rebelo, símbolo da caridade humana, faleceu nesta cidade, a 9 de novembro de 1956.

E como tudo passa sobre a terra, no dizer do grande romancista José de Alencar, a “Farmácia Parnaibana” também passou, já não mais existe no cenário comercial da cidade, mas perdura a honrosa tradição de seu fundador que transpos os humbrais da posteridade, como um bom, um digno.

E esta praça, que é ponto de lazer do povo do Bairro São Francisco da Guarita, é, acima de tudo, uma merecida homenagem ao ilustre e saudoso farmacêutico Dr. Genésio Pires Rebelo que, pelo coração, conquistou a gratidão e a saudade da gente parnaibana.

ESTUDANTE — JÚLIO AUGUSTO

Centro. Situada na Avenida 1.º de Maio entre a Rua Benjamin Constant e a Avenida Governador Chagas Rodrigues.

Júlio Augusto Veras Lustosa Nogueira, filho do Desembargador Salmon de Noronha Lustosa Nogueira e de sua esposa, Professora D. Maria José Veras Lustosa Nogueira, nascido na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, no dia 31 de maio de 1948.

Fez o seu curso primário na “Escola Nossa Senhora de Fátima”, desta cidade, que era dirigida pela sua genitora D. Maria José, competente mestra da juventude parnaibana.

No ano de 1959, mês de dezembro, depois de concluir o curso primário, Júlio Augusto submeteu-se ao exame de admissão no Ginásio Parnaibano, hoje, Colégio Estadual “Lima Rebelo”, galgando o primeiro lugar.

Cursou, com eficiência, até o terceiro ano, nesse respeitável estabelecimento de nível médio, sendo aprovado, passando para a quarta série. A época, juntamente com outros colegas, colaborou na fundação do “Centro Estudantil Parnaibano”, tendo sido eleito orador da novel entidade que tinha como Presidente Renato Araribóia Bacelar, hoje, brilhante advogado em Teresina.

No princípio do ano de 1963, quando passaria a cursar a quarta série do “Ginásio Parnaibano”, foi acometido de terrível moléstia — leucemia — doença que até os nossos dias vem desafiando especialistas, em seus laboratórios de pesquisas, não tendo sido encontrada, ainda, uma orientação científica para sua debelação.

Assim, baldados foram os esforços e sacrifícios de seus pais, em viagens constantes, com o seu filho querido, em busca de sua cura radical.

O estoicismo com que Júlio Augusto suportou os sofrimentos daquele mal terribilíssimo, serviram de bálsamo para seus pais, parentes e amigos, enquanto os sacerdotes católicos que, bondosamente, lhe prestaram assistência espiritual, o recordam como um exemplo de fé e de resignação.

No dia 12 de agosto de 1963, com apenas quinze anos de idade, Deus levou Júlio Augusto para a mansão celestial, lugar dos bons e dos justos, deixando a sua numerosa e distinta família mergulhada na dor e na saudade, mas conformada com a vontade Divina.

Foi apresentada à Câmara Municipal de Parnaíba, pelo então vereador Elias Ximenes do Prado, projeto-lei dando a denominação de “Estudante Júlio Augusto” à praça encravada na Avenida 1.º de Maio.

Posteriormente, o projeto-lei foi sancionado pelo então Prefeito Municipal — Dr. Lauro Andrade Correia — transformando-o em Lei N.º 264, de 19 de setembro de 1963.

É do ofício do Prefeito Andrade Correia ao Desembargador Salmon Lustosa, o seguinte tópico:

“Que Deus, nos seus sagrados desígnios, reduza os sofrimentos de seus filhos, e nos conceda forças para conduzirmos as nossas pesadas cruzes nesse vale de lágrimas.

A homenagem ao jovem estudante, indiretamente à sua digna família e aos seus colegas estudantes, é tributada pelo Poder Legislativo, à qual se associa, integralmente, o Poder Executivo do Município.”

Do ofício do Desembargador Salmon Lustosa, destacamos o trecho abaixo: —

Senhor Prefeito Municipal Dr. Lauro Correia:

“Em meu nome e no de minha esposa Maria José Veras Lustosa Nogueira, dos meus filhos Carlos Augusto Veras Lustosa Nogueira, Emídio Augusto Veras Lustosa Nogueira e demais membros de nossa enlutada família, apresentamos ao Poder Público Municipal de Parnaíba, tão bem representado na pessoa digna de V. Exa., os nossos mais sinceros agradecimentos pela homenagem prestada ao nosso filho e que aceitamos como um preito à adolescência parnaibana, ato que reflete a grandeza e generosidade dos corações magnânimos dos seus autores.

x x x x x x

Júlio Augusto morreu em plena flor da mocidade — apenas quinze primaveras — foi como um lírio que tombou, bem cedo, em holocausto para Deus, como bem diz o magistral poema do ilustre Dr. Luiz Lopes Sobrinho.

L U I Z G A L H A N O N I

Antiga denominação: Praça 24
de Janeiro. Fica no centro do
Bairro Nova Parnaíba.

Era notável professor do Grupo Escolar “João Kooke”, de São Paulo.

Para instalação do Grupo Escolar “Miranda Osório”, ponto de partida da reforma do ensino primário em Parnaíba, o então Prefeito Municipal José Narciso da Rocha Filho, homem de larga visão, contratou em São Paulo o Professor Luiz Galhanoni, para implantar aqui os modernos métodos pedagógicos, dando nova dimensão ao ensino da cidade.

Foi então que se reconheceu a necessidade da formação de turmas de professores que pudessem colaborar no grande empreendimento, surgindo daí, por sugestão do Professor Galhanoni, a louvável idéia da fundação do “Ginásio Parnaibano” e da “Escola Normal de Parnaíba”, onde as candidatas fariam cursos de humanidades e normal ao mesmo tempo.

Era a centelha de uma nova chama que iria inflamar o espírito dos homens de boa vontade.

Os elementos de escol da cidade esposaram a bela causa e a idéia facilmente triunfou.

Assim, em 11 de junho de 1927, fundava-se o “Ginásio Parnaibano” e a “Escola Normal de Parnaíba”. Estava vitoriosa a iniciativa deste notável professor paulista, supervisionado pelo Prefeito José Narciso, o pioneiro da modernização do ensino primário em nossa terra, ao lado de abnegados professores que endossaram o plano e ajudaram a concretizá-lo.

Luiz Galhanoni fez, realmente, uma obra que imortalizou a sua passagem em Parnaíba.

Seu trabalho foi tão fecundo que posteriormente foi convidado pelo Governo do Estado, para reformar a instrução pública do Piauí.

Coube, assim, a Parnaíba, no contexto histórico do Piauí, mais este pioneirismo.

Em sua homenagem foi dado a um dos Grupos Escolares espalhados pelo Bairro Nova Parnaíba, a denominação de “Luiz Galhanoni”, para que o seu nome ficasse na história da nossa terra, como o grande reformador do ensino nesta cidade.

E o Grupo Escolar está no centro da Praça Luiz Galhanoni, ali no alto, cheio de crianças estudando e brincando, brincando e estudando, bendizendo ao lado do seu professorado, a grandeza de espírito e de cultura deste benemérito professor que José Narciso foi buscar na terra de Piratininga.

L I M A R E B E L O

Antiga denominação: Praça da
Bandeira. É o centro comercial
da cidade.

O Dr. José Pires de Lima Rebelo é um nome brilhante, com destacada atuação em Parnaíba, onde residiu por vários anos.

Pires Rebelo estudou no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Matriculou-se na Escola Militar, mas por ter tomado parte na revolta Lauro Sodré, para depor o Presidente Rodrigues Alves, foi excluído do Exército.

Funcionário da Secretaria do Diário Oficial da República. Servidor do Ministério da Justiça. Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1909.

Depois dessa sua estadia pelo Rio de Janeiro, fixou residência em Parnaíba, onde passou a desenvolver as suas atividades: comerciante, salineiro e Comissário da Inspetoria da Borracha.

Mais tarde seguiu a advocacia, com grande êxito, acumulando com as funções de professor.

Entusiasta da educação, ao lado de Luiz Galhanoni, Edson Cunha, Constantino Correia, Godofredo de Miranda, Mirocles Veras, com o apoio maciço de José Narciso da Rocha Filho e outros, Lima Rebelo toma parte, em plano alto, na organização educacional de Parnaíba que redundou na criação do Ginásio Parnaibano e Escola Normal.

Professor de Filosofia, História, Geografia, Matemática e Psicologia.

O Ginásio Parnaibano tem hoje a denominação de “Colégio Estadual Lima Rebelo”. Ainda empresta o seu nome ao “Ginásio Polivalente Lima Rebelo”, e à “Escola Lima Rebelo”, do Centro Operário de Parnaíba.

Batalhador em prol do porto marítimo de Luiz Correia, sobre o qual escreveu dois ilustrados trabalhos. Publicou completo estudo sobre a cera de carnaúba, premiado pelo governo federal. Estudioso do direito e da sociologia.

Exerceu ainda os cargos de administrador dos Correios e Diretor da Instrução Pública nesta cidade. Representou o

Piauí na Exposição da Borracha em Nova Iorque, Estados Unidos.

Orador, jornalista e historiador. Colaborou na imprensa parnaibana e teresinense.

Membro da Academia Piauiense de Letras. Nasceu em Barras em 1885 e faleceu em Parnaíba em 1940.

A “Praça Lima Rebelo”, antiga Praça da Bandeira, é o centro de maior movimento comercial da cidade.

No conjunto de homenagens póstumas ao eminente e saudoso professor Lima Rebelo, o seu busto em bronze está colocado no jardim do Grupo Escolar “Miranda Osório”, antigo Ginásio Parnaibano, com uma placa onde se lê: A Lima Rebelo, o Rotary Club de Parnaíba. 25-06-1957.

O ilustre educador José Pires de Lima Rebelo, está também imortalizado no coração do povo Parnaibano.

M I G U E L F U R T A D O B A C E L A R

Antiga denominação: Largo da Estação. Fica no Bairro de Fátima.

Aos bandeirantes devemos o alargamento de nossas fronteiras e o povoamento de nossos sertões.

Podemos também comparar o engenheiro Miguel Furtado Bacelar a um desses audazes bandeirantes em terras piauienses.

Ele rasgou matas, abriu caminhos, saneou pântanos, transpos rios, criou novos núcleos de povoamento, quando, numa época difícil e cheia de obstáculos, fez correr sobre trilhos, o trem, soltando tufos de fumaça e silvando de estrada afora, espantando os bois nas caatingas e despertando uma população que só conhecia como meios de transporte, o cavalo e a canoa.

E, agora, era o trem que corria na estrada, abrindo uma nova era de progresso e de civilização.

Em 1915 esse notável engenheiro assumia a direção geral da construção da Estrada de Ferro Central do Piauí, mas inicialmente, já vinha exercendo as altas funções de Fiscal do Ministério de Viação e Obras Públicas, junto à firma empreiteira South American.

Os trabalhos aí tomaram ritmo acelerado, era agora obra de um bandeirante destemido, rasgando caminhos e assentando trilhos.

Mais tarde, já corria na linha férrea a “Maria Fumaça”, inaugurada em 19 de novembro de 1916.

Hoje esta pequena locomotiva, como uma relíquia do passado, está transformada em monumento ali na Praça Dr. Mirocles Veras, graças à iniciativa e ao trabalho do então Prefeito Municipal Elias Ximenes do Prado.

Em homenagem ao Dr. Bacelar, o Largo da Estação Ferroviária, tomou o seu nome e ali foi colocado o seu busto em bronze, fundido nas próprias oficinas da Estrada, da qual ele foi, sem dúvida, o seu construtor máximo.

Ao pé desse monumento há uma placa também de bronze, onde se lê:

“A Central do Piauí à memória do seu primeiro Diretor, Engenheiro Miguel Furtado Bacelar, na administração de quem foram assentados os primeiros 147 Km de caminho de ferro em terras do Piauí.

1916 — 1953”.

xxxxxx

E agora os seus traços biográficos:

Nasceu em “Mangabeira”, fazenda de seu pai, município de Brejo-Maranhão, em 25 de outubro de 1877. Seus genitores: Antônio José da Costa Bacelar e Maria Vicência Furtado Bacelar.

Formado em engenharia civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Casado com a Senhora Flora Castelo Branco Clark Bacelar, da tradicional família James Clark. O casal teve uma prole de quatro filhos; dois homens e duas mulheres.

Os homens: Dr. Mário Clark Bacelar, Engenheiro Civil e Arquiteto e Dr. Renato Clark Bacelar, médico, atualmente residente no Rio de Janeiro.

Depois que deixou a direção da Estrada de Ferro Central do Piauí, foi trabalhar no Ministério de Viação e Obras Públicas no Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 1952, com 75 anos de idade, legando à família e ao Piauí um exemplo de trabalho e de honradez.

O Dr. Raul Furtado Bacelar, um dos mais velhos e conceituados farmacêuticos de nossa terra, jornalista de grandes méritos, pois a ele, se deve, em grande parte, a construção da “Casa do Jornalista”, de Parnaíba, é irmão do Dr. Miguel Furtado Bacelar, de saudosa e respeitável memória.

E esta praça simboliza, sem dúvida, a tenacidade deste bandeirante audaz que foi Miguel Furtado Bacelar.

M I R O C L E S V E R A S

Denominação dada pelo Decreto
n.º 008 de 30 de maio de 1975.
Centro. Fica no cruzamento das
avenidas Governador Chagas Ro-
drigues com São Sebastião.

O Dr. Mirocles Campos Veras, que aqui nasceu a 25 de março de 1890, foi um dos mais consagrados médicos e um dos homens mais notáveis de Parnaíba.

Seus pais: Emídio Gomes Veras e Maria de Campos Veras, de tradicionais famílias parnaibanas.

Estudou as primeiras letras, nesta cidade, com a Professora Marocas Lima, ao lado do seu primo, o imortal Humberto de Campos.

A sua infância foi igual à de todos os meninos de seu tempo, sem agitação e sem angústia, risonha e despreocupada.

Concluído o curso primário, Mirocles Veras matriculou-se no Ginásio Parnaibano, que aqui existiu na primeira década deste século. Guardava ele, desse tempo, como costumava confidenciar a seus amigos, a mais terna das saudades.

O Ginásio Parnaibano era, na época, o melhor colégio desta cidade, e, sem dúvida, um dos mais conceituados do Estado.

Para se ter uma idéia do que era esse educandário, basta relembrar seu corpo docente: Luiz de Moraes Correia, Armando Madeira, Marques da Costa, João Maria Marques Basto, J. J. Marques e Olinto Amorim, que era o seu Diretor.

Em 1905, a fim de concluir as humanidades, Mirocles Veras transferiu-se para Teresina, a cursar o colégio do ilustre educador Benedito Ribeiro, prestando seus exames no Liceu Teresinense.

Na capital piauiense, teve ele como companheiros de estudo, entre outros, Pedro Borges, Cristino Castelo Branco, Odo-rico Rosa, Anfrísio Lobão Veras, Da Costa e Silva, Nogueira Tapeti, Freire de Andrade, Teodoro Sobral, Benedito Castro, nomes que mais tarde honraram o Piauí, nos diversos setores da atividade humana.

Terminados os preparatórios, em 1906, no ano seguinte, seguiu Mirocles Veras para a Bahia, e ali se matriculou na Faculdade de Medicina. Quis ser médico. Não escolheu, porém, uma carreira para a qual não se sentia capaz. Estudou medicina, guiado pela força incoercível da vocação.

Na velha e gloriosa cidade de Salvador, Mirocles Veras fez os quatro primeiros anos do curso médico, como pioneiro de sua geração, e, em 1911, ei-lo no Rio, em cuja Faculdade de Medicina se formou em 1912, tendo, no ano seguinte, a 13 de janeiro, recebido o anel de médico, após brilhantíssima defesa de sua tese de doutoramento — “Anemias esplênicas” — a qual foi aprovada com distinção.

Durante o curso, no Rio de Janeiro, foi interno dos Professores A. Austregésilo e Rocha Vaz, e aluno querido de Miguel Couto, Afrânio Peixoto, Paes Leme e Antônio Paulino. Foram seus colegas e amigos, dessa época de estudos: Rafael Fernandes, Barros Barreto, Otávio Simões, Alfredo Neves e Arsênio Tavares.

Depois de formado, decidiu clinicar em Ribeirão Preto, São Paulo. Em viagem, já em Campinas, recebeu notícia de que a sua genitora estava seriamente doente. E resolveu então, como bom filho, regressar imediatamente a Parnaíba. Em aqui chegando, iniciou a clinicar e resolveu ficar definitivamente em sua “Terra Amada”.

Aqui conquistou fama e glória para o seu nome, mercê de serviços úteis e duradouros, amplamente proclamados.

Fez da medicina sua musa e de sua vida uma obra de arte, porque sempre foi o médico dos humildes, colocando sua inteligência a serviço do bem.

Pouco tempo depois de haver chegado a esta cidade, já formado, Mirocles Veras começou a sua obra renovadora. Tendo encontrado fechada a Santa Casa de Misericórdia, conseguiu reabri-la, traçando-lhe novos rumos, auxiliando, assim, grandemente ao Dr. Joca Basto, a maior figura de médico humanitário do seu tempo. Veio, depois, o esforço admirável de Antônio do Monte. Muito mais tarde, ainda, por iniciativa sua, de acordo com a moderna técnica científica, foi ali instalado o gabinete cirúrgico, oferta do Cel. José Narciso da Rocha Filho. E achando, como Miguel Couto, que “a medicina prepara o homem cada vez mais forte para o tornar cada vez mais útil”, Mirocles Veras deu à Santa Casa, através dos anos, seu esforço, sua inteligência, sua dedicação.

A vida de Mirocles Veras foi sempre de semear o bem, de se tornar amigo dos que sofriam, até que, em 1916, a 18 de março, casou-se com Dona Maria dos Santos, oriunda de uma das famílias de maiores tradições deste Estado, filha do respeitável Cel. Joaquim Antônio dos Santos, alto comerciante, Cônsul de Portugal e então Intendente Municipal de Parnaíba. Sua esposa veio ainda mais engrandecer-lhe de bons sentimentos o coração e o espírito e também firmar, definitivamente, sua permanência nesta cidade. Vieram-lhe depois os filhos, sete, que, no suave convívio do lar, compensaram as fadigas e os trabalhos de sua vida. Hoje, todos honram e ilustram a família Campos Veras.

O Dr. Mirocles Veras ocupou os seguintes cargos públicos: Médico-Chefe do Posto de Saneamento Rural, Médico de Higiene Municipal, Diretor-Médico da Santa Casa e Médico-Che-

fe do Centro de Saúde do Estado. Em todos esses altos postos, que ele sobremodo honrou, deixou as realizações concretas de sua esplêndida capacidade administrativa.

Não sabia este eminente parnaibano o que era descanso.

Um dos mais notáveis empreendimentos de benemerência deste ilustre médico e que bem fala da grandeza de seu coração, foi a fundação da “Sociedade São Lázaro”, da qual foi o seu primeiro Presidente.

Desta sociedade nasceu a “Colônia do Carpina”, com seu Leprosário para internamento de hansenianos. Foi, sem dúvida, uma obra de altruístico sentido humano e social.

Foi, ainda, o idealizador da “Sociedade Feminina de Assistência aos Pobres de Parnaíba”. Outra obra de alta filantropia.

É a própria ata inaugural desta sociedade que diz: “O Dr. Mirocles de Campos Veras, compreendendo a vantagem que resulta da vida em agrupamento, desejou ver uma sociedade feminina estabelecer-se nesta cidade. Se a iniciativa foi de Mirocles Veras, a continuação da sociedade, isto é, sua existência utilíssima e humanitária, se deve ao esforço e a abnegação de D. Henriette Soter Castelo Branco”.

Mais tarde, esta entidade foi dirigida pela Sra. Delzira Neves, que se transformou num verdadeiro anjo de bondade.

Hoje, é o “Abrigo São José”, ali na Avenida Padre Raimundo Vieira, no Bairro de Fátima, destinado à velhice desamparada. Bonita obra de sentido verdadeiramente humano.

Foi, ainda, um dos fundadores do novo Ginásio Parnaibano, tendo ali lecionado Ciências Físicas e Naturais.

E como o Dr. Mirocles Veras era sensível ao sofrimento alheio, veja como nasceu nele a idéia da construção de uma maternidade em Parnaíba.

Veio-lhe da contrariedade imensa que sentiu, quando, certa vez, viu uma pobre mulher morrer, sem que lhe fosse mais possível prestar-lhe a intervenção salvadora. Foi o caso que, numa certa manhã, muito cedo, alguém bateu-lhe à porta. Era um homem, em quem se podia notar a fadiga das longas vigílias. Ia pedir-lhe que fosse socorrer a sua mulher que esperava dar à luz.

Foi. E lá chegando, encontrou a mulher já quase morta. Nada foi possível fazer. Perguntou, então, ao infeliz homem, porque não o havia chamado há mais tempo, pela madrugada. “Ora, doutor, respondeu o pobre homem, quem sou eu para bater na sua porta, de madrugada. Esperei que amanhecesse”...

Esse fato o impressionou profundamente. E quando mais tarde o contou aos colegas, foi logo concluindo: “Com a minha responsabilidade, mãe nenhuma morrerá, aqui. E, ante a admiração dos colegas: “Fundarei uma Maternidade”. E cumpriu a palavra.

Aí está a Maternidade “Marques Basto”, no coração da cidade, à Rua Riachuelo, esquina com a Rua Suzanne Jacob, atestando a sua alta benemerência.

Mirocles Veras quis, num preito de justiça e de saudade, prestar uma merecida homenagem ao velho mestre, ao colega e ao amigo, Dr. João Maria Marques Basto — um dos mais velhos e notáveis médicos parnaibanos, de honrosa memória.

Hoje, anexo à Maternidade “Marques Basto” está o magnífico Hospital Infantil “Dr. Mirocles Veras”, uma das grandes obras de assistência à criança parnaibana.

Agora vejamos o Dr. Mirocles Veras pelo prisma político, outra grande faceta de sua agitada vida pública, sempre a serviço de Parnaíba e do Piauí.

Nomeado Prefeito Municipal por ato do Interventor Federal Capitão Landri Sales Gonçalves, em 25 de maio de 1934, depois confirmado no cargo por eleição popular realizada em 27 de setembro de 1935. Após a instituição do Estado Novo pelo Presidente Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937, volta novamente a dirigir os destinos de Parnaíba, nomeado pelo Interventor Federal Dr. Leônidas de Castro Melo, pela Portaria de 1.º de dezembro de 1937, tomando posse no dia seguinte, cujo cargo exerceu até o ano de 1945.

As suas administrações foram caracterizadas por realizações marcantes, onde deixou o traço indelével de sua operosidade, aliada ao seu amor e ao carinho que ele sempre dedicou à sua terra e à sua gente.

Como homem de cultura, voltou de logo as suas vistas para a instrução pública, criando e reformando todos os grupos escolares da cidade e do interior do município, dotando-os de móveis especializados e vasto material didático, chegando até mesmo a instalar um cinema educativo. Também instalou a Biblioteca Municipal para estudos e pesquisas do público, hoje bastante ampliada e em pleno funcionamento.

Administrador de sensibilidade artística, cuidou de logo do problema urbanístico, dando um novo e moderno aspecto à cidade. Construiu o belo Jardim Landri Sales, hoje desaparecido pela nova estrutura urbanística da Praça da Graça.

Também construiu o jardim Humberto de Campos, com o busto em bronze, do imortal cronista brasileiro, ao pé de seu cajueiro frondoso, árvore histórica, um dos principais pontos turísticos de Parnaíba; a terminação e ajardinamento da Praça Santo Antônio, um dos mais pitorescos logradouros de nossa urbe; calçamento, em grande escala, em várias ruas e praças; a recuperação de prédios e colocação de placas de nomenclaturas nas ruas e praças; planejamento do antigo Bairro Campos, dando-lhe estrutura moderna e condizente com o seu progresso; dado o aumento do índice demográfico do município, construiu dois grandes cemitérios, o de São Sebastião, conhecido por Asa Branca, e outro na Ilha Grande Santa Isabel. Cortou o município com várias estradas vicinais, para escoamento dos produtos agrícolas. Mais dois grandes empreendimentos da administração Mirocles Veras: instalação do Centro Telefônico, obra pioneira no interior piauiense, hoje incorporado à Telecomunicação do Piauí S/A. E foi ainda, em seu governo, que se fez pela primeira vez os estudos dos serviços de água e esgoto, confiado aos escritórios técnicos de Saturnino Brito Filho, do Rio de Janeiro. Portanto, Mirocles Veras foi o pioneiro deste trabalho, hoje, realizado em parte.

O seu governo foi marcado, ainda, pelas grandiosas festas comemorativas do primeiro centenário de elevação de Parnaíba à categoria de cidade, em 14 de agosto de 1944.

Foi uma das maiores festas cívicas já realizadas em nossa cidade.

Na Praça Santo Antônio, para imortalizar a magna data, foi erigido um artístico e expressivo monumento, onde se lê, em placa de bronze, os seguintes dizeres:

1844 — 1944

Ao laborioso povo parnaibano, que neste primeiro século de vida de nossa cidade, soube engrandecê-la, torná-la vitoriosa, homenagem do Governo Municipal.

Mirocles Veras — Prefeito Municipal.

O Dr. Mirocles Veras, que foi um dos mais vibrantes oradores de nossa terra, integrou a representação do Piauí, como Deputado Federal, com brilhante atuação na Câmara Baixa do País.

Justa, pois, foi a homenagem que o então Prefeito Municipal Elias Ximenes do Prado prestou ao insigne médico, dando a este logradouro público o nome de Praça Prefeito Mirocles Veras.

De sua crônica — Parnaíba, Terra Amada — extraímos este tópico para encerrar esta página biográfica do Dr. Mirocles de Campos Veras: “Parnaíba, hoje, do alto da montanha de minha vida de 87 anos, contemplo a imagem atual de tua grandeza esplêndida, que relembra fatos e lutas que assisti e cooperei, dando graças a Deus permitir ainda ao velho coração, na marcha inexorável da existência, continuar a amar-te como o moço enamorado dos meus vinte anos...”

E aos 88 anos de idade veio a falecer o ilustre Dr. Mirocles de Campos Veras, na manhã de domingo — 10 de setembro de 1978, — causando a sua morte um verdadeiro impacto emocional em todas as camadas sociais da cidade.

A beira de seu túmulo, falaram o Dr. Francisco de Moraes e Souza, em nome da classe médica, e o jornalista Raimundo Fonseca Mendes, interpretando o profundo pesar da população parnaibana.

Parnaíba perde assim, um dos seus grandes e beneméritos filhos.

P R E S I D E N T E M É D I C I

Dr. Renato Antônio de Brito Bacellar
Diretor Executivo Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

Antigamente conhecida por
Praça da Lagoinha.
Fica à margem da Avenida
Princesa Isabel, no Bairro São
Francisco da Guarita.

O ínclito General Emílio Garrastazu Médici, foi o terceiro Presidente da República do Movimento Revolucionário de 31 de março de 1964.

Este notável militar e homem público nasceu na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, a 4 de dezembro de 1905.

Completoou os seus estudos secundários em Porto Alegre, entrando, em seguida, para a Escola Militar do Realengo.

Em 1927 tornou-se aspirante a oficial, galgando todos os postos da hierarquia militar, chegando a General de Exército em 1969.

Como Chefe do Serviço Secreto do Exército, cargo de alta responsabilidade, tornou-se um verdadeiro especialista em questões relacionadas com a segurança nacional.

Dado os seus vastos conhecimentos sobre esse assunto, bem como sobre os magnos problemas brasileiros, fizeram com que o Presidente Costa e Silva o nomeasse Chefe do Serviço Nacional de Informações — SNI.

Quando rebentou a Revolução de 1964, o General Médici encontrava-se no comando da Academia Militar das Agulhas Negras — AMAN — em Resende, Estado do Rio de Janeiro.

Havendo participado da organização do movimento revolucionário, era lógico que o General Médici iria contribuir decisivamente para apresentar a vitória dessa cruzada de salvação nacional.

Quando a rebelião começou a sua marcha, em busca de um triunfo rápido, o General Moraes Âncora, comandante do I Exército, com sede na Guanabara, tentou defender o governo constituído.

Para isso, reuniu o grosso de sua unidade e marchou ao encontro do II Exército, que vinha de São Paulo, sob o comando do General Amaury Kruel.

Nessa difícil encruzilhada militar, o General Garrastazu Médici, visando evitar derramamento de sangue, numa luta fratricida e inglória, fez com que os jovens e valorosos cadetes da AMAN bloqueassem a Via Dutra, por onde avançavam os dois exércitos.

Ao mesmo tempo, convidou os Generais Ancora e Kruel para uma conferência na Academia das Agulhas Negras. Desse encontro, resultou um acordo e Ancora desistiu de combater o II Exército, facilitando assim, a vitória das forças democráticas.

E o trabalho do General Médici foi altamente humano e patriótico.

Vitorioso o Movimento de Março, o General Médici exerceu sucessivamente os cargos de Adido Militar em Washington e Comandante do III Exército, em Porto Alegre.

Com a enfermidade do Presidente Costa e Silva, foi, por decisão unânime, indicado e eleito pelo Congresso Nacional, para Presidente da República, assumindo o governo a 30 de outubro, para o período de 1969 a 1974.

Principais realizações de seu governo:

a) — VIII recenseamento geral do país, em setembro de 1970;

b) — Instituição do Programa de Integração Social — PIS, com o fim de promover a participação do empregado na vida e no desenvolvimento da empresa;

c) — construção da rodovia Transamazônica, que levará incalculável benefício a vastas áreas da Amazônia; integração fluvial com o aumento da demanda nos transportes fluviais; planos de fixação do homem à região, exploração de imensas riquezas naturais;

d) — lançamento da campanha do Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAL — visando à erradicação do analfabetismo no país;

e) — incansável esforço, visando a união dos brasileiros;

f) — adotado, como unidade monetária, o cruzeiro;

g) — visita do General Médici aos Estados Unidos da América do Norte, em dezembro de 1971;

h) — em 1972, comemorações, em todo o país, do sesqui-centenário da Independência do Brasil — 150 anos — sendo trasladados de Portugal para o Museu do Ipiranga, em São Paulo, os restos mortais de D. Pedro I.

O General Médici foi, sem dúvida, um dos maiores Presidentes que o Brasil já teve.

Esta praça, que tem o seu nome, foi inaugurada pessoalmente pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici quando deu à Parnaíba, insigne honra de sua visita, a 2 de abril de 1973, inaugurando também, nessa ocasião, o trecho da BR-343 — Luiz Correia — Piripiri.

P I A U Í

Localiza-se no Centro do Bairro Boa Esperança.

Esta pracinha, moderna e florida, foi construída na administração do Prefeito Municipal Carlos Carvalho — período 1971 a 1972, — que veio de encontro aos anseios do povo de Boa Esperança.

A municipalidade deu-lhe o nome de Praça Piauí, em homenagem ao nosso Estado.

Vejamos um pouco de sua história.

O Piauí é um dos maiores Estados do Nordeste — superado apenas pelo Maranhão e pela Bahia — sua superfície é de 250.934Km², equivalente a 2,94% do território brasileiro.

Limita-se ao norte, com o Oceano Atlântico; a leste, Ceará e Pernambuco; ao sul, Bahia e Goiás, ao oeste, o Maranhão. Clima tropical, quente, úmido ao norte e seco ao sul.

População: (Censo de 1980). 2.140.064

O Parnaíba é o seu principal rio, que nasce na chapada das Mangabeiras, imediações da Serra da Tabatinga, com um curso de 1.716 Km de extensão.

Do lado piauiense, correm os maiores afluentes do Parnaíba: Gurguêia, Uruçuí, Longá, Itaueira, Piauí, Canindé, Poti, Maratoão e outros.

Dada a beleza e o encanto do nosso rio, com as embarcações subindo e descendo as suas margens, os trovadores vão cantando: “Eu sou como o Parnaíba/ que corre só para o mar,/ viro e mexo e faço voltas,/ mas meu destino é te amar”.

Historicamente ligada à colonização do Piauí, a carnaúba chegou a ocupar o quarto lugar entre os produtos brasileiros de exportação. Hoje, a carnaúba tem uma importância, econômica ainda, bastante significativa e social de alto nível, pois, sua palha, cria empregos na confecção de chapéus, esteiras, bolsas, tapetes, vassouras, constitui uma das principais matérias-primas do artesanato piauiense, um dos melhores do Nordeste.

Além da carnaúba, temos ainda babaçu, tucum, folhas de jaborandi e castanhas de caju que representam fonte de riqueza extrativa do Estado.

Os seus produtos agrícolas de maior vulto são: mandioca, feijão, milho, arroz e algodão.

A pecuária continua a ser, como há quase trezentos anos, uma das bases da produção piauiense, presença constante em todos os aspectos da vida estadual.

Em Campo Maior foi, há anos, instalado o Frigorífico do Piauí S/A — FRIPISA —, com importante trabalho na distribuição de carne para a capital e várias cidades do Estado.

O seu comércio toma novas e aceleradas dimensões em todos os ramos de sua atividade. A sua indústria ganha característica de franco desenvolvimento, tanto na capital como no interior.

Segundo a “Geografia Ilustrada do Piauí”, “o progresso não depende só do desenvolvimento comercial e da instalação de indústrias”. O turismo, por exemplo, é um setor praticamente inexplorado.

E, a três horas apenas de Teresina, próximo de Piracuruca, numa extensa planície, estão as Sete Cidades Encantadas, imponente conjunto rochoso que se tornou Parque Nacional em 1961.

As rochas estão espalhadas no meio da vegetação, formando sete grupos distintos. Cada um deles, visto do alto, dá a impressão exata de uma pequena cidade, com ruas, avenidas e praças perfeitamente dispostas.

Os geólogos confirmaram tratar-se de um interessante conjunto de blocos de pedra, esculpidas pela erosão de milhões de anos.

Antes, porém, muitas pessoas acreditavam que as ruínas eram prova — uma, entre muitas — da presença de fenícios no Brasil.

No delta do Parnaíba, por exemplo, estaria o rochedo do Globo, que serviria de guia para os navegadores. O próprio nome de Piauí derivaria da palavra Piagui — terra dos piagas, que seriam os sacerdotes de Tupã encarregados de guardar a língua e as tradições tupis. O império fenício do Brasil agruparia grande número de povos tupis.

Com suas formas estranhas, os imensos blocos de pedra das Sete Cidades — a “Tartaruga”, o “Arco-do-Triunfo”, a “Cabeça do Rei” —, que abrangem uma área de 20 km, seriam obra de artistas fenícios. Um dos mais importantes é o “Castelo”, de 21 metros, localizado na terceira cidade. Ali ficariam, segundo os defensores da origem fenícia das Sete Cidades, o salão do congresso, a sede do governo e o templo. Até hoje pode-se notar uma coleção de pedras lisas e finas, talvez uma “biblioteca” milenar.

Centro de um poderoso império fenício, resultado de prolongada erosão, ou simplesmente — na opinião dos moradores do município de Piracuruca, onde ficam as Sete Cidades — um lugar encantado, a estranha beleza da região pode e deve tornar-se ponto de atração turística.”

Aqui no litoral piauiense, destacamos, ainda, dois polos turísticos por excelência, pelas suas belezas e pelas suas atrações, de suma importância para a vida social e econômica do Piauí: As praias de Atalaia e Pedra do Sal.

Atalaia fica no município de Luiz Correia. Praia tradicional. Estrada asfaltada e iluminada. Hotéis e restaurantes regionais. Muito sol, muita beleza, muita sereia bonita.

Pedra do Sal é uma praia genuinamente parnaibana, localizada na pitoresca Ilha Grande de Santa Isabel. Cenário natural, com seus verdejantes carnaubais, com seus frondosos cajueiros, contrastando com as suas areias brancas e rochedos graníticos que avançam mar a dentro. É tida como uma das mais belas praias brasileiras.

Aí está o painel rápido de um Piauí que cresce, se desenvolve e anda em ritmo paralelo com os outros Estados do Brasil-Nordeste.

E Parnaíba, com a "Praça Piauí", quis assim tributar a sua gratidão à terra onde está marchetada.

R O T A R Y C L U B E

Fica no Bairro de Fátima. Localiza-se na bifurcação da Avenida Nossa Senhora de Fátima com a Rua Franklin Veras.

O Rotary é um clube de serviço; a sua finalidade é servir, pensar nos outros, antes de pensar em si. Para assinalar a passagem de suas Bodas de Prata, com o apoio moral e financeiro da honrada e eficiente administração do Prefeito Municipal Dr. Lauro Andrade Correia, em 1963, foi erigido ali um obelisco comemorativo de fundação do Rotary em Parnaíba.

E a pracinha ficou com o seu nome e o seu escudo, atestando que Parnaíba também tem o seu Rotary Clube.

Foi fundado a 2 de dezembro de 1938. A sua primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente: Dr. Mirocles de Campos Veras; Vice-Presidente: Corinto Gonçalves da Trindade; Primeiro-Secretário: Raul Furtado Bacellar; Tesoureiro: Pedro José de Almeida; Diretor de Protocolo: Dr. José Euclides de Miranda; Vogais: Dr. Cândido de Almeida Athayde e Dr. José Pinto Meira de Vasconcelos, e tomou posse na noite de 8 de dezembro de 1938 no "Parnaíba Hotel", com a presença do representante do Rotary Internacional, James Roth.

O Rotary tem prestado relevantes serviços à comunidade parnaibana, principalmente no campo sócio-educativo.

A placa que está no seu obelisco tem os seguintes dizeres:

Homenagem do Rotary Club de Parnaíba
à sua "cidade invicta" por ocasião de
suas bodas de prata. 2/12/38 — 2/12/63.

SANTO ANTÔNIO

Centro. Antigo Largo de Santo Antônio.

Poucos são os Santos que, como Santo Antônio, poderão rivalizar-se em popularidade, entre o povo católico.

Santo Antônio pertence ao século XIII. Antes de entrar para a Ordem Franciscana, tinha o nome de Fernando. Nasceu em Lisboa em 15 de agosto de 1195.

Com quinze anos entrou para o Convento dos Cônegos de Santo Augustinho.

Mais tarde, resolveu fazer-se franciscano, transferindo-se para a Itália, sendo recebido na Ordem pessoalmente pelo seu fundador, São Francisco de Assis, que, reconhecendo sua grande cultura, nomeou-o primeiro professor de Teologia da nova Ordem religiosa.

Santo Antônio foi depois mandado para Pádua, onde se celebrizou como um dos maiores oradores de sua época.

Conta-se que milhares e milhares de pessoas se acotovelavam na igreja para ouvi-lo.

Morreu muito cedo, aos trinta e seis anos, em Pádua, no ano de 1231. A população de Pádua adotou-o, chamando-o “Santo Antônio de Pádua”, enquanto os lisboetas continuam a chamá-lo de “Santo Antônio de Lisboa”.

A devoção a Santo Antônio veio ao Brasil com os descobridores portugueses. Os descobridores costumavam dar nomes de Santos aos acidentes geográficos, locais que pisavam, região de que se apossavam, vilas e lugarejos que fundavam.

Desde o primeiro momento, o Brasil teve centenas de acidentes geográficos, locais e vilas, colocados sob a proteção de Santo Antônio. Davam nome aos filhos, às fazendas e engenhos. E Santo Antônio cresceu com o povo brasileiro, tornando-se brasileiro também ele, segundo o conceito de Frei Hugo Bagglo.

13 de junho, Dia de Santo Antônio, sucede o “Dia dos Namorados”, é dia das fogueiras que crepitam nos pátios das

casas, com muita festa e animação.

Com respeito a Santo Antônio, em certas regiões, ele é solicitado para achar animais e objetos perdidos. Em vários lugares do Brasil ainda as moças solteiras, desejosas de se casar, colocam-no de cabeça para baixo atrás da porta ou enterram-no até o pescoço.

Fazem-lhe o pedido e, enquanto não são atendidas, lá fica a imagem de cabeça para baixo. Embora seja como os demais santos, é o mais querido de todos os da época junina.

É uma lenda que tem encantamento e poesia.

Nas cidades e mesmo nas capitais, há no dia 13 de junho a busca do “pãozinho de Santo Antônio”. Os fiéis vão às igrejas buscar o pão dado gratuitamente pelos frades.

O pão é bento e acreditam que se deve colocá-lo junto aos demais mantimentos para que estes não falem jamais nas casas dos que assim procederem.

Na Praça Santo Antônio, uma das mais belas de nossa cidade, está a artística Capela do milagroso Taumaturgo de Pádua, do Colégio Nossa Senhora das Graças.

No alto de sua torre, a imagem, em tamanho natural, de Santo Antônio, trazendo nos braços o meigo Menino Jesus e a coroa dos mártires à cabeça.

Assim, Parnaíba, “a cidade cristã e cívica”, presta-lhe com muito júbilo, esta grande homenagem, dando a esta praça, verdadeiro parque ecológico da cidade, o nome do glorioso Santo Antônio, o humilde franciscano de Pádua.

Dz. Renato Araribóia de Brito Bacellar
Diretor-Executivo/Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

TERCEIRA PARTE

AVENIDAS

FUNDAÇÃO

RAUL FURTADO BACELLAR

PARNAÍBA PI

Á L V A R O M E N D E S

Centro. Da Praça Lima Rebelo
ao Rio Igarau. Linha divisória
do centro da cidade ao Bairro
S. José.

Alvaro de Assis Osório Mendes nasceu em Oeiras em 1853. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1878. Promotor Público em São Francisco, hoje São Francisco do Maranhão, Barreirinhas e São José do Mateus (MA): Juiz de Direito em São João do Piauí, Amarante e União-Piauí. Desembargador do Tribunal de Justiça deste Estado, renunciou ao cargo por questão de foro íntimo, explicando que, exposto aos ataques dos adversários, provocou o fato de haver “a maioria do Tribunal de Justiça, do qual fazia parte e era Presidente, votasse uma suspeição que me pareceu desairosa à integridade de magistrado, forçando-me a renunciar àquele elevado cargo e a aventurar-me aos azares da carreira exclusivamente política”. Três vezes Chefe de Polícia, da última exonerou-se para candidatar-se ao Senado. Não teve a eleição reconhecida. Aceitou, então, uma Promotoria no Estado do Rio. Posteriormente, ocupou a Tesouraria da Imprensa Nacional (Rio). Eleito senador em 1899, teve a eleição reconhecida em 1900. Governador deste Estado, exerceu o mandato de 01-07-1904 a 05-12-1907, data do seu falecimento em Teresina. Na sua administração construíram-se obras públicas, deu-se a visita do Presidente eleito da República Afonso Pena ao Piauí e a posse do primeiro Bispo do Estado, D. Joaquim Antônio de Almeida.

Patrono da cadeira n.º 20 da Academia Piauiense de Letras.

Avenida Álvaro Mendes é uma das principais artérias de nossa cidade.

ARMANDO CAJUBÁ

Antiga Avenida 3 de Maio. Fica no Bairro São Francisco. Da Avenida São Sebastião ao fim do Bairro Santa Luzia.

Por Projeto-Lei apresentado à Câmara Municipal pelo Vereador José de Arimatéa de Carvalho, posteriormente sancionada em Lei N.º 1.050, de 13 de junho de 1980, pelo Prefeito João Batista Ferreira da Silva, esta bela e longa artéria pública, passou a denominar-se Avenida Dr. Armando Cajubá.

Armando Cajubá de Brito nasceu na vizinha cidade de Chaval, Ceará, em 21 de março de 1925, sendo seus pais Antônio Cajubá de Brito, já falecido, e D. Francisca Carneiro de Brito.

Fez o seu curso primário e secundário no tradicional “Instituto São Luis de Gonzaga”, onde foi, durante o período que ali estudou, um aluno exemplar e portador de uma conduta correta e muito humana.

De Parnaíba seguiu para Recife e ali matriculou-se na Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pernambuco, colando grau em 1952.

Após o término do seu curso médico, retornou à Parnaíba, onde já residia a sua família.

Aqui montou o seu consultório e passou a exercer a sua nobilitante profissão, fazendo da medicina seu verdadeiro sacerdócio.

O Dr. Armando Cajubá de Brito, foi o primeiro médico fisiologista em Parnaíba, aprovado em concurso de âmbito nacional — Campanha Nacional Contra Tuberculose. Foi, ainda, o primeiro médico anesthesiologista e radiologista, tendo exercido estas especialidades sózinho em nossa cidade, ao longo de quinze anos, em todos os hospitais e onde se faziam necessários seus serviços profissionais.

Casou-se em 1954 com D. Maria de Jesus Correia Brito, da tradicional família Moraes Correia, tendo deste consórcio três filhos.

O Dr. Armando Cajubá, que foi o primeiro filho de Chaval formado em Medicina, faleceu aos cinqüenta anos de idade, no dia 6 de março de 1975.

O seu prematuro desaparecimento abriu um grande vácuo no campo médico e social de Parnaíba, dado o seu cavalheirismo e o seu alto espírito de humanidade.

Justa foi esta homenagem ao ilustre médico Armando Cajubá, colocando o seu nome nesta extensa avenida que corta dois bairros de nossa cidade, substituindo 3 de Maio, data superada, fora, portanto, do nosso contexto histórico, pois todos sabem que o Brasil foi descoberto em 22 de abril de 1500 e não em 3 de maio, como apregoavam falsos historiadores.

Honra, pois, aos méritos do Dr. Armando Cajubá, que agora empresta o seu nome a uma das vias públicas mais movimentadas de nossa cidade.

C A P I T Ã O C L A R O

Centro. Da Avenida Álvaro
Mendes à Avenida Governador
Chagas Rodrigues.

O Capitão Claro Ferreira de Carvalho Silva, oficial da Guarda Nacional, figura respeitável, oriundo de tradicional família de Oeiras, antiga capital da província piauiense, era um abastado agricultor e grande fazendeiro, proprietário de quase toda a Ilha Grande de Santa Isabel, por herança de sua tia, viúva de Isidoro Dias da Silva, que o adotou como seu herdeiro universal, pois o casal não tinha filhos.

Isidoro Dias da Silva, por sua vez, herdara as terras da Ilha de Santa Isabel de seu tio Simplício Dias da Silva, o maior latifundiário, na época, da Vila de São João da Parnaíba.

O Capitão Claro casou-se com D. Geracinda Tavares Silva, de tradicional família maranhense.

Eram seus filhos: Dr. João Tavares de Carvalho Silva, formado em direito, tendo exercido, com muito brilho e honradez, a magistratura. Inteligente e culto. Bom e generoso. Era

casado com D. Evangelina Rosa Tavares Silva, senhora de altos dotes de espírito e coração, Domingos Tavares Carvalho Silva, fazendeiro, D. Cristina da Silva Tavares, casada com Antônio José Tavares, alto comerciante, D. Esmerinda Tavares Silva Moraes Correia, casada com o ilustre professor e jurista Dr. Luiz de Moraes Correia, D. Angélica Tavares Silva Moraes Correia, casada com Luiz Antônio de Moraes Correia, o Cel. Lucas, que por oito anos, exerceu o alto posto de Intendente Municipal de Parnaíba e D. Maria Clara Tavares Silva, inupta.

O Capitão Claro morava na fazenda “Paraíso”, à margem do Igarapu, em frente à cidade.

É a “Casa Grande dos Silvas”.

Após a morte de seu venerando pai, o Dr. João Tavares de Carvalho Silva, assumiu a direção das propriedades do Capitão Claro, mas o “Paraíso” continuava a ter o mesmo esplendor dos dias do passado, apenas envolto na saudade do chefe.

O tempo, entretanto, é implacável; leva os homens e muda a panorâmica da terra.

Também já não mais existia o Dr. João Tavares de Carvalho Silva, mas na vida sempre fica um marco indelével, assinalando os homens e os fatos.

Assim, o Capitão Claro Ferreira de Carvalho Silva é o marco da genealogia dos Tavares Silva, cuja descendência, aliás numerosa, tem honrado e ilustrado o seu respeitável ancestral.

A Avenida Capitão Claro é hoje uma das principais artérias públicas da cidade; ali encontramos, em prédios próprios e suntuosos, o Centro de Formação Profissional José de Moraes Correia — SENAI — e o Ginásio São Luiz Gonzaga, assim como o artístico e belo monumento em homenagem ao sesqui-centenário da Independência do Brasil, em cuja placa de bronze se lê:

“Este monumento, mandado construir pelo Governador Alberto Tavares Silva, é uma homenagem aos que sonharam nesta cidade, lutaram e sofreram para transformá-la em realidade. Foi inaugurado pelo Chefe do Executivo piauiense no dia 19 de outubro de 1972, sendo Presidente da República o General de Exército Emílio Garrastazu Médici”.

Queremos destacar aqui que o então Governador do Piauí, hoje Senador da República Engenheiro Alberto Tavares Silva, que exerceu o seu mandato no período de 15-03-71 a 15-03-75, é neto do Capitão Claro Ferreira de Carvalho Silva.

CORONEL LUCAS CORREIA

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Do Rio Igarapu à Avenida
Princesa Isabel.

Corria o ano de 1866. Luiz Antônio de Moraes Correia, moço ainda — vinte e cinco anos de idade — a convite de seu irmão Francisco Severiano de Moraes Correia Filho, que aqui já residia, chegava à Parnaíba.

Ele vinha de Açú, cidade à margem do Piranha, no Estado do Rio Grande do Norte, onde nascera a 13 de junho de 1839.

Aqui constituiu família, casando-se com D. Angélica Tavares Silva Moraes Correia, filha do abastado fazendeiro e agricultor, proprietário da Ilha de Santa Isabel, Capitão Claro Ferreira de Carvalho Silva e de sua esposa D. Geracinda Tavares Silva.

Desta união, abençoada por Deus, nasceram três filhas: Emir, viúva do Capitão-de-Corveta Francisco Esperidião de Andrada Júnior; Maria de Lourdes, viúva de Hercílio de Paiva Furtado, ambas residentes no Rio de Janeiro; e Zilda, casada com João Gonçalves Neves, falecida no Rio de Janeiro.

O Cel. Lucas Correia — este era o seu nome popular — tornou-se mais tarde um dos grandes proprietários deste município.

Dedicou-se à agricultura e à pecuária. A sua propriedade principal era a Ilha das Batatas, encravada no delta do Parnaíba. Terra fértil e exuberante. Era o seu forte esteio econômico.

Tinha, entre outras, a fazenda “São Domingos”, em Amarração. Ali pastava o gado. O seu vaqueiro, negrão forte e destemido, era uma “alavanca de ferro”, como diziam os seus companheiros de trabalho. Seu nome: Simpício Vieira do Nas-

cimento, alcunhado de Simplisão, que gozava de grande conceito junto ao patrão.

O Cel. Lucas Correia residia à Praça da Graça num sobrado há pouco demolido, para dar lugar a um prédio comercial.

Dado o imenso prestígio político de seu irmão, Cel. Francisco Severiano, o Cel. Lucas Correia, que também era político, foi eleito Intendente Municipal, tendo como Vice-Intendente Delbão Francisco Rodrigues, período de 1905 — 1912.

Mesmo para a época, os recursos financeiros da Intendência eram parcos; mal cobriam as despesas com o reduzido funcionalismo e outros gastos indispensáveis à marcha normal dos serviços. O Intendente não tinha remuneração; trabalhava por dedicação à terra e à política.

O Cel. Lucas Correia era um homem de dinâmica capacidade de trabalho. Realizou uma admirável administração, principalmente no campo da instrução pública, criando escolas primárias em vários pontos do município.

Dois notáveis empreendimentos marcaram para sempre a sua passagem à testa da Intendência Municipal de Parnaíba. Vejamos, por ordem:

O Cel. Lucas Correia, incentivado por D. Angeliquinha, sua esposa dedicada, senhora de alta visão, companheira de todas as horas, compartilhando ativamente de sua administração, mormente no âmbito social, tudo fez, tudo empregou, para a criação do Colégio Nossa Senhora das Graças.

Inicialmente, foi comprada uma casa à Praça Santo Antônio, antiga residência do Coronel Bernardo Borges Leal, pai do ex-Governador do Piauí, Dr. João de Deus Pires Leal, deposto pelo movimento revolucionário de 1930. Em seguida, o prédio recebeu modesto mobiliário, donativo de algumas famílias parnaibanas. Tudo pronto. Agora faltava o seu corpo docente.

D. Angeliquinha tomou para si, em perfeita consonância com o Cel. Lucas, seu esposo, a árdua tarefa de conseguir religiosas para a direção do Colégio, em organização.

Escreveu para várias ordens religiosas. Difícil, embora para um começo tão modesto, as religiosas dos Pobres de Santa Catarina de Sena, que também iniciavam as suas ati-

vidades no Brasil, aceitaram a grata missão — servir a Deus, em Parnaíba.

Aí então, com a ajuda de Dom Joaquim de Almeida, Bispo do Piauí na época, as abnegadas Irmãs de Santa Catarina de Sena chegavam à Parnaíba, para alegria dos idealizadores do colégio.

E assim, em 25 de maio de 1907, em plena gestão do Intendente Municipal Cel. Lucas Correia, fundava-se o Colégio Nossa Senhora das Graças. Era o fruto do labor e da tenacidade de Dona Angélica Tavares Silva de Moraes Correia, Primeira Dama da cidade.

A sua primeira Diretora foi a Irmã Amália Petri que, com outras Irmãs, recentemente chegadas da Europa, Irmã Maria Guzzarri, Irmã Maria Laura Giovinne e Irmã Josefina Taccini, formavam o seu corpo docente e fundador do novel estabelecimento de ensino para a mocidade feminina parnaibana.

As religiosas tiveram integral apoio da família Lucas Correia. Era uma espécie de prolongamento de seu lar. Até as férias na praia eram passadas em sua casa de lazer.

A primeira aluna a matricular-se no Colégio foi Zilda, a segunda filha do casal Lucas Correia, em companhia de mais seis companheiras de sua íntima amizade.

A modesta casa de 1907 da Praça S. Antônio está transformada no suntuoso prédio do Colégio Nossa Senhora das Graças, hoje sob a direção da Irmã Maria do Socorro Silva.

O outro notável acontecimento foi a instalação, nesta cidade, da Escola de Aprendizes Marinheiros, que funcionou de 1908 a 1914, recebendo absoluto e integral apoio de sua administração.

Inicialmente, funcionou no prédio onde hoje é o “Hotel Carneiro”, à Rua Professor Darcy Araújo.

Dois anos depois, em 1910, o Intendente Municipal Cel. Lucas Correia, entregava ao Capitão-de-Corveta Mário Diniz, Diretor da Escola e também Capitão dos Portos do Piauí, o novo prédio amplo e confortável.

O prédio mais tarde ficou conhecido por “Arsenal”, funcionando depois como penitenciária.

Hoje é o Quartel da Polícia Militar do Estado — Batalhão Major Osmar — com algumas reformas, mas sem quebrar a sua estrutura original.

Foi, sem dúvida, uma obra gigantesca para a época, que muito enaltece os méritos e comprova o dinamismo do Cel. Lucas Correia.

Como há outras facetas relevantes na vida do Cel. Lucas e de D. Angélica, sua dedicada esposa, aqui vamos revivê-las.

O Cel. Lucas sempre demonstrou muita dedicação à Parnaíba, a terra que fez sua por estreitos laços de afeto e de coração.

Foi ele o organizador e primeiro signatário do Memorial datado de 27 de julho de 1898, dirigido ao Sumo Pontífice Leão XIII, solicitando a instalação de um bispado no Piauí, mas com sede em Parnaíba, desligando-se do Maranhão.

Vejamos alguns tópicos desse histórico documento, respeitando a sua redação e grafia original.

“Os abaixo assinados, em nome dos povos que representam, curvando-se reverentemente para beijar Vossas Sagradas Mãos e Anel Papal, vêm pedir-vos a graça de ser esta cidade da Parnahyba a designada por Vossa Santidade para ser nella instalada a sede do Bispado cuja criação ora e instantemente pedimos.

Para que este nosso aliás tão justo pedido tenha o devido valimento perante Vossa Eminente Autoridade, garantimos doação dos edifícios onde se deverão instalar, com toda decência e accomodações exigidas, o paço episcopal e seminário (plantas juntas); sendo ainda mais, que as irmandades são accordes em que seja à Igreja matriz de nossa excelsa Padroeira Nossa Senhora da Graça, desta cidade, concedida a mercê da serventia de Cathedral, sendo-nos preciso accrescentar que ella é no Estado o templo mais magestoso (planta annexa), elegante, de primorosa construcção e riquíssima ornamentação.

Confiados na benevolência de Vosso Paternal Poder Espiritual, os abaixo assinados, com os corações cheios de fé catholica, crença religiosa e amor firme em Deus, esperam a sanção de seu pedido, porque é delle que nos ha de vir con-

forto para nossas almas e a educação religiosa para nossos filhos.

Aguardamos a Vossa Santa Palavra, para nella nos inspirarmos, recebendo de joelhos a Vossa Sagrada Bênção Apostólica.”

Conforme já frisamos, esse histórico Memorial traz como seu primeiro signatário Luiz Antônio de Moraes Correia, contendo ainda mais 391 assinaturas.

Hoje, que Parnaíba é sede de Bispado, não empanando os méritos de seus novos idealizadores, queremos dizer, a bem da justiça, que o Cel. Lucas Correia foi, diante desse documento, o verdadeiro precursor dessa louvável iniciativa de alto cunho de fé católica.

D. Angélica, por sua vez, era uma senhora dedicada ao desenvolvimento da instrução pública de sua terra. Já viúva, fez em São Luiz amizade com a Professora Henriette Bricotte, diplomada pelo Instituto Normal de Nancy, França, tendo sido então convidada para visitar Parnaíba. Aceitando o convite, chegou a esta cidade em 1915. E afeiçoando-se a D. Angélica, de tal maneira que a considerava mesmo como mãe, aqui fixou residência. Mais tarde casou-se com o Sr. Artur Soter Castelo Branco.

Parnaíba deve-lhe grandes e admiráveis serviços. Foi uma das fundadoras do Ginásio Parnaibano e da Sociedade de Proteção aos Pobres, hoje Abrigo São José, e ainda professora de quase todos os colégios da cidade, além de um curso particular que mantinha com muita eficiência e grande frequência.

Foi assim, mais um proveitoso trabalho de D. Angélica, no campo educacional, trazendo para nossa comunidade essa notável figura que foi a culta Professora Henriette Bricotte Soter Castelo Branco.

O Cel. Lucas Correia era um homem simples, calmo, sereno, fisionomia sempre aberta para todos que o procuravam, pois sentia-se satisfeito, feliz, em poder ajudar, servir aos seus semelhantes.

Depois de uma vida laboriosa, toda dedicada à Parnaíba e à família, aos 74 anos de idade veio a falecer nesta cidade, a 17 de agosto de 1913.

Parnaíba, através de seu Intendente Municipal, Cel. Constantino Correia, ao integrar o Bairro Nova Parnaíba ao contexto da cidade, prestou a Luiz Antônio de Moraes Correia, o Cel. Lucas, uma merecedora homenagem a esse magnífico e dinâmico administrador, de tão saudosa e respeitável memória.

Deu a denominação de Avenida Cel. Lucas Correia à artéria pública, onde ele construiu a Escola de Aprendizes Marinheiros, hoje Quartel da Polícia Militar do Piauí — Batalhão Major Osmar.

E a vida é assim; o homem, pelos seus feitos, não morre, fica perpetuado no coração do povo, através das gerações.

Este é o caso do Coronel Lucas Correia.

GOVERNADOR CHAGAS RODRIGUES

Anteriormente teve duas denominações: Rua Formosa e Avenida João Pessoa. Centro. Da Avenida Nações Unidas, no Bairro do Carmo, à Rua Alberto Correia, no Bairro Nova Parnaíba.

Esta avenida é o eixo central da cidade, em torno da qual giram quase todas as linhas divisórias dos bairros e de muitas ruas que formam a grande Parnaíba.

Daí a sua alta importância na vida da cidade, apresentando também bela paisagem urbanística, com muita movimentação.

A sua atual denominação foi dada em homenagem ao ilustre filho desta terra, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, que governou, com brilhantismo, o Estado do Piauí, fazendo jus à admiração popular.

Filho do Coronel Poncion de Queiroz Rodrigues, antigo e conceituado comerciante de nossa praça, e de sua respeitável esposa D. Ignésia de Caldas Rodrigues, ambos já falecidos.

Chagas Rodrigues nasceu nesta cidade, a 8 de novembro de 1922. Fez os seus estudos no “Ginásio Parnaibano”.

Após o término de seu curso em Parnaíba, ingressou na Faculdade de Direito de Recife, onde cursou dois anos, transferindo-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde conquistou o diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Pela sua inteligência e pelo seu espírito atilado, tornou-se um grande líder estudantil, conquistando posição de destaque no “Centro 11 de Agosto”, da veterana Escola de Direito da paulicéa.

Residindo em Parnaíba, ingressou na política, conquistando, de logo, uma cadeira na Câmara Federal. Pelo brilhantismo de sua atuação no Parlamento Brasileiro, foi reeleito para várias legislaturas.

Em memorável pleito eleitoral, foi eleito Governador do Piauí (1959 — 1962), quando renunciou ao cargo, para candidatar-se novamente à Câmara dos Deputados. Com a sua renúncia, assumiu a Chefia do Executivo Estadual o ilustre médico Dr. Tibério Barbosa Nunes, de saudosa memória.

O Dr. Chagas Rodrigues é casado com a Sra. Maria do Carmo Correia Rodrigues, da tradicional família Moraes Correia.

D. Maria do Carmo teve uma atuação brilhante e excepcional como Primeira Dama do Estado. Realizou uma obra admirável, edificante e altamente humana.

Os fatos mais importantes do seu Governo foram: implantação de Sociedades de Economia Mista; criação da Comissão de Desenvolvimento do Estado; criação do Serviço Social; constituição da Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança; expansão da rede do ensino secundário e normal oficial; instalação da Faculdade Católica de Filosofia; construção de inúmeros Grupos Escolares e Postos de Saúde; construção de várias rodovias asfaltadas e vicinais, e muitos outros melhoramentos para o desenvolvimento do Estado.

No Governo Chagas Rodrigues, o “Ginásio Parnaibano”, que era uma instituição particular, passou a integrar a rede de ensino oficial, com a denominação de “Colégio Estadual Lima Rebelo”. Depois de sua administração à testa do Governo do Piauí, retornou, por eleição popular, à Câmara Federal.

Atualmente, o ex-Governador e ex-parlamentar brasileiro Dr. Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, reside em Brasília, onde exerce, com muita eficiência, a advocacia e o magistério universitário.

JOSÉ MORAES CORREIA

Da Avenida Princesa Isabel ao
fim do Bairro Santa Luzia.

José de Moraes Correia, pela clareza de sua inteligência, pela sua extraordinária capacidade de trabalho, pelo seu excepcional tino administrativo, pelas qualidades marcantes de sua personalidade ímpar de empresário, foi, sem sombra de dúvida, um autêntico pioneiro, um líder incontestado da industrialização do Piauí.

Para ilustrar as nossas páginas, justificando a homenagem que o poder municipal prestou a este ilustre parnaibano, dando a esta extensa artéria da cidade, o nome de Avenida José de Moraes Correia, fomos buscar um documento de alto gabarito, de profundo senso de responsabilidade, para biografar a figura extraordinária do Coronel Zeca Correia, como era conhecido popularmente no seio de sua comunidade.

Do seu Curriculum Vitae, organizado sob a responsabilidade da Federação das Indústrias do Piauí, fizemos esta síntese biográfica, obedecendo os seguintes itens:

- I — Família
- II — Vida Escolar
- III — Indústria e Comércio
- IV — Navegação
- V — Associações e Federações
- VI — Serviços Públicos e Comunitários
- VII — Títulos, Condecorações e Homenagens

I — FAMÍLIA

José de Moraes Correia nasceu em Parnaíba, a 19 de março de 1895.

Filho de Jozias Benedito de Moraes e Joana Rita de Moraes Correia.

Seus avós paternos: Francisco Severiano de Moraes Correia Filho e Maria Cleofas de Moraes Correia.

Avós maternos: Antônio Severiano de Moraes Correia e Gracinda da Graça de Moraes Correia.

Casado com Da. Almira Basto Correia, filha do ilustre médico Dr. João Maria Marques Basto, em 1917. O casal teve oito filhos, sendo sete vivos.

II — VIDA ESCOLAR

Fez o seu curso primário em Parnaíba, com a Professora Marocas Lima, que também foi a mestra de Humberto de Campos.

Estudou no Instituto Ayres Gama, em 1906 e 1907, em Recife-Pernambuco.

Curso Comercial de 1908 a 1910 em Lisboa-Portugal, na Escola Acadêmica.

Em agosto de 1910, seguiu para a Inglaterra, onde, em uma escola na cidade de Ilkley, aperfeiçoou os seus conhecimentos da língua inglesa.

Durante 1911 e 1912, trabalhou na empresa Camberlain, Deaner & Co., em Manchester, Inglaterra, que era grande fornecedora de produtos para a firma de seu pai, naquela época, Ribeiro, Moraes & Santos. Regressou a Parnaíba em fevereiro de 1913.

III — INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Auxiliar de escritório de Moraes, Santos & Cia. a partir de 10 de fevereiro de 1913.

A firma, fundada em 1904, sob a razão social de Ribeiro Moraes & Santos, fora transformada, em 1912, para Moraes Santos & Cia., devido ao falecimento do sócio Antônio Martins Ribeiro.

José de Moraes Correia, em 1916, passou a sócio solidário de Moraes, Santos & Cia., mas com a aposentadoria do sócio Fernando José dos Santos, a firma, em 1926, transformou-se em Moraes & Cia.

De 1930 até março de 1978 esta importante empresa esteve sob o comando de Zeca Correia, tornando-se o maior complexo industrial do Estado.

Vejamos as suas realizações:

a) — início das instalações industriais da “Usina São José”;

b) — montagem da instalação do descaroçamento e enfardamento de algodão, em Parnaíba;

c) — início das montagens de usinas de descaroçamento e enfardamento de algodão em Amarante, no Piauí, em Caxias e Pastos Bons, no Maranhão;

d) — beneficiamento das sementes de oiticica e extração de óleos vegetais, utilizando prensas hidráulicas alemãs;

e) — montagem da saboaria;

f) — industrialização da cera de carnauba, com utilização de centrifugas e filtros-prensas; em processo de refinação;

g) — instalação de polimerização de óleo de oiticica;

h) — fabricação pioneira, no Estado do Piauí, de silicato de sódio, sólido e dissolvido a 56 Bé;

i) — início das instalações industriais da “Usina Alberto Correia”;

j) — em 1947, a firma passou a girar sob a razão social de Moraes S/A Indústria e Comércio, sucessora de Moraes & Cia., da qual José de Moraes Correia foi o seu Diretor-Presidente;

l) — instalação para recuperação da cera de carnauba, por meio de solventes, das borras e resíduos, constituindo-se em equipamentos pioneiros no território nacional, confeccionados, mediante encomenda, pela firma Ernst Scott, dos Estados Unidos;

m) — instalação Kappuhn com 3 expellers, para extração de óleos vegetais;

n) — fabricação de cesa para assoalho;

o) — instalação de beneficiamento do pó de carnauba; compreendendo peneiramento, com emprego de peneiras ciclones;

p) — instalação Anderson, com um expeller superduo, importado dos Estados Unidos, para extração de óleos vegetais;

q) — instalação D-Canter, para lavagem de pó cerífero;

r) — aquisição de terras na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, e ali localizados tanques-depósitos para óleos de babaçu;

s) — instalação pioneira, nos Estados do Norte e Nordeste, com exceção de Pernambuco, de fábrica de glicerina e ácidos graxos, em edifício de três pavimentos;

t) — pesquisas e projetos industriais sobre aproveitamento integral do babaçu e pesquisas e projetos industriais sobre secador industrial de palhas de carnaúba;

u) — fabricação pioneira, no Estado do Piauí, de sabonetes marca “Glicerol” e “Moraes”;

v) — fundação no Rio de Janeiro da firma Indústria e Comércio Dunorte S/A, composta exclusivamente pelos acionistas do grupo Moraes. Foi transferido para a nova firma o terreno na Ilha do Governador, com todas as benfeitorias ali instaladas. O capital da empresa atualmente é de Cr\$ 2.230.000,00;

w) — instalação pioneira de gordura culinária desodorizada;

x) — fabricação de velas para iluminação;

y) — pesquisas e projetos industriais sobre obtenção de celulose e papel das palhas de carnaúba;

z) — nova instalação de peneiramento do pó cerífero da carnaúba.

IV — NAVEGAÇÃO

José de Moraes Correia, homem de visão, para maior desenvolvimento de sua indústria, criou uma empresa de navegação:

a) — aquisição do navio N/M “Jozias Moraes”, com capacidade para 700 toneladas, para realizar viagens de Luiz Correia ao Rio de Janeiro, com escala no Recife, transportando óleo de babaçu a granel;

b) — criação da “Empresa Moraes de Navegação Costeira S/A — co-associada de Moraes S/A Indústria e Comércio;

c) — assinatura do contrato de aquisição de novo navio, com capacidade de 1.300 toneladas e velocidade de 11 nós, através de financiamento da SUNAMAM.

V — ASSOCIAÇÕES E FEDERAÇÕES

Este notável parnaibano foi homem de espírito associativo por vários anos e emprestou o brilho de sua inteligência, a diversas associações classistas;

- a) — Presidente da Associação Comercial de Parnaíba;
- b) — Fundador e 1.º Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Piauí, no período de 1955 a 1956.
- c) — Presidente do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado do Piauí;
- d) — Diretor Regional do SESI, de 1955 a 1966;
- e) — Presidente do Conselho Regional do SENAI, de 1955 a 1966;
- f) — Membro do Conselho de Representantes da Confederação Nacional da Indústria;
- g) — Sócio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Parnaíba.

VII — SERVIÇOS PÚBLICOS E COMUNITÁRIOS

O Coronel Zeca Correia penetrou em todos os setores da vida parnaibana, no louvável intuito de bem servir à sua terra natal e ao Piauí. Vejamos esta outra faceta de sua vida:

- a) — Introduziu o futebol no Piauí, sendo fundador e exímio jogador do “Parnaíba Sporte Clube”, cujo estádio foi construído sob sua direção;
- b) — Introduziu o primeiro automóvel no Piauí;
- c) — Introduziu o primeiro rádio-receptor no Piauí;
- d) — Construiu Usina Elétrica para iluminar a cidade de Amarante, no Piauí;
- e) — Sob a sua inspiração e orientação, foi construído pela Associação Comercial de Parnaíba, da qual era o Presidente, o Canal São José, retificando o Rio Igarçu, a montante da cidade de Parnaíba;
- f) — Participou ativamente da Campanha da Manutenção do Nome da Cidade;
- g) — Participou da Campanha do SESC — Defesa da Instituição;
- h) — Participou da Campanha da Integridade territorial do Município.

VII — TÍTULOS, CONDECORAÇÕES E HOMENAGENS

Pelos seus altos méritos e pelos relevantes e inestimáveis serviços prestados à Parnaíba e ao Piauí, José de Moraes Correia recebeu as seguintes homenagens:

a) — “Homem de Visão de 1959”, título concedido pela imprensa de Teresina;

b) — A Escola do SENAI passou a denominar-se, a partir de 01/05/62, “Escola de Aprendizagem Industrial José de Moraes Correia”.

c) — “Ordem do Mérito do Trabalho, diploma do Governo dos Estados Unidos do Brasil.

Consoante Decreto do Sr. Presidente da República, datado de 29 de abril de 1968, considerando que José de Moraes Correia distinguiu-se em exemplo de amor e dedicação ao trabalho, pelo que faz jus ao reconhecimento nacional, resolve nomeá-lo para a “Ordem do Mérito do Trabalho”, no grau de Mérito, pelo que lhe confere as insígnias honoríficas correspondentes, tudo na forma do estatuído no Decreto Nº 57.278, de 17 de novembro de 1965. Em 01 de maio de 1968. Jarbas Passarinho — Ministro de Estado dos Negócios do Trabalho e Previdência Social.

d) — Químico Industrial Licenciado, título concedido com base em Lei Federal;

e) — Técnico em Administração, título concedido com base em Lei Federal de N.º 4.769, de 09/09/1965;

f) — Rua Zeca Correia, na cidade de Amarante, neste Estado;

g) — E Parnaíba, reconhecendo os méritos e o valor do seu grande filho — “Homem de Visão” — também prestou, como era de inteira justiça, a sua homenagem — Avenida José de Moraes Correia, uma bela artéria pública marginando a BR-323, que dá acesso à cidade.

José de Moraes Correia faleceu a 2 de abril de 1978, no Rio de Janeiro.

Parnaíba reverenciou a sua memória, com várias homenagens póstumas, destacando-se a da Prefeitura Municipal que decretou luto oficial por três dias.

L I O N S C L U B E

Fica no Bairro Santa Luzia.
Nome Popular: — Rua Nova.
Denominação anterior: — Rua
Melvin Jones. Do “Sabiazal” à
Avenida Nossa Senhora de Fátima.

A Avenida Lions Clube foi planejada e teve iniciada a sua construção na administração do Prefeito Municipal Carlos Carvalho, período de 1971 a 1972.

Pela Lei Municipal N.º 693, de 3 de outubro de 1971, recebeu esta denominação, evitando, assim, dualidade de nomes. Foi, sem dúvida, uma homenagem que Carlos Carvalho quis prestar a esta entidade de caráter mundial, fundada por Melvin Jones, e que aqui presta bons serviços à coletividade, através de seu clube de serviço, fundado nesta cidade.

É uma artéria pública muito importante, pois faz parte do plano rodoviário projetado, desviando o trânsito da Avenida Princesa Isabel para a Avenida São Sebastião que, de futuro, será a porta de entrada e saída da cidade.

Tudo indica que, em breve, esta avenida será asfaltada, toda iluminada e completamente edificada, tornando-se um importante setor residencial e comercial, pois ali está sendo construída a Estação Rodoviária de Parnaíba, que vai dar vida e movimento a esta via pública.

E, agora, em homenagem ao seu nome — Lions Clube — para cá trazemos alguns tópicos de um trabalho de autoria do intelectual leônico Magno Cardoso Veras:

“Servir é o seu código; propugnar pela paz, é a sua lei; dar, é o seu lema; socorrer o necessitado, é a sua divisa; amparar o débil, é a sua norma; pregar a fraternidade, é a sua regra. Fala todos os idiomas, porque se expressa na linguagem sincera do coração. Penetra nos corações, porque fala o dialeto sacrossanto do amor. Consegue o amor entrelaçando as almas. Prende as almas, entrelaçando os homens. Une os homens, para a grandeza de Deus e da harmonia universal.

MARQUÊS DE PARANAGUA

Antiga Rua do Guarani. Fica no Bairro Nova Parnaíba. Da Avenida Capitão Claro ao Rio Igaraçu.

O Dr. João Lustosa da Cunha nasceu na Fazenda Brejo do Mucambo, município de Paranaguá, Estado do Piauí, no dia 21 de agosto de 1821 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de fevereiro de 1912, sendo filho do Coronel de Milícia José da Cunha Lustosa e Dona Inácia Antônia dos Reis Lustosa.

Seu pai, que grandes serviços prestou ao proclamar-se a independência do Império, era filho do português Capitão-Mor José da Cunha Lustosa e Dona Helena de Souza, oriunda de tradicional família de São Paulo.

Aos seis anos de idade, a fatalidade o condenou a ficar órfão de pai, com mais sete irmãos. Deve à sua inteligente e extremosa mãe, o havê-lo mandado dos remotos sertões do Piauí estudar na Bahia.

Formou-se em Direito na velha Faculdade de Olinda, Estado de Pernambuco, no ano de 1846.

Formado, regressou à cidade de Salvador, onde contraiu núpcias com a filha do magistrado Pinheiro de Vasconcelos, Visconde de Monteserrate.

Os primeiros cargos públicos que ocupou foram os de Delegado de Polícia na capital baiana e de Juiz Municipal e de Órfãos da Comarca de Cachoeira, embora já antes militasse na advocacia, notabilizando-se na tribuna do Tribunal de Júri. Também na Bahia foi eleito Deputado Provinciano, iniciando, assim, a sua carreira política, mantendo-se nessa posição durante três legislaturas sucessivas, até que sua província natal, tendo notícias dos triunfos do seu filho, elegeu-o Deputado em 1850.

Os trabalhos que desenvolveu em prol de sua terra-berço impuseram-no à consideração e estima dos seus comprouvianos que, na seguinte legislatura, renovaram o seu mandato

de Deputado pelo Piauí, continuando a representar sua província até ser eleito Senador nas 9.^a, 10.^a e 12.^a legislaturas.

Liderou em debates no Senado o projeto da navegação do Rio Parnaíba e, entre outros serviços públicos, conseguiu inclusão no orçamento de diversas verbas, inclusive para a construção da Estrada de Ferro ligando Caxias a Cajazeiras, hoje Timon.

Em junho de 1855, foi distinguido com a Presidência de sua terra natal, mas não demorou muito a resignar ao cargo honroso, por se achar em divergência com o Gabinete Imperial, no momento.

Em 1858 foi distinguido com a nomeação para governar a Província do Maranhão, que administrou com raro tino, fundando às margens do rio Coutin uma Escola Prática de Agro-
nomia. Depois foi sucessivamente Presidente das Províncias de Pernambuco e da Bahia.

Foi ainda, Ministro da Justiça, Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, Ministro das Relações Exteriores e Ministro da Fazenda, Conselheiro de Estado e Presidente do Conselho de Ministros.

Depois de proclamada a República, retirou-se da vida política e passou a presidir o Instituto Histórico e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Visconde com grandeza por Decreto de 18 de janeiro de 1882 e Marquês por Decreto de 13 de junho de 1888.

O Marquês de Paranaguá era do Conselho do Imperador, Vereador da Casa Imperial, dignatário da Ordem da Rosa Comendador da Ordem São Gregório Magno.

Na Província do Piauí, dois de seus irmãos foram honrados com os títulos nobiliárquicos de Barões, ou sejam, Barão de Santa Filomena e o Barão de Parahim.

O ilustre Desembargador e Juiz Federal do Piauí, aposentado, Salmon de Noronha Lustosa Nogueira, é bisneto do Barão de Parahim, sendo, portanto, sobrinho bisneto do Marquês de Paranaguá.

Aqui na “Marquês de Paranaguá” funcionou em tempos passados, o “Guarani”, clube esportivo e social que fez época. Havia grandes festas, com muitos foguetes nas vitórias do

clube. No carnaval a coisa “pegava fogo”. Daí então, a Avenida tomou popularmente o nome de “Rua do Guarani”.

Hoje é apenas uma reminiscência. Agora é realmente conhecida por Avenida Marquês de Paranaguá, seu nome oficial.

N A Ç Õ E S U N I D A S

Fica no Bairro do Carmo. Da Rua São José até o início do Bairro Cantagalo.

Esta denominação foi dada em homenagem à Organização das Nações Unidas — ONU.

Após os grandes conflitos mundiais, as nações sempre se reúnem para estudar os meios de manter a paz e a segurança internacionais.

Foi assim que, a 28 de julho de 1919, após a I Guerra Mundial, foi assinado um tratado de paz entre a Alemanha e as potências aliadas.

Foi criada a Sociedade das Nações, com sede em Genebra, a fim de tentar assegurar, no âmbito universal, a manutenção da paz, através da solução pacífica dos conflitos entre os povos. Infelizmente, eles ficaram surdos a tais advertências e reben-tou a II Guerra Mundial.

Em fevereiro de 1945, na Conferência de Yalta — cidade da Ucrânia — os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha decidiram pela convocação de uma conferência da qual participassem todas as Nações Unidas e onde se cuidasse da criação de um novo organismo internacional para substituir a Sociedade das Nações.

A reunião teve lugar em São Francisco (Estados Unidos) e foi então que nasceu a ONU, a 24 de outubro de 1945.

Nesta ocasião, foi aprovada a Carta das Nações Unidas e a Sociedade das Nações passou sua missão à ONU.

O Brasil esteve sempre presente nas reuniões da ONU, sendo que, no período de 1947 a 1948, o presidente da Assembléia Geral da ONU foi um brasileiro: Osvaldo Aranha, que assinou a Carta de Independência de Israel — País do Oriente Médio.

A sede da ONU é um território internacional, situado na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, com leis próprias, bandeira especial, serviços de vigilância, de rádio e correios, não subordinados aos Estados Unidos.

Não é uma Nação, não possui cidadãos e não coleta impostos. É uma organização supranacional, cujos recursos provêm de contribuições fornecidas pelos Estados-membros.

E a bela Avenida das Nações Unidas fica às margens do Igarapé que corre no rumo do mar.

N O R M A L I S T A S

Antiga denominação: Avenida Miguel Rosa. Fica no Bairro Nova Parnaíba. Da Avenida Governador Chagas Rodrigues ao Rio Igarapé.

O estudante brasileiro tem tido destacada atuação na vida cívica, política e social do País.

Para exemplificar a bravura do nosso estudante em defesa da terra mater, aqui ilustramos esta página com o episódio seguinte:

Em 1710, Duclere, oficial da Marinha francesa, chefiou uma expedição enviada por Luis XIV, contra o Brasil, porque estava contrariado com Portugal. Nesta época, o Brasil pertencia às cortes lusitanas.

Quando Duclere marchava em direção ao Rio de Janeiro, nossas tropas, arregimentadas pelo Governador, defenderam a cidade. Na luta, distinguiu-se uma companhia de estudantes chefiada pelo bravo e valente Bento do Amaral Coutinho, que morreu na luta.

O seu gesto atestará para sempre o heroísmo do estudante brasileiro.

15 de outubro — Dia das Normalistas.

São moças que se preparam para o magistério. São as futuras professoras, cheias de ideal; escolheram uma carreira em que poderão fazer muito bem aos alunos, começando na

alfabetização até os conhecimentos mais elevados dos diferentes cursos.

Que Deus abençoe sua sublime missão, dando-lhes as graças de que necessitam para cumprirem suas nobilitantes tarefas.

Esta denominação de Avenida das Normalistas é uma justa homenagem à classe estudantil parnaibana, representada pelas lindas normalistas, vestidas de azul e branco, cores simbólicas da bandeira de Parnaíba, que rumam à sua Escola, localizada nesta larga e arborizada artéria da cidade, em majestoso prédio construído na administração do então Governador do Estado, Dr. Petrônio Portela Nunes, mais tarde Senador da República e Ministro da Justiça, tendo falecido em pleno exercício deste alto posto, em 6 de janeiro de 1980.

Bela homenagem a estas moças que fazem da escola a continuação de seu lar e que se capacitam de que “estudar é tão necessário à alma como a luz para os olhos”.

E bem razão tem o poeta Correia Júnior quando, nesta quadra, enaltece a normalista:

Vai para a escola a normalista
Pela manhã, todos os dias.
Como de pássaros povoados,
A rua estruge de alegria.

Esta é, também, a nossa admiração a você, normalista parnaibana.

N O S S A S E N H O R A D E F Á T I M A

Fica no Bairro de Fátima. Da
Rua Franklin Veras à Rua
Major Análio.

Para ilustrar esta página sobre Nossa Senhora de Fátima, fomos buscar na inteligência e na cultura de Maria Caiafa, religiosa da Congregação das Irmãs da Província de Gap, este belo esboço histórico sobre as aparições da Cova da Iria.

Fátima é uma povoação, cujo nome vem do árabe — Fathma.

Fátima era uma linda princesa muçulmana, que se casou com um valente guerreiro. Batizada no catolicismo, passou a chamar-se Oureana. Morta na flor da idade, duas povoações portuguesas herdaram seu nome: Fátima e Ourém.

A Cova da Iria é um descampado nos arredores de Fátima. Nesse sítio, os pastorinhos levavam os carneiros à pastagem.

Os pastorinhos nasceram em Aljustrel, lugarejo pertencente a Fátima. As famílias eram mais abastadas do que pobres.

Lúcia, na época das aparições, contava dez anos de idade, pois nasceu em 1907. Morena, de olhos grandes e negros, discreta e ponderada. Nas aparições, dialogava com a Virgem.

Em 1928, entrou para o convento. Por ocasião do Natal, muitas vezes deu sua colaboração, marcando as danças pastoris em volta do Menino Jesus e movimentando o coro dos cantos regionais.

Francisco era primo de Lúcia. Estava com nove anos na época das aparições. Menino robusto, de cabelos loiros, rostinho cheio, mimoso e arredondado. Meigo, serviçal e obediente.

Nas aparições, Lúcia falava com a Senhora. Jacinta ouvia suas palavras. Francisco via-a, somente. Tornou-se um contemplativo.

Em 1918 contraiu a gripe espanhola, vindo a falecer no dia 3 de abril de 1919. Recebeu a Primeira Comunhão na véspera. Sorriu para todos. Sorriu muito para a Virgem, que veio buscá-lo para o céu.

Jacinta era irmã de Francisco. Estava com sete anos, quando a Virgem apareceu aos pastorinhos.

Jacinta era uma moreninha bonita, inteligente, viva e alegre. Gostava de contemplar a natureza: o por-do-sol... o céu estrelado... as flores da primavera. Gostava de andar com um cordeirinho ao colo, desde que viu uma estampa do Bom Pastor.

A mesma doença que levou Francisco, levou Jacinta, contudo de maneira mais lenta e cruciante. Dois anos pregada numa cruz, mas sempre sorridente, porque tinha o seu ideal: "Sacrificar-se". Morreu sozinha, longe da família, num hos-

pital de Lisboa. Foi enterrada com as cores da Virgem, conforme pedira: vestido branco e faixa azul.

A primeira aparição deu-se a 13 de maio de 1917. Era meio-dia e as crianças estavam brincando de construir uma casinha de pedra. De repente, um relâmpago... E o sol a brilhar!... Mais outro relâmpago... Apareceu-lhes uma jovem de dezoito anos na copa de uma azinheira. Maravilhados, os pastorinhos caíram de joelhos.

Depois de uns minutos em silêncio Lúcia perguntou à Senhora donde vinha. Respondeu que vinha do Céu. Pediu-lhes que, durante seis meses, no dia 13, naquela mesma hora, fossem à Cova da Iria. Recomendou-lhes a recitação do terço todos os dias, convidando-os à reparação dos pecados contra Seu Divino Filho.

No dia 13 de junho, as crianças fizeram o sacrifício da festa de Santo Antônio, para atender ao pedido de Nossa Senhora. Foi nesta aparição que Nossa Senhora deu aos pastorinhos a visão do Seu Imaculado Coração.

No dia 13 de julho, Lúcia vacilava. Estava com medo de ir à Cova da Iria, porque todos, inclusive o Vigário, diziam que aquilo era obra do demônio. Por fim, venceu a indecisão. Nossa Senhora pediu aos pastorinhos que fizessem sacrifícios para ajudar a salvar as almas. E as crianças, mesmo quando estavam com fome, comiam frutinhas amargas de carvalho para obter a conversão dos pecadores.

A 13 de agosto, após muitos dias de prisão, tiveram a alegria de uma nova visão. Na véspera, haviam saído da cadeia. No dia seguinte, às 12 horas, Nossa Senhora, repentinamente, lhes apareceu em Valinhos.

No dia 13 de setembro, a festa das vindimas estava animadíssima; mesmo assim, neste dia, muitas pessoas foram à Cova da Iria. Estas pessoas não viram Nossa Senhora, mas sentiram os efeitos de Sua presença.

No dia 13 de outubro, apesar duma chuva abundante e persistente, uma multidão imensa dirigiu-se ao local das aparições.

Nossa Senhora pediu aos pastorinhos a construção de uma capela naquele lugar.

Depois, o sol começou a agir vertiginosamente, espargindo luzes de todas as cores sobre o firmamento. A multidão, presenciando o prodígio, acreditou nas palavras dos pastoreiros.

Foi construída a capela, conforme o pedido de Nossa Senhora. Hoje, Fátima atrai milhares de peregrinos que, afluídos e santificados, voltam para os lares, cheios de fé, de esperança e de amor.

xxxxxxx

A Imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda da Cova da Iria, esteve em Parnaíba, em peregrinação, em 26 de outubro de 1953.

Foi, sem dúvida, a maior festa religiosa de nossa cidade, deste século quase findante.

Daí originou-se o seu nome — Avenida Nossa Senhora de Fátima.

E, fechando o reposteiro desta página, nós, com os olhos para o alto, rogamos à Nossa Senhora de Fátima que também derrame sobre a terra parnaibana, uma chuva de “fé, de esperança e de amor”.

P R I N C E S A I S A B E L

Antiga Avenida do Progresso.
Fica no Bairro São Francisco
da Guarita. Da Rua Alberto
Correia à Avenida José de
Moraes Correia.

Seu nome completo era Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, imperial princesa brasileira, cognominada A Redentora.

Nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 29 de julho de 1846. Filha do Imperador Dom Pedro II e da Rainha Teresa Cristina.

A Princesa Isabel era a herdeira do trono brasileiro. Casada com o Príncipe Gastão d'Orleans, Conde D'Eu, da família real francesa.

A abolição da escravatura era desejo antigo dos brasileiros.

Na intensa campanha contra a escravidão, destacaram-se: em 1789, os inconfidentes mineiros, que pretendiam a independência do Brasil e a implantação do regime republicano; os revolucionários pernambucanos, em 1817; os estadistas José Bonifácio e Padre Feijó; Luis Gama, jornalista e poeta preto; José do Patrocínio, jornalista e orador preto; o poeta Castro Alves; Rui Barbosa, notável jurista; Joaquim Nabuco, escritor e o diplomata Visconde do Rio Branco e outros.

Até o próprio Imperador D. Pedro II queria a abolição. Como, porém, o Brasil era um país essencialmente agrícola e dependia do braço escravo, essa medida deveria ser tomada paulatinamente.

As providências adotadas visando a extinguir a escravidão foram:

1850 — Lei Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico de escravos;

1871 — Lei Visconde do Rio Branco, que tornava livres os filhos de escravos nascidos dessa data em diante;

1885 — Lei Saraiva Cotegibe, que tornava livres os escravos que atingissem 60 anos de idade.

Finalmente, raiou o dia 13 de maio de 1888, quando foi assinada, em tocante solenidade cívica, a “Lei Áurea”, pela qual ficava abolida para sempre a escravidão no Brasil.

Esta Lei foi assinada com uma caneta de ouro, cravejada de pedras preciosas, pela Princesa Isabel, Regente do Trono, em lugar do Imperador que estava, em tratamento médico, na Europa.

A Princesa Isabel foi com justiça cognominada A Redentora.

E o grande tribuno negro José do Patrocínio exclamou: “Meu Deus, já não há mais escravos no Brasil!”.

A Princesa Isabel faleceu em Paris a 14 de novembro de

1921, mas o seu nome aureolado está no coração da Pátria.

Mais tarde, os restos mortais da Redentora foram trasladados de Paris para o Brasil, figurando em um panteão na Catedral de Petrópolis — a cidade Imperial — ao lado do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Dona Teresa Cristina.

A respeito da Princesa Isabel, escreveu o ilustre escritor Afonso Celso: — “É a mulher mais eminente que o Brasil e a América já produziram, uma das mais famosas e raras individualidades da História Contemporânea”.

xxxxxxx

Esta é uma das artérias públicas de maior movimentação da cidade. É a porta da entrada e saída de Parnaíba.

Tem uma larga pista asfaltada, devidamente sinalizada. Ao lado, uma alameda ajardinada, em nível superior, para passagem de pedestres.

Bem iluminada, dando belo aspecto urbanístico à “Princesa do Igarapu”, quando se penetra pela “Princesa Isabel”.

Edificante homenagem de Parnaíba à libertadora brasileira!

P A D R E R A I M U N D O V I E I R A

Antigas denominações: Rua Epaminondas Demétrio e Avenida 10 de Novembro. Sua atual denominação foi dada pela Lei N.º 429, de 23 de dezembro de 1968. Fica no Bairro Nossa Senhora de Fátima. Da Avenida Nossa Senhora de Fátima à Rua Major Análio.

O Padre Raimundo José Vieira, de saudosa memória, nasceu na Fazenda Goiabeira, município de Pedro II, neste Estado, em 20 de agosto de 1923.

Recebeu as ordens sacerdotais das mãos do então Bispo da Diocese de Parnaíba, Dom Felipe Conduru Pacheco, em 8 de dezembro de 1958.

Celebrou solenemente a sua primeira missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Pedro II, sua terra natal.

No ano seguinte de sua ordenação, foi cooperador da paróquia de Nossa Senhora do Carmo e Diretor do Ginásio Municipal de Piracuruca, hoje, Unidade Escolar “Presidente Castelo Branco”.

Posteriormente cooperador da paróquia de Barras ao lado de Monsenhor Lindolfo Uchôa, com atuação espiritual em Batalha; vigário das cidades de Cocal e Luiz Correia.

Transferido depois para Parnaíba, o Padre Vieira teve aqui destacada atividade no campo espiritual e educativo.

No Governo Diocesano de Dom Paulo Hipólito de Souza Libório, ocupou o elevado cargo de Secretário do Bispado e foi também Diretor do Ginásio São Luiz de Gonzaga, pertencente à Diocese.

Era capelão da Igreja de Santo Antônio, do Colégio Nossa Senhora das Graças, desta cidade.

O Padre Vieira morreu em um lamentável acidente rodoviário, quando viajava desta cidade à Teresina, nas imediações de Buriti dos Lopes, na fatídica tarde de domingo de 18 de dezembro de 1966.

O seu falecimento prematuro e inesperado causou um verdadeiro choque emocional, em todos os setores da vida parnaibana, onde era vastamente estimado por todas as camadas sociais, principalmente pela mocidade estudantil.

Em câmara ardente, armada na Catedral de Nossa Senhora da Graça, o seu corpo, devidamente paramentado, ficou toda a noite, exposto à visitação pública.

Centenas e centenas de pessoas desfilaram diante de seu ataúde, como último adeus ao sacerdote e professor desaparecido, de maneira trágica e dolorosa.

Parnaíba, desejando testemunhar a sua admiração e o seu apreço ao levita do Senhor tão cedo roubado do seu convívio, mudou o nome da Avenida 10 de Novembro para Ave-

nida Padre Raimundo Vieira e também deu o seu nome a uma Unidade Escolar Estadual, localizada na Avenida das Normalistas.

Em seu túmulo está escrito: “O Senhor é a minha fortaleza e a minha glória”.

Esta avenida é uma das principais linhas divisórias da cidade. Além de separar os bairros de Fátima e São Benedito, é também divisória de várias ruas. Daí, a sua grande importância no contexto da cidade.

P R E S I D E N T E G E T Ú L I O V A R G A S

Denominações antigas: Rua Grande, Rua do Patriota, Rua Miguel Rosa, Rua Afonso Vizeu, Avenida João Pessoa. Centro. Do Porto Salgado à Avenida Governador Chagas Rodrigues.

Em São Borja — cidade da fronteira Brasil-Argentina — nasceu Getúlio Dornelles Vargas, em 19 de abril de 1883.

Seus pais: Coronel Manoel Nascimento Vargas e D. Cândida Dornelles Vargas, de tradicionais famílias gaúchas.

Casado com a Sra. Darcy Sarmenho Vargas que, como Primeira Dama do Brasil, idealizou e criou, em 1942, a “Legião Brasileira de Assistência”, entidade de proteção à maternidade, à infância e à adolescência, que tem prestado relevantes serviços à população carente do País.

D. Darcy Vargas foi agraciada com a medalha de ouro da Comissão Especial do Mérito, do Ministério do Trabalho, em 1959.

Getúlio Vargas ingressou na Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde concluiu o curso de bacharel em 1907.

Foi escolhido orador dos estudantes, numa homenagem prestada ao Presidente eleito do Brasil, Afonso Pena.

Foi eleito Deputado Estadual e Deputado Federal em várias legislaturas. Ministro da Fazenda no Governo Washington Luis.

Governador do Rio Grande do Sul, como candidato de conciliação, apontado por Borges de Medeiros, o caudilho dos pampas.

Candidato à Presidência da República pela “Aliança Liberal”, formada pelos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, com apoio popular de todos os Estados da Federação.

Era seu companheiro de chapa, como Vice-Presidente, o bravo João Pessoa, mártir da campanha, assassinado por um sicário, na “Confraria Glória”, em Recife, no dia 26 de julho de 1930.

Derrotada nas eleições, a “Aliança Liberal” considerou o pleito fraudulento por parte do Governo Federal.

Estava, assim, deflagrado o estopim da revolução que levaria Vargas ao poder máximo da República.

E no histórico 3 de outubro de 1930, Oswaldo Aranha, ardoroso revolucionário e grande patriota, assaltou, com êxito, o Quartel General do Exército, em Porto Alegre. Esta marcha vitoriosa teve o seu epílogo no memorável 3 de novembro, quando os valorosos gaúchos cumpriram a promessa feita na capital rio-grandense — amarraram os seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

Estava vitoriosa a revolução!

Foram trinta dias que abalaram o Brasil, mas Getúlio Vargas, o grande estadista brasileiro, assumia, entre aclamações populares, a Chefia Suprema da Pátria.

Com o valoroso apoio das gloriosas Forças Armadas e do povo brasileiro, o Presidente Vargas deu início à sua difícil missão, por certo, mas altamente patriótica de fazer do Brasil uma nova e vitalizante República.

A Nação entrara em regime discricionário.

Dissolveu o Congresso Nacional, as Assembléias Estaduais e as Câmaras Municipais. Nomeou interventores para os Estados, na sua maioria, militares.

A sua preocupação máxima era o trabalhador nacional. Daí veio o Ministério do Trabalho, criado pelo Decreto de 26 de outubro de 1930. O seu primeiro Ministro foi Lindolfo Collor, profundo conhecedor de legislação social.

O Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio foi a pedra angular do grande edifício das leis sociais e previdenciais do Brasil que, hoje, constituem um orgulho da nação. Também foi criado o Ministério da Educação e Saúde, outra conquista para o povo brasileiro — incremento da educação e zelo pela saúde pública.

Para moralização de pleitos eleitorais, Vargas instituiu o voto secreto e também criou o voto feminino, uma grande conquista para a mulher brasileira.

Mais tarde, convocou uma Assembléia Constituinte para elaboração da nova Carta Magna da República. Foi promulgada a 16 de julho de 1934.

Houve, então, eleição e o Chefe do Governo Provisório foi eleito Presidente da Nação. Seu mandato deveria durar até 1938.

Em 1935, houve um levante comunista, porém, a ordem foi energicamente restabelecida, graças ao pulso forte de Vargas.

O Chefe do Governo, em 10 de novembro de 1937, deu um Golpe de Estado. Fechou o Congresso Nacional, anulou a Constituição vigente e outorgou uma nova Constituição, apoiado nas Forças Armadas.

Era o início do chamado “Estado Novo”. O seu período governamental era de seis anos.

No decorrer de 1939, houve a Intentona Integralista — os chamados “Camisas Verdes”. A finalidade era depor o Presidente, mas foi facilmente dominada.

No Estado Novo foram criadas a Justiça do Trabalho, o Ministério da Aeronáutica e foi instituída nova moeda — o cruzeiro.

Ainda foram instaladas a Siderúrgica de Volta Redonda, como empresa estatal, obra de grande vulto na industrialização brasileira e o Conselho Nacional do Petróleo — Petrobrás —, destinada à defesa e exploração do petróleo. Foi no Go-

verno Vargas que, pela primeira vez, jorrou petróleo no poço de Lobato, no recôncavo baiano, em 21 de janeiro de 1939. Era a nova alvorada de redenção econômica do País.

Em 1939, teve início a Segunda Guerra Mundial contra as potências do Eixo — Alemanha, Itália e Japão.

O Brasil enviou para a Itália a Força Expedicionária Brasileira — FEB — e a Força Aérea Brasileira — FAB — sob o comando do bravo e heróico Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes.

As Forças Expedicionárias de nossa Pátria, voltaram dos campos de batalha da Itália cobertas de intrepidez e de glórias.

Após a Guerra Mundial, em 1945, Vargas, por Ato Adicional e outras medidas, autorizou eleições para a Presidência da República e para o Congresso Nacional. Entretanto, diante de vários fatores, as Forças Armadas forçaram a renúncia de Getúlio Vargas, em 29 de outubro do ano em tela.

Depois de sua renúncia, Getúlio Vargas, nas eleições de dezembro seguinte, foi eleito Senador por São Paulo e Rio Grande do Sul, e Deputado Federal por cinco Estados brasileiros, demonstrando, assim, a exuberância de seu prestígio nacional.

Mais tarde, porém, dirigiu-se para sua estância, em Itu, no Rio Grande do Sul, depois de ter assumido a sua cadeira no Senado pelo seu Estado, isolando-se do cenário político. Entretanto, lá foram buscá-lo para candidatar-se à sucessão do Presidente Marechal Eurico Gaspar Dutra.

Eleito por esmagadora maioria, assumiu novamente o Poder Supremo da República, em 31 de janeiro de 1951, enfrentando graves dificuldades.

Neste período foi criada a Eletrobrás, para exploração das fontes de energia elétrica, outro grande fator econômico para a nacionalidade.

Diante de agitação política, premido a uma possível renúncia, terminou por suicidar-se com um tiro no coração, na fatídica madrugada de 24 de agosto de 1954.

Subiu ao Poder João Café Filho, Vice-Presidente da República. Era jornalista e político do Rio Grande do Norte.

Na carta que fundamentava a sua decisão, Vargas assim encerraria a sua longa batalha de quinze anos de Governo, o mais longo da história republicana.

“Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”

E a Pátria chorou a morte de seu grande filho!

Avenida Presidente Getúlio Vargas é a principal artéria da cidade, homenageando assim, a figura deste notável estadista brasileiro.

Ali está o palacete N.º 385, do ex-prefeito Dr. João Orlando de Moraes Correia, de inesquecível memória, onde se lê uma placa comemorativa da visita de Vargas à Parnaíba: —

“Nesta Casa hospedou-se Getúlio Vargas em agosto de 1950.

E, assim, o Presidente Vargas passou, realmente, para a História.

P R I M E I R O D E M A I O

Fica no Bairro de Fátima. Da Avenida Governador Chagas Rodrigues ao Bairro do Cantagalo.

Nesta data, em quase todos os países do mundo, comemora-se o Dia do Trabalho.

No Brasil, a primeira tentativa de celebrar o 1.º de maio, data de 1893. Encontrou violenta repressão do governo mas, já a partir de 1895, a data era celebrada sem maiores alterações.

O Dia do Trabalho, porém, foi institucionalizado com o Estado Novo — Governo Getúlio Vargas — em 1938. Decretado feriado nacional pelo governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, com a Lei n.º 662, de 6 de abril de 1949.

A Igreja Católica, instituindo em 1955 a festa litúrgica de São José Operário, a ser celebrada em 1.º de maio, procurou dar aos operários cristãos, um sentido também religioso ao Dia do Trabalho.

O Dia do Trabalho entrou para a História quando, no dia 1.º de maio de 1886, grevistas entraram em choque com a polícia. Explodiu uma bomba e morreram quatro operários e sete policiais. Alguns líderes grevistas foram presos e executados no ano seguinte.

Em junho de 1889, os socialistas, reunidos em Paris para fundar a II Internacional, aprovaram a resolução de consagrar o dia 1.º de maio de todos os anos como o Dia Internacional dos Trabalhadores, em memória das vítimas de Chicago.

A iniciativa propagou-se lentamente, a princípio, encontrando resistência das autoridades, que perseguiam os manifestantes, mas aos poucos se consolidou.

O trabalho humano, em todas as suas formas, possui uma dignidade inalienável, por isso mesmo que é atividade de um ser racional livre, seu valor não se medindo apenas pela categoria a que pertence cada um, mas principalmente pela perfeição com que é realizado.

A tradição bíblico-cristã não esquece que todo trabalho é penoso, e ela assume esta pena, dando-lhe um valor de purificação, de reparação e de redenção: “Comerás o teu pão com o suor de teu rosto”.

O trabalho é um dever, mas também um direito, reconhecido aliás, solenemente, na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Todo homem tem o direito inalienável de procurar, pelo trabalho, os meios de se realizar como homem e de prover a sua subsistência e daqueles por quem é responsável.

Esta Avenida é um culto de admiração de Parnaíba ao trabalhador brasileiro, de modo especial, ao trabalhador parnaibano.

“Quão digno é o trabalho! Exaltemos todos estes incansáveis servidores na Ronda das Profissões”.

S Ã O S E B A S T I Ã O

Fica no Bairro de Fátima. Da Avenida Governador Chagas Rodrigues ao Portinho.

No início da bonita e longa Avenida São Sebastião, está sua Igreja, construída em 1940, pela estoicidade do grande e saudoso Monsenhor Roberto Lopes, depois entregue à orientação da Ordem dos Frades Capuchinhos.

Hoje, é uma das três paróquias da cidade.

Ali, além de sua Igreja, existe uma grande obra social destes abnegados filhos espirituais de São Francisco, o humilde frade de Assis, para a comunidade parnaibana.

São Sebastião, o grande Mártir do Cristianismo, também deu o seu nome à avenida.

Sebastião nasceu em Narbonne, na Gallia e foi educado em Milão. Era oficial do Imperador Diocleciano. Figura imponente. Pessoa simpática, corajosa e atraente, ocupava elevada posição e aproveitava-se desta situação para aliviar os sofrimentos dos seus semelhantes. Tinha entrada franca em todas as prisões e assim ia animando e consolando seus irmãos encarcerados até que, um dia, o Imperador, descobrindo que ele era cristão, deu ordem aos soldados para que o amarrassem à uma árvore e atirassem setas em seu corpo, deixando-o quase morto. Uma piedosa mulher curou-lhe as feridas. Mais tarde, o Imperador Diocleciano mandou matá-lo no ano de 287.

Os algozes cumpriram também esta ordem e, para subtrair o cadáver à veneração dos cristãos, atiraram-no à lama.

Santa Lúcia, porém, achou-o, tirou-o da imundície e sepultou-o aos pés de São Pedro e São Paulo.

Mais tarde, no ano de 680, as relíquias foram solenemente transportadas para uma basílica, construída por Constantino.

Naquela ocasião grassava em Roma a peste, que vitimou muita gente. A terrível epidemia desapareceu na hora daquela transladação. Esta é a razão por que os cristãos, através do tempo, veneram São Sebastião como o grande padroeiro contra a peste.

Em outras ocasiões verificou-se o mesmo fato assim, no ano de 1575 em Milão e 1599 em Lisboa, estas duas cidades ficaram livres da peste pela intercessão do glorioso mártir.

Dia de São Sebastião — 20 de janeiro — festa universalmente comemorada.

Aqui em Parnaíba, na Igreja de São Sebastião, a paróquia dos Capuchinhos, a sua festa é uma das maiores da cidade.

Dr. Renato Araribóia de Brito Bacellar
Diretor-Executivo/Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

QUARTA PARTE

RUAS

Dr. Renato Araribóia de Brito Bacellar
Diretor-Executivo/Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

A D E M A R N E V E S

Desmembrada da Rua Vera Cruz pela Lei Municipal N.º... 288, de 15 de abril de 1964. Centro. Da Avenida Alvaro Mendes à Avenida Governador Chagas Rodrigues.

Ademar Gonçalves Neves nasceu em Parnaíba em 19 de novembro de 1883.

Fez seus estudos em São Luiz, Lisboa, Portugal e Manchester, Inglaterra.

Foi comerciante nesta cidade, gozando de alto conceito. Um dos fundadores do "Ginásio Parnaibano", em 1927, do qual foi professor de inglês.

Por ato do Interventor Federal do Piauí, Capitão Landri Sales Gonçalves, datado de 1.º de junho de 1931, foi nomeado Prefeito Municipal desta cidade, por indicação da Associação Comercial de Parnaíba.

A sua gestão foi marcada por grandes realizações e a sua operosidade não conheceu setor e nem limites.

Moderniza-se a cidade, ajardinam-se suas praças, as ruas são calçadas e arborizadas, a limpeza pública estende-se aos subúrbios, restabelecem-se os serviços de higiene, constroi-se o confortável e moderno Mercado de Frutas, faz-se completa reforma na Usina Elétrica e na sua rede de iluminação.

O Leprosário da Colônia do Carpina foi inaugurado a 23 de agosto de 1931, na administração de Ademar Neves.

São palavras suas: "Tenho a impressão mesmo de que se outra obra não pudesse realizar, se outros melhora-

mentos não pudesse levar a efeito, sentir-me-ia feliz em deixar inaugurado e funcionando o Leprosário da “Fundação São Lázaro.”

Ademar Neves foi, com justiça, considerado O Reformado da Cidade.

Os operários metalúrgicos parnaibanos simbolizaram a tenacidade administrativa de Ademar Neves numa águia que fizeram fundir, em bronze, erigindo-a quase ao lado daquelas vetustas palmeiras imperiais, que davam um tom alegre à velha Rua Grande, à sua entrada, ali à margem do Igaraçu, hoje a moderna e movimentada Avenida Presidente Getúlio Vargas.

Este monumento, em virtude da construção da ponte “Simplício Dias”, foi deslocado para o cruzamento das Avenidas São Sebastião e Princesa Isabel, obra do atual Prefeito João Batista Ferreira da Silva.

Na época, o consagrado e saudoso poeta Francisco Aires fez o seguinte soneto: —

O MONUMENTO

Dedicado aos mecânicos que fizeram
a Águia de Bronze, os habilidosos
companheiros — Bernardo Brito, Custódio
Braga, Francisco Almeida e
Paulino Silva.

Eis o belo e artístico monumento
Que fizeram no bronze — Águia Real —
Representando o nosso sentimento
Do vivo apoio à ação municipal.

Lembrança justa, prêmio original,
Ao operoso Prefeito, do momento,
E que traduz o heróico pensamento,
Do moderno mecânico social.

Obra perfeita, de real valor...
O chefe deste solo rico e ameno,
Merece-a mesmo, sem fazer favor.

Primeiro monumento da cidade,
Feito no bronze, hoje a apontar sereno,
Ademar Neves à posteridade!

Ademar Neves foi exonerado, a pedido, do cargo de Prefeito Municipal, em 25 de maio de 1934, tendo em seguida transferido a sua residência para o Rio de Janeiro.

Ali exerceu, com muita probidade, o alto cargo de Tesoureiro-Auxiliar da Casa da Moeda.

O Hino da Parnaíba, hoje oficializado pela Lei Municipal N.º 255, de 7 de setembro de 1963, do então Prefeito Municipal Dr. Lauro Andrade Correia, letra do ilustre intelectual Raimundo Araújo Chagas, cujo nome literário era R. Petit, pseudônimo com que subscrevia as suas produções, na qualidade de poeta, escritor e jornalista, e que aqui viveu por dilatados anos; com música de Ademar Neves, que era exímio musicista.

Este grande administrador, que relevantes serviços prestou à sua terra natal, faleceu no Rio de Janeiro, em 7 de fevereiro de 1964, legando aos pósteros um edificante exemplo de trabalho e de muito amor à Parnaíba.

A F O N S O P E N A

Da Avenida das Normalistas —
Bairro Nova Parnaíba — ao
fim do Bairro Boa Esperança,
atravessando o Bairro São
Francisco.

Afonso Augusto Moreira Pena, nasceu em Minas Gerais, em 1847. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Foi deputado provincial e, durante a Monarquia, três vezes Ministro: da Guerra, da Agricultura e da Justiça.

Proclamada a República, foi Presidente do Estado de Minas Gerais. Ocupou, igualmente, a Presidência do Banco do Brasil e a Vice-Presidência da República no Governo de Rodrigues Alves.

Animou o povoamento do solo, o desenvolvimento da corrente imigratória e a agricultura. Aumentou a esquadra, adquirindo os couraçados “Minas Gerais” e “São Paulo”.

Principais fatos de seu Governo: representação do Brasil na Conferência Internacional de Haia, chefiada por Rui Barbosa, que defendeu o princípio da “Força do Direito contra o Direito da Força”, e que lhe valeu o epíteto de “Águia de Haia”; grandes reformas na Marinha e no Exército, com os titulares Almirante Alexandrino de Alencar e Marechal Hermes da Fonseca; visita de Hermes a Alemanha; construção de mais de dois mil quilômetros de ferrovia: Rio-Vitória. Rio-Porto Alegre, Noroeste. Madeira-Mamoré e São Luiz-Teresina.

O lema do seu Governo foi: “Governar é povoar”, tomado de empréstimo ao argentino Alberdi.

Devemos registrar aqui que Afonso Pena, antes de sua posse na Presidência da República, visitou várias capitais do norte do Brasil, inclusive Teresina, fato muito raro, na época, a visita de um Chefe da Nação Brasileira aos Estados de nossa Federação.

Afonso Pena, eleito Presidente da República do Brasil em 1906, faleceu no exercício do mandato, em 14 de junho de 1909, sendo o seu governo concluído pelo Vice-Presidente Nilo Peçanha.

Suas últimas palavras passaram para a história: “Deus, Pátria, Liberdade e Família”.

E assim Afonso Pena, pela sua ilustração, passou também para a história das ruas de Parnaíba.

A I M O R É S

Fica no Bairro Pindorama, da
Avenida São Sebastião à Rua
Caramuru.

Os Aimorés eram atrasados e ferozes; pertenciam à nação dos Gês ou Tapuias, viviam nos Estados da Bahia e Espírito Santo, entre o rio Doce e o rio Pardo.

Índios de estatura mediana, cor azeitonada escura, cabelos lisos, grossos e pretos, cabeças alongadas, não usavam adornos nos lábios e nem nas orelhas.

Caçadores e nômades.

Moravam em pequenas cabanas feitas de ramos e troncos. Fabricavam arcos, flechas, maçãs de madeira, machados de pedra e redes de fibra.

Tinham o hábito de açoitar os filhos com plantas espinhosas para que se acostumassem a andar pelos matos.

Eram índios antropófagos. Ficavam escondidos aos grupos à beira dos caminhos para atacar as pessoas que passavam, matá-las e depois devorá-las.

Acreditavam na existência de um gênio do bem e outro do mal e afirmavam que os velhos, quando morriam, tornavam-se jaguares.

Atualmente, restam poucos representantes dessa grande nação indígena e todos já civilizados.

A L B E R T O C O R R E I A

Antiga Rua Piracuruca. Fica
no Bairro Nova Parnaíba, da
Avenida Alvaro Mendes à Ave-
nida Governador Chagas Ro-
drigues.

Nasceu Alberto Correia em Parnaíba, a 8 de novembro de 1906, filho de Jozias Benedito de Moraes e Alvina de Moraes Correia.

Fez seus estudos nesta cidade, no “Colégio Cearense”, em Fortaleza e no “Colégio Anglo Brasileiro”, no Rio de Janeiro.

Aos 17 anos de idade, ingressou na firma de seu pai — Moraes, Santos & Cia. — revelando, desde cedo, pendores para a vida comercial; esta firma mais tarde, transformou-se em Moraes & Cia., da qual Alberto Correia passou a sócio.

Em 7 de setembro de 1929, contraíu matrimônio com a senhorita Maria Marques Basto, filha de Celso da Cunha Marques e Lila Basto Marques. O casal teve quatro filhos.

Foi designado, em 1928, pelo Ministro da Agricultura, para Delegado no Estado do Piauí do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil.

Alberto Correia que tinha cursos de especialização de algodão, dirigiu as usinas de sua firma, em Caxias e Pasto Bons, no Maranhão. Também dirigiu a filial de Moraes & Cia., em Teresina.

Era sócio da “Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão” — Labre —. O seu prefixo era PY8-RB.

Foi um dos fundadores do Aéreo-Clube de Parnaíba, fazendo parte da primeira turma de aviadores civis, turma “Assis Chateaubriand” — 1942.

No ano seguinte, passou a presidir esse núcleo aviatório, cujo trabalho desempenhou com muito ardor cívico, pois, tinha verdadeira admiração pela aviação civil brasileira.

O Aéreo Clube de Parnaíba foi fundado em 23 de setembro de 1940. Era filiado ao Aéreo Clube do Brasil e registrado no Ministério da Aeronáutica. Por doação, o Aéreo Clube de Parnaíba tinha os seguintes aviões: — “Moreninha”, “Alfredo Gomes”, “Rangel Pestana” e “Miguel Couto”.

Foi Diretor-Tesoureiro, em dois biênios seguidos, da “Associação Comercial de Parnaíba”, onde prestou relevantes serviços, com muita dedicação, exatamente na época em que se construía o “Edifício do Comércio” e o “Parnaíba Palace Hotel”, obras das quais ele foi uma das vigas mestras, infelizmente o destino o privou de assistir as suas inaugurações.

Alberto Correia, integrado na vida comercial parnaibana, foi Secretário do Sindicato do Comércio Atacadista e Dire-

tor-Tesoureiro do Sindicato Varejista, ambos do Estado do Piauí, Vice-Presidente da “Cia. de Luz e Força de Parnaíba” e membro do Rotary Clube local.

O prematuro falecimento deste ilustre parnaibano, que soube honrar e elevar as tradições de sua terra, ocorreu no dia 2 de maio de 1953, quando Alberto Correia contava apenas 47 anos de idade.

Levou-o a morte, ainda moço, no apogeu da inteligência e da capacidade criadora, tão operosa e fecunda.

ALMIRANTE GERVASIO SAMPAIO

Centro. Antiga denominação:
Rua Souza Martins. Da Rua
Humberto de Campos à Ave-
nida das Nações Unidas no
Bairro do Carmo.

Contra-Almirante Gervásio Pires de Sampaio, nascido a 7 de junho de 1868, na Fazenda Bacuri, município de São Bernardo, no vizinho Estado do Maranhão, e falecido a 8 de novembro de 1941, em Parnaíba.

Maranhense apenas por nascimento, porém piauiense em todas as inúmeros atividades que desenvolveu durante a sua longa e laboriosa existência.

Gervásio Pires de Sampaio, muito jovem ainda, ingressou na Marinha Brasileira.

Por alvará de 31 de outubro de 1888, foi promovido a Guarda-Marinha, passando a exercer suas atividades a bordo da corveta de instrução — “Niterói”.

Daí nunca teve um retrocesso, nunca ficou sequer, estacionário. Progrediu sempre, até galgar o posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra, tendo sido reformado, a seu pedido, em 8 de setembro de 1920, com o posto de Contra-Almirante.

Não se resumem nos 32 anos de vida ativa em nossa Marinha de Guerra, as suas atividades.

Foi também industrial, como um dos principais Diretores e grande acionista da Fábrica Gambôa, em São Luiz-Mara-

nhão. Foi contratante da construção da Estrada de Ferro São Luiz-Teresina, comerciante em Buriti dos Lopes, grande fazendeiro e agricultor em terras de sua propriedade, destacando-se a fazenda “Cajazeira de Baixo”, no município de Buriti dos Lopes. Foi também administrador das Fazendas Nacionais, neste Estado, às quais deu orientação segura e eficiente.

Como político, foi chefe de grande prestígio. Seu campo de ação foi ainda em Buriti dos Lopes.

Ali o Almirante Gervásio Sampaio foi Intendente Municipal, tendo como Vice, Raimundo Rodrigues de Sampaio, no quadriênio de 1909 — 1912.

Em sua gestão, o Conselho Municipal, hoje Câmara Municipal, estava assim constituído: Raimundo Pereira de Carvalho, Benedito Romão de Souza, Florindo Castelo Branco, Francisco Florindo de Souza e Pacífico Florentino de Albuquerque.

Foi membro do Conselho Municipal de Buriti, no período de 1913 a 1916, que tinha como Intendente o Sr. Francisco Florindo de Castro.

Eleito Vice-Governador do Piauí ao lado do ilustre Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, no quadriênio de 1916 — 1920.

Ainda ocupou uma cadeira de Deputado à Assembléia Legislativa do Estado.

Era casado com a Senhora Zezita Cruz de Sampaio, que, depois de viúva, por eleição popular, foi eleita Prefeita Municipal daquela cidade, no período de 1959 — 1963, constituindo, sem dúvida, uma reminiscência do valor do seu ilustre marido Almirante Gervásio Pires de Sampaio.

A L T O L O N G A

Fica no Bairro São José. Da
Avenida Alvaro Mendes ao Rio
Igarau.

A história de Alto Longá remonta aos princípios do século XIX, quando o Capitão Benedito José de Souza Brito, ali fixou

sua residência e situou uma fazenda de gado a pequena distância do Rio Gameleira.

Em seguida, construiu uma capela consagrada a Nossa Senhora dos Humildes, cuja paróquia foi criada em 1874.

O povoado, dado o seu desenvolvimento, foi por Lei Provincial elevado à categoria de vila, em 1875.

No Governo do General Gregório Taumaturgo de Azevedo, em 1890, a vila teve o seu topônimo mudado de Humildes para Alto Longá, em decorrência, por certo, de sua aproximação das nascentes do Rio Longá.

Somente em agosto de 1934, na Interventoria Federal do Capitão Landri Sales Gonçalves, retornou definitivamente à sua primitiva autonomia, desligando-se do município de Altos, passando a figurar no rol das cidades piauienses. Pelo censo de 1980, esse município tem uma população de 17.811 habitantes.

A festa de sua excelsa Padroeira, Nossa Senhora dos Humildes, é celebrada a 1º de janeiro, dia em que se realiza concorridíssima procissão, sendo a maior festa do município.

E, assim, a terra de Nossa Senhora dos Humildes está presente em uma das ruas da terra de Nossa Senhora da Graça.

A M A P Á

Fica no Bairro Pindorama. Da
Rua Benedito Santos Lima até
o fim do Bairro Boa Esperança.

O Amapá foi erigido em território federal em 13 de setembro de 1943.

As suas terras faziam parte do Estado do Pará.

O Amapá foi objeto de uma questão de fronteira mantida, durante longos anos, entre o Brasil e a França. Pelo laudo de 1900, foram reconhecidos como legítimas as pretensões brasileiras, sendo esta a segunda e grande vitória diplomática obtida pelo ilustre Barão do Rio Branco, um dos mais notáveis homens públicos de nossa Pátria.

O rio e o lago do território — pivô da questão — ficam na região compreendida entre os rios Araguari e Oiapoc.

O Amapá é muito rico em minerais e tem grandes e exuberantes florestas, de onde o homem retira gomas, castanha-do-pará, borracha e madeira. Também é rica na caça e na pesca.

Macapá surgiu nas proximidades da fortaleza de Santo Antônio, em 1688. Seus habitantes pertenciam ao destacamento militar que aí se fixou.

Em 1758, foi elevada a vila, com o nome de São José do Macapá. A nova fortaleza, construída no mesmo local da anterior, também recebeu esse nome.

Macapá foi elevada a cidade em 1856. Só em 1944 começou a desenvolver-se, quando se tornou Capital do Território Federal do Amapá.

E, agora, Amapá emplaca esta rua do Bairro do Pindorama.

A M A Z O N A S

Fica no Bairro do Carmo. Da
Rua Dr. Merval Veras à Rua
Sergipe.

O Amazonas é um Estado que tem a sua origem em numerosas tribos indígenas: Barés, Maués, Muras, Manáus e outras.

O primeiro nome dado a este Estado foi Sertão das Amazonas. Sertão por se tratar de território de difícil penetração, por causa das mulheres guerreiras, as lendárias Amazonas, que Orellana dizia ter visto em sua viagem.

O Rio Amazonas nasce na Cordilheira dos Andes, em terras do Peru. Ao penetrar no Brasil, recebe o nome de Solimões até o encontro com o Rio Negro. Daí até sua foz, no Oceano Atlântico, é denominado Amazonas. Suas águas percorrem mansamente a Planície Amazônica, sendo navegável em toda a sua extensão. Em contraste com a mansidão de seu percurso, é gigantesco o encontro das suas águas com as do mar. Forma

ondas de 10 a 12 metros de altura e provoca o fenômeno da “pororoca”.

Sua largura atinge mais de cem metros na foz do Rio Negro. A profundidade é variável, chegando em certos lugares a atingir cento e quarenta metros, o que permite o tráfego de grandes navios até Manaus.

A imensa floresta, aí existente é o principal obstáculo à abertura de estradas, tornando a navegação fluvial o meio mais eficiente de circulação.

No Rio Amazonas encontra-se a “Vitória Régia”, planta aquática, com belas flores e famosa pelo tamanho excepcional de suas folhas flutuantes, chegando a medir dois metros de diâmetro.

Manaus é a capital do Estado e a segunda cidade de maior importância da Região Norte. Localizada à margem esquerda do Rio Negro, distante poucos quilômetros do Rio Amazonas, cercada pela impenetrável floresta, é chamada “Rainha da Selva”.

A cidade apresenta aspectos interessantes. Nas áreas inundáveis as casas são construídas sobre estacas ou sobre embarcações. Nas áreas onde não existe o problema da inundação, suntuosas construções, como o Palácio Rio Negro, sede do Governo Estadual, e o Teatro Amazonas, enfeitam a cidade plantada no meio da floresta.

E o Rio-Mar — o soberbo Amazonas — está aqui batizando esta rua do Bairro do Carmo, de nossa cidade.

A N H A N G U E R A

Da Avenida Princesa Isabel —
Bairro São Francisco até o fi-
nal do Bairro Boa Esperança.

Os primeiros povoadores, partindo de São Paulo, seguiam o curso dos rios que correm para o interior. Os grupos que se embrenharam pelo sertão tiveram as denominações de Estradas e Bandeiras.

As bandeiras eram geralmente organizadas por iniciativa particular, seguiam o curso dos rios ou trilhas dos índios.

As bandeiras, formadas por centenas de pessoas sob a direção de um chefe, tinham duas finalidades: a caça ao índio para escravizá-lo e a procura de riquezas minerais.

Os bandeirantes eram homens fortes e corajosos, enfrentavam todos os perigos da selva e a reação dos índios, conseguiram desbravar o sertão brasileiro. Levavam armas de fogo e ferramentas para abrir caminho na mata.

Bartolomeu Bueno da Silva foi um desses audazes bandeirantes, à cata de ouro.

Goiás era um território desconhecido até o ano de 1682.. Nessa época Bartolomeu Bueno da Silva organizou uma bandeira e para lá se dirigiu, chegando até o rio Araguaia.

Quando voltava, encontrou ouro em mãos dos indígenas, procurando, de logo, saber de onde provinha o metal, mas os selvícolas nada queriam revelar.

O bandeirante, muito inteligente, intimidou-os queimando aguardente à vista deles.

Amedrontados com o poder do “feiticeiro” branco, que poderia queimar a água dos seus rios, revelaram o local onde se encontrava o precioso metal.

Bartolomeu Bueno da Silva apoderou-se das riquezas minerais e aprisionou muitos índios.

Ficou conhecido na história como o “Anhanguera”, nome indígena que significa — “Diabo Grande” ou “Feiticeiro”.

E esse fato histórico dos tempos das bandeiras, está gravado nesta rua, atestando para os pósteros, a doce ingenuidade do índio brasileiro, na época dos nossos colonizadores.

A N Í S I O N E V E S

Fica no Bairro Ceará. Da Avenida Dr. Armando Cajubá até o final do Bairro Boa Esperança.

Anísio de Almeida Neves, nascido em Tutóia Velha, Estado do Maranhão, em 27 de fevereiro de 1891, era filho de Paulino Gomes Neves e Maria de Almeida Neves.

Passou a sua infância entre Tutóia-Velha e Tutóia-Nova, esta fundada pelos seus genitores, no início do século atual, onde fez os seus estudos primários.

Na juventude, foi enviado para São Luiz, capital do Estado, onde continuou os estudos num internato particular, sob a direção e responsabilidade do Professor Machadinho, homem culto e grande amigo do Coronel Paulino Neves, que muito trabalhou pela sua formação moral e intelectual.

Fez o seu curso Técnico-Comercial de acordo com o que era possível na época.

Após o curso, veio trabalhar em Parnaíba, na firma Franklin Veras & Cia., pois, o Coronel Franklin Veras era seu tio afim, primo de seu pai.

Aqui permaneceu pouco tempo, pois Franklin Veras e Paulino Neves constituíram uma firma comercial em Tutóia-Nova e para lá foi enviado Anísio Neves como auxiliar da novel empresa.

Ali viveu toda a sua mocidade, em plena atividade comercial, quando Tutóia viveu a sua fase de rápido progresso, com o seu movimento portuário bastante animador, servindo de escoadouro de toda a zona ribeirinha do Parnaíba.

No ano de 1917, casou-se com sua prima Alzira Guilhermina Fonseca Neves, filha de seu tio paterno João José das Neves.

Deste consórcio nasceram nove filhos que, hoje honram e dignificam à memória dos seus ancestrais.

Anísio Neves, em 1922, transferiu a sua residência para Parnaíba. Após a sua chegada, fundou sua firma individual — Anísio Neves — sucedida em 1940, por Neves & Cia., com matriz nesta cidade e três filiais em Teresina.

Durante vários anos, foi chefe da contabilidade da firma J. Narciso & Cia., desta praça.

Mais tarde, ao lado do Coronel José Narciso da Rocha Filho e do Engenheiro José Meira de Vasconcelos, formou a empresa comercial sob a razão de Narciso, Meira & Cia. Ltda.

Também trabalhou durante vários anos como Corretor Oficial de Fundos Públicos, cargo hoje, equivalente a Corretor Oficial de Bolsas de Valores. Foi, durante alguns anos, Secretário da Associação Comercial de Parnaíba.

Anísio Neves recebeu esta homenagem, dando o seu nome a esta rua do Bairro Ceará, faleceu nesta cidade a 2 de agosto de 1957, ali na Rua Visconde de Itaborai, hoje denominada de José Narciso, seu antigo sócio e grande amigo.

A N Í S I O D E A B R E U

Fica no Bairro São José. Da
Avenida Alvaro Mendes à Rua
7 de Setembro.

Anísio Auto de Abreu, que nasceu em Teresina, em 1863, era formado pela Faculdade de Direito de Recife.

Ocupou a Promotoria Pública de Parnaíba, com muito brilho, deixando no Forum local, o fulgor de seu talento. Foi Juiz de Piracuruca, Batalha e Teresina.

Mais tarde, enveredando pela política, foi Chefe de Polícia, Deputado Estadual e Deputado Federal, em 1894, sendo reeleito para mais dois períodos legislativos. Foi, ainda, Senador da República, reconhecido como um dos mais notáveis oradores parlamentares de sua época.

Eleito Governador do Estado, teve entretanto curto mandato — 1 de julho de 1908 a 6 de dezembro de 1909, data em que faleceu em Teresina. O término de seu mandato foi exercido por Manuel Raimundo da Paz, Presidente da Assembléia Legislativa.

Anísio de Abreu foi grande poeta e notável jornalista. Como Castro Alves, tornou-se um apóstolo do abolicionismo, escrevendo poemas e artigos magistrais na imprensa do país e em vários livros publicados. Deixou uma grande bagagem literária, pois era profundo conhecedor da língua portuguesa.

É Patrono da Cadeira N.º 7 da Academia Piauiense de Letras. Deu ainda o seu nome a um município do Piauí, quando em 1962 o povoado de Tamanduá, de São Raimundo Nonato, foi elevado à categoria de cidade, imortalizando, assim, o nome desse grande piauiense, que também está gravado nesta rua de nossa cidade, lembrando o velho e brilhante Promotor Público de nossa comarca.

ANTÔNIO NEVES

Fica no Bairro Bebedouro. Da Estrada de Rosápolis ao fim do Bairro Santa Luzia.

O Dr. Antônio de Almeida Neves, que aqui nasceu, em 24 de março de 1884, era filho de João José das Neves e de sua esposa Dona Rita da Fonseca Neves.

Formado pela Faculdade de Farmácia da Bahia, depois de brilhante curso; moço inteligente e muito comunicativo. direção da “Farmácia Humanitária”.

Depois da morte de seu pai, Antônio Neves, assumiu a Casou-se em primeiras núpcias com Dona Andreina Ribeiro Neves, filha do Coronel Antônio Martins Ribeiro. Deste consórcio teve uma filha, Maria Neves Veras, casada com o Dr. Álvaro Veras.

Mais tarde, com a morte da esposa, contraiu segundas núpcias com Dona Felicidade Veras Neves, conhecida em família por Dona Dalila, hoje nonagenária. Tinha uma filha, Dona Andreina Neves Pereira da Silva, casada com o Dr. Jeremias Pereira da Silva, Promotor Público desta cidade, por vários anos, ambos já falecidos.

Quando da fundação do “Cassino 24 de Janeiro”, em 11 de janeiro de 1952, clube da alta elite parnaibana, coube a Presidência ao Dr. Antônio Neves. Seus companheiros de diretoria eram os seguintes: Vice-presidente — Celso Augusto de Moura Nunes; Primeiro-secretário — Acrísio de Paiva Furtado; Segundo-secretário — José Cristiano Carneiro e Tesoureiro — Josias Freire Santiago.

A primeira sede do “Cassino 24 de Janeiro é onde hoje funciona a firma Neves & Cia., à Avenida Presidente Getúlio Vargas com a Rua Vereador Alcenor Candeira.

Ali, Antônio Neves, apesar da fisionomia um pouco fechada, no íntimo era pessoa de bom humor, alegre e expansivo, deu ao novel clube um esplendor extraordinário.

Que deslumbramento as festas carnavalescas! Blocos bem organizados, com fantasias de luxo, requintadas, muito con-

fete, muita serpentina. Muita ordem e muito respeito. Como eram bonitas as festas do passado!

E as festas juninas? Outro deslumbramento!

As carroças enfeitadas, orquestras improvisadas, trajés e comidas típicas, chegavam os ‘magotes de matutos’ à porta do clube elegante da Parnaíba do passado.

E Antônio Neves, tanto no carnaval como no “São João da Roça”, todo eufórico, sorridente; até ufano, por que não dizer, recebia todos com alegria imensa.

Mais tarde, o “Cassino” mudou-se para a antiga residência do Coronel Jozias de Moraes, na Avenida Presidente Vargas.

O Dr. Antônio Neves morreu muito moço, apenas com 48 anos de idade, deixando um vácuo imenso no seio do comércio e da sociedade parnaibana, em 13 de maio de 1932.

É lastimável, verdadeiramente lastimável, que o tradicional e querido “Cassino”, ponto alto da elite da terra, tenha desaparecido para sempre. Nada lhe resta, apenas algumas pálidas lembranças. Até o seu prédio já foi demolido. É a implacabilidade do destino!

O Dr. Antônio Neves muito trabalhou quando da fundação e instalação da “Colônia do Carpina”, importante faceta de filantropia de sua personalidade.

Era irmão de Berilo Neves, jornalista, cronista, poeta, filólogo e crítico literário, nome que teve projeção nacional.

Assim, felicitamos esta rua, por ter um patrono tão ilustre, um homem que soube engrandecer a terra onde nasceu e onde viveu.

AREOLINO DE ABREU

Fica no Bairro São José. Da
Avenida Álvaro Mendes à Rua
7 de Setembro.

Areolino Antônio de Abreu que nasceu na “Cidade-Verde” — Teresina — no ano de 1865, era médico pela tradicional Faculdade de Medicina da Bahia.

Quando acadêmico, tornou-se poeta, de rara sensibilidade, ilustrando as páginas dos jornais baianos.

Ingressou no Piauí no magistério, como competente professor de Português e Matemática.

Mais tarde, enveredou pela política, sendo eleito Deputado Provincial, Presidente do Conselho Municipal de Teresina e Membro do Tribunal de Contas do Estado.

Grande orador. Empolgava o povo. Era, sem dúvida, um tribuno de fôlego e talento.

Jornalista, assíduo colaborador dos jornais “O Piauí” e “A Pátria”, órgãos de farta circulação na capital e no interior do Estado.

Com a morte do Governador Álvaro de Assis Osório Mendes, assumiu o Governo, como Vice-Governador, para completar-lhe o mandato — 5 de dezembro de 1907 a 31 de março de 1908.

Areolino de Abreu, antes de terminar o seu mandato, também veio a falecer.

Para terminar este fatídico período governamental, assumiu o Executivo estadual, o Dr. José Lourenço de Moraes e Silva, na qualidade de Presidente do Tribunal de Justiça.

Escreveu várias obras, mais tarde coligidas e publicadas por seu ilustre filho Wladimir de Abreu.

Patrono de uma das cadeiras da Academia Piauiense de Letras.

Foi, sem dúvida, um dos luminares da terra mafrense, merecendo, portanto, as homenagens da municipalidade parnaibana que, fazendo justiça aos seus méritos, deu-lhe esta rua.

A R M A N D O B U R L A M A Q U I

Da Avenida Princesa Isabel, no
Bairro São Francisco da Guari-
rita à Avenida Padre Raimun-
do Vieira, no Bairro de Fátima.

Na velha e histórica Oeiras, a primeira capital da Província do Piauí, nasceu Armando César Burlamaqui, que mais tarde, seria Oficial da Marinha Brasileira.

Seus pais: Engenheiro Cível Dr. Newton Burlamaqui e Dona Raimunda de Moura Batista Burlamaqui.

Era casado com a Senhora Evelina de Souza Burlamaqui, oriunda de importante família carioca.

Armando Burlamaqui, muito jovem ainda, ingressou na Marinha de Guerra do Brasil, onde fez brilhante carreira, dado os seus dotes de inteligência e de amor à Pátria.

Por dedicação ao estudo e ao trabalho, foi hierarquicamente galgando os mais elevados postos militares até chegar ao almirantado.

Na Marinha exerceu várias e elevadas funções. Foi adido Naval do Brasil na França e Inglaterra, cargos que desempenhou com dignidade e elevado espírito militar.

Na qualidade de amigo pessoal do Presidente Epitácio Pessoa, exerceu no Ministério da Marinha, alto cargo, com elevado senso patriótico, honrando, assim, as tradições das Forças de Mar e Guerra.

Mais tarde, ingressou na política, tendo sido eleito Deputado Federal pelo seu Estado natal.

No Parlamento, teve destacada atuação em favor dos interesses do Piauí, terra que amou com desvelo e abnegação.

Foi, sem dúvida, um dos políticos de maior prestígio do Estado, em sua época.

A sua residência no Rio de Janeiro tinha as portas abertas para os seus coestaduanos. Todos ali eram atendidos com presteza, amabilidade e solicitude.

Político de coração grande, sentia prazer em ser útil ao Piauí e aos piauienses.

Homem de vasta cultura, publicou inúmeras obras sobre a Marinha Brasileira, destacando-se “Direção da Guerra no Mar”.

Armando Burlamaqui, quando Deputado Federal, visitou várias vezes Parnaíba, hospedando-se no Palacete do Coronel Jozias Moraes, seu grande amigo e valoroso correligionário.

A sua última visita à nossa cidade foi em 1921, acompanhado pelo seu médico-assistente Dr. Leônidas de Castro Melo, que, posteriormente, foi Governador e Interventor Federal do Piauí, no período de 1935 a 1945. O Dr. Leônidas Melo faleceu em maio de 1981, em Teresina.

O Almirante Armando César Burlamaqui, que engrandeceu a terra piauiense, pela sua invejável cultura e pelo seu acendrado patriotismo, faleceu no Rio de Janeiro, passando o seu nome para as páginas da história do Piauí e para esta rua de Parnaíba, a cidade que ele tanto admirava.

BARÃO DO RIO BRANCO

Fica no Bairro São José. Da Rua 7 de Setembro a Rua 7 de Janeiro.

José Maria da Silva Paranhos Júnior — o Barão do Rio Branco — que nasceu no Rio de Janeiro, em 1845, era filho do Visconde do Rio Branco, uma das individualidades mais notáveis do Império. O filho saiu ao pai, no que tange à seriedade da formação cultural e à dedicação incondicional aos interesses da Pátria. O Barão do Rio Branco era, por herança e pela educação, um homem voltado ao interesse coletivo. Nele, não havia lugar para o parcialismo político, nem para o gozo de comodidades pessoais.

Modestamente, no exercício de um simples consulado geral em Liverpool, acumulou durante largos anos o mais profundo conhecimento da realidade geográfica do Brasil. Adquiriu, assim, vasto e sólido saber sobre sua Pátria, cujo passado não lhe ocultava segredos, da mesma forma que bem entendia das condições de sua existência no presente e da sua capacidade de desenvolvimento e grandeza no futuro.

Quando, pois, lhe coube prestar à nascente República os seus serviços, à frente da pasta das Relações Exteriores, Rio Branco estava habilitado a conduzir com segurança e competência os esforços para solução das questões de fronteiras com os países limítrofes.

Durante sua gestão ministerial, que durou de 1902 até 1912, nos governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca, foram firmados vinte e nove tra-

tados de limites com Estados vizinhos, através dos quais também se fortaleceram os laços de amizade com as repúblicas sul-americanas. As questões fronteiriças mais importantes solucionadas com a intervenção de Rio Branco foram:

1) — o litígio das Missões, com a República Argentina, submetido em 1895 à arbitragem do Presidente Cleveland, dos Estados Unidos, cabendo ao Barão do Rio Branco a defesa dos direitos do Brasil, que ficaram plenamente reconhecidos;

2) — o litígio do Amapá com a França, em torno dos limites com a Guiana Francesa, arbitrada a favor do Brasil, em 1897, pelo Presidente da Confederação Helvética — Suíça.

3) — a questão do Acre, resolvida por meio de tratado com a Bolívia, em 1903, incorporando-se ao Brasil todo o vasto território que é hoje o Estado do Acre. A sua capital recebeu o nome de Rio Branco.

Deve-se também ao notável Chanceler brasileiro a criação do primeiro cardinalato da América do Sul, com sede no Rio de Janeiro. Coube a Dom André Arcoverde ser o primeiro Prelado de nossa Pátria, junto ao Colégio Pontifício.

Rio Branco foi, ainda, Membro da Academia Brasileira de Letras e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Profundo estudioso da História do Brasil. Escreveu numerosas obras, com invulgar erudição.

Hoje, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, passou a denominação de “Casa de Rio Branco”.

O Barão do Rio Branco viveu de 1845 a 1912. Suas extraordinárias vitórias diplomáticas e a política de boa vontade que implantou nas relações com os países vizinhos deram-lhe grande popularidade e, à sua personalidade, uma dimensão histórica, só por muito poucos igualada no rol dos grandes brasileiros.

Honra, pois, a Parnaíba, que, por inspiração patriótica, deu a esta rua, o nome notável de Barão do Rio Branco.

BENJAMIN CONSTANT

Antiga denominação: Rua da Estrela. Centro. Da Praça Santo Antônio à Avenida das Nações Unidas no Bairro do Carmo.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Engenheiro civil e militar, nasceu em 1833, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Na Guerra do Paraguai, tomou parte ativa como Capitão -Engenheiro, onde prestou grandes e inestimáveis serviços à Pátria.

Um dos principais conspiradores da República no Brasil. Foi quem organizou o plano da revolução de 1889 e convenceu o Marechal Deodoro da Fonseca, a chefiar o movimento republicano.

Vitoriosa a República, Benjamin Constant foi nomeado Ministro da Guerra e posteriormente Ministro da Instrução Pública.

Professor da Escola Militar, da Escola Politécnica e da Escola Normal do Rio de Janeiro.

Fundou e dirigiu, por dilatados anos, o “Instituto dos Meninos Cegos”. Hoje, em homenagem ao seu fundador, passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant”.

Conta-se desse notável republicano emocionante passagem, por volta de 1888, quando estava no auge a campanha em prol da libertação dos escravos no Brasil.

Na época, flamejava por toda a parte o verbo poderoso e eloquente de José do Patrocínio, o apóstolo da liberdade.

Certa tarde, entra no gabinete do grande abolicionista negro o Professor Benjamin Constant, acompanhado de um numeroso grupo de meninos cegos.

Patrocínio — exclamou Benjamin — trouxe-te os meus cegos que querem ver o grande tribuno brasileiro.

Os cegos passam a mão no rosto de Patrocínio, que os abraça, chorando de emoção.

E num arroubo de eloquência, Patrocínio brada:

“Meus meninos cegos, vocês vão ver a luz da liberdade nos olhos de todos os brasileiros! Obrigado, Benjamin!

Esse imortal republicano, que foi General por aclamação, morreu em 1891, aos 55 anos de idade, legando ao Brasil a luminosidade de seu patriotismo e uma obra de alto humanitarismo — o “Instituto dos Cegos Benjamin Constant”.

B E N E D I T O S A N T O S L I M A

Antiga denominação: Rua 16 de Novembro. A sua atual denominação foi dada pela Lei Municipal N.º 876, de 11 de março de 1975. Da Avenida Dr. Armando Cajubá à Avenida Padre Raimundo Vieira. Linha divisória entre os Bairros Ceará, São Francisco da Guarita, Fátima, Pindorama e São Benedito.

Foi ali no Sítio São Raimundo, no município de São Bernardo, Estado do Maranhão, numa casa grande, cercada de enormes alpendres, sombreada de árvores e o trinar dos pássaros, que nasceu um garoto que mais tarde seria um dos grandes historiadores de Parnaíba.

Foi em maio, os campos estavam apinhados de flores, no dia 27 do ano de 1893, que nasceu Benedito Santos Lima, o querido e popular Bembém da Parnaíba do passado.

Seus pais: Tenente da Guarda Nacional José Estevão dos Santos e de Dona Genuína Correia Lima dos Santos.

Em sua quadra infantil, “quando de camisa aberta ao peito, correndo atrás das borboletas azuis”, aprendeu as primeiras letras e chegou ao livro de Felisberto de Carvalho, com o seu tio e padrinho Alípio Correia Lima.

Progrediu rapidamente; a inteligência já começava a despontar para um porvir salpicado de luzes.

Já rapazinho, em agosto de 1910, lá vem ele para nossa cidade, ser caixeiro do comerciante José Coelho Lima. E kons ventos iam levando-o para um porto seguro.

Taludo e com o seu “pé-de-meia” realizado, montou em 1919, a “Mercearia Bembém”, ali na Rua Duque de Caxias.

Neste ano, contraiu núpcias com D. Neuza da Fonseca Lima, deixando desse consórcio numerosa prole.

Cinco anos depois, associava-se comercialmente com o seu irmão Godofredo Correia Lima e instalava, a 1º de janeiro de 1924, a firma B. S. Lima & Cia.

Tudo corria rápido; além da seção de vendas, a firma tornou-se agente da Companhia Sul-América de Seguros e da Loteria Federal.

O ponto alto da vida de Bembém foi em 1924, ano que marcou o seu ingresso nas lides jornalísticas.

Inteligente, arguto, charadista de peso e medida, espírito empreendedor, teve uma idéia magistral: dotar Parnaíba de um órgão de publicidade, mas fugindo ao rudimentar jornal. E dessa concepção, nasceu o “Almanaque da Parnaíba”.

Recrutou valores, foi buscar Edson Cunha, Joel de Oliveira, Joaquim Meireles, Francisco Aires, Lívio Pacheco, o Lily-Pery, Alarico da Cunha, Cazuza Porto, Jesus Martins e outros, formando assim, o melhor elenco intelectual da época. Era uma plêiade de jornalistas, historiadores, poetas, charadistas, contistas, enfim, era um verdadeiro coquetel de cultura.

E o “Almanaque da Parnaíba” veio a lume, ganhou as ruas, caiu no gosto do povo, criou conceito, ultrapassou fronteiras.

Estava vitoriosa a idéia do Bembém, passando este brilhante jornalista e homem de acentuado bom humor para a posteridade parnaibana.

O “Almanaque da Parnaíba” ou o “Almanaque do Bembém”, como às vezes é chamado, é hoje a maior fonte histórica da cidade.

Afirmamos, de conhecimento próprio, que, para se escrever a história da “Deusa do Igaraçu — Princesa das Canárias”, no dizer poético de Jesus Martins, tens de pesquisar a coleção deste valioso anuário.

Este nosso trabalho deve muito a este relicário histórico; razão por que dedicamos esta página de exaltação ao imortal Benedito Santos Lima. Ele foi, em vida, um sacerdote da história da terra que o acolheu, de braços abertos, em 1910.

A sua glorificação está pontificada nas páginas do Almanaque e no coração do povo parnaibano, que não esquecerá nunca o Bembém da Parnaíba do passado, o Bembém da Parnaíba do presente, pois uma obra como a sua é imperecível.

Fundou também o “Aljava”, jornal literário, e a Biblioteca Infantil, hoje ambos sob a direção do jornalista Raimundo Fonseca Mendes, decano do jornalismo parnaibano.

O “Almanaque da Parnaíba” continua a sua marcha vitoriosa, hoje sob a direção da família do saudoso homem de letras, que foi Ranulfo Torres Raposo, falecido em 23 de setembro de 1980.

Bembém faleceu a 21 de agosto de 1958, mas continua vivo, bem vivo, através da grande obra que deixou, obra imperecedoura, despontando para a posteridade.

B O R G E S M A C H A D O

Fica no Bairro Pindorama até o final do Bairro Boa Esperança. Da Rua Benedito Santos Lima à Rua Major Análio.

Em tempos remotos, diz a história, estabeleceu-se à margem do riacho Tubi, em terras maranhenses, localizado entre vales e serras, uma senhora de nome Inácia Vaz, que instalou ali, um engenho para fabricação de rapadura e aguardente.

Dada a fertilidade das terras, banhadas pelas águas do pequeno rio, o engenho floresceu, dando motivação à vinda de diversas famílias, formando assim, em pouco tempo, uma próspera povoação.

D. Inácia Vaz, satisfeita com o progresso de sua propriedade, ergueu uma capela e deu-lhe como Padroeira Nossa Senhora de Santana.

Mais tarde, fez doação do terreno, passando o povoado a vila, em 1863, por mercê da Corte Imperial, com o nome de Buriti de Inácia Vaz.

Catorze anos depois de Buriti ter sido elevada à categoria de vila, nascia em abril de 1877, embalado pelo sussurrar do Tubi, Antônio Borges Machado, nosso biografado e patrono desta rua.

Como Brejo de Anapurus era o centro educacional mais adiantado da região, Borges Machado, de tradicional família maranhense, foi estudar naquela cidade.

Matriculou-se na afamada Escola do Professor Honório Martins Ferreira, competente Mestre de nosso vernáculo que, em concurso em São Luiz, para efetivação de sua carreira como Professor Público, conquistou brilhantemente o primeiro lugar, sendo aclamado pelos colegas e pela própria banca examinadora.

Vários alunos do Professor Martins Ferreira, com sólida base em seus estudos, vieram para Parnaíba em busca de trabalho no comércio. Todos venceram.

Aqui destacamos quatro: Antônio Borges Machado, o nosso biografado; Benedito Santos Lima, o Bembém, fundador do “Almanaque da Parnaíba”, já falecidos. Vivos: Godofredo Correia Lima, competente contabilista da Santa Casa de Misericórdia, nosso grande amigo, e Moacir Cunha, intelectual, funcionário estadual, aposentado, e nosso brilhante confrade da Associação Parnaibana de Imprensa.

Borges Machado, no fim do século passado, chegava à Parnaíba para ingressar como auxiliar de comércio em nossa cidade.

Alguns anos depois, já casado com D. Umbelina Rebelo Machado, fundou uma firma comercial com a sua sogra, D. Antônia Pires Rebelo, para exploração do ramo de tecidos, mercadorias em geral e produtos farmacêuticos.

A loja e a farmácia receberam a denominação de “A Parnaibana”.

Posteriormente, a “Farmácia Parnaibana” passava para o Dr. Genésio Pires Rebelo, na época, farmacêutico recém-formado, filho de Dona Antônia Pires Rebelo.

Borges Machado, homem de larga visão, de dilatados horizontes, tinha uma forte inclinação para a arquitetura. Projetou e dirigiu a construção de vários palacetes de nossa cidade, destacando-se os dos senhores Pedro Machado, Samuel Bompét, Belarmino Pires, Dr. Cândido Ataíde e outros.

D. Altair Pires Ataíde, digna esposa do ilustre médico Dr. Cândido de Almeida Ataíde, conceituado cirurgião da Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba, era filha adotiva de Borges Machado.

A veneranda senhora D. Umbelina Rebelo Machado, viúva de Borges Machado, conta atualmente 98 anos de idade, em perfeita lucidez de espírito e reside na Praça Santo Antônio. Constitui um padrão de honra e de dignidade das famílias Pires e Machado.

E, num dia sombrio de outubro de 1935, em plena Rua José Narciso, com a idade de 58 anos, Borges Machado morreu, fulminado por um enfarte, causando este lutuoso acontecimento geral consternação no seio da sociedade parnaibana.

C A I A P Ó S

Da Avenida São Sebastião, cortando o Bairro Pindorama até a Estrada PI-7, no Bairro Ceará.

Os índios da nação tapuia eram muito mais atrasados do que os tupis, mas algumas de suas tribos tornaram-se famosas pela ferocidade e pela resistência com que combatiam os portugueses invasores.

Entre as tribos tapuias destacavam-se os Caiapós. Havia os Caiapós do sul e do norte.

Os do sul dominavam os sertões situados entre as cabeceiras dos rios Paraná e Araguaia; os do norte, viviam entre o Araguaia e o Xingu, ao norte do rio Tapiraçá.

Quase todas as tribos indígenas deixaram uma tradição folclórica que hoje está sendo revivida.

Os valentes e ferozes Caiapós, por exemplo, deixaram uma dança muito comum nas festas religiosas do Brasil Central.

Essa dança representa o ataque de brancos ao índio e a sua ressurreição pelos poderes mágicos do pajé.

Termina com a ressurreição de Macura, um jovem índio, forte, esbelto, todo coberto de penas multicores, enquanto a tribo dança e canta.

E a festa do Macura hoje faz parte do calendário folclórico do Brasil Central.

E agora vamos conhecer outra faceta dos ferozes Caiapós, onde aparece uma mulher que tornou-se um símbolo de bondade e de amor à Pátria.

Damiana da Cunha era neta do cacique dos Caiapós, tribo que assolava as estradas que ligavam a capitania de Goiás às de Minas Gerais e São Paulo. Tão perigosos eram esses índios que, assaltando os viajantes, atacando as “bandeiras”, tornavam às vezes intransponíveis tais estradas.

Luis da Cunha e Menezes, governador de Goiás, diversas vezes organizou grupos armados para combatê-los. Num desses ataques, o soldado José Luís, que comandava a expedição, conseguiu dominar os Caiapós e, de volta, vieram com ele para a civilização trinta e seis índios, entre os quais mulheres e crianças e o próprio cacique da tribo. Com o cacique vinham sua filha e as duas netinhas, que foram batizadas, recebendo uma delas o nome de Damiana e o sobrenome de Cunha, que lhe deu o Governador, seu padrinho.

Cunha e Menezes era muito generoso e instalou os índios na aldeia de São José de Mossâmedes.

Damiana da Cunha passou nessa aldeia sua infância e mocidade, esquecida de sua origem, entusiasmada pelas vestes femininas, costumes e língua falada pelos brancos, voltada enfim, para os costumes da civilização. Estava ela predeterminada a ser a primeira missionária brasileira.

Aos dezoito anos era uma linda mulher e casou-se com um homem branco dali, que assentara praça no batalhão local. Foram felizes, mas dele quase nada se sabe.

Damiana da Cunha tornava-se um elo entre os índios e os civilizados, pois via com grande tristeza que os de sua tribo, longe de seguirem seu exemplo, continuavam a assaltar os viajantes das estradas desertas e a causar inquietação e pavor aos moradores das outras vilas da capitania.

O governador, vendo que seus esforços não davam resultado, dirigiu-se a Damiana, a quem pediu que iniciasse uma catequese para converter os índios e chamá-los à civilização.

Damiana que era dotada de inteligência e coração generoso, querendo testemunhar a sua gratidão e estima, prontamente atendeu ao pedido do Governador.

Seguiu ao encontro da tribo dos Caiapós, enfrentando todos os perigos e obstáculos, certa de que a sua volta era um dever, pois o que a civilização lhe dera exigia de sua parte uma retribuição. A melhor paga era embrenhar-se pelo coração da floresta e procurar os selvagens, trazendo-os para a companhia dos brancos. Junto com seu marido e dois índios, permaneceu seis meses na mata, voltando cansada, com um punhado de índios.

Sem desanimar, novamente internou-se na mata, procurando por todos os meios convencer seus irmãos, e de regresso novo contingente de índios a acompanhava.

Realizou a missionária, sempre triunfante, nada menos de quatro incursões. Essa mulher, no papel de civilizadora, esquecia-se de si mesma, do seu lar e das grandes alegrias da vida, para se dedicar à sua tão alta missão. E assim continuou, atravessando pântanos, lutando contra feras e selvagens para catequizar os índios.

O ano de 1829 terminava quando grande massa de Caiapós cercava Cuiabá. Era difícil a resistência, mas duas bandeiras partiram, uma por terra e outra pelo rio. Os Caiapós tiveram que ceder, porém não desistiram e continuaram a assaltar, matando e depredando. Cada vez mostravam-se mais furiosos e a resistência dos brancos se tornava inútil.

Foi então uma mulher sem armas que mais uma vez surgiu para vencê-los com a sua palavra e o seu sorriso: Damiana, a missionária. Partira com o seu esposo e o velho casal de índios, para voltar em janeiro de 1831. Chegou carregada nos braços dos índios, envelhecida e sem ânimo, morrendo pouco depois com uma oração nos lábios e o crucifixo nas mãos.

Damiana da Cunha foi, sem dúvida, a primeira missionária brasileira, grande na sua época e grande no seu destino, porque soube servir ao Brasil e à civilização.

E a Rua dos Caiapós, de maneira indireta, homenageia Damiana da Cunha, esse anjo tutelar dos silvícolas do Brasil Central.

C A M P O M A I O R

Fica no Bairro Bebedouro. Da Avenida Princesa Isabel à Rua das Flores.

Remonta ao século XVII o início do povoamento da então freguesia de Santo Antônio do Surubim, hoje a cidade de Campo Maior, com o estabelecimento de algumas fazendas de gado pelo fidalgo português Dom Francisco da Cunha Castelo Branco.

O ato de instalação da vila verificou-se no dia 8 de agosto de 1762, pelo Governador José Pereira Caldas.

Em face do elevado grau de prosperidade porque passava a vila, foi-lhe outorgada a categoria de cidade pelo Decreto Estadual N.º 1, de 28 de dezembro de 1889, do primeiro Governador Republicano do Estado, General Gregório Taumaturgo de Azevedo.

Campo Maior é uma cidade histórica do Piauí, destacando-se a sangrenta batalha do Jenipapo, desenrolada ali em 13 de março de 1823, entre as tropas portuguesas, comandadas pelo Brigadeiro José da Cunha Fidié e as tropas piauienses e cearenses pelo Capitão Rodrigues Chaves, que redundou na precipitada fuga de Fidié para Estanhado, hoje a cidade de União, depois refugiando-se em Caxias, no Maranhão, onde foi preso.

Ali, piauienses e cearenses juntos, escreveram com sangue uma das mais épicas páginas da nossa História.

A margem esquerda do Rio Jenipapo, no local onde se feriu a sangrenta batalha, foi erigido, no Governo Alberto Silva, um monumento em memória aos heróis que tombaram em defesa da independência da Pátria.

Santo Antônio é o padroeiro da cidade e a sua festa se realiza em 13 de junho, movimentando a sua população em torno do Taumaturgo de Pádua.

“A terra da carnaúba” que, pelo Censo de 1980, tem uma população de 67.761 habitantes, é a terceira cidade do Estado do Piauí.

C A S T E L O

Da Avenida Princesa Isabel no
Bairro São Francisco da Guari-
ta à Rua das Flores, no Bairro
do Bebedouro.

A cidade de Castelo do Piauí, encravada na zona fisiográfica da Ibiapaba, distante de Teresina 192 quilômetros, em seus primórdios, teve origem no lugar Rancho dos Patos.

Pela Carta Régia de 19 de junho de 1761, o povoado foi elevado à categoria de vila e sede municipal, com a denominação de Marvão.

Posteriormente, já em 1890, recebeu o nome de Castelo e, em 8 de outubro de 1948, pela Lei N.º 169, passou a denominar-se Castelo do Piauí. Hoje, a sua população é de 28.538 habitantes, consoante o Censo de 1980.

Sua Padroeira é Nossa Senhora do Desterro, cuja festa realiza-se a 25 de dezembro, dia de Natal.

Em Castelo existe um acidente geográfico muito curioso, envolto em uma lenda bastante interessante.

É uma pedra famosa, de formato oval, medindo aproximadamente vinte metros de altura, com uns trezentos metros de circunferência, distante sessenta quilômetros da cidade. Chega-se ao seu cume, por uma escada natural, de forma triangular; lá em cima há uma planície de capim agreste, de onde se observa as curvaturas do rio Poti, apresentando um belo espetáculo. No centro há uma clarabóia que fica sobre uma sala grande que atravessa a pedra de lado a lado. Da sala grande se dirigem duas grutas para o interior da pedra. Numa delas há um oratório.

Reza a tradição que na pedra foi encontrada a imagem de Nossa Senhora do Desterro. A imagem foi levada para a Igreja, mas dali desapareceu e novamente foi encontrada na pedra em que fora achada.

E só permaneceu na Igreja após a criação da freguesia de Nossa Senhora do Desterro. Essa imagem era de pedra, de tamanho pequeno, e desapareceu definitivamente da Matriz de Castelo há mais de meio século, sem jamais se saber de seu paradeiro.

E vocês da Rua Castelo, sabiam desta história bonita e curiosa da lenda de Nossa Senhora do Desterro?

C A R A M U R U

Da Avenida Princesa Isabel, no Bairro São Francisco da Guariíta, passando pelo Bairro Pin-dorama, até o final do Bairro Boa Esperança.

Diogo Álvares era um colono português que teria naufragado na costa baiana, provavelmente em 1509, conseguindo salvar-se e chegar à terra firme.

Feito prisioneiro pelos índios, valeu-se Diogo Álvares de um arcabuz e pólvora que conseguira trazer consigo, atirando em uma ave, em pleno voo.

O estalo do tiro e o fato de a ave cair morta causaram aos silvícolas tanta impressão e medo que imediatamente soltaram Diogo Álvares, chamando-o de “Caramuru”, isto é, “homem do fogo, filho do trovão”.

Desde então, Diogo Álvares tornou-se respeitado pelos índios, casando-se depois, com a linda Paraguaçu, filha do cacique.

Desse casamento, realizado no ritual indígena, nasceram vários filhos, destacando-se Antônio Dias Adorno, que foi ao sertão procurar pedras preciosas e Belchior Dias Moréia, que afirmou haver descoberto minas de prata no interior da Bahia.

Diogo Álvares e sua esposa estiveram na França. Muitos autores não acreditavam nessa viagem, mas há poucos anos foi encontrada na Igreja de uma cidade do sul da França, a certidão de batismo de Paraguaçu. Por esse documento ve-

rificou-se que ela foi batizada com o nome de Catarina Alvares.

Tudo faz crer que, com a denominação de Rua Caramuru, Parnaíba quis assim deixar gravado para a posteridade, este fato altamente histórico da colonização do Brasil.

C O E L H O B A S T O

Fica no Bairro São Benedito. Da
Avenida São Sebastião à Avenida
Padre Raimundo Vieira.

José Tomaz Coelho Basto era um dos filhos de Paulino José Coelho Basto, o velho português de Trás-os-Montes, a tradicional província de além-mar.

Casado com D. Amélia Fernandes Basto, conhecida no seio da família por Dona Mariquinha, matrona de grande coração e de respeitável memória.

Entre os filhos deste venerando casal, destacava-se Fausto Fernandes Basto, advogado provisionado, com brilhante atuação no foro local, político de grande conceito, gozando de invejável prestígio e grande proprietário neste município.

Coelho Basto, o nosso biografado, foi também um político de envergadura moral e exercia altas funções na Alfândega de Parnaíba, gozando ali de muito conceito, dado os seus altos dotes de espírito e coração.

Foi um dos fundadores da Loja Maçônica “União Parnaibana”, onde galgou posição de destaque no quadro de obreiros desta sociedade de fraternidade universal.

Ao lado de outros companheiros, fundou em 20 de agosto de 1899, fim do século passado, a “Sociedade Protetora Parnaibana”, entidade de auxílio mútuo, que bons serviços prestou a esta terra. Foi ele o seu primeiro Presidente, no período de 1899 a 1900.

Era parnaibano de nascimento e aqui morreu, deixando Dona Mariquinha desolada. Em 1931 faleceu Dona Mariquinha.

Ainda vive nesta cidade sua filha inupta, D. Filomena Fernandes Basto, conhecida na intimidade por Dona Filoca, com a provecta idade de 86 anos. Reside à Rua Pedro II; 557.

José Tomaz Coelho Basto é um desses homens que passou pela vida deixando o rastro de sua invulgar personalidade, merecendo assim esta homenagem que lhe foi prestada — Rua Coelho Basto.

COELHO RODRIGUES

Fica no Bairro São José. Da Avenida Alvaro Mendes à Rua 7 de Janeiro.

Antônio Coelho Rodrigues, um dos homens mais notáveis do Piauí, nasceu em 1846, na Fazenda Boqueirão, da velha Oeiras, terra povoada pelo destemido bandeirante Domingos Afonso Mafrense.

Há um fato curioso na vida desse ilustre piauiense: batizou-se como Antônio de Souza Martins, mas questões íntimas de família fizeram-no adotar os sobrenomes de Valério Coelho Rodrigues, de seu bisavô, também bandeirante paulista que se instalara no Piauí.

Pela Faculdade de Direito de Recife, em 1867, conquistou, com raro brilhantismo, o título de Bacharel, com defesa de tese e tornou-se o primeiro doutor de borla e capelo do Brasil.

Mais tarde, tornou-se lente de sua antiga Faculdade de Direito de Recife, lecionando Direito Romano, Direito Internacional, Economia Política e Direito Civil.

Foi um extraordinário técnico em jurisprudência, pensador, jurista e filósofo.

Deputado-Geral em 1870 pelo seu Estado, ainda eleito Deputado, em várias outras legislaturas.

Jornalista de alto mérito, emprestou o valor de sua pena à imprensa de Teresina, Recife e Rio de Janeiro.

Foi designado pelo Presidente Marechal Deodoro da Fonseca para elaborar o projeto do Código Civil, mas apesar de

brilhante trabalho, foi recusado pelo Governo do Marechal Floriano Peixoto.

Prefeito do Rio de Janeiro — Distrito Federal — cargo que desempenhou com marcante atuação e alta honestidade.

Deixou valiosos trabalhos publicados que honram e dignificam o patrimônio cultural da Pátria.

Exerceu ainda, a advocacia com raro descortínio jurídico em vários Estados brasileiros.

De regresso de sua viagem à Europa, em 1º de abril de 1912, quando o vapor ancorava na Ilha de São Vicente, no Rio de Janeiro, faleceu a bordo o grande piauiense Antônio Coelho Rodrigues, aos 66 anos de idade, deixando o rastro de de sua luminosidade, de sua inteligência e de sua invejável cultura.

Coelho Rodrigues é Patrono de uma das Cadeiras da Academia Piauiense de Letras e também é Patrono desta bela rua de Parnaíba, do simpático Bairro de São José.

C O R O N E L G E R V A S I O

Fica no Bairro São José. Da
Avenida Alvaro Mendes à Rua
19 de Outubro.

Segundo o historiador Antônio Batista Fontenele, vamos dizer aqui como os Brito Passos chegaram em terras piauienses

Pedro de Brito Passos, casado com Ana Maria de Siqueira, vivia pobremente no sertão das Pedras de Fogo, Província do Ceará, tendo apenas uma fazendinha que mal dava para adquirir um pequeno lote de escravos para o trato da lavoura e criação de gado. Deste incipiente meio retirava o sustento doméstico.

Um dia acordou com a idéia de mudar-se para a vizinha Província do Piauí, escolhendo preferencialmente a freguesia

de Piracuruca, lugar onde se recomendava a vaqueirice das fazendas de Nossa Senhora do Carmo. A idéia foi transformada em realidade, tão logo permitiram suas condições de mudança.

Pedro de Brito foi feliz na escolha e no palpite. Ao chegar ao novo destino, caiu-lhe nas mãos uma das melhores fazendas do patrimônio da rica Padroeira. Depois disso, teve como arrimo a proteção de seu anjo da guarda, que nem por um instante deixou de auxiliá-lo.

Prosperou de maneira prodigiosa e em pouco tempo sua posição era quase tão boa quanto a da benfazeja Protetora.

Quando Pedro de Brito Passos mudou-se para o Piauí, levava nove filhos, sendo Gervásio o sexto, por ordem de nascimento.

E agora, vejamos os principais traços biográficos do Coronel Gervásio de Brito Passos que empresta o seu honrado nome a esta rua do Bairro São José, o tradicional Tucuns do passado, com a simples denominação de Rua Coronel Gervásio.

Apesar de não ter nascido no Piauí, toda a sua vida pública se desenrola de maneira brilhante em terras mafrenses.

Político de renome no cenário nacional. Na Monarquia foi Deputado em cinco legislaturas seguidas, prestando relevantes serviços à nossa Província.

No regime republicano, foi novamente eleito Deputado Estadual, para quatro legislaturas, tendo ocupado a Presidência da Assembléia Legislativa em vários períodos.

Era Coronel da Guarda Nacional de Piracuruca desde 1888, usando em atos solenes o pomposo fardão de Coronel.

Foi ainda Senador da República pelo Piauí, em 1908, dignificando o cargo pela sua honestidade e honradez.

O Coronel Gervásio era muito ligado politicamente à Paranaíba, desfrutando aqui de largas amizades com os chefes políticos de sua época, os Moraes Correia.

Daí, por certo, nasceu esta admiração ao velho parlamentar, que fez do Piauí a sua terra, pelo coração.

CORONEL JOAQUIM ANTÔNIO

Antiga denominação: Rua Barras. Fica no Bairro Nova Parnaíba. Da Avenida Álvaro Mendes à Avenida das Normalistas.

O Coronel Joaquim Antônio Gomes de Almeida, casado com Dona Francisca Aguiar de Almeida, era abastado proprietário e um dos políticos mais acatados de nossa cidade.

Como homem público, prestou inestimáveis serviços à Parnaíba e ao Piauí.

Ocupou vários cargos de confiança administrativa, destacando-se, dentre outros, o de Administrador da Mesa de Rendas do Estado, onde imprimiu diretrizes no bem servir ao público e ao Governo.

Eleito Vereador à Câmara Municipal em diversas Legislaturas, ocupando com muita eficiência e honradez, também por várias vezes, a Presidência do Legislativo.

Em 31 de dezembro de 1936, foi eleito pelos seus pares para o cargo de Prefeito Municipal, vago em consequência da renúncia do ilustre médico Dr. Mirocles de Campos Veras. A sua gestão foi apenas de um ano — 1937 — perdendo o cargo pela implantação do Estado Novo no Governo de Getúlio Vargas.

Apesar da curta administração, revelou-se um bom Prefeito Municipal, consciente, zeloso e trabalhador.

Em sua gestão, tiveram início os trabalhos de ajardinamento da Praça Santo Antônio, concluídos mais tarde, na administração do Prefeito Mirocles Veras. É, sem dúvida, o mais bonito e pitoresco logradouro público de nossa cidade, hoje reformado e ampliado pelo Prefeito João Batista Ferreira da Silva.

Foi um dos grandes cooperadores da Santa Casa de Misericórdia, tendo exercido, em vários períodos, o cargo de Morfomo.

O Coronel Joaquim Antônio Gomes de Almeida pelos seus serviços prestados a esta terra, passou à história de Parnaíba, tendo aqui falecido e deixado honrada prole.

Nesta rua, entre a Avenida Álvaro Mendes e a Rua Dr. João Cândido, está a “Vila Fausto Basto”. É uma vila particular bastante movimentada, construída pelo abastado proprietário Coronel Fausto Fernandes Basto, de saudosa memória.

C O R O N E L P A C Í F I C O

Fica no Bairro São José. Da
Praça Antônio do Monte à Rua
7 de Janeiro.

É de Humberto de Campos, cintilante cronista nacional, este trecho que fazemos de preâmbulo para a história desta tradicional artéria pública de nossa cidade.

“Em Parnaíba, a rua que passa ao lado da Santa Casa de Misericórdia chama-se Coronel Pacífico.

À esquina, em um quadro feito de tinta escura, lia-se, quando ali cheguei em 1894, e ainda se lia em 1903, esse dístico, em tinta branca.

No prédio enorme, que toma todo um quarteirão, em que funciona hoje os serviços da caridade urbana, residia, há sessenta ou setenta anos, esse homem poderoso. Membro, dos mais proeminentes, da aristocracia da província, possuía numerosos escravos e grandes terras.

O seu gado mugia em nove comarcas do sertão e o seus negros enchiam toda a praça fronteira, à hora da bênção a seu senhor.

Um orgulho fundo enchia-lhe, por isso, o largo peito brasileiro, e era com displicência altiva que passava a mão pela barba grisalha e espalhada que, aberta em leque, lhe cobria o coração, assim termina o autor de “Memórias”.

E, agora, vamos conhecer um pouco da vida do Coronel Pacífico, o patrono desta rua, que vem com esta denominação desde o século passado.

Seu nome completo: Pacífico da Silva Castelo Branco. Nasceu na fazenda “Contente”, no município de Livramento, hoje José de Freitas, neste Estado, a 6 de janeiro de 1829. Era

filho do Tenente Estevam Lopes Castelo Branco e de D. Lina Rosa de Jesus.

Casou-se três vezes; a última, com Dona Filomena Fernandes Castelo Branco, de distinta família parnaibana. De seus consórcios teve onze filhos; uns se formaram em Direito e Medicina e outros se tornaram abastados fazendeiros.

Da cidade de União, onde morava, transferiu-se para Parnaíba, aqui fixou definitivamente a sua residência.

Homem arguto, inteligente e penetrante, desde logo pôs ao serviço da terra parnaibana toda a sua atividade, todo o seu prestígio, toda a sua vasta fortuna.

Assim, foi fácil o seu ingresso na política, galgando de logo postos de relevo.

Foi chefe do Partido Liberal, Vereador, Vice-Presidente e mais tarde Presidente do Conselho Municipal em vários períodos legislativos.

Apesar de ter sob o seu poder, algumas dezenas de escravos ali na casa-senzala, hoje local ocupado pela Santa Casa, e em suas inúmeras fazendas de gado, espalhadas pelas margens do rio Parnaíba, tinha idéias abolicionistas.

Para dar expansão ao seu espírito abolicionista, o Coronel Pacífico costumava na data de seu aniversário, 6 de janeiro, alforriar dois dos seus escravos, os de melhor comportamento durante o ano.

Dado o seu prestígio político, a sua imensa fortuna e o seu fiel devotamento ao Imperador Dom Pedro II, ao rebentar a guerra do Paraguai, o Coronel Pacífico recebeu uma carta do Presidente da Província, Dr. Franklim Américo de Menezes Dória, que governou o Piauí de 1864 a 1866, apelando para o seu patriotismo, num gesto de grande confiança, “convidando-o aceitar o Comando de um Batalhão de Voluntários da Pátria, composto de 468 praças, que devia seguir para o teatro das operações”.

O Coronel Pacífico, orgulhoso do convite e fiel às suas convicções de patriota, aceitou a honrosa missão e seguiu para o campo de batalha.

Terminada a Guerra do Paraguai, as heróicas forças brasileiras cobriram-se de glórias, conquistando pela sua bravura, pelo seu denodo, coragem e intrepidez, os louros da vitória, e regressaram ufanas ao Brasil.

E nessa ocasião Dom Pedro II, o Magnânimo Imperador do Brasil, “abraçou, apertando longamente contra o seu coração de soberano e patriota”, o Coronel Pacífico da Silva Castelo Branco que, naquele momento, emocionado profundamente, sentiu-se pago de todos os sacrifícios que fizera pela Pátria.

Como não quisesse ficar incorporado ao Exército, preferindo voltar à Parnaíba para dirigir os seus altos negócios, foi-lhe confirmado o posto de Coronel da Guarda Nacional, instituição criada em 1831, para defender a constituição, a liberdade, a independência e a integridade do Império, estabelecer a ordem e a tranqüilidade pública. Era subordinada ao Ministério da Justiça. Foi notável auxiliar do Exército nas campanhas de guerra. A Guarda Nacional foi extinta no Governo Hermes da Fonseca.

Diante ainda de seus relevantes serviços prestados à Pátria, Dom Pedro II conferiu-lhe em 7 de julho de 1868, o honroso título de brasileiro da Ordem da Rosa.

Em uma das suas fazendas às ribeirinhas do rio Parnaíba, de um colapso cardíaco, veio o Coronel Pacífico a falecer em 26 de março de 1888, tendo sido o seu corpo transportado para esta cidade.

O Coronel da Guarda Nacional Pacífico da Silva Castelo Branco, um dos combatentes da Guerra do Paraguai, como Comandante de um corpo de Voluntários da Pátria, está sepultado, em túmulo quase em ruínas, no Cemitério Igualdade, encostado ao muro que dá para a Rua Ademar Neves.

Enfim, o Coronel Pacífico, pelos seus feitos, passou para à posteridade.

C O R O N E L R I B E I R O

Antiga denominação: Rua do Príncipe. Fica no Bairro do Carmo. Da Avenida Presidente Getúlio Vargas à Rua Paraíba.

Antônio Martins Ribeiro, casado com Dona Antônia Martins Ribeiro, era descendente de família portuguesa, natural do Maranhão, onde foi comerciante e abastado fazendeiro.

Por ter grandes relações comerciais com Parnaíba e ser íntimo amigo do Coronel Jozias Benedito de Moraes, resolveu transferir a sua residência para esta cidade.

Em 4 de março de 1904, Antônio Martins Ribeiro, Fernando José dos Santos e Jozias Benedito de Moraes fundaram uma firma que teve alta projeção comercial, sob a razão de Ribeiro, Moraes & Santos, que hoje é a firma Moraes S/A — Celulose, Indústria e Comércio.

Além de sua atividade comercial, o Coronel Ribeiro era proprietário de grandes fazendas de gado no município de Araíoses, Maranhão, e Ilha Grande de Santa Isabel, município de Parnaíba.

No povoado Morros da Mariana construiu às suas expensas uma capela que ainda lá está servindo de orago de seu povo, apenas com algumas reformas que melhoraram o seu aspecto físico.

Também ali edificou na praça da capela, uma grande e confortável casa para seu lazer. Ainda hoje, a casa do Coronel Ribeiro está de pé, atestando ao lado de sua Igrejinha, o carinho e a amizade que ele dedicou ao seu querido Morros da Mariana.

Era membro da Augusta e Respeitável Loja Maçônica União Parnaibana, do Grande Oriente do Brasil, mais tarde transformada em “Fraternidade Parnaibana”, tendo ocupado por várias vezes o dignificante posto de Venerável. Foi também um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de nossa cidade.

Construiu, em 1890, na Rua Grande, hoje Avenida Presidente Getúlio Vargas, a sua residência, bem na esquina da Rua Oscar Clark.

O Coronel Ribeiro usava cavanhaque que lhe dava ar de homem circunspecto, mas era muito comunicativo e de muita generosidade.

Morreu em Parnaíba, em 1916, ainda como sócio de sua primitiva firma de 1904. Entre os seus netos, do lado materno, destacaram-se Antônio João Basto Ribeiro e Paulo Afonso Basto Ribeiro, comerciantes nesta cidade.

Depois de sua morte, a Rua do Príncipe, artéria que per-lustrava, diariamente, rumo ao seu estabelecimento comercial, em sua homenagem, tomou o seu nome, passando, oficialmente, para a denominação de Rua Coronel Ribeiro, perpetuando assim a sua memória.

C O N D E D ' E U

Denominação antiga: Rua do Igarapé. Centro. Da Avenida Presidente Getúlio Vargas à Praça Antônio do Monte.

Luiz Felipe Maria Fernandes Gastão de Orleans, Conde D'Eu, nasceu em 1843, em Neuilly, França, tendo chegado ao Brasil em 2 de setembro de 1864.

Casou-se com a Princesa Isabel, filha do Imperador Dom Pedro II, herdeira do trono brasileiro, em 15 de outubro de 1864.

Após o seu casamento, seguindo uma praxe real, Conde D'Eu recebeu o honroso título de Marechal do Exército do Brasil.

Conde D'Eu, na Guerra do Paraguai, substituiu o bravo e imortal Duque de Caxias, afastado por precariedade de saúde no Comando Geral das Forças Brasileiras, até a vitória final.

Feriram-se, em agosto de 1869, os dois mais importantes combates dessa última fase da campanha: Peribebui e

Campo Grande. O último combate da guerra verificou-se a 1.º de março de 1870, no célebre encontro de Cerro-Corá, onde as tropas brasileiras cobriram-se de glórias, escrevendo com sangue um a das mais épicas páginas de nossa História.

Nessas batalhas tomou parte com relevo o bravo e destemido General viçosense Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, “Grande Soldado e Grande Patriota”. Em Viçosa, em praça pública, está a sua estátua em bronze, atestando a sua bravura e a sua intrepidez.

Este belo monumento foi construído na administração do Prefeito Municipal Coronel Antônio Honório Passos, pai do autor deste livro. Inaugurado solenemente em 11 de agosto de 1937, data do primeiro centenário de nascimento deste valoroso cabo de guerra. Foi orador oficial desta solenidade cívica o jornalista Caio Passos. Com a proclamação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca, Conde D’Eu, juntamente com a família real brasileira, seguiu para o exílio na Europa, em 17 de novembro de 1889.

Esse Marechal do Exército e Herói da Guerra do Paraguai, faleceu no exílio, em 1921, deixando o seu aureolado nome gravado, para sempre, no coração e na história de nossa Pátria.

C O S T A F E R N A N D E S

Fica no Bairro Reis Veloso, Da
Avenida São Sebastião à Ave-
nida Padre Raimundo Vieira.

Dr. Henrique Costa Fernandes era natural da cidade de Brejo de Anapurus, Estado do Maranhão.

A família Costa Fernandes, pela sua origem, constitui uma tradiçãa da terra timbira, pois quase todos os seus membros destacaram-se na vida política, social e cultural do Estado.

O Dr. Henrique Costa Fernandes era Bacharel em Direito. Veio para Parnaíba como Juiz, residindo nesta cidade por dilatados anos, onde gozava de alto conceito.

Homem de cultura, exerceu as suas altas funções com muita integridade moral, honrando e dignificando o cargo.

Terminada a sua missão em Parnaíba, transferiu a sua residência para São Luís.

Ali na terra de Gonçalves Dias galgou, pelos seus méritos e pela sua cultura, o elevado cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado.

E Parnaíba, através do Vereador Fausto Fernandes Basto, deu a esta rua do Bairro São Benedito, o nome de Costa Fernandes, marcando, assim, a sua passagem por esta terra, como Magistrado íntegro e honrado.

FUNDAÇÃO

D A S F L O R E S

RAUL FURTADO BACELLAR

Fica no Bairro Bebedouro. Da Avenida das Normalistas à Rua São Pedro.

PARNAÍBA PI

Nome bonito — Rua das Flores!

É pena ser uma rua pobre, de edificação modesta, habitada por gente humilde, quase esquecida, jogada no fim do bairro.

Para definir este nome que simboliza uma das coisas mais belas da natureza que Deus nos deu para alegrar a terra, trazemos para cá a lenda de como nasceu a flor, lenda que nos fala de beleza, de perfume e de amor.

Diz Baccho: uma ninfa formosíssima, a bela fugitiva corria diante de mim, voltando-se zombeteiramente, a cada passo, troçando da dificuldade que eu tinha em segui-la, esbarrando constantemente nos obstáculos encontrados no caminho, não me teria sido possível apanhar a encantadora ninfa, se o vestido lindo, sacudido pelo vento, não fosse prender-se numa moita de espinhos.

Contente com o feliz aprisionamento, aproximei-me da bela ninfa e disse-lhe: Não tenha receio. Eu sou Baccho, o deus do vinho e do prazer, o deus eternamente novo e eternamente apaixonado.

Então, a ninfa baixou os olhos e corou. Para significar, eternamente, o meu reconhecimento à planta que deteve a fugitiva, toquei-a com a minha vara mágica e ordenei-lhe que se cobrisse de flores, reproduzindo o doce colorido ver-

melho, que cobria as aveludadas faces da ninfa. Ordenei-o. E foi assim que as flores nasceram.

É esta a lenda que, sendo de uma flor encantadora, não podia deixar de ser encantadora também.

Lenda de flores, lenda de amor..

Oxalá que Baccho toque com a sua varinha mágica no coração de nossa gente, para que esta rua, num amanhã próximo, transforme-se, realmente, num jardim bem florido na urbanização de nossa cidade, para alegria de seus moradores e ufania de Parnaíba, que ganhará nova dimensão em sua paisagem.

D A P R A I A

Centro. Da Avenida Presidente
Getúlio Vargas à Rua do Comércio.

É uma viela que fica quase no Porto Salgado, lateral direito da ponte "Simplicio Dias".

O seu nome originou-se por estar quase à margem do rio Igarapu, servindo de passagem aos estivadores, quando do apogeu da navegação fluvial.

Nesta ruela apenas existe a sede do Sindicato dos Estivadores do Estado do Piauí, com as suas atividades reduzidas; o resto, são muros.

A sua praia é apenas um sonho, uma quimera, mas de qualquer maneira é uma via pública da cidade, tem a sua vida, a sua movimentação, através do Sindicato dos Estivadores.

D A I N D E P E N D Ê N C I A

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Rua Floriano, atravessando a Avenida Coronel Lucas, passando lateral ao Quartel da Polícia Militar até o rio Igarapu.

Esta rua era pagã, apenas conhecida popularmente por Travessa Álvaro Mendes, por ficar paralela a esta Avenida.

Quando Vereador, Francisco Portela de Sampaio apresentou à Câmara Municipal um projeto dando à esta artéria a denominação de Rua da Independência, em homenagem ao glorioso feito de Dom Pedro I.

Em 9 de setembro de 1975, o projeto foi transformado em Lei, mas os residenciais desta artéria pública, até hoje, desconhecem este topônimo, pois ali não há placas indicativas apontando o nome oficial.

O significado histórico deste nome já está descrito por nós, na Rua 7 de Setembro, mas como complementação deste acontecimento cívico de nossa Pátria, ocorrido às margens do Ipiranga, aqui trazemos este belo trecho de “Primavera Imperial”, do consagrado historiador Pedro Calmon:

“...Dom Pedro, do alto da sela, amarrotando numa das mãos os papéis políticos, destacava-se no fundo azul desnublado do céu, como uma estátua guerreira a quem o pensamento imobilizara, no meio dos campos amplos e calados.

Os soldados da Guarda de Honra aproximaram-se. De súbito, como uma explosão, ele se transfigurou. Os papéis caíram-lhe da mão.

Esporeou a montada, que saltou, desembainhou num gesto solene o sabre e, quando os companheiros o rodearam, bradou, num grito estridente e feroz, o sonho: Independência ou Morte!

Aí está a rua batizada com o nome de um dos maiores feitos de nossa história.

DAVID CALDAS

Fica no Bairro São Francisco.
Da Avenida Princesa Isabel à
Rua das Flores, no Bairro Bebedouro.

David Moreira Caldas nasceu em Barras, em 1835 e faleceu em Teresina, em 1879.

Poeta e prosador, servido de vasta cultura. Ele “foi o maior jornalista que tivemos nos dois decênios de 1858 a 1879”.

Redigiu os jornais “Amigo do Povo” — 1868 — “Oitenta e Nove” — 1873 — “O Papiro” — 1874 — “Ferro em Brasa” — 1877 — e “O Bom Menino”.

Catedrático do Liceu Piauiense, Deputado Provincial, espírito estudioso dos problemas piauienses.

David Caldas publicou um relatório da viagem feita de Teresina até Parnaíba, pelo rio, descrevendo todo o seu delta, por ordem do Governador da Província Adelino Antônio de Luna Freire — 1866/1867, em cujo governo foi inaugurada a Igreja de Nossa Senhora das Dores, de Teresina.

Além de vários estudos geográficos, deixou inédito “Tímidos Acentos”, coleção de versos e o “Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí”.

David Caldas é considerado profeta da República.

Nas considerações do primeiro artigo do “Oitenta e Nove” o eminente polígrafo declarou: “Enquanto, porém, não avançarmos tanto, a ponto de chegar a uma idade quase evangélica, seja-nos permitido ter a fé robusta de ver a República Federativa estabelecida no Brasil; pelo menos daqui a 17 anos ou em 1889 — tempo assaz suficiente, segundo pensamos, para a educação livre de uma nova geração, para a qual ousamos apelar, cheios da maior confiança”. Esse artigo de David Caldas meseceu ser transcrito pelo jornal carioca “Correio da Manhã”, em 1869.

E o destino foi inexorável para David Caldas; ele não assistiu o seu sonho realizado — a proclamação da República Federativa Brasileira, em 15 de novembro de 1889, pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, pois morreu dez anos antes desse notável acontecimento histórico do Brasil.

David Caldas, o “Profeta da República”, é Patrono da Cadeira N.º 4, da Academia Piauiense de Letras.

Este grande polígrafo — honra e glória do Piauí, batiza com o seu nome esta extensa e movimentada artéria de nossa cidade.

DELBÃO RODRIGUES

Fica no Bairro Ceará. Da Avenida Dr. Armando Cajubá, passando pelo Pindorama até o final do Bairro Boa Esperança.

O Coronel Francisco Delbão Rodrigues nasceu na Fazenda Santa Catarina, município de Brejo de Anapurus, Estado do Maranhão, a 25 de março de 1867.

Chegou em Parnaíba em 1883, com dezesseis anos de idade, ingressando no comércio como auxiliar das casas de Antônio Severiano de Moraes Correia e Felipe Gomes Neves.

Mais tarde estabeleceu-se por conta própria: em 1891 fundou a Empresa Salineira e Navegação Fluvial, a qual prestou grandes serviços ao comércio e à indústria do Piauí e Maranhão.

Casou-se em primeiras núpcias com a Senhora Honorina Neves Rodrigues, parnaibana, e em segunda núpcias com a Senhora Undine de Pinho Rodrigues, maranhense.

Delbão Rodrigues foi durante a sua longa carreira comercial uma das figuras mais dignas e honradas de nossa cidade.

Homem de coração forrado de bons sentimentos, foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia, tendo ali prestado eficiente colaboração. Foi também um dos fundadores da Associação Comercial de Parnaíba, tendo ocupado diversos cargos em sua diretoria.

O Coronel Delbão Rodrigues, que era um dos esteios políticos da terra, formando ao lado da corrente Moraes Correia, teve a oportunidade de ocupar várias funções públicas, destacando-se a de Vice-Intendente Municipal, por três vezes, a primeira no quadriênio de 1901-1904, com o intendente Coronel Jonas de Moraes Correia; a segunda, no quadriênio de 1905-1908, com o Intendente Luiz Antônio de Moraes Correia; a terceira, no quadriênio de 1909-1912, com a reeleição de Luiz Antônio de Moraes Correia, o popular Coronel Lucas Correia, que, no passado, foi um dos grandes administradores desta cidade.

Delbão Rodrigues, cidadão maranhense pelo nascimento, aqui viveu quase toda a sua existência, constituindo família, firmou independência econômica, granjeou prestígio político, comercial e social, e soube, por tudo isto, honrar e engrandecer a terra que o recebeu, ainda muito jovem, dando o seu trabalho, a sua dedicação e o seu amor à Parnaíba que ele fez sua pelo coração.

O Coronel Francisco Delbão Rodrigues faleceu nesta cidade, legando à família uma tradição digna e honrada.

E aqui está a Rua Delbão Rodrigues, no Bairro Ceará, varando o Pindorama e o Boa Esperança, homenageando aquele que, por três vezes, foi Vice-Intendente Municipal na terra do inesquecível e imortal Jonas Correia.

DEZENOVE DE OUTUBRO

Fica no Bairro São José. Da
Rua Luiz Correia ao Rio Igarçu.

É, sem dúvida, a data áurea da História de Parnaíba, quicá do Piauí.

Vamos reviver, em síntese, este notável acontecimento cívico desenrolado em nossa cidade, no memorável 19 de outubro de 1822, ano da independência do Brasil.

Simplicio Dias da Silva, o grande parnaibano, homem rijo e amante da liberdade, ao lado de destemidos patriotas — João Cândido de Deus e Silva, grande tribuno, Capitão Bernardo Antônio Saraiva, Escrivão Ângelo da Costa Rosal, Capitão Domingos Dias da Silva, José Ferreira Meireles, Bernardo de Freitas Caldas e Tenente Joaquim Temóteo de Brito, tendo a comandá-los a figura estóica e brava do Coronel Simplicio Dias da Silva, entre ruidosas manifestações populares, em frente à Igreja-Matriz, hoje, Catedral de Nossa Senhora da Graça, num impulso de verdadeiro civismo e acendrado amor à terra brasileira, levantou o grito de independência do Piauí e aclamou, entre vivas e palmas, o Príncipe Dom Pe-

dro Primeiro, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

Este ato de alto sentido patriótico foi o pivô das lutas emancipacionistas do Piauí entre brasileiros e portugueses.

Esta data, pelo seu sentido histórico, foi escolhida para ser “O Dia do Piauí”, consoante Lei N.º 176, de 30 de agosto de 1937, nos seguintes termos:

Torna Feriado Estadual, o dia 19 de outubro, com a denominação de “O Dia do Piauí”.

O Doutor Antônio Lobão Veras Filho, Governador do Estado do Piauí, em exercício:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — 19 de outubro será feriado estadual com a denominação de “O Dia do Piauí”.

Art. 2.º — Nesta data, anualmente, serão promovidas comemorações cívicas nos estabelecimentos de ensino e centros culturais do Estado, com a colaboração do Governo.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Esta Lei foi um projeto apresentado ao Poder Legislativo pelo ilustre Deputado e grande historiador piauiense, Dr. José Auto de Abreu, de respeitável memória.

Para perpetuar este notável feito, está ali na Praça da Graça, em frente à Catedral, um belo monumento cívico, erigido na administração do então Prefeito Municipal Dr. Mirocles Veras, onde se lê em placa de bronze: Salve! Heróis de 19-10-1822.

Fechamos a cortina desta página, com um belo trecho de um discurso do ilustre Interventor Federal Dr. Leônidas de Castro Melo, quando, brilhantemente, dirigiu os destinos do nosso Estado: “Parnaíba, pedaço de terra de onde subiu aos céus piauienses, o primeiro brado de liberdade, nós vos saudamos!”

DESEMBARGADOR SALES

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Avenida Capitão Claro ao
Rio Igarauçu.

O nome desta rua foi dada em 1913, administração do Intendente Municipal Coronel Constantino de Moraes Correia, portanto, há mais de meio século.

Em Parnaíba ninguém sabia informar quem era, realmente, o Desembargador Sales.

Começamos a pesquisar e nada de concreto conseguimos, mas tínhamos que vencer os obstáculos, transpor todas as barreiras. E fizemos nosso o pensamento do Padre Antônio Tomaz, “Príncipe dos Poetas Cearenses:” “as esperanças vão conosco à frente e os desenganos vão ficando atrás”.

Vencemos. Fomos encontrar em velhos retalhos históricos de Joel de Oliveira, um profundo mergulhador das coisas do passado, um pouco da história do ilustre parnaibano Desembargador Sales.

Seu nome: Antônio Francisco de Sales. Aqui nasceu. É autêntico parnaibano. Constantino tinha razão para homeá-lo.

Bacharelou-se no longínquo 1839, pela tradicional Faculdade de Direito de Recife, uma das mais antigas do nosso país.

Veio para Parnaíba, após sua formatura. Aqui exerceu os cargos de Juiz Municipal e de Órfãos. Depois Juiz de Direito Civil e de Órfãos até 10 de abril de 1855. Depois removido para a Comarca de Piratinim, no Rio Grande do Sul.

Mais tarde, o Piauí o elegeu por duas vezes, para o Parlamento Provincial, como seu representante, nos períodos de 1857 — 1860 e 1870 — 1872, ao lado de outros ilustres piauienses, como o Marquês de Paranaguá, Coelho Rodrigues, Comendador João da Silva de Miranda e Dr. Aureliano Ferreira de Carvalho.

Após deixar a carreira política, em 1873, voltou à magistratura, sendo nomeado para o alto posto de Desembargador da Côrte de Relações da Província do Maranhão, cargo que

honrou pela sua vasta cultura jurídica e pelo seu largo tirocínio de homem público.

O Desembargador Antônio Francisco de Sales veio a falecer em 25 de fevereiro de 1882, na então Vila de Cururupu, hoje uma das mais importantes cidades da terra timbira, localizada na zona norte do litoral maranhense.

E para nós é motivo de grande satisfação trazer para as páginas deste livro mais um parnaibano ilustre que jazia em completo esquecimento.

D O S B A R Q U E I R O S

Fica no Bairro Mendonça
Clark. Da Rua Luiz Correia à
Rua 7 de Janeiro.

Esta rua nescgada e curta, tem uma história alegre, salpicada de lances pitorescos, com brigas e muito pau.

Depois de varar o descampado da “Quarenta”, a rua teve início na quitanda do Zé Fenelon, seguindo em direção do chalé do Pedro Silva. Marcos que o tempo levou!

“Deus te Guarde” era o nome da quitanda do Zé Fenelon. Abaixo deste letreiro, pintado à parede, em cores ber-rantes e em tamanho natural, um anjo de asas bem abertas, explorando a credulidade popular.

Era uma espécie de quitanda-loja, tudo ali tinha, desde o fumo às calças de brim, desde a cachaça ao vestido de chita.

Diariamente, ali se aglomeravam os valentes barqueiros do Parnaíba que iam se abastecer de comestíveis e bebidas para as suas viagens do dia-a-dia na carreira do rio.

Daí nasceu o seu nome: Rua dos Barqueiros.

Tanto no passado como ainda no presente, ela é também conhecida por “Munguba”, por ter ali, em tempos idos, um pé frondoso desta árvore da flora maranhense.

“Munguba”, local de lendários forrós de embarcadiços e vareiros. Tinha o trio do barulho, eram os “capetas da zona” o cabo de polícia “Baixa o Flande”, o soldado Delta e o

Rosendo, o valente e corajoso vareiro do Parnaíba. Fizeram época. Muita cacetada, muito sangue descendo pela cara.

Ao som das violas, das harmônicas e dos pandeiros, a “Munguba” vibrava, a cachaça corria, o mulhério dançava, imperava a promiscuidade, a lei do amor livre, dissoluto.

Como marca de uma época de gente atribulada e infeliz, encontramos ali na parede de uma casa em ruínas, esta inscrição quase apagada pelo tempo: — “Aqui mora a primeira mulher que deu à luz ao homem”.

A curiosidade nos levou a pesquisar o significado deste dístico do passado. E colhemos o resultado. Esta casa foi doada a Eva, “mulher da zona”, por um venturoso “Adão” de bolsa cheia, em sinal de reconhecimento e de amor.

E a “Munguba”, ainda não está de todo saneada, integrada em ambiente social. Até quando ficará no cenário da cidade?

E a resposta fica pairando no espaço.

Um dia, ela voltará a ser a Rua dos Barqueiros, estes heróis anônimos que, por anos a fio, fizeram a grandeza desta terra, singrando as águas do antigo Punaré ou Rio das Garças, mais tarde, o Parnaíba do valente bandeirante Domingos Jorge Velho, tão decantado nos versos de Da Costa e Silva, o “Príncipe dos Poetas Piauienses”:

Saudade! O Parnaíba — velho monge
As barbas brancas alongando... E ao longe,
O Mugido dos bois de minha terra...

DO COMÉRCIO

Antiga denominação: — Baixa
do Arroz. Centro. Da Rua Co-
ronel Ribeiro ao Rio Igarçu.

O progresso de uma nação assenta em boa parte sobre o comércio.

Este significa a troca de mercadorias de um país para o outro — é o comércio internacional — e a venda de produ-

tos de um país dentro de seu próprio território — é o comércio interno.

Enfim, o comércio gera o progresso, a riqueza e estimula a expansão dos meios de transportes e das comunicações.

O comércio, segundo os historiadores, foi feito inicialmente através de rotas nos desertos, ao longo dos quais os mercadores viajavam em caravanas.

As mercadorias eram transportadas no dorso dos camelos, animais que, por sua sobriedade e robustez, resistem a extensas jornadas. Os oásis desempenhavam a função de entrepostos.

Mais tarde, os fenícios desenvolveram o comércio por via marítima. Como desconheciam a moeda, comerciavam à base de escambo, isto é, permutando umas mercadorias por outras.

No século VIII, antes de Cristo, os gregos introduziram a moeda nas relações comerciais, fato que abriu amplas perspectivas para novos negócios.

Caduceu — insígnia de Mercúrio, é o símbolo do comércio e da indústria — formado por um ramo de oliveira ou de loureiro, terminado em duas asas e no qual se enroscam duas serpentes.

Nesta pequena artéria urbana da cidade, entre a Rua Coronel Ribeiro até as margens do Igaraçu, localizava-se no passado, o comércio de maior vulto — produtos importados e exportados —, tornando-se assim mais fácil o embarque e desembarque, através da navegação fluvial, na época, a principal fonte de transporte.

O povo antigamente era quem dava nome às ruas; aqui em Parnaíba há muitos casos desta natureza.

E o povo começou a chamá-la de Rua do Comércio e o nome pegou para sempre.

Hoje, esta rua está esquecida e abandonada, apenas velhos armazéns fechados, vivendo apenas da glória do passado.

E o mundo é assim, tudo passa sobre a terra, até as ruas têm o seu destino!

DOM FELIPE CONDURU

Antiga denominação: Rua Desembargador Freitas. Atual denominação: Dom Felipe Conduru — Lei Municipal N.º 374, de 4 de dezembro de 1965. Fica no Bairro Nova Parnaíba. Da Avenida Capitão Claro ao Rio Igarauçu.

Dom Felipe Conduru Pacheco, primeiro Bispo de Parnaíba, descende de ilustre família de educadores maranhenses.

É natural da cidade de Brejo, Estado do Maranhão, onde nasceu em 18 de julho de 1892.

Fez o curso primário no Seminário de Santo Antônio, em São Luís e os estudos teológicos no Seminário Maior de Fortaleza, ordenando-se em São Luís, em 21 de novembro de 1915.

Em 1941 foi nomeado Bispo de Ilhéus-Bahia, permanecendo ali pelo espaço de cinco anos, como Pastor Diocesano.

Criada a Diocese de Parnaíba pela Bula Papal, de 16 de dezembro de 1944, Dom Severino Vieira de Melo, então Bispo de Teresina, instalou a novel Diocese, em 8 de setembro de 1945, naquela época, dia da festa da Padroeira Nossa Senhora da Graça.

Na qualidade de Administrador Apostólico, Dom Severino, designou Monsenhor Lindolfo Uchôa para desempenhar as funções de Vigário Geral, mais tarde substituído pelo nosso querido Monsenhor Roberto Lopes, hoje de saudosa memória.

Dom Felipe Conduru Pacheco foi o primeiro Bispo de Parnaíba, transferido de Ilhéus para esta cidade, tendo exercido o seu fecundo pastoreio no período de 1946 a 1959.

A sua posse, como dignatário do Bispado, deu-se no memorável dia 7 de julho de 1946.

Foi uma das maiores festas religiosas realizadas em nossa terra. Verdadeira apoteose de fé, de entusiasmo e de imensa alegria.

A criação da Diocese era um velho e acalentado sonho do povo parnaibano.

No longínquo 27 de julho de 1898, o Coronel Luís Antônio de Moraes Correia, o Coronel Lucas, como era tratado, com mais quatrocentos e um signatários, enviaram um Memorial ao Sumo Pontífice Leão XIII, solicitando a instalação de um Bispado no Piauí, com sede em Parnaíba, desligando-se do Maranhão.

Este sonho de mais de meio século só foi concretizado pelo Sumo Pontífice Pio XII em 1944, marcado pela posse solene de Dom Felipe Conduru Pacheco, como primeiro Bispo de Parnaíba.

Depois de quase quinze anos de permanência entre nós, Dom Conduru Pacheco resignou ao cargo, por motivo de saúde, tendo então sido nomeado Bispo de Decoriana, Tunísia, na condição de resignatário.

Era um homem de vasta cultura: historiador, poeta, jornalista e grande orador sacro, deixando várias e importantes obras publicadas, destacando-se a “História Eclesiástica do Maranhão”.

Dom Felipe Conduru Pacheco faleceu a 1.º de outubro de 1972, na capital de seu Estado, com a provecta idade de oitenta anos.

E Parnaíba, premiando os altos méritos deste Príncipe da Igreja, deu a esta rua, atrás do Palácio Episcopal, o nome de seu querido e saudoso primeiro Bispo.

D O M P E D R O S E G U N D O

Centro. Da Praça Antônio do
Monte à Rua Francisco Aires.

Sua Alteza Real, o Príncipe Dom Pedro d'Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocárdio Miguel Rafael Gonzaga, era filho do Imperador do Brasil, Dom Pedro I e da Imperatriz Dona Maria Leopoldina, nascida a 5 de dezembro de 1825, no Paço de São Cristóvão,

hoje Quinta da Boa Vista, um dos pontos mais históricos e pitorescos do Rio de Janeiro.

Seu reinado iniciou-se em 23 de julho de 1840, com o episódio da declaração da maioridade: empunhava o cetro um moço de quatorze anos, de quem se podia temer que, retomando a senda do pai, enveredasse pelo arbítrio e pela autoridade sem contraste.

Não foi, porém, isso que aconteceu. O jovem Imperador revelou-se prudente, liberal e estudioso e cumpriu seu longo reinado de meio século, sob o aplauso e o respeito dos brasileiros.

E a posteridade lhe consagra o culto de sua admiração, reconhecendo a importância da contribuição de Dom Pedro II à formação política, econômica e cultural do Brasil.

O Imperador foi um Chefe de Estado prudente, buscou sempre rodear-se de homens competentes, experimentados e bem intencionados, aos quais deu condições de se tornarem grandes estadistas.

Entendeu que a pacificação dos espíritos e a concórdia política haveriam de nascer da generosidade do governo: as revoluções e as lutas civis seriam enfrentadas com energia e serenidade, para que depois a anistia promovesse o entendimento e a conciliação.

Dom Pedro II era um espírito liberal e compreendia com naturalidade que os homens prezam seus direitos e não de poder cultivar suas aspirações e pelejar por elas. Estimulava, por isso, os talentos políticos e a capacidade profissional e estimava e premiava o esforço e o mérito. Não experimentava a vertigem do poder; antes se conduzia como um rei democrata, com a simplicidade natural de que vem da consciência do próprio valor. Tão liberal era e tão democrata que, para assegurar a implantação do parlamentarismo, aceitou, com a criação da Presidência do Conselho de Ministros, a diminuição de seus direitos de monarca. O regime parlamentar, cultivado com carinho e desvelo pelo Imperador, assegurou a estabilidade política e o desenvolvimento das instituições nacionais.

Dom Pedro II era estudioso, a ponto de ter grangeado no País e no estrangeiro, a fama de sábio. Era realmente um homem culto, afinado com o espírito da época e capaz de compreender bem os problemas do governo e os ideais da Nação. Sua sabedoria lhe inspirava um patriotismo consciente e ativo, tanto que soube suscitar e estimular inovações e reformas reclamadas como condições de prosperidade e progresso. Incentivou pessoalmente as ciências, as letras e as artes, proporcionando ao Brasil uma floração magnífica de talentos e capacidades. Nesse quadro, foi ele próprio escritor, pensador e poeta.

Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, Dom Pedro II foi banido do Brasil, com toda a família real, embarcando no navio “Alagoas”, no dia 17 de novembro, para a Europa, chegando a 7 de dezembro em Lisboa.

Exatamente vinte e um dias depois de sua chegada a Portugal, falecia a Imperatriz Dona Teresa Cristina.

E apenas dois anos depois, a 5 de dezembro de 1891 — data de seu natalício — em um quarto de um modesto hotel em Paris, falecia Dom Pedro II, que passou à História como Imperador sábio e magnânimo do Brasil.

O Governo brasileiro, quando Presidente da República, Epitácio Pessoa, em 1920, revoga o ato de banimento da família real, mas ao Brasil só puderam chegar os restos mortais de Dom Pedro II, da Imperatriz Teresa Cristina, de sua filha Princesa Isabel, a “Redentora”, e o seu esposo, o Conde D’Eu.

Todos jazem num panteão de glória na suntuosa Catedral de Petrópolis, a “Cidade Imperial”.

E as palavras de Dom Pedro II foram proféticas:

“Serenos, aguardarei, no meu jazigo,
A Justiça de Deus na voz da História”.

E Deus, na sua onipotência, fez justiça. Dorme, eternamente, o Imperador do Brasil, na terra onde nasceu e engrandeceu.

E Parnaíba orgulha-se de ter uma rua com o nome desse notável segundo Imperador de nossa Pátria.

DO ROSÁRIO

Centro. Da Praça da Graça ao
Rio Igaraçu.

A Igreja do Rosário é um dos prédios mais antigos de nossa cidade, constituindo uma verdadeira relíquia histórica de Parnaíba.

Começou como uma modesta capela, mas no decorrer do tempo transformou-se na atual Igreja, mas também já bastante recuada no espaço.

Para provar o nosso assertório, aqui transcrevemos, na íntegra, respeitando, claro, a grafia da época, o seguinte documento:

“Aos treze dias do mez de Fev. de mil setecentos e noventa e hum, nesta Capella de N. Senhora do Rosário, em conclave que fez a Irmandade do S.S. Sacramento, acordarão o juiz e mais officiais e mordomos que o secretario desta Irmandade avizaje ao Revd. Vigário Henrique José da Silva para vir prezidir ao conclave, e sendo avizado por carta do mesmo secretario respondeo pello andador Phelippe de Santiago Freire, lhe não levae mais semelhantes cartas; por esta razão se procedeo o conclave sem a sua assistencia; e para constar se mandou lavrar este termo que assignarão, e eu Manoel da Costa Fernandes, secretario da Irmandade o escrevi e assigno.”

E é exatamente na parte lateral desta bicentenária Igreja que, a partir da Praça da Graça, começa a Rua do Rosário até atingir as margens do rio Igaraçu.

Portanto, esta denominação originou-se deste templo dedicado ao rosário, que é uma devoção sumamente meritória. E uma oração é tanto mais meritória, quanto mais cara é a Deus.

A Igreja do Rosário era destinada aos escravos, pois brancos e pretos não se misturavam; havia preconceito de raça.

Como ilustração desta narrativa sobre a origem do nome da Rua do Rosário, aqui trazemos este episódio narrado por Humberto de Campos em seu livro “Memórias Inacabadas”, fato pouco conhecido entre nós, principalmente pelas novas gerações.

“Rezando e pensando, a escrava Teresa, juntando o vintém ao vintém, comprara, primeiro, a liberdade, e, em seguida, para pagar a Deus a bênção da liberdade, adquirira um caixão de defunto. Era o resultado de uma promessa que fizera. Prometera a Deus que, se um dia fosse livre, ofereceria à Igreja do Rosário um caixão enfeitado como o dos brancos para conduzir os escravos ao cemitério. Que eles tivessem na morte, uma igualdade que não haviam conseguido em vida.

O caixão levá-los-ia a enterrar e voltaria para a Igreja, à espera de outro viajante da eternidade a caminho do outro mundo, naquele esquife agalado, que substituiria a rede humilde e suja, o escravo teria a ilusão póstuma de que morrera redimido. E Teresa, a velha preta, era feliz e rezava consolada, porque dera esse último sonho de liberdade aos seus irmãos.

O negro era, porém, antigamente, não só animal de trabalho como objeto de ridículo.

Ao passar o caixão de um branco, os transeuntes se calavam, compungidos, murmurando um “Deus te leve” com a pena e o terror no coração. Se era, porém, o caixão de Teresa que atravessava as ruas, aos ombros de quatro negros que levavam a enterrar um companheiro, os brancos paravam pilheriando, e as senhoras corriam para a janela, sorrindo, numa zombaria alegre da última vaidade daqueles homens de cor. E quem melhor sorria, do alto de seu orgulho de homem branco e de homem rico, era o Coronel Pacífico, antigo senhor de Teresa, diante de cuja casa, no outro lado da praça ficava o cemitério.

O destino é inexorável! Um dia o Coronel Pacífico foi enterrado no “Caixão da Teresa”, a sua escrava.

Aí está a história da Rua do Rosário, rebuscada num passado que já quase se perde na voragem do tempo.

DOIS DE FEVEREIRO

Fica no Bairro São José. Da
Rua Coronel Pacífico ao Rio
Igaragu.

Era uma rua sem nome, ali nos Tucuns, como diziam.

Os moradores desta rua tinham fervorosa fé em Nossa Senhora da Purificação.

Em tempos recuados, no dia 2 de fevereiro, data em que a Igreja Católica celebra a festa de Nossa Senhora das Candeias, o povo ali iluminava de velas e lanternas de cores, as suas casas e rezavam o terço e cantavam benditos. Era uma festa modesta, mas tocante pela fé e pela alegria. A tradição ainda perdura nos dias atuais, mas com menos intensidade.

Como já frisamos — 2 de fevereiro — é o dia da festa de Purificação de Nossa Senhora das Candeias e Apresentação de Jesus Cristo no templo.

É o dia da bênção das velas e em muitas igrejas, antes da celebração da Missa, organiza-se solene procissão em que são levadas velas acesas, símbolo de Jesus Cristo que, apresentado a Deus no tempo de Jerusalém, pelo santo velho Simeão, foi saudado como a luz que veio para iluminar os povos.

Esta festa tem o nome de Purificação de Nossa Senhora porque é a comemoração do dia em que Maria Santíssima, em obediência à lei mosaica, apresentou-se no templo do Senhor, quarenta dias depois do nascimento do Seu Divino Filho.

E como não se pode e nem se deve fugir da tradição, esta rua foi batizada, entre velas acesas e cânticos, de “Dois de Fevereiro”.

É portanto, uma justa reverência à Purificação de Nossa Senhora das Candeias e mais uma demonstração de fé de nossa gente.

DOMINGOS LEITE

Fica no Bairro São José. Da Rua Coronel Pacifico à Rua Barão do Rio Branco.

Domingos Leite era um homem de cor, de origem humilde. Não alisou bancos de colégio, mal frequentou uma daquelas escolas primárias do passado, à base da palmatória.

O seu mundo era os Tucuns, ainda apinhado de palmeiras, com os seus cachos de cocos e vielas cheias de choupanas, às margens do Igaráu, o banho, a pescaria e a cachaça.

Era um caboclo do trabalho, pegava no pesado. Ali no chamado Porto da Mangueira tinha o seu estaleiro para consertar barcas e canoas que, na época, em quantidade, singravam às águas do caudaloso Parnaíba.

A sua tenda de trabalho era cheia de canoeiros e vareiros, todos atrás do Mestre Domingos Leite para consertar e calafetar os seus barcos.

Era o homem mais conhecido e mais falado da ribeira do “velho monge”. O movimento do rio rodava em torno do Mestre Domingos Leite.

Acima do Porto da Mangueira havia uma rua sinuosa que o povo sarcasticamente chamava de “Cheira-Mijo” — zona da gandaia — de vida alegre e dissoluta. Lá, na ponta da rua, onde era mais calmo e havia mais respeito, morava o Mestre Domingos Leite.

A sua fama transformou-se quase em mito e deu ênfase ao velho Tucuns das lamparinas a querosene.

Era um preto de vergonha, gozava de muito conceito no comércio local. O fio de sua barba era um documento de honra.

Na sua arte era realmente um mestre.

Dada a sua popularidade, a sua rua ficou conhecida por Rua do Mestre Domingos Leite.

Voz do povo, voz de Deus. Mais tarde, no decorrer do tempo, o nome foi oficializado. E, assim, o Mestre Domingos

Leite passou à posteridade.

Não resta dúvida, foi uma homenagem justa a um humilde operário parnaibano, tornando-se assim, um exemplo para sua classe.

Ainda hoje existem no Porto da Mangueira seus descendentes com a mesma profissão que herdaram do seu ancestral.

D U Q U E D E C A X I A S

Denominação antiga: Rua da Câmara. Atualmente: Duque de Caxias, desde 1893. Centro. Da Avenida Presidente Getúlio Vargas à Praça Coronel Osório.

Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, nasceu em Estrela, Estado do Rio de Janeiro, em 25 de agosto de 1803, hoje município de Duque de Caxias.

Nascido de família de grande projeção política e longa tradição militar, Lima e Silva cumpriu a mais brilhante e notável trajetória de soldado e homem público. Sua movimentada carreira é o melhor exemplo, na História Pátria, de como pode ser útil e fecunda a aliança da vocação militar com o talento político.

Alferes aos quinze anos e tenente aos dezoito, o futuro condestável do império cedo pôde lutar pelo mais acarinhado ideal dos brasileiros — a independência. Seu batismo nas armas, se assim pode ser considerada a primeira grande campanha de que participou, deu-se na Bahia, no episódio do combate às tropas portuguesas, que não queriam aceitar que o Brasil ficasse livre. Foram dois anos de permanência ali ao fim dos quais, já no posto de capitão, seguiu Lima e Silva para Montevidéu, na então Província Cisplatina, onde esteve durante quatro anos. Os atos de valor que praticou nessa nova campanha valeram-lhe a promoção a major, em 1828.

As duas campanhas haviam posto à prova a competência profissional de Lima e Silva, deixando patentes os seus dotes

excepcionais de comando e valor pessoal, temperado de energia e coragem. As agitações políticas e lutas intestinas do início da Regência estavam a reclamar um pulso firme, capaz de dominá-las sem por em perigo a união nacional dos brasileiros. O jovem major, em 1832, foi convocado para a difícil e espinhosa missão e o seu primeiro grande êxito foi a derrota que conseguiu impor aos revoltosos da “Abrilada”. Mais tarde, a revolta dos “Balaíos” anarquizava o Maranhão, tendo Caxias, então no posto de coronel, vencido o movimento em 1839. Tal era, porém, a desordem reinante na Província que Lima e Silva ali teve de passar dois anos como Presidente, para reorganizar o governo e assegurar ao povo tranqüilidade e ordem. A habilidade com que se houve e o sucesso da missão pacificadora deram-lhe a eleição para deputado geral pelo Maranhão. Ao mesmo tempo, era-lhe conferido, pelos seus merecimentos de soldado e administrador, o título nobiliárquico de Barão de Caxias.

A missão talvez mais delicada e séria dentre tantas de que se desincumbiu foi a da pacificação das províncias de São Paulo e Minas, conflagradas pela revolta liberal de 1842. O gênio militar de Caxias deu-lhe a vitória nas armas, derrotando em Taubaté os rebeldes paulistas e desbaratando em Santa Luzia os revoltosos de Minas. A pacificação que se seguiu, por ele assegurada, elevou Caxias, promovido a marechal, às culminâncias do renome e do prestígio.

No mesmo ano, recebeu Caxias o encargo de pacificar a província do Rio Grande do Sul, onde durava, desde 1835, a rebelião separatista e republicana dos Farrapos. Em dois anos, conseguiu recompor e reanimar as forças legais, vencendo a insurreição e pacificando os povos da província, cujos sentimentos de brasilidade haviam estado a ponto de sosso-brar.

A luta contra o tirano Rosas levou-o novamente à linha de frente, donde voltou vitorioso, para assumir, em 1855, a Pasta da Guerra. Sua carreira de homem público ia em franca ascensão, tendo levado o marechal, em 1862, à Presidência do Conselho de Ministros.

Na Guerra do Paraguai, a partir de 1866, o comando de Caxias significou uma reviravolta completa no rumo dos acon-

tecimentos. A situação crítica em que se encontravam as tropas aliadas, depois da pesada derrota no assalto a Curupaiti, venceu-a Caxias, com a sua competência de chefe e organizador.

As batalhas de Tuiuti, Humaitá, Itororó, Avaí e Lomas Valentinas foram outras tantas vitórias, em cumprimento de um plano sistemático de encurralamento do ditador Lopez. Em 1869, depois da vitória de Angustura, Caxias entra vitorioso em Assunção, em 5 de janeiro, quando recebeu o título de Duque de Caxias, o único existente em nossa história.

A guerra estava vencida e só restava a campanha de perseguição ao ditador nos sertões para onde fugira. Caxias superava as dissidências entre os aliados, bem como as incompatibilidades entre os generais, substituíra a desesperança, a desordem e o amargor de repetidos insucessos por um plano racional de campanha, que retemperou os ânimos, reimplantou a disciplina e conduziu-os com firmeza à vitória final.

Caxias, aureolado de glória, ainda ocupou a Pasta da Guerra e presidiu o Ministério de 1875. Morreu como herói nacional, na Fazenda Santa Mônica, Estado do Rio de Janeiro, no dia 7 de maio de 1880, após uma vida enérgica e sábia, de contínuos serviços à Pátria, que lhe ficou devendo, como a ninguém mais na mesma proporção, a unidade política e a integridade territorial.

Duque de Caxias é o Patrono do Exército Brasileiro — 25 de agosto — data do seu nascimento, é “O Dia do Soldado”.

E S T U D A N T E J O S É A D A L B E R T O

Denominação antiga: Rua Anfrísio Fialho. Atualmente: Rua Estudante José Adalberto. Lei Municipal 928, de 8 de julho de 1976. Fica no Bairro São José. Da Avenida Álvaro Mendes à Rua 19 de Outubro.

Em 1952, no dia 21 de julho, em Parnaíba, nascia um garoto robusto, de olhos vivos e faces coradas, trazendo con-

sigio a alegria e felicidade para seus pais: Vicente Frota Aguiar e Dona Zulmira Petronilia Aguiar.

Seu nome: José Adalberto Aguiar. Teve uma infância risonha, menino vadio, jogava bola e peteca, rodava pião, empinava papagaios de papel de cores, pescava de anzol pelas margens do rio; mas a sua paixão, a sua mania era caçar. Ganhava o mato, de espingarda ao ombro e cartucheira à cinta. Tinha boa pontaria.

Estudou no Ginásio São Luiz de Gonzaga, fazendo ali o seu curso de segundo grau. Depois foi estudar em Fortaleza, como interno do Colégio dos Redentoristas.

Na capital cearense, preparava-se para submeter-se ao vestibular de medicina. Tudo ia correndo em ritmo normal e pontilhado de doces esperanças. No futuro, seria um médico.

A fatalidade já rondava a sua mocidade em flor; o destino inexorável mudava a rota de seu ideal.

E naquela manhã fatídica de segunda-feira de carnaval de 5 de março de 1973, quando, alegre e sorridente, vinha sozinho, dirigindo um automóvel da praia de Atalaia para Parnaíba, deu-se o trágico e lamentável acidente, morria José Adalberto.

Era uma vida jovem, orvalhada de esperanças, era como uma flor que se abria numa alvorada de esplendor, que murchava e que fenecia.

E de José Adalberto — vinte e um anos de idade — podemos fazer nossas as palavras do grande poeta cearense Lauro Meneses: A vida é assim: — jornadas enganosas/ Partimos rindo, desfolhando rosas,/ Voltamos tristes, conduzindo espinhos!

Esta rua é uma homenagem ao estudante parnaibano, representado, com muita justiça, na pessoa do jovem José Adalberto, tão moço, tão forte e tão inteligente, ceifado pela mão impiedosa da fatalidade, do convívio de sua família, de seus colegas e de seus amigos.

Centro. Da Avenida Presidente
Getúlio Vargas à Praça Júlio
Augusto.

A mulher sempre teve o seu papel de destaque na vida brasileira e no mundo, em todos os setores de atividades.

Encontramos estas heroínas até nos campos de batalha, lutando em defesa da Pátria.

Ana Nery, por exemplo, é símbolo da enfermeira nacional. Esteve na Guerra do Paraguai, como um anjo tutelar, amenizando o sofrimento dos nossos bravos soldados feridos e mutilados.

Um dia encontrou, entre os mortos, o seu próprio filho. Quando chorava amargamente, ouviu um gemido próximo do lugar onde estava. Alguém lhe pedia água. Era um soldado inimigo. Com toda a dedicação, tomou as devidas providências para que ele fosse transportado e socorrido. Em troca do que lhe fizeram os paraguaios, tirando a vida de seu filho, ela procurou salvar a vida do filho de uma mulher paraguaia,

Muitas vezes, escreveu mensagens ditadas pelos feridos, a fim de que fossem entregues à mãe ou à esposa.

Depois de cinco anos de serviço, voltou para o seu lar, levando quatro órfãos de guerra.

Queremos aqui destacar o valor de uma outra mulher que, também, como um anjo tutelar, tornou-se um nome nacional pelo seu altruísmo e humanitarismo; trabalhou em favor dos infelizes hansenianos, espalhados por todos os quadrantes da terra brasileira.

Esta mulher é Eunice Weaver — nome nacional — a grande heroína de uma sacrossanta cruzada.

Ela dirigiu com amor e muita dedicação, a “Sociedade de Defesa Contra a Lepra no Brasil”.

Espalhou a semente do bem por todo o território nacional e mais tarde colheu o fruto de seu trabalho, trabalho feito de coração, regado pela caridade e pelo amor ao próximo.

Dona Eunice Weaver, em sua caminhada por este Brasil afora, no desempenho de sua nobilitante missão, esteve em

Viçosa do Ceará, época em que o pai do autor deste livro — Antônio Honório Passos — era Prefeito Municipal daquela cidade ibiapabana, no período de 1935 — 1939.

Foi hóspede de nossa residência, recebendo ali condigno e merecedor tratamento. Era uma senhora altamente expansiva e atraente, culta e muito humana.

Andava em estudos de pesquisas sobre a lepra no planalto da Ibiapaba. Com ela tivemos a grata oportunidade de dialogar sobre o estado sanitário e das vastas possibilidades econômicas da velha e imensa cordilheira dos tabajaras.

O seu trabalho no Brasil em defesa da lepra, na época, doença incurável e transmissível, afastando o paciente, totalmente, do convívio da família e da comunidade, foi verdadeiramente extraordinário, de alta abnegação.

Eunice Weaver esteve várias vezes em Parnaíba. Em 1941 conseguiu criar aqui a “Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra”, desdobrando-a assim da “Sociedade Feminina de Assistência aos Pobres de Parnaíba”, para que cada entidade tivesse a sua missão específica.

Esse trabalho contou de logo com o apoio decidido do ilustre médico Dr. Mirócles Veras, que também exercia as funções de Prefeito Municipal, e das Senhoras Delzira Neves, Maria do Carmo Basto Correia e Inês Parentes de Miranda.

Depois da estada de Dona Eunice Weaver em nossa terra, a novel sociedade tomou outro impulso, com a sua nova diretoria, tendo à frente Dona Iracema Pires de Castro, que muito tem feito até hoje em benefício das famílias dos hansenianos.

Para atestar o trabalho de Eunice Weaver e Iracema Pires de Castro, aí está o magnífico “Preventório Padre Damião”, ali à margem da rodovia Parnaíba-Teresina, abrigando, com amor e dedicação, os filhos dos hansenianos da “Colônia do Carpina”.

Parnaíba resgatou uma dívida de gratidão para com Eunice Weaver, a grande pioneira dessa cruzada bendita, quando deu a esta rua, o nome dessa benemérita paulista, que tão grandes serviços prestou à nossa cidade.

Assim, a sua história, ficou para sempre, na história de Parnaíba.

FELIPE MOTA

Bairro Santa Luzia. Da Estrada
de Rosápolis ao fim do Bairro.

Seu nome: Felipe Osório de Carvalho Mota.

Teve Parnaíba como seu berço natal — 7 de setembro de 1882 — sessenta anos depois do grito do Ipiranga.

Casado com Dona Otilia Neves de Carvalho, de tradicional família parnaibana.

Formado pela Faculdade de Farmácia da Bahia, depois de brilhante curso.

A sua vida foi toda dedicada à farmácia, tornando-se um profissional competente, na época em que quase toda medicina era manipulada pelo farmacêutico. Remédio manipulado por Felipe Mota tinha o selo de garantia, pois, acima de tudo, estava o seu critério e a sua consciência de profissional que zelava pela saúde do povo.

Trabalhou inicialmente na “Farmácia Humanitária”, de João José das Neves. Em 1908 passou a servir na “Farmácia São Luis”, do prático José Gomes, passando depois, Felipe Mota, a ser seu proprietário.

A “Farmácia São Luis”, ficava no início da Avenida Presidente Getúlio Vargas, prédio já demolido.

Depois de seu falecimento em 11 de janeiro de 1958, a sua “São Luis” desapareceu com ele, pois durou apenas dois anos, sob a direção do Dr. José Evandro Melo.

Felipe Mota fez de sua nobilitante profissão um sacerdócio, ainda hoje, o seu nome é lembrado com saudade e respeito, padrão de critério e de honestidade.

Foi um cidadão que dignificou a sua nobre e humana profissão e honrou a terra que lhe serviu de berço e de túmulo.

FLORIANO

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Avenida Álvaro Mendes à
Avenida Princesa Isabel.

Floriano é uma das mais florescentes cidades do Piauí, situada à margem direita do Parnaíba.

Os rios Gurgueia e Itaueira são os seus afluentes em sua margem direita, formando dois belos focos d'água.

A carnauba é a principal riqueza vegetal do município; suas matas apinham-se destas lindas palmáceas, de leques abertos, rumorejantes ao vento, o gado pastando em seus campos verdejantes, constituem grandes fontes econômicas da terra florianense.

É o mais importante centro comercial do médio Parnaíba. Cidade moderna, com largas ruas e bonitas praças ajardinadas.

Elegantes clubes sociais para o lazer de sua sociedade, grupos escolares, ginásios, Escola Normal e Escola Técnica de Comércio enfeixam o quadro educacional dessa grande e hospitaleira cidade sulina.

Floriano é grande centro rodoviário e fluvial da região, marcando o seu desenvolvimento e o seu vertiginoso progresso.

A sua Igreja-Matriz de São Pedro, seu glorioso Padroeiro, é um templo majestoso, encrustado na principal praça daquela cidade, banhada pelo imenso e caudaloso Parnaíba.

A sua festa é celebrada com muita pompa e no Dia de São Pedro, 29 de junho, a cidade reverencia a figura Santa do velho chaveiro do Céu.

Floriano é fértil em festas folclóricas, destacando-se o bumba-meu-boi, congo, reisado, pastorinhas e quadrilhas, ao calor dos tradicionais festejos juninos, exatamente no mês de São Pedro.

Parnaíba e Floriano — as Princesas no Norte e do Sul do Piauí — entrelaçam-se pela amizade e unem-se no trabalho e no progresso, para engrandecimento da terra piauiense.

Esta é a razão do nome desta rua.

FLORINDO DE CASTRO

Denominação antiga: Rua do Buriti. Centro. Da Avenida Capitão Claro à Praça Santo Antônio.

General Florindo Ramos de Castro, foi um nobre e digno militar que, pelo seu caráter, pela sua integridade moral e pelo seu acendrado patriotismo, honrou as Forças Armadas Brasileiras.

Ingressou no Exército Nacional no ano de 1881, cursou a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, saindo habilitado no curso das três armas: infantaria, artilharia e cavalaria, além do diploma especial de pólvora e agrimensura, que alcançou com invulgar realce.

Serviu em várias Guarnições Militares, espalhadas em diversos Estados brasileiros.

Compulsado a 26 de janeiro de 1928, quando comandava a Quarta Brigada de Infantaria, com sede em Caçapava, no Estado de São Paulo, registrou a longa vida militar de 49 anos, 9 meses e 11 dias de serviços dedicados à causa do regime inaugurado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, na madrugada de 15 de novembro de 1889.

Nunca subiu por favores, nos diversos postos de hierarquia militar; ao contrário, estudo e merecimento próprio foram os superiores predados com que galgou até chegar ao posto de General de Brigada, em que foi reformado.

Republicano intransigente; firme no respeito aos preceitos constitucionais, com uma concepção elevada de verdadeiro dever de militar em face das instituições federativas, sempre mereceu, por isso mesmo, inteira confiança dos governos republicanos, tendo desempenhado missões de alta importância na carreira militar.

Em chegando a compulsória, sobrevivendo o seu afastamento do Exército de primeira linha, suas vistas voltaram-se para a terra natal, da qual se encontrava ausente durante trinta e seis anos.

E assim voltou ao seio de sua família e de sua Parnaíba, para “rever a terra amiga de sua gente e a gente amiga de sua terra”.

O ilustre General Florindo Ramos de Castro faleceu em 1929, no Rio de Janeiro. Com o seu desaparecimento Parnaíba perdeu um dos seus mais notáveis filhos e o Exército Brasileiro um dos seus grandes soldados.

Honra ao Mérito. O General ganhou uma rua em sua terra natal. Homenagem justa e merecida.

FRANCISCO AIRES

Antiga denominação: Rua União.
Atualmente: Rua Francisco Aires — Lei Municipal N.º 381, de 11 de fevereiro de 1966. Fica no Bairro de Fátima. Da Rua Dom Pedro II à Rua Franklin Veras.

Vamos biografar um poeta, e biografar um poeta é perfilá-lo dentro da própria poesia.

É o que vamos fazer com o poeta Francisco Aires, o velho Chico Aires da Parnaíba do passado.

Nasceu em Viçosa do Ceará, “terra do meu amor, Canaan do meu sonho”, no dizer do poeta, no ano da República, a 21 de outubro de 1889, ouvindo o trinar dos pássaros e o murmurar das águas das cascatas da serra.

Ali, na velha cordilheira da Ibiapaba, viveu os seus primeiros dezoito anos, quadra primaveril da vida, mais tarde, exaltou em versos seus:

Como é doce a mocidade
Na sua marcha garbosa,
É qual manhã radiosa
Que ilumina a imensidade.

Estudou pouco, apenas seis anos de aulas, mas a inteligência brotou como as cascatas espumantes que se espriam sobre o altiplano dos tabajaras.

Chico Aires, na intimidade, sentindo na alma o lampejo da poesia, resolveu alçar vôo para um ambiente mais amplo, mais propício, onde pudesse aprimorar a sua inteligência, lapidar os seus conhecimentos, dando assim franca expansão à sua lira de poeta que desabrochava como uma flor.

Corria o ano de 1908.

O Chico Aires, vermelho como um arrebol, apeava-se de um cavalo, ali no antigo Bairro Campos.

Era um manso aventureiro que vinha em busca da hospitalidade da terra parnaibana.

Veio para vencer e venceu!

Iniciou sua vida aqui no comércio, tendo mais tarde se transformado em magnífico mecânico-hidráulico.

Casou-se em 1912, com a sua prima Dona Alice Mota Aires, deixando quatro filhas professoras, todas com inclinação poética, principalmente a Teresa e a Joana são exímias poetisas.

Chico Aires fez parte ativa da vida intelectual da cidade. Assíduo colaborador, desde os primeiros instantes, do ‘Almanaque da Parnaíba’, na época áurea do saudoso Bembém.

Foi mais além, dirigiu o “Artista” e o “Perdão”, jornais de orientação operária, colaborou no “Popular”, no “Imperial”, na “Cruz”, no “Consolador”, no “O Norte” e no “Sino”.

O Chico Aires tanto manobrava a bigorna como manejava a pena.

Era um dia de 1942, o poeta sentiu a nostalgia do berço distante, tangendo as suaves cordas de sua lira, escreveu este tango-canção com música do maestro Almir Araújo:

Saudade de Viçosa

Quando me lembro da terra
Adorada onde eu nasci,
Sinto saudade da serra
Dos encantos que lá vi...

Lembro-me muito saudoso
Do meigo sabiá serrano,
Do seu canto harmonioso,
Divinal e soberano.

Recordo os dias passados
Da minha infância ditosa
Meus sonhos eram bordados
De paisagem cor-de-rosa...

Eu tenho saudade infinda,
Das sombras dos cafezais,
Muito mais saudade ainda,
Dos meus irmãos, de meus pais!...

Chico Aires amava a sua terra, mas adorava Parnaíba.
Foi um autêntico parnaibano de coração. Aqui viveu cinquenta
e seis anos, na cidade que fez sua pelo amor e pelo afeto.

E neste verso ele cantou a sua Parnaíba querida:

Cidade amiga, eu te venero tanto...
Que nunca posso me apartar de ti,
Quer na alegria ou no dolorido pranto,
Sempre te amei e nunca te esqueci.

Chico Aires morreu na cidade que ele tanto amou e nunca
se esqueceu, a 8 de janeiro de 1966.

Dorme poeta, o teu grande e eterno sono, mas a tua lira,
a doce lira da tua poesia, da tua inspiração, através do teu
livro "Cantos ao Vento", continuará aos nossos ouvidos e den-
tro de nossos corações, como se fosse "o cantar harmonioso do
meigo sabiá" nos galhos das mangueiras da tua e da nossa
Viçosa querida.

F R A N C I S C O C O R R E I A

Denominações antigas: Rua do
Passeio e Rua da Cadeia. Cen-
tro. Da Rua São José à Avenida
Capitão Claro.

O Dr. Francisco de Moraes Correia era uma das figuras
mais populares e estimadas de sua terra, dada a sua simpatia

e a sua proverbial cordialidade. A Parnaíba toda o conhecia por Dr. Francisquinho, homem ligado ao povo.

Era filho do Coronel Francisco Severiano de Moraes Correia e de D. Maria Cleófas de Moraes Correia. Nasceu nesta cidade a 31 de maio de 1875.

Depois do curso primário, foi ainda criança fazer o curso secundário em São Luís, capital maranhense. Transferiu-se depois para a Escola Militar de Fortaleza e terminou o curso no Rio de Janeiro, onde sentou praça no Décimo-Primeiro Batalhão de Infantaria.

Como cadete tomou parte no movimento da proclamação da República, quando ainda não tinha quinze anos completos.

Em seguida, deixou a vida militar e regressou à sua terra natal, onde iniciou as atividades comerciais, de sociedade com o seu irmão Coronel Jonas de Moraes Correia, figura de maior destaque no comércio e na política, na época, em Parnaíba.

Casou-se a 6 de fevereiro de 1897, com a Senhora Dona Lina Carlota Ramos Correia, filha do honrado comerciante e Vice-Cônsul de Portugal José da Silva Ramos, de cujo matrimônio não teve descendentes.

Formou-se em Direito, depois de casado. Antes já havia fundado de cooperação com os seus irmãos Jonas e Constantino Correia, o jornal “O Nordista”, semanário vibrante, bem redigido, intransigente defensor dos interesses de Parnaíba e do Piauí. Foi um jornal que fez época. Agora em nossas pesquisas, chegamos a conhecer alguns números, ótimo periódico. Também pudera! Ali pontificavam as penas brilhantes dos três Correia — Dr. Francisquinho, Jonas e Constantino.

A memorável campanha de “O Nordista” em prol da integridade territorial do Piauí, deu lugar a que o Dr. Francisco Correia fosse convidado no Governo Álvaro Mendes, no período de 1904 — 1907 — para a Chefia de Polícia, cargo que desempenhou com raro brilhantismo. O seu nome fora lembrado para uma das vagas de Deputado Federal, pelo Senador Coelho Rodrigues. Desempenhou ainda vários cargos de alta importância na secretaria dos Governadores Areolino de Abreu, José Lourenço, Anísio de Abreu e Antonino Freire.

Publicou vários trabalhos de valor quando esteve na Secretaria de Polícia, destacando-se o “Regulamento da Secre-

taria de Polícia”, o “Regulamento das Cadeias” e o “Regulamento da Segurança Pública” e outros, recebendo por isso justos encômios dos governos.

Em 1915, foi eleito Deputado Federal, mas sofreu decepçionante esbulho eleitoral, não chegando assim, assumir sua cadeira na Câmara Baixa do País.

Ainda exerceu, por duas vezes, o cargo de Deputado Estadual — Legislaturas de 1920 a 1927, onde teve oportunidade de exercer importantes comissões, merecendo sempre a estima e consideração de seus pares, onde também prestou relevantes serviços à sua terra.

Voltando às lides comerciais, formou a firma Moraes Correia & Cia., juntamente com seu irmão Constantino Correia e João Cândio Rodrigues, seu grande amigo. Essa firma representava o Lloyd Brasileiro no Piauí.

Foi fundador em Parnaíba de inúmeras associações de beneficências, comerciais e esportivas, dentre várias destacamos: Associação Comercial de Parnaíba, Santa Casa de Misericórdia, Comissão Pró-Porto de Amarração, Loja Maçônica “Fraternidade Parnaibana, Escola Normal de Parnaíba, hoje Escola Normal Dr. Francisco Correia, Ginásio Parnaibano, hoje Colégio Estadual Lima Rebelo, Fundação São Lázaro, Centro Espírita Perseverança do Bem, Cassino 24 de Janeiro, Tiro de Guerra e vários clubes esportivos.

Enfim, o ilustre Dr. Francisco de Moraes Correia deixou o seu nome gravado indelevelmente, em letras de ouro, pois Parnaíba, a sua querida terra natal, jamais esquecerá a imensa folha de serviço que ele prestou à sua cidade e ao seu Estado.

O Dr. Francisquinho, como era popularmente tratado, era grande amigo dos pobres, homem de coração aberto, caritativo, generoso e desprendido.

E no amanhecer de um dia de sol a iluminar a sua grande alma, 24 de outubro de 1950, deixava este mundo, o Dr. Francisquinho para ganhar, por certo, o lugar dos bons e dos justos.

Parnaíba chorou, chorou a morte de seu inolvidável filho e o seu enterro foi uma apoteose, era a homenagem do povo ao seu grande amigo.

XXXXXXX

A rua Francisco Correia também tem o seu lado pitoresco, alegre, divertido, e seu lado triste.

Era dividida em dois trechos, cada um tinha uma denominação. Da Rua Pires Ferreira em direção à antiga Corôa era chamada de Rua da Cadeia. Ali nas imediações, hoje, onde funciona a “Padaria Popular” era a delegacia e a cadeia.

No passado, neste local, muita gente foi “prá-chave” e muito “bolo de palmatória” foi aplicado. Moleque gemia e molhava as calças.

Da cadeia para cima, direção da atual Avenida Capitão Claro, era a Rua do Passeio.

Entre as ruas Marquês de Herval e Humberto de Campos, era uma faixa de casas modestas, habitadas por “mulheres alegres”. Diariamente haviam atritos, com grossas pancadarias. Muita festa e muita cachaça. Cabeça quebrada, sangue correndo. Lá vão os “caras encanados”. A cadeia era perto, tome xilindró.

Daí o trecho foi apelidado de “Pau não cessa”.

E o epíteto pegou de verdade.

Finalmente as mulheres foram afastadas para os lados da “Quarenta” e as casas do “pau não cessa” foram transformadas em residências familiares. Em uma dessas casas, com a companheira, morava o Salim, um sírio muito popular, que naquele tempão do passado, introduziu a venda à prestação, cobrando de porta em porta, as cotas semanais. Muita gente ainda fala no Salim.

Na antiga Rua da Cadeia, também registrou-se um fato inédito nos anais da história de Parnaíba.

Corria o ano de 1857 — 14 de abril — oito horas da manhã. Aleixo, o preto escravo, vulgo Curuja, vestido com a túnica mortuária, tendo a corda ao pescoço, em cuja ponta segurava o carrasco, seguindo a Frei Brito, capelão da Milícia, que lhe administrara a extrema-unção, foi solenemente enforcado ali, em pelhourinho adredemente preparado. Este local, hoje, é a Rua Francisco Correia, onde está o “Palácio dos Móveis”.

Agora, vejamos o móvel desse enforcamento. Era noite, 27 de agosto de 1856, o pacato povoado de Buriti dos Lopes realizava uma festa de negros e escravos, enquanto Dona Carolina Thomázia e Silva Miranda, casada com o Capitão José

Francisco de Miranda, filha do Coronel Simplício Dias da Silva que, estava sozinha, lendo à cabeceira de uma mesa, à luz de um candelabro de prata, com velas de cera, tombava sem vida, vítima de um tiro de granadeira, disparado misteriosamente.

Com o decorrer do tempo — oito meses de pesquisas em pesquisas — foi descoberto o autor do homicídio. Fora Aleixo, o escravo da rica senhora, que dias antes do crime, havia sido esbofetiado pela potentosa esposa do Capitão Miranda.

Dona Carolina Thomásia e Silva Miranda está sepultada na Catedral de Nossa Senhora da Graça de nossa cidade.

Como estamos contando, cada rua sua história, aqui estão esses longínquos episódios da Rua Dr. Francisco Correia, um dos homens mais queridos da Parnaíba do passado.

F R A N C I S C O S E V E R I A N O

Da Avenida Princesa Isabel —
Bairro São Francisco — à Ave-
nida Padre Raimundo Vieira —
Bairro de Fátima.

Amarração era um pequeno povoado, pertencia ao Ceará. Era um núcleo de pescadores. O mar era o seu encanto, a sua riqueza. A sua monotonia era quebrada apenas pelas rajadas do vento, vindas do oceano.

Para Parnaíba, em canoas e em costas de animais e de homens, vinham os seus principais produtos: peixe, coco e sal, fabricado empiricamente.

E como era pacata e pitoresca a vida ali, perto do mar, sempre valente, rugindo como um leão.

Ali faltava um homem para dar à vilazinha uma nova dimensão, uma vida mais agitada, aproveitando a sua imensa riqueza, ajudada pelo braço forte do pescador que vivia naquela placidez nostálgica.

A sorte estava lançada. Este homem viria, como uma espécie de Messias prometido por Netuno, para sacudir a vida daquela gente humilde, carente de trabalho e de assistência.

E, assim, foi que pelos idos de 1860/1863, aportava naquele núcleo pesqueiro, vindo por via marítima, em frágil em-

barcação, de Açú, Rio Grande do Norte, o maior produtor de sal do Nordeste, um jovem casal, recentemente nupcialado — Francisco Severino de Moraes Correia Filho e Maria Cleófas de Moraes Correia, que se destinava à Parnaíba.

O casal trazia em sua companhia a senhora Ana Joaquina de Miranda Castro, conhecida na intimidade por Dona Aninha, mãe de Dona Maria Cleófas.

Ali chegando, apesar de jovem, mas experimentado nas lutas da vida, Francisco Severiano viu o abandono do lugarejo, sem conforto, sem trabalho, sem assistência, talvez, sem escola, pois, Granja tão distante, não olhava para esta nesga de terra litorânea de seu imenso município.

Francisco Severiano, como bom potiguar, conhecedor profundo de extração de sal, voltou, de logo, as suas vistas para esta indústria quase abandonada.

Seria um campo aberto e vasto para novas atividades e uma fonte de trabalho e de renda para o rústico caboclo bronzado do mar.

Ali fixou residência.

E o desejo aliado à força de vontade, dentro de pouco tempo, a grande salina, parecendo um imenso tablado de xadrez, estava em pleno funcionamento, no vai-e-vem do cotidiano.

O sal era vendido para várias localidades, principalmente para Parnaíba, transportado em grandes barcos e em animais, daqui, pelos armazéns, para outros pontos da província.

Amarração e a indústria salineira floresciam, alertando um povo para novas caminhadas.

Dado o desenvolvimento do negócio, Francisco Severiano sentiu a necessidade de transferir a sua residência para Parnaíba, grande centro comercial.

Aqui chegando, comprou casa e estabeleceu-se comercialmente. A sua casa estava ali na entrada para a “Quarenta”, bem na esquina, hoje, Praça Constantino Correia, lateral à Rua Luiz Correia.

Francisco Severiano era um homem inteligente, arguto, tinha muita facilidade de expressão, muito comunicativo e de profundo discernimento.

Cidadão de retilínea conduta, vida pautada dentro de rígida honestidade, encontrou, por todos esses invejáveis atributos, um campo vasto para cultivar amizades, aumentando o círculo de amigos. Tinha muita facilidade de falar de público, era grande orador, palavra fácil e penetrante, conquistando, com relativa rapidez, a massa popular. E esta herança ele passou para os filhos e netos.

E a vida ia lhe abrindo novas clareiras. Assim é que a partir de 1889, quando o Brasil instituiu o regime republicano, implantando uma nova constituição nos moldes de uma república federativa, com eleições livres, Francisco Severiano ingressou na política parnaibana, galgando, de logo, posição de comando. Foi de fato o chefe supremo da política deste município.

Nestas alturas, o Coronel Francisco Severiano, com uma família de sete filhos, quase todos estudando no Ceará e Rio de Janeiro, onde conquistaram honrosos diplomas em diversas carreiras, formava-se, assim, a tradicional estirpe Moraes Correia que tão grandes e relevantes serviços tem prestado à Parnaíba e ao Piauí, honrando e ilustrando os seus ancestrais — Francisco Severiano de Moraes Correia Filho e Maria Cleófas de Moraes Correia — a grande árvore genealógica dos Moraes Correia em terras piauienses.

Seis Moraes Correia foram Intendentes ou Prefeitos Municipais de Parnaíba, sendo dois de cada geração:

Primeira geração: — 1899 — 1900 — Francisco Severiano de Moraes Correia Filho; 1905 — 1912 — Luiz Antônio de Moraes Correia — irmãos.

Segunda geração: — 1901 — 1904 — Jonas de Moraes Correia; 1913 — 1914 — Constantino de Moraes Correia — filhos.

Terceira geração: — 1951 — 1954 — Dr. João Orlando de Moraes Correia; 1963 — 1967 — Dr. Lauro Andrade Correia — netos.

O Coronel Francisco Severiano foi eleito Intendente Municipal em 10 de julho de 1899, tendo como Vice-Intendente Inácio Luiz Gomes de Almeida, para o período de 1899 — 1900.

Foram dois anos de muito sacrifício para um administrador, mal iniciava o seu plano de obras, quando irrompeu a terrível seca de 1900, que assolou o Nordeste, especialmente o vizinho Estado do Ceará, de onde contínuas levas de emigrantes procuravam o território piauiense, principalmente o litoral.

A Intendência Municipal, que contava com poucos recursos financeiros para continuar as obras iniciadas, sentiu um impasse doloroso e difícil.

Socorrer as vítimas da tremenda crise climática ou paralisar os serviços públicos.

O Coronel Severiano, cidadão de coração grande e generoso, aberto à caridade pública, preferiu salvar os seus irmãos em transe tão doloroso.

E ele, como o magnânimo Imperador Dom Pedro II, imitou o seu gesto altamente nobilitante e humano: “Parem as obras da Intendência Municipal, mas nenhum cearense morrerá de fome em terra parnaibana”.

Gesto desta natureza dignifica um homem, enaltece as suas qualidades e duplica as suas virtudes.

Foi um administrador de alto sentimento humano, que ao lado de Dona Maria, sua esposa, de Jonas Correia, seu grande filho, tornaram-se autênticos benfeitores e merecedores da gratidão do povo cearense.

O Coronel Francisco Severiano de Moraes Correia Filho, conhecido popularmente por Coronel Chiquinho, nasceu em 31 de julho de 1845, na cidade de Açú, Estado do Rio Grande do Norte, que, quando aqui chegou, já vinha casado com a Senhora Maria Cleófas de Moraes Correia.

Deste consórcio nasceram os seguintes filhos: Jozias Benedito de Moraes Correia, Constantino de Moraes Correia, Jonas de Moraes Correia, Dr. Luiz de Moraes Correia, Dr. Francisco de Moraes Correia, Maria da Graça de Moraes Correia, casada com Fernando José dos Santos Sobrinho e Francisca de Moraes Correia, inupta.

Todos os seus filhos nasceram em Parnaíba, com exceção do Dr. Luiz de Moraes Correia, que nasceu em Amarração.

Pela Lei N.º 08, de 4 de setembro de 1935, do então Governador do Estado, Dr. Leônidas de Castro Melo, Amarração

passou a denominar-se de Luiz Correia, em homenagem ao filho ilustre, grande piauiense, notável tribuno e brilhante jurisconsulto.

Francisco Severiano, homem de extraordinária capacidade de trabalho, de vida dignificante, modelo para gerações, é o tronco sempre verdejante da gigantesca árvore genealógica dos Moraes Correia, hoje espalhada pelo Brasil afora.

Depois de sua morte, em 21 de janeiro de 1917, Dona Maria Cleófas que nascera em 1848, na intimidade do lar, Dona Cotinha, de cabelos brancos, símbolo de virtude e de bondade, passou a residir em companhia de seu filho primogênito Jozias Benedito de Moraes Correia.

Ali cercada pelo carinho dos filhos, netos e bisnetos, era Dona Cotinha, uma relíquia sagrada da família, quando veio a falecer em 6 de janeiro de 1947, com a provecta idade de noventa e nove anos, quase um século, tornando-se símbolo de saudade.

Inicialmente, dissemos que Amarração era um pequeno povoado pertencente ao município de Granja, Estado do Ceará.

Para efeito histórico, esclarecemos que para o Piauí ter um dia, o seu porto marítimo, foi permutada a vila de Príncipe Imperial, Piauí, hoje, a importante cidade de Crateús, ao norte do Ceará, com a vila de Amarração, hoje, Luiz Correia, a principal cidade turística do litoral de nosso Estado.

Essa troca que fora recomendada no Parlamento Imperial e por geógrafos abalizados como Aires Cabral, foi realizada oficialmente pelo Decreto-Geral N.º 3.072, de 22 de outubro de 1880.

E já decorrido mais de um século dessa permuta, o porto de Amarração, coitado, continua sendo um sonho quase inexecutável do Piauí.

Aí está varando os bairros São Francisco e de Fátima, a Rua Francisco Severiano, como uma homenagem digna e enaltecedora de Parnaíba ao vulto patriarcal do Coronel Francisco Severiano de Moraes Correia Filho, o saudoso Coronel Chiquinho, que legou a esta terra, uma família de tão honrosas tradições.

FRANKLIN VERAS

Da Avenida Princesa Isabel —
Bairro São Francisco à Avenida
Nossa Senhora de Fátima.

Franklin Gomes Veras nasceu em Tutóia, Estado do Maranhão, no ano de 1847.

Aqui aportou, muito jovem, mais tarde, como César, célebre general romano, pôde exclamar: “cheguei, vi e venci”.

Humberto de Campos, brilhante escritor nacional, que era seu sobrinho, traça seu perfil como homem de estatura acima da mediana, forte, louro, esbelto, alvo e corado, olhos azuis e usava apenas bigode.

Da família era o mais alegre, o mais viajado, o mais aristocrata, o de vida mais intensa e, no exercício de uma assombrosa atividade comercial e mundana, o mais inteligente.

Era de raciocínio pronto, que explodia em frase rápida e original.

Casado três vezes, nas famílias Gomes Neves e Braga Nina, de São Luiz, sendo a terceira esposa a senhora Cleonice Borges Veras, viúva de Benedito Rodrigues Madeira Brandão, de Parnaíba, deixando dos três casamentos numerosa prole.

O Coronel Franklin Veras em 1875 fundava a sua casa comercial, uma das maiores da época, sob a razão social de Franklin Veras & Cia., localizada à Rua Grande, perto do “Porto Salgado” hoje, Avenida Presidente Getúlio Vargas.

Esta firma que no decorrer de toda a sua longa existência, nunca paralizou as suas atividades, constitui um patrimônio da família Veras, passando de geração a geração. Hoje é dirigida por Cláudio Marques Franklin Veras, bisneto do fundador deste empório comercial.

Era um homem expansivo, alegre e doseado de alto senso de bom-humor. A anedota para ele constituía o seu lazer, mesmo nas horas de trabalho, gostava de contar e ouvir piadas, às vezes picantes, às vezes inocentes. A juvenildade morava no seu espírito.

Penetremos agora os umbrais da seara do seu bom humor e vejamos a alta dosagem do seu satirismo.

Certo dia, entra em seu escritório, onde ele escrevia atentamente, uma pobre mulher, aflita, humildemente, pede-lhe uma esmola para comprar uma mortalha para seu filho que morrera pela madrugada. O Coronel Franklin Veras, sempre humorado, saiu-se com esta: — Ora, dona, enterre este menino nu, não dê trabalho a São Pedro de levantar a sua roupa para saber se é macho ou fêmea.

Em seguida, abriu a bolsa e deu o seu generoso auxílio: — Vá dona, mas não dê este trabalho a São Pedro...

x x x x x x

De uma dessas suas viagens a Europa, trouxe um jogo de três espelhos, tamanho natural, no primeiro, a pessoa ficava gorda e barriguda; no segundo, magro e alto, finalmente no terceiro, alto e engrouvinhado. Foi um sucesso ali em sua loja, todo mundo queria se olhar nos espelhos do Coronel Veras. E ele, lá de seu escritório, ria-se à bandeira despregada.

x x x x x x

Humberto de Campos nos conta este picante episódio:

Certa vez um Juiz de Direito de Parnaíba, homem circunspecto e conservador, chamou-o à parte, para uma confidência. Coronel, disse, venho pedir-lhe um conselho.

Diga.

Eu tenho na minha fazenda, do Buriti, uma rapariga nova e bonita, casada com um caboclo que foi para o Amazonas.

Essa cabocla é minha comadre. Eu sou padrinho de um filho do casal. Mas, com ausência do marido, a cabocla começou a atirar-se a mim, tornando-se uma verdadeira perseguição.

E o doutor, o que fez, ainda não aproveitou?

Não, Coronel, até agora não.

Por que? Por escrúpulos. Compreende, ela é minha comadre. O filho dela é meu afilhado.

Ora doutor, exclamou Franklin Veras: — Que escrúpulos que nada! Diga-me uma cousa: o Senhor não se deita com a mãe dos seus filhos?

Deito-me sim.

Então? Se o doutor pode deitar-se com a mãe dos seus filhos, por que não poderá fazer o mesmo com a mãe de seu afilhado?

X X X X X

Aliado a esse bom humor, o Coronel Franklin Veras foi, sem dúvida, um dos grandes esteios do comércio desta cidade, instalando em época remota, uma das mais importantes casas importadoras e exportadoras do Estado, que ainda hoje está de pé, conservando a tradição de honradez de seu fundador.

E para fechar a cortina desta página do passado do Coronel Franklin Veras, respingamos para cá, estas palavras do imortal Humberto de Campos: —

“Em luta há muitos anos, com uma enfermidade que o levou constantemente à Europa e o trazia ao Rio, sucumbiu, afinal, em 1920, após mais de setenta anos de atividade vitoriosa, e de haver colhido na árvore da vida, de mistura com alguns espinhos, todos os frutos bons que ela dá.”

GENERAL TAUMATURGO AZEVEDO

Fica no Bairro São José. Da
Rua Luiz Correia ao Rio Iga-
raçu.

O município de Barras é fértil em valores intelectuais e políticos. Nesse particular, sua riqueza toma consideráveis proporções, ao ponto de essa região ser considerada “terra dos governadores”.

Povo dotado de rara inteligência e apreciável capacidade de trabalho, com representantes inconfundíveis em todos os setores da vida piauiense, o barrense sabe dignificar o seu patrimônio histórico, um dos mais expressivos do Piauí. Não lhe faltam convicções democráticas e os sentimentos altruísticos com que os piauienses engrandecem o nome da sua terra.

Entre os filhos ilustres de Barras, destaca-se Gregório Taumaturgo de Azevedo — Engenheiro Militar que mereceu o alto posto de General de Divisão do Exército Brasileiro. Inspetor da Arma de Infantaria do Exército Nacional, Comandante da Região Militar da Bahia e da Brigada Policial do Rio de Janeiro.

Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife.

Foi o primeiro Governador do Piauí, na República, nomeado que fora pelo Presidente Marechal Deodoro da Fonseca.

Exerceu o seu mandato de 26 de dezembro de 1889 a 4 de junho de 1890, sendo exonerado por pressão política.

Os principais fatos de seu Governo foram: soerguimento das finanças, com a criação de várias Mesas de Rendas, reorganização do ensino primário e secundário.

Em seguida, foi nomeado Governador do Amazonas, onde desenvolveu uma administração realizadora e fecunda.

Mais tarde, Prefeito do Departamento do Alto Juruá, como Chefe da Comissão de Limites da Bolívia, iniciou a questão do Acre e fundou a cidade de Cruzeiro do Sul. Também chefiou a Comissão de Limites da Venezuela, com brilhantismo.

O General Taumaturgo de Azevedo foi Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia e Vice-Presidente da Exposição de 1908. Sócio dos Institutos Arqueológicos e Geográfico de Pernambuco, de Alagoas e Santa Catarina e dos Institutos Históricos de São Paulo, da Bahia, da Paraíba e do Piauí. Sócio ainda, da Associação Comercial e da Associação de Imprensa do Rio de Janeiro, da Real Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes, da Associação de Imprensa de Santiago do Chile, da Associação dos Advogados de Lisboa e o do Ateneu de Guatemala, da Academia de História Internacional de Paris e da Sociedade Nacional da Cruz Vermelha Cubana, com a faixa e grande placa de Honra ao Mérito.

Pela sua cultura e pelos seus altos méritos recebeu, com justiça, inúmeras condecorações: Membro da Ordem de Cristo,

da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis e recebeu a Medalha de Ouro da República e a Medalha de Ouro Simão Bolívar.

Deixou inúmeros trabalhos publicados, entre discursos e questões jurídicas.

Esse inolvidável barrense que faleceu em 1921, no Rio de Janeiro, é Patrono da Cadeira N.º 29 da Academia Piauiense de Letras e também Patrono, com muita honra para Parnaíba, desta rua do Bairro São José.

G U A P O R É

Da Rua Benedito Santos Lima passando pelo Bairro Pindorama até o final do Bairro Boa Esperança.

Guaporé — Território Federal — na região Norte do Brasil, foi criado pelo Decreto-Lei N.º 5.812, de 13 de setembro de 1943, mais tarde, teve o seu nome mudado para Rondônia.

Foi uma homenagem ao Marechal Cândido Mariano Rondon, o maior vulto brasileiro no desbravamento dos nossos sertões, onde prestou inumeráveis serviços à causa da integração de nossa Pátria, pacificando e civilizando dezenas de tribos selvagens no interior de Mato Grosso e região Amazônica. Foi um verdadeiro apóstolo da catequese de nossos selvícolas.

O Marechal Rondou faleceu aos noventa e três anos de idade, no Rio de Janeiro, em 19 de abril de 1959.

19 de abril passou a ser o Dia do Índio.

Porto Velho — Capital de Rondônia — é uma cidade que fica à margem do rio Madeira. O centro da cidade é bastante desenvolvido, comercialmente. A sua principal indústria é a lavagem e laminação da borracha.

A via fluvial é o meio de comunicação com outros municípios, indo até Humaitá. Também é usada a via aérea e a via

férrea, através da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, chegando até Guajará-Mirim.

O Território de Rondônia é banhado pelos rios Guaporé, Madeira e Mamoré, pertencentes à bacia Amazônica.

Aí está um pouco da história do nome desta rua.

G O D O F R E D O D E M I R A N D A

É a linha divisória entre os Bairros Bebedouro e Santa Luzia. Da Avenida José de Moraes Correia a Lagoa do Bebedouro.

Dr. Antônio Godofredo de Miranda, nasceu em Buriti dos Lopes, em 4 de agosto de 1875.

Era filho de Euclides Godofredo da Silva Miranda, foi o segundo Intendente Municipal daquela cidade, no quadriênio de 1897 a 1900.

Formado em Medicina pela tradicional Faculdade da Bahia, em 1910. Foi médico, por vários anos, da Estrada de Ferro Central do Piauí, desfrutando de invejável prestígio junto à classe ferroviária.

O Dr. Godofredo de Miranda fez da medicina um sacerdócio, era um facultativo altamente caridoso, vivia para fazer o bom ao seu semelhante.

Por força dos Estatutos da Santa Casa de Misericórdia, aprovados em 26 de março de 1922, foi considerado um dos fundadores deste modelar nosocômio de nossa cidade, onde prestou abnegadamente os seus serviços médicos.

O Dr. Godofredo de Miranda casou-se em 1911, com a senhora Dona Josefina Castelo Branco Nunes de Miranda, não deixando filhos. Muito católico, o terço era o seu companheiro inseparável, visitava diariamente a Matriz de Nossa Senhora da Graça, onde ia depositar as suas preces aos pés da Virgem.

Muito estudioso. Todas as noites, de oito às nove horas, ia para sua biblioteca atualizar-se com a medicina.

Fundou um colégio em sua residência, para a mocidade e, mais tarde, foi um dos fundadores do Ginásio Parnaibano, hoje, Colégio Estadual Lima Rebelo.

Ainda em vida, doou à Santa Casa, a sua biblioteca e todos os seus aparelhos médicos cirúrgicos.

Morreu como um apóstolo, de consciência tranqüila, dever cumprido e muita fé em Deus, a 20 de janeiro de 1957 — Dia de São Sebastião.

Além desta rua, está no Bairro Mendonça Clark, o Grupo Escolar “Dr. Godofredo de Miranda”, duas homenagens da Prefeitura Municipal, a esse grande médico que, humanitariamente, prestou assinalados serviços à saúde pública parnaibana.

H U M B E R T O D E C A M P O S

Denominação antiga: Rua Pará.
Da Avenida Álvaro Mendes a
Avenida Governador Chagas Rodrigues.

Toda a infância de Humberto de Campos Veras está ligada à Parnaíba.

Ele descende de Campos e Veras, duas tradicionais famílias parnaibanas. De sete aos quatorze anos, sua fase de infância e juventude se desenrolou aqui.

A rua que morava Humberto de Campos, tinha o nome de Pará, mas diz ele, “ninguém sabia disso. Nem ela mesmo. Para informações urgentes e preciosas nós morávamos, simplesmente, na rua que fica por trás do Sr. Leôncio, que era dono de um quintal que dava fundo para a frente de nossa casa”.

“A minha primeira escola ficava à Rua Duque de Caxias, em uma casa pequena, de calçada alta, com uma porta e duas janelas de frente.”

E Humberto exalta a sua professora com este pedacinho de ouro: “Dona Marocas Lima era um desses piedosos soldados do ensino primário, angélicos mas inflexíveis combatentes na cruzada contra a ignorância. É comovido que lhe evoco a

imagem de marfim antigo, o seu vulto seráfico de oratório, e lhe traço aqui, ainda em sua vida, e já quase na minha morte, esta singela grinalda de saudades” .

Aos dez anos de idade, diz o autor de “Memórias”. — “Em nossa pequena casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, ofereceu-me a natureza um amigo. Descobri no chão uma castanha de caju que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore... Mamãe, olhe o que achei! grito contente. Planta, meu filho. Planta no fundo do quintal. Faço com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolos. Rego-o. Protejo-o...”

E o meu cajueiro sobe, desenvolve-se e prospera... “Aos treze anos de minha idade e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão e ele fica. Na hora de deixar a casa vou levar-lhe o meu adeus. Abraçando-lhe o tronco, aperto-o de encontro ao meu peito.”

Adeus meu cajueiro, até à volta. Ele não diz nada e eu vou embora.”

E os anos se passaram..., e veio a despedida final..., e eu, quase morto, regresso a Parnaíba, volto a ver a minha casa e a rever o meu amigo.

Meu cajueiro aqui estou!

Mas ele não me conhece mais. Eu estou homem. Ele está velho. A enfermidade cava-me o rosto, altera-me a fisionomia, modifica-me o tom de voz.

Ele está imenso e escuro.

Adeus meu cajueiro. E lá me vou outra vez, e para sempre, pelo mundo largo, onde hoje vivo...”

E o “Cajueiro de Humberto de Campos” com os seus oitenta e cinco anos de idade, está ali no seu jardim, construído na administração Mirócles Veras e reformado na gestão do atual Prefeito João Batista Ferreira da Silva, verde, balouçante ao vento como que esperando, um dia que não virá, o seu “irmão de leite” para abraçá-lo e estreitá-lo em seus galhos viçosos.

É hoje uma relíquia de Parnaíba, um dos principais pontos turísticos da cidade.

Humberto de Campos nasceu em Miritiba, Estado do Maranhão, em 25 de outubro de 1886.

Hoje, a sua cidade natal, tem o seu nome.

Começou a sua vida como aprendiz de alfaiate, caixeiro de comércio e tipógrafo.

Mais tarde, jornalista, poeta, cronista, crítico literário, enfim uma das mais fortes expressões da intelectualidade brasileira.

Como político, representou o seu Estado, na Câmara Federal, tendo ali brilhante atuação.

Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira N.º 20. Sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras e com o aumento do seu quadro social, escolhido para Patrono da Cadeira N.º 23, fundada pelo poeta Ribamar Pinheiro.

A sua imensa bagagem literária compõe-se de quarenta e três livros, sem dúvida, um dos mais férteis escritores brasileiros, além de sua diária colaboração em jornais e revistas do território nacional.

Humberto de Campos faleceu no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1934.

O escritor Clóvis Monteiro escreveu sobre Humberto de Campos, o seguinte:

“Na capital da República impõe-se rapidamente nos círculos intelectuais e veio a ser, pouco depois, dos autores brasileiros mais lidos e mais apreciados pela naturalidade, pela clareza e pelo humor, com que escrevia”.

Quem passa pela Rua Humberto de Campos, quase esqui-na com a Praça Santo Antônio, lê esta placa:

Casa de Humberto de Campos

A casa continua com a estrutura original, bem conservada, ao fundo, o velho cajueiro, recebendo constantemente visitas de turistas admiradores do consagrado escritor brasileiro.

Hoje esta casa histórica é residência do nosso grande amigo Jorge Barroso, que sente-se orgulhoso de ser o proprietário da antiga residência do autor de “Memórias”.

E, agora, dissemos nós:

Esta história bonita e real é do menino que em 1896, plantou o cajueiro em Parnaíba!

I T A Ú N A

Da Avenida Princesa Isabel no Bairro São Francisco, passando pelo Bairro Pindorama até o final do Boa Esperança.

Cândido Borges Monteiro, Visconde de Itaúna, nasceu no Rio de Janeiro em 1812.

Médico e estadista brasileiro. Formou-se em Medicina pela Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro.

Celebrizou-se pela sua grande perícia como médico-operador.

Em 1857 recebeu a nomeação de Senador do Império.

Acompanhou a Imperatriz Dona Maria Leopoldina, em sua viagem pela Europa. De volta de sua viagem ao Velho Mundo, Dom Pedro II conferiu-lhe o título de Barão de Itaúna, título que mais tarde foi mudado para o de Visconde.

No Império, ainda, desempenhou as altas funções de Ministro da Agricultura, cargo que honrou pela sua ilustração.

O Visconde de Itaúna faleceu aos sessenta anos de idade, no Rio de Janeiro, no ano de 1872.

Passando o seu nome para a história, como grande Médico-Cirúrgico e como grande Estadista da Pátria.

Para irmos mais além, esclarecemos ainda que, Itaúna é uma palavra indígena que significa pedra preta.

Em várias regiões do Brasil existe a pedra preta, como o basalto e o diorito.

Itaúna é também um rio no Estado do Espírito Santo, com um curso aproximado de cem quilômetros.

Ainda existem no Brasil, duas cidades com o nome de Itaúna. Uma em Minas Gerais e outra ao sul do Paraná.

E aqui, em Parnaíba, temos a Rua Itaúna, cortando três bairros — São Francisco da Guarita, Pindorama e Boa Esperança.

J A I C Ó S

Fica no Bairro Nova Parnaíba,
da Avenida Alvaro Mendes à
Avenida Princesa Isabel.

Jaicós era uma aldeia de índios bravios, valentes e destemidos flechadores.

Nos albores da civilização do Piauí, ali teve início um povoado. Era o Cajueiro. O povoado prosperou.

Mais tarde, em 1832 foi elevado à categoria de vila, criando-se, conseqüentemente, o município, desmembrado de Oeiras, primitiva capital da Província.

Ao apagar das luzes de 1839 — Brasil-República — pelo Decreto N.º 03, Jaicós, o velho Cajueiro, passou a cidade, em 3 de dezembro. Era sede municipal.

Jaicós cresceu. Hoje pode se dizer, está dividido em duas cidades: a cidade baixa, o velho Jaicós, a Serranópolis, no alto da serra, a cidade nova.

Do alto da Serranópolis, deslumbra-se um belo e atraente panorama. Ali está o Colégio Padre Marcos, em seu suntuoso prédio próprio, prestando inestimáveis benefícios à juventude jaicoense.

Foi uma justa homenagem ao seu inolvidável benfeitor — Padre Marcos de Araújo Costa, célebre pela cultura e benemerência, um dos pioneiros da instrução no Piauí, onde fundou e manteve a sua custa, o mais importante colégio em terras piauiense, no recuado século XIX.

A Igreja de Jaicós é majestosa, constituindo uma relíquia do passado. Sua Padroeira é Nossa Senhora das Mercês, cuja festa se realiza, com muita pompa, em 24 de setembro.

Hoje Jaicós, cidade simpática e hospitaleira, corre paralela com o progresso do Piauí.

Parabéns, Jaicós, você também emplaca uma das ruas da maior cidade interiorana do iPauí: — Parnaíba.

JAMES CLARK

Fica no Bairro de Fátima. Da Rua Joaquim Santos até o final do Bairro São Benedito.

James Frederick Clark, nasceu em Keswick Humberland, Inglaterra, a 14 de março de 1855.

James Clark com quatorze anos de idade, chegava à Parnaíba no dia 15 de novembro de 1869, à bordo do veleiro "Empreza", para trabalhar na firma Singlehuret, Nephew & Cia., proprietária da "Casa Ingleza".

James Frederick Clark, que vinha prosseguindo na sua luta, sem cessar, durante trinta anos, com o falecimento do chefe primitivo, foi organizada outra firma Singlehuret & Clark, a qual girou até 31 de dezembro de 1900.

Desta data em diante, a Casa Ingleza passou sob a responsabilidade de James Frederick Clark.

Casou-se em 10 de maio de 1884, com Dona Ana Gonçalves Castelo Branco, de Oeiras, educada em Londres.

Através da "Casa Inglesa", já constituía uma tradição, ele desenvolveu o comércio em todos os seus setores, tornando-se Parnaíba conhecida e conceituada lá fora como o maior centro comercial exportador e importador do Piauí. Foi também sócio fundador da Associação Comercial de Parnaíba.

James Frederick Clark foi o pioneiro da cera de carnaúba no Nordeste brasileiro, fazendo as primeiras exportações desse produto vegetal para a Europa que o industrializou, abrindo, assim, grandes perspectivas para a economia piauiense.

Pelo seu espírito empreendedor e pelo seu pioneirismo, as classes empresariais de Parnaíba prestaram-lhe uma significativa homenagem, erigindo uma herma, em bronze, cujo pedestal simboliza um pé de carnaúba, com as suas folhas abertas. Este monumento está na Praça Santo Antônio ao lado do Centro Cívico.

James Frederick Clark, o velho inglês que tanto concorreu para o desenvolvimento comercial de nossa terra, faleceu em 2 de setembro de 1928, em Parnaíba, a cidade que se tornou sua pelo coração e que também o homenageia com a denominação desta rua.

J E R Ô N I M O T U P I N A M B A

Fica no Bairro de Fátima. Da
Rua Santos Dumont à Avenida
1.º de Maio.

Esta história vem da Tutóia Velha, distante do mar, doze quilômetros. No centro da vila, a Igreja cercada de casas simples, construídas de adobe e outras de taipa, cobertas com palhas de buriti.

O vigário era o Padre Joaquim Antônio de Brito Tupinambá, que vivia com uma companheira. Tinha dois filhos: Jerônimo e Severa.

Quando em 1838, surgiu a rebelião conhecida por “Balaiada”, no Maranhão, que teve como chefe Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, alcunhado de “O Balaio”, o Padre Joaquim Antônio, temendo os insurretos da Balaiada, mudou-se com a mulher e seus dois filhos menores para Parnaíba.

Um esclarecimento histórico: — A Balaiada tinha por objetivo proclamar a República da Província do Maranhão e demitir os portugueses que exerciam cargos na administração da Província e do Exército. Seus líderes foram — Raimundo do Cosme, o negro Cosme, e Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, apelidado de Balaio, de onde se originou o nome do movimento revolucionário.

Os seus filhos aqui cresceram e se educaram. O Padre Joaquim Antônio, anos depois, faleceu.

Jerônimo casa-se com Dona Joana Angélica Carvalho Tupinambá, quatro filhos foi a sua prole.

Teve atuação destacada na política ao lado do Coronel José Francisco de Miranda Osório, época em que as eleições eram feitas à “bico de pena” dentro das Igrejas.

Exerceu o cargo de Intendente Municipal, foi funcionário da Alfândega, ocupando várias vezes, interinamente, as funções de Inspetor.

Homem que gozava, em seu tempo, de alto conceito, pois tinha um coração sempre aberto à caridade e aos amigos que o procuravam.

Morreu na Rua Grande, hoje, Avenida Getúlio Vargas N.º 683, naquela casa bicentenária, atualmente pertencente à família Pires, a qual ainda conserva a mesma estrutura.

Jerônimo Tupinambá foi sepultado no chamado cemitério da Cólera-Morbo nos idos de 1879. O cemitério desapareceu, os túmulos foram na voragem do tempo. Ficava ali na Avenida Alvaro Mendes, esquina da Rua Ademar Neves.

O seu nome ficou esculpido nas placas desta rua, lembrando aos parnaibanos, os seus feitos, principalmente, como honrado Intendente Municipal desta cidade, no recuado período do Brasil Império.

Existia ainda, entre nós, até pouco tempo, um seu neto, João de Brito Tupinambá, que residia à Rua Padre Castelo Branco, N.º 1542, falecido em 1978. Era um cidadão de coração largo, fácil de criar amizade. Em nossas pesquisas para este trabalho, devemos a ele, valiosas informações. E é com saudade e respeito que homenageamos a sua memória.

E a vida é assim, de geração em geração, as famílias vão marcando a sua passagem sobre a terra.

J O Z I A S M O R A E S

Antiga denominação: Rua Gabriel Ferreira. Fica no Bairro Nova Parnaíba. Da Avenida Capitão Claro ao Rio Igaraçu.

O Coronel Jozias Benedito de Moraes, constitui pelo seu caráter sem jaça e pelo seu acendrado amor ao trabalho, uma das mais altas e dignas tradições da terra parnaibana.

Era filho primogênito do respeitável Coronel Francisco Seviano de Moraes Correia Filho e de sua esposa Dona Maria

Cleófas de Moraes Correia, tendo nascido em Parnaíba a 9 de junho de 1865.

Pelo longo espaço de setenta anos, exerceu a sua eficiente e proveitosa atividade no comércio e na indústria desta cidade, pois, ingressou na vida comercial, como auxiliar de Irmãos Veras & Cia., em 1.º de dezembro de 1879, apenas com catorze anos de idade.

As suas atividades comerciais cada vez mais se desenvolviam, atingindo novos horizontes.

Aos vinte e três anos de idade, em 26 de maio de 1888, casava-se, em primeiras núpcias, com Dona Joana Rita de Moraes Correia.

Ao alvorecer de 1904, em 4 de março, com Antônio Martins Ribeiro e Fernando José dos Santos, fundava a firma Ribeiro, Moraes & Santos, empresa comercial que se projetou rapidamente pelo tempo afora, dado o alto conceito que gozavam os seus componentes.

Com o decorrer dos anos, com saída e entrada de novos sócios, a firma fundada em 1904, pelo Coronel Jozias Benedito de Moraes, chegou aos dias atuais, sob a razão social de Moraes S/A — Celulose, Indústria e Comércio, constituindo hoje um importante parque industrial do Estado do Piauí.

Além de suas atividades comerciais, o Coronel Jozias de Moraes exerceu, por vários anos, as funções de primeiro suplente do Juiz Substituto Federal, na época, da chefia política do seu irmão Coronel Jonas Correia, notável político do cenário piauiense.

Foi um dos principais fundadores da Associação Comercial de Parnaíba, tendo sido seu Presidente no biênio de 1929 a 1930, em cujo decurso propôs e resolveu vários e importantes assuntos de alto interesse da classe. Também foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia, onde prestou grandiosos serviços a esta benemérita instituição de caridade.

Enfim, o Coronel Jozias de Moraes foi uma figura de alto nível na vida comercial, social e política de sua terra, tornando-se um autêntico líder, onde a sua opinião era sempre acatada e respeitada, além desses atributos, forrava-lhe o coração, altruísticos sentimentos de filantropia.

O Coronel Jozias de Moraes que casou-se a segunda vez, com a sua cunhada Dona Alvina de Moraes Correia, deixou de sua vida matrimonial, uma numerosa e ilustre descendência, constituída de filhos, netos e bisnetos que souberam, com dignidade, honrar e engrandecer a memória desse ilustre varão dos Moraes Correia.

O seu falecimento deu-se em Parnaíba em 10 de agosto de 1953, tendo sido decretado luto oficial, por ato do então Prefeito Municipal Dr. João Orlando de Moraes Correia, seu filho.

Esta rua que recebeu o seu nome era a de sua residência. Hoje funciona em seu antigo palacete, a “Escola Simplício Dias”, do Serviço Social da Indústria — SESI.

Esta homenagem significa que os homens desaparecem, mas os seus feitos ficam imperecíveis no seio da comunidade de sua terra.

Este é o caso do Coronel Jozias Benedito de Moraes!

J O Ã O C Ã N D I D O

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Avenida Capitão Claro ao Rio
Igarau.

É com imensa satisfação e até com uma certa ponta de ufania que vamos aqui biografar o patrono desta rua, encravada no pitoresco Bairro da Nova Parnaíba.

Apesar de não ser filho de Parnaíba, está muito ligado à sua história o nome do Dr. João Cândido de Deus e Silva, um dos homens mais notáveis, de sua época, em terras piauienses.

Nasceu na Província do Pará, em 11 de março de 1787, era Doutor em Direito, lente da Faculdade de São Paulo, dono de lúcida inteligência e robustez de cultura.

Foi Juiz de Fora das vilas de Parnaíba e Campo Maior, nomeado por Decreto de 6 de fevereiro de 1818, lavrado por el-rei Dom João VI, após o ato de sua aclamação, que tomou

posse e entrou em exercício no dia 23 de agosto de 1819 e o exerceu até o ano de 1827.

O Dr. João Cândido era ardente patriota e sonhava pela liberdade do Brasil, queria uma Pátria livre, una e indivisível.

Assim é que ao lado de Simplício Dias da Silva foi um dos mais fortes baluartes do histórico e glorioso movimento de 19 de outubro de 1822, levantando ali na Praça da Graça, o grito de independência do Piauí, aclamando, entre vibrações cívicas, o Príncipe Dom Pedro I — Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

A luta foi deflagrada entre os patriotas parnaibanos e as forças portuguesas, chefiadas pelo Brigadeiro Cunha Fidié, mas a bandeira da liberdade terminou tremulando em todos os recantos da Província piauiense.

Mais tarde, exercera o lugar de Secretário do Governo da Província do Rio de Janeiro, cargo que ilustrou pelo seu talento e pela sua brilhante inteligência.

Representou, ainda, o Pará, sua Província natal, no Parlamento do Império, em duas legislaturas, onde teve destacada atuação, pois era um orador fecundo, de altos méritos.

Por último, o Dr. João Cândido seguiu a carreira da Magistratura, servindo em diversos cargos até o de Desembargador da Relação do Maranhão, no qual obteve a sua justa e merecida aposentadoria.

Detentor de vasta cultura, traduziu para o português muitas obras próprias para educar e instruir a mocidade, trabalho que fazia com sofreguidão tal que nem procurava apri-morar o que entregava à publicidade para não perder o tempo de ocupar-se com diversas obras. Disso resultou que uma sorte de fadiga se apoderasse do seu espírito, ao mesmo tempo que certas contrariedades, pesando sobre si, o levaram a deixar a vida tumultuosa da corte e procurar uma habitação isolada em Niterói, onde exercia, com raro brilhantismo, a advocacia.

O Dr. Joaquim Manoel de Macedo, na qualidade de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tecendo o elogio literário de João Cândido de Deus e Silva, conclui:

“Acolhido a um retiro que os desgostos e a meditação o tinham levado a procurar, estranho desde muito ao certame

do mundo político, afastado da administração, cansado dos trabalhos literários, tirando apenas do exercício de sua limitada advocacia os meios de subsistência, o Desembargador João Cândido de Deus e Silva passou os últimos anos quase ignorado no sítio tranqüilo e suave dessa famosa e plácida Niterói, que demorando fronteira à ruidosa capital do Império, parece como um regaço que convida ao sono, ali perto do campo das vigílias, como asilo que se oferece ao desengano, como um remanso ao pé das ondas agitadas, fechou os olhos para a vida”.

O Dr. João Cândido deixou avultado número de obras publicadas, dentre as quais se destacam algumas alusivas ao Piauí.

Parnaíba prestou-lhe duas imperecíveis homenagens: esta rua, uma das principais da cidade, e um Grupo Escolar, modelar estabelecimento de ensino primário, que tem o seu nome.

João Cândido de Deus e Silva é uma honra e uma glória para Parnaíba, berço natal de Simplicio Dias da Silva, seu velho e inolvidável companheiro de tantas jornadas cívicas.

J O Ã O E M Í D I O F A L C Ã O C O S T A

Denominação antiga: Rua General Sales. Fica no Bairro São José. Da Rua Luiz Correia à Avenida Coronel Lucas Correia.

Em passado, relativamente recente, a Câmara Municipal de Parnaíba, cometeu, por razão meramente política, um grave e lastimável erro histórico, retirando desta rua o nome de um notável parnaibano.

Referimo-nos ao ilustre General Francisco Antônio Rodrigues de Sales.

Nasceu em Parnaíba, terra que engrandeceu pelos seus méritos como General, mais tarde, Marechal do nosso glorioso Exército e como homem de cultura e alta envergadura moral.

Exerceu, com raro brilhantismo e alta capacidade de trabalho, o alto cargo de Ministro do Superior Tribunal Militar.

Era filho do Coronel Raimundo Sales e de sua digna esposa Dona Genuína Sales. Casado com a Senhora Mariana Sales, matrona de respeitáveis dotes morais e cívicos.

O ilustre casal teve dois filhos, destacando-se o Dr. Francisco Antônio Rodrigues Sales Filho, que foi Deputado Federal e Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

Esta rua além de homenagear este conspícuo Marechal parnaibano, tornava-se uma tradição da cidade, pois, esta nomenclatura vinha do longínquo 1912, quando o Coronel Constantino Correia, Intendente Municipal, na época, fez o traçado do antigo bairro dos Tucuns, dando denominação às suas artérias delineadas, nomes de personalidades de projeção nacional.

Não queremos empanar os méritos do Dr. João Emídio Falcão Costa, mas que dê a esse médico maranhense uma outra rua, por exemplo, no próprio Bairro São José, há duas ruas de nomes sem expressão histórica, podendo ser mudado, sem afetar a tradição da cidade. São as ruas Municipal e Regeneração.

Cabe ao Poder Público Municipal reparar este erro tão lastimável que retirou do cenário da cidade, o nome de um filho tão ilustre da terra parnaibana, fazendo voltar a sua denominação antiga. Até quando perdurará este erro histórico?

E, agora, vejamos os traços biográficos do Dr. João Emídio Falcão Costa. Nasceu na cidade de Flores hoje, Timon, Estado do Maranhão.

Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito do Piauí, Diretor do Hospital Getúlio Vargas de Teresina.

Foi Presidente Estadual do Partido Trabalhista Brasileiro e representou a sua facção partidária na Assembléia Legislativa do Estado. Faleceu em Teresina, em 1977.

JOSÉ BONIFÁCIO

Da Avenida Dr. Armando Cajubá
no Bairro São Francisco à Ave-
nida Padre Raimundo Vieira,
Bairro de Fátima.

José Bonifácio de Andrada e Silva — Patriarca da Independência — foi uma figura singular de cientista, letrado e político.

Natural de Santos, da então Capitania de São Paulo, onde nasceu aos 13 de junho de 1763, ali se iniciou nas primeiras letras, vindo a completar em São Paulo, dos quatorze aos dezoito anos, os estudos então possíveis no Brasil. Passou depois a Coimbra, em Portugal, graduando-se ali em filosofia e leis. Sua inclinação era para a ciência, tendo-se ele especializado em química e mineralogia, cedo adquirindo reputação, talento e cultura.

Depois de ter prestado reais serviços a Portugal, como cientista e homem da lei, em 1819, voltou ao Brasil.

Enquanto se desenrolaram aqui os acontecimentos de 1820 e 1821, prenunciadores dos movimentos da independência, José Bonifácio sentiu-se impelido a trocar suas ciências e letras pela política. Logo passou a comandar a campanha libertadora em São Paulo e pugnou ardorosamente pela representação ao Príncipe Regente, para que permanecesse no Brasil.

Seu relacionamento pessoal com Dom Pedro depressa o colocou na posição de grande conselheiro e inspirador do Príncipe, sobre quem exercia a influência assegurada pela sua ilustração, grande engenho e experiência, de par com o caráter enérgico e resolutivo.

José Bonifácio tornou-se o intérprete, junto ao Príncipe, da aspiração nacional de independência. Cumpria esse papel com entusiasmo e firme convicção, pois sua visão inteligente da realidade brasileira lhe apontava que, sem a participação e a responsabilidade de Dom Pedro, o movimento pela independência haveria de ser uma luta longa e árdua e envolveria pesado risco de divisão e dissidência.

A independência viria, mesmo sem Dom Pedro, mas o resultado não seria este Brasil de hoje, íntegro e unido. Por isso, José Bonifácio estimulou o Príncipe a dar o grito de Ipiranga. Foi esta a inestimável contribuição que deu à causa da unidade e da grandeza do Brasil.

Dom Pedro I ciente do valor pessoal e da profundidade dos conhecimentos de José Bonifácio, esquecido dos desentendimentos que o tinham indispostos com o velho Andrada, nomeou-o tutor dos seus filhos que ficavam no Brasil.

A educação do futuro Imperador foi a outra grande oportunidade que teve o Patriarca de servir aos altos interesses da Pátria tão bem conduzidos, posteriormente, durante o longo e fecundo reinado de Dom Pedro II.

José Bonifácio de Andrada e Silva morreu em Niterói, em 1838. A posteridade não demorou a consagrá-lo como uma das maiores figuras da vida política e da cultura nacionais: deu-lhe o título de sábio e o galardão de Patriarca da Independência.

E Parnaíba que sempre soube cultuar à memória dos grandes homens, também cultua à memória deste inconfundível brasileiro, dando a esta rua o nome de José Bonifácio.

J O S É B A S S O N

Centro. Da Praça Santo Antônio
à Avenida Capitão Claro.

José Basson de Miranda Osório era filho do Coronel José Francisco de Miranda Osório, um dos chefes emancipacionista do Piauí, no movimento parnaibano de 19 de outubro de 1822. Comandante das forças legalistas na guerra dos Balaíos, Prefeito de Parnaíba, Deputado Provincial e Vice-Presidente da Província do Piauí por longos anos, até 1876.

José Basson, que granjeou notoriedade no panorama nacional, nasceu em Parnaíba a 17 de novembro de 1836.

Bem moço cursou humanidades no tradicional Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, onde seguiu para São Paulo, ingressando na Faculdade de Direito.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais aos vinte e três anos de idade e no decorrer da carreira pública ocupou os seguintes cargos: Promotor de sua terra natal, Deputado Provincial pelo Piauí, em seis legislaturas, Inspetor e Tesoureiro da Alfândega do Paraná, Deputado Geral de 1879 até 1884, décimo-sexto Presidente da Província da Paraíba, no período de 9 de novembro de 1882 a 17 de abril de 1883, Inspetor da Alfândega do Pará em 1885 e do Ceará em 1889, sendo nesse ano nomeado Chefe de Polícia da Capital do Império.

Foi um dos raros monarquistas brasileiros a resistir ao golpe republicano de 1889. Reagiu fisicamente ao emissário do Marechal Deodoro da Fonseca, portador de sua demissão. Foi substituído na Chefia de Polícia pelo Capitão Espírito Santo.

A partir da proclamação da República, retirou-se da vida pública, conservando intactos as suas crenças monarquistas.

Desempenhou a partir de então, elevados postos em estabelecimentos de crédito.

Tinha o título de Conselheiro, era fidalgo da Casa Real Portuguesa e Imperial Brasileira e Comendador da Ordem da Rosa.

José Basson faleceu a 17 de abril de 1903 na Estação de Matias Barbosa, Estado de Minas Gerais, justamente a um mês depois do falecimento de Dona Filismina Basson Carvalho Osório, sua cunhada, sobrinha e esposa.

E esta rua é uma homenagem de Parnaíba ao seu grande filho, fiel admirador de Dom Pedro II.

J O S É M E N T O R

Fica no Bairro Bebedouro. Da
Avenida José de Moraes Correia
à Lagoa do Bebedouro.

José Mentor Guilherme de Melo era natural da cidade de Brejo, Estado do Maranhão. Casado com Dona Angelita de Lima Couto Melo. Era cunhado do nosso ilustre amigo

José de Lima Couto, respeitável Professor de vários Colégios de nossa cidade.

Veio para Parnaíba e aqui estabeleceu-se na Rua 7 de Janeiro N.º 1920, esquina da Rua São Vicente, hoje sobrado em ruínas. Ingressou no comércio de exportação, especializando-se, em pouco tempo, graças ao seu grande tino comercial, como um dos maiores exportadores para os países da Europa, de produtos vegetais, tão abundantes nesta região.

Teve uma visão mais larga, pode-se afirmar, foi o pioneiro da exportação de jaborandi, árvore da família das rutáceas, cujas folhas produzem a pilorcarpina, produto medicinal. José Mentor enviou uma amostra para exames químicos na Alemanha. O resultado foi altamente satisfatório e, de logo, a Alemanha passou a ser o primeiro e maior comprador de jaborandi.

O Rio Parnaíba era, na época, o principal meio de transporte entre Tutóia e Teresina — a imensa estrada líquida do norte do Piauí.

José Mentor como visionário, fundou a Companhia de Navegação a Vapor Rio Parnaíba, que fazia linha Teresina-Tutóia com grande movimentação.

Como se vê, José Mentor foi incontestavelmente, um ba-luarte e um pioneiro no comércio de exportação da cidade e um timoneiro audaz e seguro na navegabilidade do Rio Parnaíba.

J O S É N A R C I S O

Antiga denominação: — Rua Visconde de Itaboraí. Centro. Da Rua São José — Bairro do Carmo à Avenida Capitão Claro.

José Narciso da Rocha Filho, era um homem dinâmico, começou a sua vida comercial, em Piracuruca, sua terra natal.

Inicialmente, negociava, em larga escala, com gado bovino, cujas boiadas vinham de vários pontos criatórios dos

sertões e chapadas piauienses, embarcadas em Amarração, hoje, Luiz Correia, destinadas à venda em Belém, capital paraense.

Pelos idos de 1907, chegava à Parnaíba e instalava a “Loja Iracema”, de sociedade com José Figueiras Chaves, para exploração do ramo de tecidos e mercadorias diversas, sob a razão social de J. Narciso & Cia., firma com grande lastro financeiro.

Em janeiro de 1924, quando já se encontrava sozinho na direção de seu estabelecimento comercial, deu nova dimensão aos seus negócios, criando nova empresa subsidiária dirigida por dois de seus antigos e eficientes auxiliares — Pedro Machado de Moraes e Corinto Gonçalves da Trindade, sob a denominação de Narciso, Machado & Trindade, firma esta que ainda, hoje, existe sob a chefia de um dos fundadores — Pedro Machado de Moraes — uma das grandes reservas de honra e dignidade do comércio piauiense, girando sob a razão de Machado S/A — Comércio e Indústria, localizada à Avenida Presidente Getúlio Vargas, nesta cidade, com grande e conceituada filial em Teresina.

Faz parte deste grande empório comercial o nosso ilustre amigo José Pinheiro Machado, Deputado Federal pelo Piauí, em várias legislaturas, com eficiente e brilhante atuação na Câmara Baixa do País.

José Narciso, dado o seu apogeu comercial, ingressou na política, galgando de logo, posição de destaque.

O Coronel José Narciso teve dois períodos administrativos, como Intendente Municipal de Parnaíba, de 1921 a 1928.

Foram oito anos de fecunda e dinâmica administração, uma quadra áurea para o desenvolvimento e para o progresso de Parnaíba.

Realizou obras de suma importância para a cidade, como a nova Usina Elétrica, com máquinas importadas da Alemanha, estendendo à sua área urbana e suburbana, a sua energia, construção do armazém de inflamáveis, prolongamento de cais, reconstrução do mercado de carne, instalação da Delegacia de Higiene, construção de várias estradas vicinais para facilidade de intercâmbio comercial.

A instrução pública é o ponto alto da administração José Narciso. Ele foi sem dúvida, o pioneiro máximo neste setor.

Construiu o magnífico prédio do Grupo Escolar Miranda Osório ali na Avenida Presidente Getúlio Vargas e instalou os Grupos Escolares José Narciso, no antigo Bairro dos Tucuns, hoje São José, e Luiz Galhanoni, no Bairro Nova Parnaíba.

Patrocinou com entusiasmo e ardor, a fundação do Ginásio Parnaibano e a Escola Normal de Parnaíba.

Dotou todas as escolas com abundante material didático e mobiliário apropriado. Selecionou e escolheu um professorado idôneo. A sua visão foi mais larga, contratou um profissional competente, um mestre de altos méritos. Foi buscar no magistério paulista a figura emérita do Professor Luiz Galhanoni.

E a instrução em Parnaíba tomou um novo e acelerado ritmo. A atuação do Professor Luiz Galhanoni foi tão eficiente que o Governo do Estado, depois o convidou para reformar a instrução pública do Piauí. Isto é pioneirismo.

José Narciso foi Deputado à Assembléia Constituinte Estadual em 1935, ao lado de mais dois deputados parnaibanos, Osias de Moraes Correia e Acrísio Furtado, eleitos no memorável pleito de 14 de outubro de 1934.

Apesar de ser um homem possuidor de grande fortuna, conquistada a golpes de trabalho honrado, persistente e honesto, era um cidadão de coração aberto, de rasgo de generosidade, a filantropia era uma das suas virtudes.

Muito ligado à Santa Casa de Misericórdia, ocupando por várias vezes cargos em sua diretoria.

Construiu às suas expensas, anexo a este nosocômio, lado da Rua Vera Cruz, um hospital, entretanto, veio a falecer antes de sua inauguração.

A direção da Santa Casa, num gesto muito nobilitante, deu-lhe o nome de Hospital José Narciso e fez colocar ali uma placa de bronze com os dizeres: —

Este Hospital foi doado à Parnaíba
pelo benemérito piauiense José Narciso
da Rocha Filho.

Aquelas paredes imortalizaram a sua memória e na impenetrável mudez, elas simbolizam a magnanimidade de seu coração e santificam a generosidade de seu espírito.

José Narciso da Rocha Filho, nasceu em Piracuruca a 25 de abril de 1879. Casado em primeiras núpcias com Dona Caciana Rebelo Rocha, filha do Coronel Tomás Rebelo que foi grande chefe político de Piripiri, e em segundas núpcias com a senhora Antonieta de Resende Rocha, que reside nesta cidade. Faleceu com 75 anos de idade, em Parnaíba, no dia 13 de abril de 1951.

Como testemunho de admiração ao seu ex-Prefeito, que tanto engrandeceu esta terra pela tenacidade de seu trabalho fecundo e honesto, Parnaíba deu com justiça a esta artéria, uma das mais movimentadas da cidade, o seu nome para que ali fique perpetuada a gratidão do povo parnaibano a José Narciso.

J O A Q U I M S A M P A I O

Fica no Bairro de Fátima. Da
Avenida 1.º de Maio à Rua
Santos Dumont.

Metade do século XIX já havia descambado para o outro lado da montanha do tempo.

Parnaíba era uma cidade pequena, com casário baixo, de beira-e-bica, com ruas de areia fofa e branca, sem luz, com vida monótona.

A noite, quando o luar descia sobre a cidadezinha, como se fosse uma chuva de prata, ouvia-se ao longe, as serestas.

E a mangueira, bela e ciclópica do tempo do cruzeiro, quase em frente à bicentenária Igreja de Nossa Senhora da Graça, era o centro da boemia.

Foi nesse tempo já tão distante, em 1856, que chegava à antiga Vila de São João, o primeiro médico que vinha clinicar na cidade.

Era o Dr. Joaquim Eduardo da Costa Sampaio, que se tornou popularmente conhecido por Dr. Sampaio. Era português, nasceu na terra do nosso descobridor Pedro Álvares Cabral, em 1823, chegando ao Brasil com trinta e três anos de idade.

O Dr. Sampaio, desprezando o conforto do lar e as belezas de Portugal dos nossos avoengos, com espírito de aventureiro, veio bater no “Norte do Brasil”, como Parnaíba era, no passado, designada pelos países de além-mar.

Quando chegou à nossa cidade, havia sido instalada um ano antes, a primeira botica, como era comumente chamada a farmácia de hoje. O seu proprietário era Daniel Joaquim Ribeiro, também português, conforme afirma o ilustre farmacêutico e homem de letras, nosso prezado amigo Dr. Raul Furtado Bacelar.

O Dr. Sampaio era um homem alto, forte, vermelho, como quase todos os lusitanos. Usava constantemente cruzê, paletó comprido até os joelhos, tipo jaquetão, de casemira preta, colarinho de pontas viradas e gravata, que lhe dava aspecto de austeridade.

Por muito tempo estive sozinho, no campo clínico da cidadezinha. Para prestar uma assistência mais freqüente aos seus clientes, usava como meio de transporte, na época, o “cavalo de cela” substituindo o confortável e luxuoso automóvel de hoje.

Ele foi o pioneiro dos médicos em nossa terra, pois, o Dr. Joca Basto só chegou à Parnaíba, como médico em 1886, após a sua formatura.

Prestou também inestimáveis e valiosos serviços médicos à Santa Casa de Misericórdia nos seus primeiros anos de proveitosa existência, pois esta instituição hospitalar foi fundada em 1896.

Aqui o Dr. Sampaio constituiu família, mas os seus descendentes já desapareceram, apenas na lembrança de uma sua enteada, a professora de ensino primário Emília Moura.

O Dr. Joaquim Sampaio morreu nesta cidade aos 82 anos de idade, em 31 de maio de 1905, estando sepultado no Cemitério Igualdade, em túmulo quase em ruínas. É lastimável.

Se não fosse esta pequena e isolada rua sem placa denominativa, coisa do destino, o nome do abnegado médico lusitano que tão grandes e humanitários serviços prestou a esta cidade em passado distante, já teria por certo, a sua memória desaparecida na voragem do tempo, mas agora o trazemos para as páginas deste livro, a personalidade do Dr. Joaquim Eduardo da Costa Sampaio para que passe à posteridade, como um grande e benemérito médico que tanto serviu à Parnaíba de então.

E agora fazemos nossas as palavras de Dom Pedro II:
“É a Justiça de Deus na voz da História”.

J O A Q U I M S A N T O S

Da Avenida Dr. Armando Cajubá no Bairro São Francisco
à Avenida Padre Raimundo
Vieira no Bairro de Fátima.

Joaquim Antônio dos Santos era conhecido por Coronel Quincas Santos.

No regime republicano, foi o terceiro Intendente Municipal de Parnaíba, no período de 1897 a 1899.

Era natural de Teresina, ali nasceu em 2 de janeiro de 1851, filho legítimo de Joaquim Antônio dos Santos, maranhense, e de sua esposa Dona Cândida Vieira de Carvalho, piauiense, ambos descendentes de portugueses.

Casou-se com uma filha do famoso capitalista português Antônio Gonçalves Pedreira Portelada, de cujo matrimônio descendem Dona Cândida dos Santos Area Leão, esposa do Capitão-Tenente Luis de Area Leão; Dr. Joaquim Antônio dos Santos, Dr. Samuel Antônio dos Santos, casado com Dona Aldira Marques Basto, e Dona Maria dos Santos Veras, casada com o Dr. Mirocles Campos Veras.

O Coronel Quincas Santos tinha um escritório de comissões e consignações. Era Agente do Lloyd Brasileiro, da Booth Line e das Companhias de Navegação Maranhense e a Vapor Rio Parnaíba. Também se dedicava ao comércio de exportação e importação.

Era um homem inteligente, trabalhador, econômico, escrupuloso e honestíssimo, pelo que a sua casa comercial era muito acreditada no país e no estrangeiro. Era portador de grande fortuna.

Era Cônsul de Portugal em Parnaíba, nomeado que fora em 9 de março de 1903, função que desempenhou com muita dignidade.

Por ocasião do assassinato do Rei Dom Carlos e do Príncipe Real Luiz Felipe, em Portugal, a 1.º de fevereiro de 1908, o Cônsul Joaquim Santos mandou celebrar, com grande pompa, na Matriz de N. S. da Graça, desta cidade, missa cantada de sétimo dia, em sufrágio das almas dos soberanos portugueses. A Bandeira lusa permaneceu em funeral, sete dias, na sede no Vice-Consulado.

O Coronel Quincas Santos tinha muito entusiasmo pela monarquia portuguesa, tanto assim que não recebeu com satisfação a notícia da proclamação da República em Portugal, a 5 de outubro de 1910. Dali por diante, retirou do Vice-Consulado, o escudo da monarquia, não o substituindo pelo republicano e, em seguida, passou os serviços e funções consulares ao jornalista e homem de letras Alarico José da Cunha, na qualidade de seu auxiliar. Coube, assim, a Alarico da Cunha, hastear pela primeira vez, o Pavilhão rubro-verde da República portuguesa em terra parnaibana.

Em busca de saúde, em 1912, o Coronel Quincas Santos viajou para a Europa, regressando pouco tempo depois, à Parnaíba, com a saúde altamente abalada.

Assim, o Coronel Joaquim Antônio dos Santos, com trinta e dois anos de residência em Parnaíba pois, aqui chegara em 1881, falecia aos sessenta e dois anos de idade, nesta cidade, no dia 7 de maio de 1913.

Aí está um pedaço da vida do Coronel Joaquim Antônio dos Santos, o respeitável Vice-Cônsul de Portugal em Parnaíba, hoje dando o seu nome honrado a esta rua que entrelaça os bairros São Francisco e de Fátima.

L U I Z C O R R E I A

Antiga denominação: Rua Amaração. Atual denominação: Rua Luiz Correia — Lei Municipal N.º 293, de 13 de Maio de 1964. Fica no Bairro Mendonça Clark. Da Praça Lima Rebêlo à Rua 7 de Janeiro — Bairro São José.

A personalidade de Moraes Correia reverbera em cintilações múltiplas e policrômicas, seu espírito abrangia dilatados horizontes e ascendeu a alturas transcendentais; perlustrou os caminhos mais diversos, iluminando a sua passagem.

Jurista e sociólogo, seu pensamento foi igualmente nobre, penetrante e elevado, quer na profissão da cátedra, quer na exposição da doutrina, ou na aplicação da lei, como juiz.

Homem de letras e orador, produziu peças que o consagram estilista vigoroso, polemista que sabia terçar as armas da inteligência sem jamais empregar a investiva, o sofisma nem o sarcasmo.

Sincero, suave, mas forte e intrépido, acolhedor e generoso mas justo, soube viver o seu ideal de justiça e de fraternidade. Agiu e ensinou como verdadeiro MESTRE DA ESPRITUALIDADE, cuja ação nunca se afastou da integridade, a meu ver perfeita, para as contingências humanas, coerente com as suas convicções ética-religiosas, que se revelaram nos mais simples atos de sua vida.

A bondade intrínseca era o aspecto dominante que prevalecia sobre as demais feições de seu caráter.

Se me perguntassem qual o traço fundamental de Moraes Correia, sua “nota musical”, eu responderia: VERDADE E BONDADÉ.

Com estas brilhantes palavras do Professor Valmiki Sampaio de Albuquerque, fazemos o preâmbulo destas rápidas pinceladas biográficas do ilustre jurista Dr. Luiz Moraes Correia, patrono desta rua de nossa grande cidade.

O Dr. Moraes Correia nasceu em Amarração, neste Estado, a 23 de dezembro de 1881, que no dizer do poeta Adrião Neto, nascera envolto pela brisa suave do litoral atlântico.

Foi o sétimo filho, o caçula do casal Francisco Severiano de Moraes Correia Filho e de Dona Maria Cleófas de Moraes Correia.

Grande parte de sua infância passou em sua terra natal, onde aprendeu, em escola pública, as primeiras letras, em horas de lazer brincava na areia da praia, pulando nas canoas dos pescadores. Era o Luquinhas, o menino travesso, o homem de cultura do amanhã.

Depois, já em Parnaíba, foi contemporâneo de Humberto de Campos e de Mirocles de Campos Veras, com os quais, na Praça da Matriz, soltava balões coloridos e enormes, nas festas de Nossa Senhora da Graça, Padroeira de nossa cidade. Eles estudavam juntos na escola de Dona Marocas Lima, no passado, anjo tutelar da criançada parnaibana. A escola era ali na Rua Duque de Caxias, em uma casa pequena, de calçada alta, com uma porta e duas janelas de frente.

Mais tarde, em 1906, ingressava, depois de brilhante exame, na tradicional Faculdade de Direito do Ceará. Ali bacharelou-se, em 29 de novembro de 1910. Estava, assim, realizando o seu grande sonho de jovem — vocação nata para o Direito e para a Justiça.

A partir deste instante, moço inteligente e culto, começou a sua nobilitante carreira, cujo porvir lhe seria tão luminoso, tão fecundo.

Inicialmente, Promotor Público de Parnaíba e Teresina, onde atuou com máxima eficiência e probidade. Foi um verdadeiro guardião da Justiça e da Lei.

No Governo Antonino Freire da Silva — Piauí — período de 1910 — 1912 — ocupou a pasta da Secretaria de Polícia, cargo que desempenhou com muita altivez e nobreza d'alma.

No Governo Miguel de Paiva Rosa — Piauí — eleito para o quadriênio de 1912-1916 — para a Chefia do Executivo Esta-

dual, graças ao prestígio político dos irmãos dele, Coronel Jonas Correia e Coronel Constantino Correia, volta o Dr. Moraes Correia a exercer a Secretaria de Polícia e, em seguida, a Secretaria Geral do Governo, recebendo, por esta designação, unânime e consagradora manifestação de apoio e simpatia da imprensa teresinense.

O Coronel Jonas Correia, entretanto, na metade do quadriênio Miguel Rosa teve de retirar o seu valioso apoio ao Governador, por motivos impostos pela sua dignidade política e altivez de caráter.

O Dr. Moraes Correia, solidário com o gesto e altivez de seu irmão, exonerou-se do alto posto de Secretário-Geral do Governo Miguel Rosa.

Após esses acontecimentos políticos, o ilustre piauiense transferiu sua residência para Fortaleza, onde gozava de invejável conceito no mundo cultural, político e social da terra cearense.

No Ceará o Dr. Moraes Correia ocupou os mais elevados cargos de sua vida pública, honrando-os pela sua polimorfa cultura, pelo seu caráter adamantino e pela fulgurância de sua inteligência.

Entre outros cargos exercidos na gleba alencarina, destacam-se: Procurador-Geral do Estado, Professor Catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito do Ceará, cargo este conquistado através de brilhante concurso, Secretário da Fazenda no Governo do Desembargador Moreira da Rocha e Secretário do Interior e Justiça na Interventoria Federal do ilustre Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora, após o movimento revolucionário de 1930. O Dr. Fernandes Távora, era genitor do Coronel Virgílio Távora, atual Governador do Estado do Ceará, aliás já pela segunda vez, gestão esta que vem exercendo com dinamismo e honradez.

Finalmente, em 26 de setembro de 1931, por ato do Governo Provisório da República, Presidente Getúlio Vargas, foi o Dr. Moraes Correia guindado ao alto posto de Juiz Federal — Seção do Ceará — como honra aos méritos deste notável jurista e consagrado Professor de Direito Civil.

Assim, mais uma vez, o Dr. Moraes Correia era chamado para prestar mais um serviço de relevância ao Ceará, a terra de seus ilustres filhos.

O Dr. Moraes Correia, além de jurista e sociólogo de fama nacional, era um político tolerante, administrador impecável e honesto, orador fluente e elegante, verbo inflamado, arrebatava as massas, comunicando o seu entusiasmo aos que tinham a felicidade de ouvi-lo, atraente, jornalista de pulso, colaborador assíduo da imprensa, onde a sua pena foi forte clava de combate em prol da justiça, do bem e da verdade. Além destes atributos, Moraes Correia era portador de um coração de bondade e de ternura.

Membro da Academia Cearense de Letras, um dos mais notáveis e queridos do silogeu da terra dos “verdes mares”, onde sua passagem ficou marcada pela luminosidade de seu espírito de escol.

Membro da Academia Piauiense de Letras, ocupando a Cadeira N.º 22, que tem como Patrono Miguel de Souza Borges Leal Castelo Branco, jornalista e professor. Seu panegírico foi feito pelo Acadêmico Fenelon Castelo Branco, que analisou algumas obras de Moraes Correia: “O Crime e a Pena”, “O Domínio e a Posse”, “O Divórcio”, “A Questão Social”, “O Amor e o Crime”, “Democracia e Socialismo” e “Psicologia como Ciência da Alma”.

Membro, ainda, do Instituto de Ciências e Letras de Recife, onde pontificaram sua cultura e os seus dotes de orador e conferencista.

O Dr. Moraes Correia era casado com a Senhora Esmerina Tavares Silva Moraes Correia, filha do abastado fazendeiro e proprietário da Ilha Grande de Santa Isabel, em Parnaíba, Capitão Claro Ferreira de Carvalho Silva e de Dona Geracinda Tavares Silva.

Deste feliz consórcio nasceram sete filhos, três homens e quatro mulheres, um deles já falecido. São todos figuras exponeciais do mundo político, social e cultural de Fortaleza.

Destaca-se, entre os seus filhos, a Senhora Luíza de Moraes Correia Távora — Primeira Dama do Estado — esposa do Coronel Virgílio Távora — Governador do Ceará — a quem prestamos uma Homenagem Especial no preâmbulo deste livro.

Desejamos aqui prestar, ainda, um culto de admiração ao ilustre médico Dr. Livino Pinheiro, casado com a Senhora Cristina de Moraes Correia Pinheiro, filha do Dr. Moraes Correia.

O Dr. Livino Pinheiro foi nosso Professor, no Colégio Ara-ripe Júnior, em Viçosa, nosso berço natal, nos idos de 1928.

Sem nenhum favor, foi o Professor Livino Pinheiro um dos nossos antigos Mestres, a quem devemos, em grande parte, a nossa formação intelectual.

Quando encontrava-se no zênite de sua vida, exercendo as funções de Juiz Federal e de Professor da Faculdade de Direito, com 53 anos de idade, moço ainda, no dia 23 de outubro de 1934, o Dr. Luiz Correia era arrebatado do convívio de sua família e de seus amigos, perdendo assim, o Piauí e o Ceará, este florão de cultura que tanto honrou e ilustrou as letras nacionais.

No ano seguinte de seu falecimento, o Governador do Piauí, Dr. Leônidas de Castro Melo, por projeto do Deputado e historiador José Auto de Abreu, sancionava a Lei N.º 06, de 04 de setembro de 1935, dando à vila de Amarração a denominação de Luiz Correia. Foi uma tocante e justa homenagem do Piauí ao seu grande e inolvidável filho.

Três anos depois, certamente pelo valor e pela tradição de seu ilustre Patrono, a vila foi elevada à categoria de cidade, pelo Decreto-Lei N.º 107, de 15 de novembro de 1938.

No Centro Cívico de sua cidade-berço, em janeiro de 1974, foi erigido, em bronze, um busto de Luiz Correia.

Neste monumento, que perpetua a memória do filho mais ilustre da velha Amarração, há uma placa de bronze, com a seguinte inscrição:

LUIZ DE MORAES CORREIA
1881 — 1934

POLÍTICO, JURISTA, SOCIÓLOGO,
PROFESSOR E ESCRITOR.
SUA VIDA É UM EXEMPLO EXTRAOR-
DINÁRIO DE CIDADÃO DIGNO E
CORAÇÃO BONÍSSIMO, SEU NOME É
REMINISCÊNCIA DE AMOR A TERRA
NATAL, A FAMÍLIA, AO PRÓXIMO.
SUA MEMÓRIA É REVERENCIADA POR
SEUS COESTADUANOS E PERPETUADA
NO BRONZE PELO GOVERNADOR AL-
BERTO TAVARES SILVA.

No ato inaugural, representando a família, falou a Senhora Luíza de Moraes Correia Távora, filha do homenageado, esposa do Senador Virgílio Távora, hoje, Governador do Estado do Ceará.

Aqui transcrevemos alguns tópicos do discurso de agradecimento da Senhora Luíza Távora.

“Ser filha de um homem como Luiz Correia é uma honra. Tê-lo como pai é um privilégio, privilégio esse que partilhei com mais seis irmãos. Mercê de Deus, todos nós soube-
mos dignificar esse nome. Meu pai foi Mestre-Professor da Faculdade de Direito do Ceará, onde, durante duas décadas lecionou Direito Civil e foi Juiz — o último Juiz Seccional do Estado que o acolheu e onde viveu os últimos anos de sua vida, cercado pela admiração e pelo carinho dos cearenses.

Como jurista, empreendeu vitoriosamente sua marcha no campo do Direito e foi no campo das jurídicas que ele se afirmou de brilhante maneira, escrevendo obras de real valor, obras que lhe valeram a admiração dos maiores civilistas do Brasil e, entre estes, de Clóvis Beviláqua, com quem se correspondeu, até a morte do grande Mestre.

Sociólogo e filósofo, publicou várias obras, entre as quais, poucos anos antes de sua morte, uma na qual expõe as suas teorias — “Uma Nova Concepção do Mundo e do Homem”.

A vila que serviu de berço a meu pai — antiga Vila de Amarração — foi após a sua morte, crismada com o seu nome: É hoje Luiz Correia. Aqui nasceu e aqui passou parte de sua infância, a contemplar de certo, embevecido, pois era um sentimental, o azul deste céu e o azul das ondas que aqui vinham se quebrar. A ouvir a voz do vento e a luta constante — luta cheia de rugidos do mar, a se debater e a se arrebentar na areia branca da quase praia da então Amarração.

A contemplar, certamente, com aquele natural encantamento diante das coisas de Deus — o pequeno cais, as rua-zinhas, as casas coloridas, os coqueiros e as carnaúbas.

E o vento a gemer. Aquele vento que fazia as canoas vi-rarem; os telhados das casinhas voarem pelos ares e as pe-quenas roças se desaparecerem, tragadas pelas areias.

E hoje, então, hoje é o grande dia para esta cidade e para o Estado do Piauí. É o dia pleno de alegria para uma família — a minha família — os descendentes do Dr. Luiz Correia.

Diante desta homenagem que o seu Estado lhe tributa, cabe, de par com o reconhecimento de uma família agrade-cida, ressaltar o novo Piauí, que Alberto Silva, seu grande Governador, está construindo.

Se vivo fosse, meu pai saberia alegrar-se ante a grandeza da terra comum, ele que tanto amou e dignificou.”

E com estas emocionantes palavras, peçadas de recorda-ções e polvilhadas de saudades, a Senhora Luíza Távora termina o seu hino de exaltação e de agradecimento a Luiz Cor-reia, a terra de seu ilustre genitor.

Para ilustrar este trabalho biográfico do eminente Dr. Luiz Moraes Correia, fomos buscar, em mãos de Dona Luíza Tá-vora, esta bela crônica, orvalhada de ternura e de saudades, brotada da pena fulgurante de Humberto de Campos, consa-grado cronista nacional, colega de infância de Moraes Cor-reia, na placidez da Parnaíba do passado:

Eis a crônica: —

O LUQUINHAS

Não sei por que todo mundo em Parnaíba, lhe dava esse tratamento. Ele não se chamava Lucas.

O pai, um ancião de barba curta e grisalha a enfeitar-lhe a papada, era o Coronel Francisco Severiano. Seu tio, um velho também gordo e obeso, de rosto vermelho e grandes barbas alvas e derramadas como as de D. Pedro II, era o Coronel Lucas. Mas esse mesmo não recebera esse nome no ato do batismo. Chamava-se Luiz Antônio de Moraes Correia. Como porém, o tio Luiz era conhecido por Lucas, em toda a cidade, que também era Luiz, ficou sendo, no mesmo perímetro, o Luquinhas.

Quando eu conheci, a minha família e a dele, viviam a ferro e a fogo, por motivos políticos. Se os Veras apareciam nas novenas de Nossa Senhora da Graça, com sapato de amarrar ou de abotoar, os Correias passavam, todos, a usar botinas de elástico. Se os Correia usavam guarda-chuva, os Veras saíam de bengala mesmo debaixo de temporal.

Os Moraes Correia estavam, porém, nesse tempo, “de cima”. A Prefeitura era deles e eles eram cinco rapagões claros, simpáticos, esforçados, trabalhadores.

O mais velho, Josias, consagrara-se exclusivamente ao comércio, e estava rico. Possuía a casa de maior número de janelas, então existente na Rua Grande. O outro, Jonas, era o chefe político local, Corado e de estatura mediana, de uma simplicidade grave e triste, sabia captar a confiança do eleitor, e não podia fazer fortuna porque a política lhe levava tudo que lhe dava a sua casa comercial. O terceiro, o Fracisquinho, auxiliava Jonas na loja de fazendas, mas era o jornalista da família. Inquieto e insinuante, terminou por fazer-se Bacharel. Possuindo uma oficina tipográfica editava, de vez em quando, um semanário combativo, a cuja porta pregava, na terça-feira, os telegramas que deviam ser estampados na edição de domingo. Constantino, era o nome do outro. Muito arguto, havia sido alferes-aluno na Escola Militar do Ceará, parava pouco em Parnaíba, demorando-se ali apenas o tempo suficiente para rever seus familiares e amigos.

Era essa a situação de sua gente, quando Luquinhas chegou à cidade natal, nos últimos dias do século. Acabava, se não me engano, de conquistar, no Ceará, o seu canudo de Bacharel e era um rapagão de vinte e poucos anos, claro e

forte, mas servido de tórax, com algumas espinhas no rosto e muitos sonhos no coração. O cabelo alourado e crespo, dava-lhe uns ares românticos. Esse romantismo desaparecia, entretanto, quando ele punha de lado o chapéu de palha, e atravessava a Praça da Matriz, com um andar pachola, um pouco gingando, a cumprimentar, em gestos românticos e excessivos os conhecidos que encontrava pelo caminho.

Os irmãos haviam mandado educá-lo, parece com a esperança de investi-lo num alto posto de sua política municipal. O rapaz era estudioso, desenvolto, inteligente, e bastaria o seu nome no cabeçalho de um jornal para infundir respeito ao inimigo.

Luquinhas não concordou, entretanto, e evidentemente, com o destino que lhe haviam reservado. Chegando à Parnaíba, colocou-se à margem dos partidos, e fora do alcance das intrigas. Estava na idade em que se ama e, enquanto a família lutava politicamente, ele se ocupava em querer bem a todos. Casou-se. A cidade inteira o admirava, com essa ponta de inveja que consagra o merecimento. Até que um dia, Luquinhas foi para o Ceará. Meses depois era, creio, Professor da Faculdade de Direito. E Secretário de Governo. E figura de relevo no tumulto da política cearense.

A notícia que os telegramas trouxeram há dias, da morte, em Fortaleza, do Dr. Luiz Moraes Correia, Juiz Federal, fez-me lembrar tudo isso. O Juiz Moraes Correia era, simplesmente para Parnaíba, cidade em que nascera, o Luquinhas, filho do Coronel Francisco Severiano. Tivesse ele permanecido na sua terra natal, mesmo depois de formado, a notícia de seu falecimento teria chegado, e quando muito, até Teresina. Fortaleza era, porém, ressonância ao seu esforço. No cenário mais amplo, a figura cresceu. E maior teria sido a repercussão da sua atividade inteligente, se, em vez de deter-se no Ceará tivesse descido para o sul; chegando até ao Rio de Janeiro — espécie de Corcovado nacional, em que os menores bonecos de mola tomam o vulto e o aspecto de Cristo Redentor.

As pessoas que privaram com o Juiz Federal e com o Professor de Direito são unânimes em proclamar a integri-

dade de seu caráter, a gravidade das suas maneiras, a segurança da sua cultura, a dignidade do seu ideal.

Para mim porém, ele era ainda, o Luquinhas, filho do Coronel Severiano, da Praça da Matriz de cuja sacada eram soltos os balões coloridos e enormes, nas festa da Senhora da Graça.

Não sei como ficou, mais tarde, ao vir a maturidade. Ao ler o seu nome, o que me aparecia era sempre o rapagão parnaibano, de chapéu ao lado e andar pachola, que eu olhava com tamanha inveja, quando ele atravessava, robusto e feliz, as praças cobertas de relva miúda, ou vencida as ruas arenosas, fazendo gentil e risonho, enormes barretadas aos conhecidos.

Sainte-Beuve costumava dizer que a maior volúpia para o seu espírito consistia pela popularidade ou pela glória.

E é esse o sentimento amável que se apossa de mim, ao lembrar a personalidade desse homem público, merecidamente admirado na terra em que viveu. Os que lhe choram a morte, e lhe traçam a biografia, falam do Professor Moraes Correia, do Juiz Moraes Correia, do Jurista Moraes Correia. Eu não conheci nenhum desses. Mas, nesta véspera de Finados, quero recordar um morto que me fez sentir saudades de mim mesmo. Era jovem e forte. Era toda vida e toda esperança. E tinha na sua terra um tratamento carinhoso de menino: O LUQUINHAS."

No ensejo do seu Centenário de Nascimento — 23 de dezembro de 1981 — queremos deixar consignado nas páginas desta biografia, as nossas homenagens de profundo respeito e de viva admiração ao insigne Mestre Dr. Luiz Moraes Correia, honra e glória dos nossos dois Estados — Piauí e Ceará.

Fechando este trabalho biográfico do Dr. Moraes Correia, um dos maiores filhos do Piauí e um dos homens que mais ilustrou a terra cearense, pela sua cultura e pelo seu caráter, podemos também, com justiça, repetir as palavras de Henrique III, diante do túmulo do Duque de Guise:

"MORTO PARECE MAIOR DO QUE VIVO".

MAJOR ANÁLIO

Fica no Bairro Reis Veloso. Da Avenida São Sebastião à Avenida Padre Raimundo Vieira.

Antônio José Análio de Miranda, era Major da Guarda Nacional, casado com Dona Benedita Dias da Silva Henriques, falecida nesta cidade, em 9 de dezembro de 1893, oriunda da família Dias da Silva.

O Major Análio exerceu com muita probidade e eficiência as funções de Inspetor da Alfândega de Parnaíba, no fim do século passado.

Era um dos grandes fazendeiros de nosso município, destacando-se a sua aprazível propriedade "Lagoa da Prata", situada na boca do Rio Igaraçu, como reminiscência existem ainda, ali na velha fazenda, alguns vetustos tamarineiros, verdes e balouçantes ao vento.

Cidadão de espírito altamente humanitário, o povo pobre tinha nele um protetor. Quem batesse em sua porta seria servido, pois a caridade era uma das virtudes que ornava a sua personalidade, tornando-o assim uma figura bastante admirada e respeitada pelo povo que o tinha como um dos grandes benfeitores.

Foi um dos membros de destaque da Loja Maçônica União Parnaibana, reorganizada em 1831, sob o Grão Mestrado do Brasil, o Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, Patriarca da Independência.

Um dos seus filhos era José Antônio de Miranda, pai de Alderico Seixas de Miranda, falecido alguns anos, que era profundo conhecedor da genealogia dos Dias da Silva, que vem do português Domingos Dias da Silva, figura principal da fundação da Vila de São João da Parnaíba. Também é seu neto o honrado cidadão, nosso amigo Valdemar Miranda Escórcio que reside à Rua Dom Pedro II, nesta cidade.

O Major Antônio José Análio de Miranda que dá nome a esta rua, a última do Bairro Reis Veloso, faleceu nesta cidade, em 27 de novembro de 1907.

M A R C J A C O B

Fica no Bairro Reis Veloso. Da
Avenida São Sebastião à Ave-
nida Padre Raimundo Vieira.

No distante 1872, Marc Desiré Jacob emigrava para o Brasil, vindo de Schalbach, vizinho a Sarreboug, na Lorena, França, sua terra natal.

Era um francês de larga visão, dotado de muita inteligência e de extraordinária capacidade de trabalho.

Veio para vencer!

Após três anos de permanência no Brasil, Marc Jacob, em 1875, se estabeleceu em Parnaíba.

Aqui instalou a “Casa Marc Jacob” e deu início às suas atividades comerciais. O seu ramo principal de negócio era a exportação de produtos regionais, principalmente cera de carnaúba, folhas de jaborandi e outros vegetais.

Representava o Banco do Brasil nesta cidade, e praticava transações com moedas estrangeiras.

O seu conceito se alastrava, tornando-se um forte esteio do comércio da época.

Dado o grande desenvolvimento da firma, sentindo já um tanto cansado da luta do cotidiano, Marc Jacob mandou buscar em Schalbach, o seu sobrinho Roland Jacob, que aqui chegou em 1923.

Dois anos depois, falecia nesta cidade, o velho Marc Jacob, após cenquenta anos de trabalho em Parnaíba. Uma existência profícua, de meio século de atividades em terras piauienses.

Depois da morte de seu tio, em 1925, Roland Jacob deu prosseguimento aos negócios, sempre em ritmo de expansão, contando com o apoio indispensável de dois grandes amigos que já encontrou trabalhando com o seu tio, quando aqui chegou, Casemiro de Macêdo Nogueira e Francisco Fontenele de Araújo.

Roland Jacob esteve no comando da empresa pelo espaço de quarenta e seis anos, de 1925 a 1971, data do seu falecimento.

O trabalho e o exemplo destes dois Jacob tiveram profundas raízes em seus sucessores. E hoje a “Casa Marc Jacob” de 1875, está transformada no forte grupo Marc Jacob S/A que incorpora dez subsidiárias, explorando várias atividades comerciais e industriais.

Este Grupo é dirigido pelo seu presidente, Dr. Marc Theophile Jacob que segue as diretrizes deixadas pelo seu genitor Roland Jacob.

E tudo isto é o fruto da árvore plantada por Marc Jacob em terra parnaibana, em 1875.

E o velho francês lá de Lorena, bem merece a homenagem que lhe foi tributada pela cidade: — Rua Marc Jacob.

M A D E I R A B R A N D ã O

Fica no Bairro de Fátima. Da
Rua Franklin Veras até o final
do Bairro São Benedito.

Benedito Rodrigues Madeira Brandão, era um homem austero, honrado e respeitado, verdadeiro varão de Plutarco.

Foi comerciante de alto conceito, na época em que o fio da barba era o sinal da palavra empenhada, espírito elevado e marcado de ampla filantropia.

Juntamente com outros denodados companheiros, fundou em 20 de agosto de 1899, quase ao cair do crepúsculo do século XIX, a “Sociedade Protetora Parnaibana”, entidade de auxílio mútuo, chegando a ter setecentos sócios, muita força de vontade para um tempo tão recuado. Essa sociedade prestava reais serviços, merecendo sempre a simpatia e a cooperação do povo parnaibano. Madeira Brandão foi seu presidente de 1901 a 1903.

Exerceu o cargo de Vice-Intendente Municipal no período de 1897 a 1899, na administração do Intendente Coronel Joaquim Antônio dos Santos, o conhecido Coronel Quincas Santos.

Madeira Brandão morava naquele velho sobrado de azulejo, ainda existente ali perto da ponte Simplício Dias à Avenida Presidente Getúlio Vargas N.º 140.

Era casado em segunda núpcias, com Luisa Amélia de Queiróz Brandão, brilhante poetisa que deixou uma obra publicada "Georgina". É Patrona da Cadeira N.º 28 da Academia Piauiense de Letras.

Aí está um pouco da história de Madeira Brandão que dá nome à esta rua lateral ao "Estádio Petrônio Portela", varando até atingir o Bairro São Benedito.

MAESTRO ALMIR ARAÚJO

Antiga denominação: Rua Ceará, atual denominação: Rua Maestro Almir Araújo — Lei Municipal N.º 893, de 3 de março de 1976. Fica no Bairro do Carmo. Da Avenida Governador Chagas Rodrigues ao Rio Igarçu.

O músico é como o poeta, já nasce predestinado.

São eleitos de Deus!

A música e a poesia são irmãs siameses. Não pode haver música sem poesia e poesia sem música.

Almir Araújo já nasceu com esta predestinação, trazendo envolto na alma a inspiração musical.

Ainda na quadra infantil, assobiava e batia em latas, formando orquestras de pau e corda com a garotada do bairro.

Era a música criando asas azuis para um amanhã de arrebol, risonha e alegre.

Ele não podia fugir do destino. Estava escrito.

Seria um dia músico, e músico de alto quilate.

E, ainda, adolescente, começou a sua carreira ascensionária. Quando em 1918, o então Prefeito Municipal Dr. Nestor Gomes Veras criou a Banda de Música Municipal e instituiu as retretas bi-semanais, ali no velho coreto da Praça da Graça,

dando vida noturna à cidade, Almir Araújo ingressava na filarmônica recém-fundada.

Anos depois, após a morte do maestro Carlos Souza, Almir assumia a direção da “Municipal”, realizando assim, o seu sonho dourado, acalentado desde o tempo do bater de latas.

Foi professor de música, tomou parte em diversos concertos musicais em vários Estados brasileiros ao lado do grande e saudoso Lamartine Babo, um dos maiores compositores da música popular do Brasil, e de Alcides Gerardi, o cantor de alta expressão da vida artística nacional.

Dirigiu com muita segurança, os programas musicais da “Rádio Educadora” de nossa cidade. Foi presidente da “Associação dos Trabalhadores Municipais de Parnaíba, sócio da “Ordem dos Músicos do Brasil”, como representante nesta cidade, da Regional do Piauí.

Almir Ferreira de Araújo nasceu nesta cidade, em 18 de outubro de 1900, era filho de Francisco Ferreira de Araújo e de Dona Olímpia Maria Araújo. Faleceu em 19 de maio de 1966.

E, ainda hoje em Parnaíba, com saudade ouve-se a linda valsa “Dois de Abril”, uma das mais expressivas músicas compostas nos seus últimos dias de vida. Ela retrata a sua alma de eleito de Deus e os seus acordes bem refletem a sensibilidade e a grandeza musical deste consagrado Maestro que em vida chamou-se Almir Ferreira de Araújo, que hoje batiza esta rua onde está localizada a Capela de Nossa Senhora do Carmo — Padroeira do Bairro.

M A R E C H A L D E O D O R O

Antigas denominações: — Rua do Alecrim e Rua 28 de Julho. Centro. Da Praça da Graça à Praça Coronel Jonas Correia.

O Marechal Manuel Deodoro da Fonseca que tomou parte na Guerra do Paraguai foi um dos grandes heróis brasileiros, tendo sido ferido, em combate, três vezes. Nasceu em Alagoas em 1827.

Foi o primeiro Presidente do Clube Militar, exercendo essas funções com raro brilhantismo e altivez de caráter.

O movimento em favor da República manifestou-se através dos jornais, nas praças públicas, nas faculdades e nos quartéis.

Sob a liderança de Benjamin Constant, fervoroso adepto da República, outros homens notáveis, jornalistas e políticos ilustres aderiram ao movimento.

Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Campos Sales, Prudente de Moraes, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e muitos outros uniram seus esforços pela causa comum.

E, a 15 de novembro de 1889, foi proclamada a República, pelo eminente Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, sendo o seu primeiro Presidente Provisório, até a promulgação da primeira Constituição Republicana.

Foi formado o Ministério, com as principais figuras que haviam participado ativamente do movimento republicano.

O Governo do Marechal Deodoro adotou várias medidas, dentre as quais se destacam: estabelecimento da República Federativa, criação da Bandeira Nacional, adoção do Hino Nacional, composto pelo Maestro Francisco Manoel da Silva e letra de Joaquim Osório Duque Estrada, separação da Igreja Católica do Estado, obrigatoriedade do casamento civil e convocação de uma Assembléia Constituinte.

A 24 de fevereiro de 1891, foi promulgada a 1ª Constituição Brasileira, sendo no dia seguinte, eleito o primeiro Presidente, recaindo a escolha no Marechal Deodoro, e o Vice-Presidente no Marechal Floriano Peixoto.

Por questões políticas, Deodoro resolveu recorrer à força e a 3 de novembro de 1891, dissolveu o Congresso e dirigiu à Nação um manifesto, justificando a sua atitude. A dissolução do Congresso provocou a revolta da esquadra, comandada pelo Contra-Almirante Custódio José de Melo.

O navio Riachuelo disparou uma granada que caiu sobre a cúpula da Igreja da Candelária, alarmando a população do Rio de Janeiro.

Diante desta situação, Deodoro da Fonseca renunciou, passando o Governo ao Vice-Presidente Marechal Floriano Peixoto.

Depois de relevantes serviços à Pátria, o Marechal Deodoro da Fonseca deixou a vida pública, vindo a falecer em 23 de agosto de 1892, na capital da República, a República que ele proclamou com patriotismo e devotado amor ao Brasil.

Esta rua hoje, é essencialmente comercial. Ali foi construído na administração do Prefeito João Batista Ferreira da Silva, o primeiro calçadão em Parnaíba, o mais moderno tipo de pavimentação usado atualmente no Brasil, em zona comercial.

Assim, a Marechal Deodoro é a artéria mais movimentada da cidade, bem ajardinada e muito bem iluminada, dando belo aspecto urbanístico a capital litorânea do Piauí.

M A R E C H A L P I R E S F E R R E I R A

Antiga denominação: Rua do Fluminense, em virtude de ter existido ali, um clube esportivo e social com este nome, que fez época na cidade. Fica no Bairro de Fátima. Da Avenida Governador Chagas Rodrigues à Rua Major Análio.

Firmino Pires Ferreira que nasceu em Barras, cidade às margens do Marataoã, neste Estado, fez brilhante carreira militar, com inestimáveis serviços prestados à Pátria.

Conquistou a patente de Marechal do Exército Brasileiro. Deputado Federal e Senador da República, em três períodos, destacou-se como influente chefe político do Piauí.

Seu nome era uma bandeira de lutas e de vitórias em benefício dos interesses do povo. Estimado pelos civis e militares, o Marechal Pires Ferreira era o patrono de todos os piauienses no Rio de Janeiro, em contato permanente com os seus coestaduanos.

Sua folha de serviços é um patrimônio honroso para as tradições do Piauí.

Figura varonil do Segundo Império e da República, infatigável, franco e sincero, o Marechal Firmino Pires Ferreira

representa um símbolo de filantropismo e acendrado amor à sua terra.

Honra, pois, ao ilustre Marechal barrense, que enriquece a toponímia de nossa cidade.

MARQUÊS DO HERVAL

Centro. Da Praça Santo Antônio
à Rua Conde D'Eu.

Manoel Luiz Osório — Marquês do Herval — militar e político brasileiro, nasceu em Conceição do Arroio, hoje, Osório, no Rio Grande do Sul, em 1808.

Iniciou a sua vida militar como soldado da cavalaria da Legião de São Paulo e subiu pela longa hierarquia a Marechal do Exército.

Tomou parte, como Major, na Revolução Farroupilha do Rio Grande do Sul, onde a sua bravura e o seu heroísmo se destacaram em favor das forças imperiais.

Na Batalha de Tuiuti — a fim de atingir o Paraguai, o Exército Brasileiro, sob o comando do bravo General Luiz Osório, Marquês de Herval, transpôs o Passo da Pátria e dominou o forte de Itapiru, protegido pela esquadra de Tamandaré. López foi obrigado a retirar-se para Estero-Belaco.

Nesse local travou-se, a 24 de maio de 1866, a famosa batalha de Tuiuti, na qual o Brasil obteve imortal vitória. O General Osório, ferido a bala, retirou-se, coberto de glórias e de intrepidez, do campo da luta, passando o comando ao General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

Restabelecido, voltou ao teatro da guerra, comandando o 3º Corpo do Exército e realizou a famosa marcha de flanco de Tuiuti-Curê, saindo novamente ferido em Avai.

Ainda voltou a Guerra do Paraguai, sob o comando do Príncipe Gastão de Orleans.

Por todos esses serviços prestados ao Brasil, como soldado heróico, bravo e destemido, foi graduado, durante a sua brilhante carreira, com os títulos honoríficos de Barão, Visconde e Marquês com grandeza do Império.

Morreu como Herói Nacional, em 1879, no Rio de Janeiro. Hoje, Osório é o Patrono da Cavalaria do Exército Brasileiro e é também, com muita honra para Parnaíba, o patrono desta rua central de nossa cidade.

M A R Q U E S B A S T O

Centro. Da Praça Santo Antônio à Rua Dom Pedro II.

O Dr. João Maria Marques Basto, conhecido por Dr. Joca Basto, foi em vida, considerado o maior médico parnaibano.

Nasceu nesta cidade, a 8 de novembro de 1859, filho de Paulino José Coelho Basto, o velho português da Província de Trás-os-Montes, que aqui foi um dos grandes comerciantes, em sua época, em Parnaíba.

Formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1885, logo após o ato solene de sua formatura, em uma das igrejas tradicionais do histórico Salvador, contraíu núpcias com Dona Adélia Câmara Basto, de importante família baiana.

No ano seguinte, o jovem médico chegava à Parnaíba e aqui montava o seu consultório. Homem de coração grande e generoso, ninguém, no seu tempo, serviu tanto e amou Parnaíba quanto ele.

Aqui trazemos trechos do discurso que o ilustre professor e historiador Benedito Jonas de Moraes Correia, de saudosa memória, pronunciou, como orador oficial, no ato inaugural da “Maternidade Dr. Marques Basto”, monumental obra construída pelo Dr. Mirocles Veras, à Rua Riachuelo, em nossa cidade.

“O homem e o médico agiram simultaneamente. Fez-se professor. Influíu na formação moral da cidade. Plasmava personalidades, dando saúde ao corpo e aperfeiçoando caracteres. E foi assim, durante muitos anos, o médico e o mestre. Marques Basto foi mestre inconfundível. Muito culto, inteligente, de idéias claras, educou gerações e gerações, que continuam a ouvir a sua voz e a seguir seu exemplo.

Era médico de todos, de todos os lares, do mais rico ao mais pobre. Envolvia-o poeira sutil de uma lenda que era uma verdade incontestável: para curar o enfermo, bastava um sorriso, uma palavra, a presença do grande médico, o nome do Dr. Joca que viria receitar, se juntava às cantigas, com que a mãe aflita embalava o filho doente.

Foi o médico do povo parnaibano do seu tempo, Marques Basto iniciou a higienização de Parnaíba. Construiu tudo que nada feito havia. A Santa Casa de Misericórdia ficou sendo a sua casa. Criou postos de saúde. Trabalhou. Exerceu e honrou alguns cargos: Médico da Municipalidade, Delegado Estadual de Saúde Pública, Sub-Inspetor de Saúde dos Portos. Médico Sanitarista, aqui ao tempo em que Oswaldo Cruz, o médico que se fez sábio e santo, saneava o Brasil, seguindo Marques Basto o rumo traçado pelo mais alto gênio da medicina brasileira.

Marques Basto pontificava. Acercavam-se dele os médicos jovens. E ele, Sócrates de uma nova escola, perdido numa longínqua cidade de um Estado então desconhecido, trabalhou silenciosamente e abnegadamente pelo engrandecimento da nacionalidade”.

O Dr. Joca Basto aos oitenta e cinco anos de idade, falecia no seio de sua terra natal, na tarde de 3 de outubro de 1944, ano do centenário de sua querida cidade.

Parnaíba parou!

Comércio, indústrias e colégios encerraram as suas portas. O Prefeito Municipal Dr. Mirocles Veras decretou luto oficial.

Na manhã do dia seguinte, realizaram-se os seus funerais. Foi uma apoteose de dor e de saudade, uma verdadeira glorificação. Era a homenagem de seu povo ao grande e imortal médico parnaibano.

Devemos ao arquivo de Antônio João Basto Ribeiro, neto do saudoso Dr. Joca Basto, esses retalhos de reminiscências sobre a personalidade desse notável médico conterrâneo.

Da brilhante e comovente oração necrológica do ilustre Dr. Mirocles Veras, então Prefeito Municipal, interpretando o sentimento do povo e da classe médica, extraímos esses tópicos: “que o destino lhe reservava a dor de exprimir à beira do

túmulo do Dr. Joca Basto, o sentir da cidade e da classe médica parnaibana, com o seu deseparecimento ele que era o mais velho e o mais sábio de todos, o mais ilustre filho da Parnaíba. E Mirocles Veras continua: “O vosso ataúde está ornamentado com as mais belas flores de todos os jardins de Parnaíba, colhidas por mãos agradecidas — flores e lágrimas aqui estão, na altiloquência de seus significados, a dizer melhor o lamento de todos, que as minhas palavras — adeus, Dr. Joca!

Ainda, discursou o brilhante intelectual Alarico da Cunha, hoje, também de saudosa memória, que encerrou com essas palavras que agora fazemos nossa, fechando o reposteiro destas notas biográficas de tão ilustre e querido parnaibano: “Tal vida, tal morte, bendita seja a tua imortalidade, Dr. Marques Basto!”

E a vida é assim, partiu para sempre, o Dr. João Maria Marques Basto, mas o seu nome ficou nesta rua e na Maternidade Marques Basto, marcando a sua imortalidade em sua terra-berço.

M E R V A L V E R A S

Antiga denominação: Rua Paranhos. Da Avenida das Nações Unidas — Bairro do Carmo — à Avenida Presidente Getúlio Vargas — Centro.

O Dr. Merval Gomes Veras, formado em Direito, homem inteligente e culto, nasceu em Parnaíba. Casado em primeiras núpcias, com Dona Adalgisa Barros Veras, deixando um filho, Ben-Hur Veras; em segundas núpcias, com sua cunhada Dona Alice Barros Veras, deixando duas filhas.

O Dr. Merval Veras, com a morte de seu pai, Franklin Gomes Veras, assumiu a direção da empresa Franklin Veras & Cia., alargando de logo, as suas atividades comerciais.

Inicialmente, criou a empresa subsidiária de navegação — União Fluvial Ltda. — importando da Europa, vários rebo-

cadores e barcas de ferro para transporte de cargas pesadas entre Amarração, hoje, Luiz Correia, e Tutóia, no Maranhão, que faziam a interligação com os navios nacionais e estrangeiros que ancoravam nessas duas cidades marítimas.

A frota era composta dos rebocadores “Tamoio,” “Taman-daré”, “Tabatinga”, “Tabajara”, “Tutóia” e outros.

A “União Fluvial” ficou em pé de igualdade com a Booth Line Co., grande empresa inglesa que operava nesta faixa.

Ao Dr. Merval Veras deve-se em grande parte, o impulso da navegação do rio Parnaíba, conseqüentemente, o desenvolvimento do comércio importador e exportador do norte do Piauí.

Além de homem de negócios, era o Dr. Veras, grande jornalista militante pois, aqui dirigiu com inteligência e aprumo a “A Ordem”, semanário político que circulou pelos idos de 1914, e a “Gazeta da Parnaíba”, em 1923, jornais que fizeram época em nossa cidade, como órgãos de destaques da imprensa piauiense.

Este conceituado comerciante e ilustre jornalista, faleceu em 20 de outubro de 1930, em sua terra natal.

Depois de seu desaparecimento, a firma Franklin Veras & Cia. passou para a direção de seu filho Ben-Hur Veras.

E a placa — Rua Dr. Merval Veras — está colada no prédio da firma Franklin Veras & Cia., esquina da antiga Rua Paranhos, homenageando a operosidade deste ilustre parnaibano.

M O N S E N H O R J O A Q U I M L O P E S

Antiga denominação: Rua da
Glória. Da Avenida das Nações
Unidas — Bairro do Carmo —
à Praça da Graça — Centro.

Foi em Picos, importante cidade sul do Piauí, que nasceu o ilustre Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes, antigo vi-gário de Parnaíba.

Ordenou-se, solenemente, como Sacerdote do Senhor, na Catedral de São Luiz, capital da terra gongalina.

Após a sua ordenação sacerdotal, voltou ao Piauí, sua terra natal, por cujo engrandecimento material, moral e religioso, tanto trabalhou. Além de vigário de Parnaíba, foi pároco das paróquias de Nossa Senhora do Amparo, em Teresina, e de Nossa Senhora da Conceição de Pedro II.

Lutou tenazmente pela criação do Bispado do Piauí, embora o Bispo Dom Xisto Albano fosse literalmente contrário, alegando que a nova Diocese arruinaria financeiramente a do Maranhão.

O sonho de Monsenhor Joaquim Lopes foi realizado, embora contra todos os óbices criados pela Igreja maranhense.

Em 1906, à testa do Governo do Piauí — Dr. Álvaro de Assis Osório Mendes — tomava posse Dom Joaquim Antônio de Almeida, primeiro Bispo da Diocese Piauiense.

Sacerdote que cultivava grandes virtudes, era humilde, caridoso, muito escrupuloso, enérgico e franco.

Empenhado na maior luta político-religiosa no Piauí, jamais cedeu um passo na inviolabilidade dos seus princípios. Não existiu, em todo Estado, em seu tempo, da capital ao interior, obra de progresso, religioso ou social, que não contasse com o labor do piedoso sacerdote picoense.

Era profundo conhecedor das Ciências Eclesiásticas: Teologia, Moral, Direito Canônico e História da Igreja. Sacerdote muito culto e sensato, aconselhava sempre com prudência, doçura e bondade.

Quando da fundação, em 25 de maio de 1927, do Colégio Nossa Senhora das Graças, dirigido pelas Irmãs de Santa Catarina de Sena, muito concorreu para sua concretização, o então vigário de Parnaíba, Monsenhor Joaquim Lopes, virtuoso e santo Ministro de Deus, cuja memória vive sempre envolta no respeito e na saudade.

Realizou ainda, notáveis obras pias em várias cidades do Estado, destacando-se reformas e embelezamentos das Igrejas de Parnaíba, Pedro II, Valença, Oeiras, Inhumas, Ipiranga, Picos, Simplicio Mendes, Altos e Teresina. Com a sua tenacidade de trabalho, concorreu ainda, para construções de inúmeros cemitérios espalhados pelo território piauiense. Foi também

um verdadeiro baluarte na construção do Colégio das Irmãs Catarinas, em Floriano.

Fundou, abnegadamente, em quase todas as paróquias do Piauí, o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus e Sociedades de São Vicente de Paulo, entidades de alto sentido religioso e humano.

Este grande apóstolo do bem e da caridade, este notável semeador da fé em terras piauienses, faleceu em 1925, em Picos, seu berço natalino.

E Parnaíba, reverenciando à sua sagrada memória, deu a esta rua lateral a Catedral de N. S. da Graça, o nome de seu antigo e querido vigário, o inesquecível Monsenhor Joaquim Lopes.

M O N S E N H O R R O B E R T O L O P E S

Antiga denominação: Rua Mafrense. Atual denominação: Rua Monsenhor Roberto Lopes — Lei Municipal N.º 339, de 31 de dezembro de 1964. Fica no Bairro São José. Da Avenida Alvaro Mendes à Rua 7 de Janeiro.

Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro, Pastor da Vinha do Senhor, veio ao mundo para fazer o bem.

Em Piracuruca, a terra da Igreja quase tricentenária de Nossa Senhora do Carmo, nasceu Monsenhor Roberto Lopes a 7 de abril de 1891, cuja vida sacerdotal foi um exemplo de fé, de virtude e de trabalho.

Fez os seus estudos em Teresina, onde se ordenou a 20 de janeiro de 1915 — Dia de São Sebastião.

Chegou a Parnaíba a 8 de março de 1916. Aqui chegou e ficou para sempre, como uma bênção do Céu.

Vamos, em síntese, dizer algo sobre a personalidade de Monsenhor Roberto Lopes, dentro de três ângulos de sua vida laboriosa — espiritual, educativa e cultural.

Penetremos na seára espiritual para focalizar o Padre. Após a sua ordenação esteve como coadjutor de Oeiras e posteriormente vigário de Alto Longá, poucos meses.

Veio para Parnaíba. Aqui foi coadjutor, assumindo depois, o lugar de vigário da paróquia de Nossa Senhora da Graça, cargo que deteve em suas mãos por quase cinco lustros.

Fez grandes reformas na Igreja-Matriz, melhorando-a e modernizando-a consideravelmente; construiu a Casa Paroquial ao lado da Matriz e a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, reformou várias capelas do interior do município.

Foi além. Construiu a majestosa Igreja de São Sebastião, quando ali era quase uma mata, hoje, a suntuosa Avenida São Sebastião, uma das mais belas e longas artérias da cidade.

Depois da Igreja terminada, Monsenhor Roberto entrega a sua direção e o seu valioso patrimônio à Ordem dos Capuchinhos, cuja inauguração se deu a 20 de janeiro de 1940, em ato solene, diante de incomputável massa popular.

A Ordem Franciscana levou a obra avante, não só no campo religioso, como no campo social, ministrando ali instrução primária e artesanal a centenas e centenas de crianças.

Com esta obra de alto cunho sócio-religioso, ficou marcado para sempre o dinamismo e a abnegação deste notável Sacerdote do Senhor.

Construiu, ainda, no antigo Bairro dos Tucuns, a Igreja de São José, outro templo que honra a cidade, difundindo a doutrina de Cristo aos moradores desta parte da cidade.

Uma das obras marcantes da vida espiritual do querido e saudoso Monsenhor Roberto Lopes é a criação e instalação da Diocese de Parnaíba. Reencetou a campanha, revivendo a jornada dos sonhadores de 1898, quando pleitearam a criação da Diocese do Piauí, com um Bispado em Parnaíba, junto à sua Santidade o Papa Leão-XIII. Dinamizou-a e conseguiu pela tenacidade de trabalho, realizar o seu ideal. Sua Santidade o Papa Pio XII criava a Diocese de Parnaíba.

Não foi fácil, mas em pouco tempo estava preparado o Palácio Episcopal, com a sua Secretaria em prédio próprio, enfim, todo o patrimônio da novel Diocese estava realizado.

E no dia 7 de julho de 1947, instalava-se solenemente na Catedral de Nossa Senhora da Graça, a Diocese de Parnaíba,

a primeira do interior piauiense, tendo como seu primeiro Bispo Dom Felipe Conduru Pacheco.

Como a vida de Monsenhor Roberto Lopes está ligada à história do nosso Bispado, esclarecemos que a Diocese de Parnaíba que conta atualmente com treze paróquias, teve como segundo Bispo Dom Paulo Hipólito de Souza Libório. Atualmente a Diocese é dirigida por Dom Edvaldo Gonçalves Amaral, cuja posse deu-se, solenemente, em 25 de outubro de 1980.

E agora vamos focalizar o Padre no campo educativo. Foi um dos fundadores do Círculo São José, tendo sido Presidente de Honra de sua diretoria primitiva até os seus últimos dias de vida. Ali funciona a Escola Monsenhor Roberto Lopes, curso primário, sob a direção geral da Professora Eugênia Furtado Mavignier.

O Círculo São José, construído por Monsenhor Roberto, na Praça Antônio do Monte, também é a sede do Ginásio Clóvis Salgado, modelar estabelecimento de ensino de 1º grau, fundado por este incansável Sacerdote, tem atualmente como Diretora a culta Professora e historiadora Maria da Penha Fonte e Silva. É, ainda, um dos fundadores do Ginásio Parnaibano, hoje Colégio Estadual Lima Rebelo.

Finalmente chegamos ao terreno cultural e aí vamos encontrar o Padre jornalista e o Padre poeta.

Foi jornalista militante, vibrante e destemido. Fez de sua fulgurante pena o arauto da fé, fez do jornal o paladino da verdade. Criou e dirigiu “O SINO”, jornal de orientação católica; “A AÇÃO”, órgão do Círculo Operário São José; colaborador assíduo do Almanaque da Parnaíba, desde os tempos idos de Bembém; “A Tribuna”, “Folha do Litoral”, “O Norte do Piauí” e outros jornais que aqui circularam.

Poeta de fina sensibilidade, a sua poesia encanta e deleita, às vezes, descamba para o bom e sadio humorismo, mas a deusa da inspiração estava sempre presente ao seu espírito de poeta de alto quilate.

Completando estes dados biográficos deste saudoso Sacerdote, o Padre Roberto Lopes, por ocasião de suas Bodas de Prata Sacerdotais, em 1940, recebeu como prêmio de seu trabalho e como honra aos seus méritos, o dignificante título de Monsenhor Camareiro Secreto do Sumo Pontífice Pio XII.

Também pelos grandes e inestimáveis serviços prestados a esta terra, foi com muita justiça, agraciado com o título honorífico de Cidadão Parnaibano, consoante Lei Municipal N.º 389, de 11 de abril de 1966.

E ao receber o galardão de Cidadão Parnaibano, Monseñor Roberto Lopes, na sua santa velhice, de cabeça branca, banhada pelo luar do tempo, há de ter sentido imensa alegria por ter concorrido grandemente para o progresso e desenvolvimento religioso, material e cultural de Parnaíba, a terra que o acolheu, como seu grande benfeitor, pelo espaço de sessenta e cinco anos.

Este venerando e santo Sacerdote, faleceu na manhã do dia 15 de outubro de 1980, em um leito da Santa Casa de Misericórdia. Seu corpo foi trasladado para a Igreja de São Sebastião, onde permaneceu em Câmara Ardente até o seu sepultamento, na manhã do dia seguinte. Teve como túmulo, a própria Igreja de São Sebastião, o templo que ele construiu com fé, abnegação e amor. Foi uma apoteose de saudade e de gratidão do povo parnaibano ao seu antigo vigário que é um verdadeiro legado à posteridade, pois ninguém o excedeu em apostolado e trabalho.

Ele semeou na terra a semente da fé e foi colher na vinha do Senhor, o fruto de seu trabalho.

E esta rua com o seu nome é mais um preito de admiração ao seu saudoso vigário e grande benemérito desta cidade.

M U N I C I P A L

Fica no Bairro São José. Da
Rua Barão do Rio Branco ao
Rio Igarçu.

Diz certo sociólogo: “O município é a célula, a fonte, a pedra angular da Democracia”.

O município, no Brasil, dispõe de autonomia para tratar de sua própria administração, naquilo que concerne ao seu peculiar interesse.

A competência administrativa, fundada na autonomia, é assegurada ao município por disposição expressa da Constituição Federal.

A administração municipal, dentro da esfera de autonomia traçada pela Carta Magna Brasileira, abrange os campos político, financeiro e social, compreendendo assuntos e atividades de interesse comunitário, como os seguintes: escolha do Prefeito, chefiando o executivo, e os Vereadores, compondo o legislativo; arrecadação e aplicação de recursos tributários, organização dos serviços administrativos e dos demais necessários à comunidade; promoção da funcionalidade, do conforto e da estética da cidade e dos distritos, através do planejamento urbanístico; setores de educação, de saúde e regulamentação da situação dos seus próprios servidores.

O Prefeito e a Câmara de Vereadores são os órgãos da administração municipal, respectivamente, encarregados do exercício de funções executivas e legislativas.

Achando investidos de autoridade pública, devem atuar com ampla liberdade, cada qual na sua esfera própria de competência, com harmonia e independência.

Cabe à comunidade, por seus eleitores, exercer o direito do voto, na escolha dos governantes municipais, com segurança e consciência.

O bom governo local transforma o município em escola de espírito público e civismo e lhe confere o papel de célula política e unidade de desenvolvimento econômico e social, na afirmação do ilustre Professor Teodoro Silva.

Agora, vejamos, complementando a história da Rua Municipal, como estão organizados os órgãos administrativos de Parnaíba.

Poder Executivo: —

Prefeito — João Batista Ferreira da Silva.

Poder Legislativo: —

Vereadores: — Presidente da Câmara: Danilo Melo de Carvalho.

Membros: — Anísio Cardoso de Souza, Custódio Amorim, Elias Ribeiro de Farias, Francisco Onofre Seixas de Souza,

Gerardo Ponte Cavalcante, José Anchieta Moraes e Silva, José de Arimatéa Silva de Carvalho, José de Lima e Silva. Luiz dos Santos Bezerra, Osmar Bezerra Linhares, Reinaldo de Castro Santos e Valdir Aragão Oliveira.

Esta denominação de Rua Municipal, não resta dúvida, é um gesto de civismo e de amor à terra — Parnaíba homenageando o seu próprio município, como se estivesse homenageando todos os municípios brasileiros.

O E I R A S

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Avenida Alvaro Mendes à
Avenida Princesa Isabel.

Oeiras pode e deve ser considerada o berço histórico da civilização do Piauí.

No recuado ano de 1674, penetrava em território piauiense, a expedição chefiada pelo bandeirante português Domingos Afonso Mafrense, homem de rijo caráter e de larga visão.

Em sua caminhada audaz, depois de varar os nossos adustos e desertos sertões, estabeleceu-se entre os morros que ficam às margens do riacho Mocha, onde fundou a sua fazenda Cabrobó, que cresceu rapidamente e em pouco tempo já tinha aspecto de um povoado.

Ao fechar a cortina do século XVII, alguns índios civilizados tomaram a defesa das terras de Cabrobó contra os ataques dos índios selvagens e entregaram-se ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

O povoado, cada dia, ia florescendo. O Padre Miguel de Carvalho, fundava ali, a primeira capela em glebas piauienses, ficando a Igrejinha subordinada à freguesia de Cabrobó do Bispado da Capitania de Pernambuco.

A pequena e modesta capela, em 1733, foi demolida e em seu lugar, construída a Igreja-Matriz de Nossa Senhora da Vitória que, ainda hoje se conserva com carinho e desvelo, pois, é um templo-relíquia, por ser a primeira Igreja regular que

se erigiu em terras piauienses. O Bispo de Pernambuco, Frei Francisco de Lima, elevou a Igreja da Fazenda Cabrobó à categoria de freguesia, sagrando Nossa Senhora da Vitória como sua Excelsa Padroeira, a Santa Protetora dos sertões do vale do Mocha.

Dado o seu crescente desenvolvimento, tornando-se o mais importante aldeamento da região, foi a 30 de junho de 1712, Cabrobó, elevado à categoria de vila, com a denominação de Vila da Mocha. Aí então, a vila mais prosperava, aumentando o seu índice demográfico, fomentando, cada vez mais, a sua agricultura, multiplicando os seus rebanhos de gado vacum e cavalar, ao ponto de exportar os seus produtos para grande parte das Capitânicas do Brasil.

Diante desse surto de progresso, a 29 de julho de 1758, o Piauí passava a constituir-se Capitania, com administração independente da do Maranhão. A Vila da Mocha era escolhida para sede do Governo, tendo sido nomeado para primeiro Governador, o Coronel João Pereira da Costa, empossava-se na direção suprema da novel Província em 20 de setembro de 1759.

O Coronel João Pereira da Costa era de nacionalidade lusitana, ajudante do Governador da Província do Pará, homem modesto e prudente, governou de 1759 a 1769 — dez anos — revelando-se um político seguro e de iniciativa, administrador honesto e sensato.

Apesar de ser sede provinciana, a Vila da Mocha só foi elevada a foros de cidade, em 19 de junho de 1761. O Governador João Pereira da Costa deu-lhe o nome de Oeiras, em homenagem ao Fidalgo português Sebastião José de Carvalho Melo, o então, Conde de Oeiras, Ministro e Secretário de Estado do Soberano de Portugal Dom José I, mais tarde, o conhecido e afamado Marquês de Pombal, que mandou confiscar os bens dos Jesuítas, deixados, em testamento, por Domingos Afonso Mafrense ou Domingos Afonso Certão, cujo testamento tinha o seguinte texto inicial: — “Em nome da SS. Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, três pessoas e um só Deus verdadeiro. Saibam quantos este instrumento virem, como no ano de nascimento de N.S. Jesus Christo de 1711 aos 12 dias do mez de maio, estando eu Domingos Affonso Certão,

em meu perfeito juízo e entendimento, que Deos Nosso Senhor me deu, temendo-me da morte, e desejando por minh'alma no caminho da salvação, pcr não saber o que Deus Nosso Senhor de mim quer fazer, e quando será servido de me levar para si, faço este meu testamento na forma seguinte..."

Desde o início do século XVIII, quando o Piauí se encontrava sob a jurisdição do Maranhão, já se pensava em estabelecer o centro de Governo num ponto mais próximo do rio Parnaíba e do litoral. A localização de Oeiras dificultava as comunicações e as atividades comerciais, assim, é que em 1852, quando Governador da Província José Antônio Saraiva, num gesto de coragem, transferiu a sede da capital de Oeiras para Teresina.

Esta é a Oeiras do bandeirante português Domingos Afonso Mafrense que, Parnaíba presta este culto de admiração e de amizade, a antiga e tradicional capital da Província do Piauí, dando a esta rua do Bairro Nova Parnaíba, o seu nome que veio lá do Conde de Oeiras, o célebre Marquês de Pombal.

OSCAR CLARK

Antiga denominação: Rua Barrão de Uruçuí. Da Rua Parnaíba — Bairro do Carmo — à Avenida Presidente Getúlio Vargas — Centro.

O Dr. Oscar Castelo Branco Clark era um dos mais ilustres médicos parnaibanos, pela sua vasta cultura e pela sua dedicação à ciência esculpiana.

Filho do velho inglês James Frederick Clark e de sua esposa Dona Ana Gonçalves Castelo Branco, de tradicional família de Oeiras.

O Dr. Clark era casado com a Senhora Lúcia de Mendonça Clark, filha do Dr. José Furtado de Mendonça, competente cirurgião-médico, e de Dona Adelaide de Lima Furtado.

Formado em 1910, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso médico, aperfeiçoando-se, mais tarde, na Alemanha e Estados Unidos.

De volta de sua viagem a estes dois países, conquistou, em concurso, a cadeira de Professor Catedrático de Clínica Médica, de sua antiga Faculdade de Medicina.

Foi um médico pioneiro.

Criou, organizou e dirigiu em todo território nacional, a merenda-escolar e a clínica dentária, dois grandes fatores de saúde, que hoje são adotados em quase todas as escolas brasileiras, principalmente as de caráter oficial, na faixa infante-juvenil. Fundou, ainda, o primeiro centro de exames periódicos de saúde, na vida clínica particular.

Instalou também, a primeira Escola-Hospital do Brasil que, em homenagem ao seu ilustre sogro, deu o nome de Dr. José Mendonça, localizada na cidade de Araruama, no Estado do Rio de Janeiro. É uma Escola-Hospital modelo, de caráter particular, mas posteriormente, foi encampada pela Prefeitura Municipal daquela cidade fluminense, passando assim, para a direção do município, imortalizando o nome de seu idealizador e realizador.

Publicou quase trezentas monografias e artigos sobre assuntos médicos e seis livros sobre pedagogia, intitulados: "Século da Criança", "Remédios", "Fatores da Civilização", "Política Hospitalar Moderna", "Jardim de Infância e Escolas-Hospitais" e "Pedagogia Fisiológica".

Era membro da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Cultura.

A Rua Dr. Oscar Clark passa lateral a Casa Inglesa, onde foi o empório comercial de seu genitor James Frederick Clark.

Oscar Clark, Fernando Pires Ferreira, Joca Basto e Mi-rocles Veras formam a grande pirâmide dos grandes médicos da Parnaíba do passado.

Fica no Bairro Ceará. Da Avenida Dr. Armando Cajubá — Bairro São Francisco, até o final do Bairro Boa Esperança.

Médico e higienista de grande competência e notável saber, foi chamado a dirigir os serviços de saúde e saneamento da Capital da República, então a cidade do Rio de Janeiro, malsinada pelos surtos mortíferos da febre amarela. Tal era a intensidade da epidemia e tão largo o temor de seus efeitos fatais que a bela cidade ia sendo afastada das rotas de navegação marítima e no Exterior concorria para a formação de opinião desfavorável aos foros de civilização do Brasil.

A atividade, a energia e o método de Oswaldo Cruz venceram todos os obstáculos — desde a burocracia conservadora e teimosia das repartições do governo, até os preconceitos e credences do povo, tão sérios e arraigados em matéria de saúde e higiene.

O sucesso do plano de erradicação da febre amarela foi completo e reabilitou para os brasileiros e aos olhos do mundo, a cidade do Rio de Janeiro. Graças ao saneamento eficaz, foram criadas condições para o posterior desenvolvimento urbanístico da Metrópole: Oswaldo Cruz tornou possível a recuperação e o renascimento do Rio de Janeiro.

Um segundo grande teste para a capacidade de sanitaria de Oswaldo Cruz foi o combate à peste bubônica em Santos. A mortífera epidemia ameaçava propagar-se a outras regiões, mas foi prontamente debelada.

A grande criação de Oswaldo Cruz foi o Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, em que ele transformou o antigo Instituto Soroterápico Federal. Hoje, como escola, o estabelecimento traz o seu nome. Foi essa a base de operações na luta vitoriosa contra as epidemias e se converteu no mais importante instituto de moléstias tropicais e grande centro de pesquisas de medicina experimental. Oswaldo Cruz foi o pioneiro da implantação, no País, de um estabelecimento de formação de pesquisadores e de aplicação de processos avan-

çados de experimentação científica. Foi, ainda, em 1913, Membro da Academia Brasileira de Letras.

Oswaldo Cruz que nasceu em São Paulo, em 5 de agosto de 1858, era grande amigo de Petrópolis, a cidade plantada num jardim de hortências à beira do Piabanha, ali ele foi Prefeito Municipal e ali morreu em 11 de fevereiro de 1917, cercado da gratidão e da admiração do povo brasileiro, a quem legou a valiosa lição de apreço pela ciência e da atitude racional e resoluta em face dos problemas de higiene e saúde pública.

Oswaldo Cruz honra e glorifica esta rua.

P A D R E C A S T E L O B R A N C O

Fica no Bairro São José. Da
Praça Antônio do Monte ao Rio
Igaráu.

O Padre Dr. Joaquim Sampaio Castelo Branco, era brilhante orador sacro, ilustrou pela sua culta e bela inteligência, o clero brasileiro.

Era piauiense, nasceu na cidade de Livramento, hoje, a florescente José de Freitas, em 1860.

Presbítero da Diocese do Maranhão, onde teve destacada e brilhante atuação.

Doutor em Direito Canônico pela Academia Pontifícia de Santo Apolinário de Roma. Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Paris. Professor de francês, por concurso, do Liceu Maranhense.

Jornalista vibrante e vigoroso, fundou em São Luiz, "O Mensageiro", jornal que se destacou na defesa da libertação dos escravos.

Foi Deputado Geral para o biênio 1889 a 1890, da última legislatura do regime monárquico, não chegando a se reunir por ter sido a Câmara dissolvida pelo Decreto de 17 de agosto de 1889, convocando outra Câmara, posteriormente, em virtude da mudança de regime.

Deixou várias e importantes obras publicadas. Foi escolhido para Patrono da Cadeira Nº 3, da Academia Piauiense de Letras, que teve como primeiro ocupante Fenelon Castelo Branco, magistrado e poeta.

O Padre Castelo Branco morreu aos trinta e dois anos de idade, em pleno apogeu de sua carreira sacerdotal, em 17 de agosto de 1892, no Rio de Janeiro.

Parnaíba soube, assim, escolher um patrono digno e brilhante para esta rua.

P A R A Í B A

Fica no Bairro do Carmo. Da
Avenida Nações Unidas à Rua
Merval Veras.

Do Rio Paraíba nasceu a conquista do Estado, o seu florescimento. Era o caminho natural do comércio e das guerrilhas.

Em suas margens travaram-se batalhas, em suas águas trafegaram naus francesas e portuguesas à procura do cobinado pau-brasil, fonte de riqueza, motivo de lutas de conquistas. Daí vem a história da Paraíba, Estado da região Nordeste.

Cabedelo é o seu porto marítimo, situado próximo à foz do rio, bastante movimentado, bem perto de João Pessoa.

Em Costinha, uma pequena praia fronteiriça ao velho Cabedelo, existe a maior pesca de baleia do mundo.

Ali são capturadas, aproximadamente, oitocentas baleias, anualmente. Deste grande mamífero cetáceo são obtidos vários produtos: carne, óleo, cera, adornos e utensílios domésticos.

Primitivamente, o Estado chamava-se Felipéia de Nossa Senhora das Neves, em honra a Felipe II, Rei da Espanha que, na época, dominava Portugal, passando, em seguida, a denominar-se de Paraíba, nome originário do rio que banha as suas terras.

A partir de 1930, a capital recebeu o nome de João Pessoa, em homenagem a este ilustre paraibano que governava a este tempo, o seu Estado. João Pessoa era um exemplo de bravura, dinamismo e dignidade humana, que deu a vida em holocausto à Pátria, em 29 de julho de 1930, quando assassinado de maneira traiçoeira e brutal, na Confeitaria Glória, em Recife. A sua morte foi o estopim do movimento revolucionário da Aliança Liberal que guindou Getúlio Vargas à Presidência da República, sem o seu leal e corajoso companheiro de jornada cívica.

João Pessoa é uma capital que oferece aos turistas muitas atrações: bonitas paisagens oceânicas, destacando-se Tambaú, uma das mais lindas praias do litoral brasileiro, com o seu suntuoso hotel de classe internacional; Igrejas coloniais, o Museu Epitácio Pessoa, o Teatro Santa Rosa, o antigo Convento de São Francisco e outros pontos que extasiam os olhos dos visitantes. A sua Padroeira é a Excelsa Nossa Senhora das Neves, a Santa protetora do povo paraibano.

Paraíba é a terra de Epitácio Pessoa que foi presidente da República no período de 1919 — 1922 — Ano do Centenário da Independência do Brasil. No seu Governo revogou o Decreto que baniu a família imperial brasileira e fez transladar para nosso País, os despojos de Dom Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina.

Também é o berço natal de José Américo de Almeida que foi um dos mais notáveis homens públicos do Brasil, a partir da Revolução de 1930. Escreveu “A Bagaceira”, romance de estilo regionalista que foi bastante discutido pela sua originalidade e pelo seu ineditismo, enriquecendo sobrejamente a literatura nacional.

Ainda, como filho da Paraíba, destaca-se Pedro Américo, grande artista, autor da tela “Primeira Missa no Brasil” e de tantos outros trabalhos que figuram na galeria dos painéis de nossa Pátria.

Aí está em rápido esboço, a história da “pequena, mas heróica Paraíba”, a terra do índio Piragibe, o valente Cacique dos valentes Tabajaras, que crisma esta rua.

P A R A N Á

Fica no Bairro Bebedouro. Da
Rua das Flores a Estrada de
Rosápolis.

Pinheiros esguios constituem a paisagem típica do Estado do Paraná. Grandes riquezas florestais. Flora exuberante. Localiza-se na região Sul do Brasil, limitando-se com dois países latinos americanos: Argentina e Paraguai.

Sua Capital — Curitiba — “Cidade Sorriso”, com parques esmeraldinos e jardins floridos. Uma atmosfera suave e poética. É o charme verde em lugar do cinza sombrio da poluição. É um mundo maravilhoso, lembrando as mensagens de Cristo com imagens e parábolas tiradas da vida dos campos, no cascadear de palavras de Maria Caiafa.

O Paraná constitui hoje um dos grandes centros turísticos nacionais. Ali está a Foz do Iguaçu, belo espetáculo da natureza brasileira. Encanta e deslumbra.

O Brasil e o Paraguai, em convênio, constroem no encachoirado Rio Paraná, a notável hidrelétrica de Itaipu, a maior do mundo, obra que honra e enaltece a engenharia brasileira.

A margem esquerda do rio Itiberé está a cidade de Paranaguá que é uma das vastas e belas baías do Brasil.

O café é o seu principal produto. O Paraná está no primeiro plano na produção desta rubiácea originária da Etiópia, constituindo a maior fonte de riqueza do Estado.

Ainda vamos encontrar em terras paranaenses, os maiores campos de pinheirais do país. São matas infindáveis, dando um belo aspecto de verde, dançando no ar, às margens de suas estradas asfálticas, como que mostrando aos olhos dos viajores, a exuberância de suas terras roxas.

O pinheiro além de ser uma árvore de ótima madeira, geralmente, é empregada na indústria de móveis, constitui, ainda, excelente matéria-prima na fabricação de papel.

E o Paraná é, assim, rico com os seus pinheirais, os seus cafezais, a sua Hidrelétrica de Itaipu, com 179 metros de altura e doze milhões e seiscentos mil quilowatts e a sua Iguaçu, que

assemelha-se a uma pepita de ouro encrustada na terra brasileira.

Aí está a rápida sinopse histórica do Paraná, o grande Estado sulino que se tornou homônimo desta rua que nasce das flores e termina na rosa.

P A U L I N O B A S T O

Fica no Bairro São José. Da
Rua Monsenhor Roberto Lopes
ao Rio Igarauçu.

Paulino José Coelho Basto, comerciante português, era natural da freguesia de Mondim de Basto, na Província de Trás-os-Montes, do velho Portugal. Nasceu ali, contemplando as belezas do Tejo, no ano de 1794, descendente de uma família Coelho, tradicionais avicultores.

Foi um dos naufragos do veleiro português que se espantou nos rochedos da “Pedra do Sal, em 1825, salvando-se em uma tábua da própria embarcação. Dali rumou para Parnaíba e aqui ficou para sempre.

Ao legalizar, nesta cidade, a sua documentação, adicionou ao seu nome, a palavra Basto, cognônimo de sua terra natal.

O destino estava traçado, Parnaíba seria a sua terra, terra que não sonhara, mas a sorte o trouxe num tosco pedaço de madeira.

Coelho Basto tornou-se um dos mais opulentos comerciantes de seu tempo. O seu estabelecimento comercial e a sua residência eram no Largo da Matriz, hoje Praça da Graça, ocupando todo o quarteirão entre as atuais ruas do Rosário e São Vicente de Paulo.

Mais tarde, portador de grande fortuna e de alto conceito, foi designado Vice-Cônsul de Portugal em nossa cidade. A sua gestão consular foi bastante agitada, pois apenas com vinte e dois anos de independência do Brasil, ainda davam-se muitos atritos de rivalidades entre brasileiros e portugueses, especialmente nas comemorações festivas de 7 de setembro. Contudo, o Vice-Cônsul Basto se saía sempre galhardamente com a sua diplomacia, na defesa dos súditos de Sua Majestade

Fidelíssima, residentes na sua jurisdição e até mesmo na capital do Estado, nomeou delegados com a anuência das autoridades portuguesas e de acordo com as brasileiras, exercendo as suas funções consulares até fevereiro de 1862, quando solicitou a sua exoneração.

Paulino Basto foi um dos membros de destaque da Loja Maçônica “União Parnaibana”, reorganizada depois da abdicação de Dom Pedro I, em 1831, sob o Grão Mestrado do Patriarca José Bonifácio de Andrada e Silva.

Era pai do ilustre médico Dr. João Maria Marques Basto, o benemérito Dr. Joca Basto que tão relevantes serviços prestou à esta cidade.

Dois anos antes de sua morte, fez uma comovente carta aos filhos, destacando-se o seguinte tópico:

“Amo tanto a minha terra Portugal quanto ao Brasil, terra de meus filhos, que não sei que seria de mim no caso, de um conflito armado entre estas duas queridas nações”.

Paulino Basto quando morreu ainda no século passado, teve a primazia de ser sepultado na Igreja de Nossa Senhora da Graça, honraria que só era conferida às pessoas de alto nível social e econômico da cidade simpliciana.

Hoje, esse naufrago dos rochedos da Pedra do Sal, atualmente uma das mais belas praias do nosso litoral, emplaca esta rua também do velho Tucuns das verdes palmeiras.

P E D R O B R A G A

Fica no Bairro São Benedito.
Da Rua Benedito Santos Lima
à Rua Major Análio.

Pedro Braga foi um dos filhos de Parnaíba que mais a engrandeceram pela inteligência, pelo trabalho e pelo caráter.

Foi o primeiro construtor da cidade e o primeiro a instalar uma olaria para fabricação de tijolos e telhas.

A sua olaria ficava na Coroa, quase às margens do rio. O amassamento de barro era feito através de uma maromba de ferro e madeira, movimentada por uma junta de bois. Era um “abre-te sésamo” para as olarias elétricas de hoje.

Pedro Braga tinha inclinação pela música, tanto assim que fundou às suas expensas, a primeira banda de música de Parnaíba, que foi um sucesso extraordinário para a época.

Ele tocava clarineta e muito bem, compunha valsas, dobrados, xotes e outras músicas, em moda, no seu tempo. E de porte airoso ao lado de seus músicos, todos fardados, comandava a “Lira do Pedro Braga”, como era denominada a bandinha.

A Lira era muito disputada, tocava em batizados, casamentos, funerais, festas dançantes, manifestações cívicas e políticas e em outros festejos populares e religiosos. A bandinha teve o seu apogeu quase ao apagar das luzes do século passado.

Pedro Braga era um mulato forte, rosto redondo, com farto bigode, alegre, simpático e muito comunicativo, morava ali no fim da antiga Rua da Estrela, hoje Benjamin Constant. Era uma casa baixa, com muitas janelas e portas. Ao centro, um vasto salão destinado às festas-dançantes, era uma espécie de clube da cidade. Todos os sábados, invariavelmente, o salão era aberto para o tradicional baile semanal, onde o xote e a quadrilha imperavam.

Foi um homem que deu vida e esplendor à cidade, deixou Pedro Braga o traço indelével de sua atividade verdadeiramente brilhante e verdadeiramente exemplar.

Enfim, Pedro Braga, o pioneiro da olaria, da construção civil e da bandinha de música, é o retrato da Parnaíba dos saudosos tempos do passado, mas para imortalizá-lo aqui está a rua com o seu nome, dentro do Bairro São Benedito, o pretilho da Guiné.

P E D R O I V O

Fica no Bairro São José. Da
Rua Coronel Pacífico à Rua
Monsenhor Roberto Lopes.

Pedro Ivo Veloso da Silveira, nascido em Olinda, em 1811, descendia de ilustre família pernambucana.

Era militar, Capitão de Artilharia, quando irrompeu, em Pernambuco, em 1848, a “Praieira”, a última das revoluções provincianas.

Razões sociais, econômicas e políticas explicam essa revolução; quase todas as propriedades da província estavam nas mãos de poucos fazendeiros para quem trabalhavam milhares de camponeses, na condição de escravos; nas principais cidades de Pernambuco, o comércio era explorado exclusivamente por portugueses e ingleses. Estes elevavam os preços das mercadorias, causando insatisfação popular.

Os praieiros eram membros do Partido Liberal e receberam esse nome por editarem o jornal “Diário Novo”, na rua da Praia.

Opunham-se a situação social e econômica e exigiam o fim do monopólio, a nacionalização do comércio e melhores condições de trabalho para os camponeses.

A situação melhorou um pouco com o governo liberal de Chichorro da Gama. Este procurou punir os abusos dos fazendeiros e comerciantes. Mas em 1848, com a queda do Gabinete Liberal no Rio de Janeiro, Chichorro da Gama teve que deixar o poder. Sua queda foi o estopim da Revolução Praieira.

Pedro Ivo, Borges da Fonseca e Nunes Machado, os três chefes supremos desse movimento social pernambucano, exigiam, em vibrante manifesto, das autoridades imperiais, o estabelecimento do sufrágio universal nas eleições, garantia para os cidadãos, entre outras justas reivindicações.

A luta foi curta e violenta. Sufocada depois de três meses, pelas forças imperiais, seus principais líderes foram mortos e presos, falecendo nessa batalha, o Deputado Revolucionário Nunes Machado.

Um grupo de rebeldes internou-se pelo interior, resistindo, ainda, por algum tempo. Esse grupo era chefiado pelo bravo Capitão Pedro Ivo Veloso da Silveira, que oferecia terrível resistência às forças do jovem Imperador Pedro I.

Não podendo mais resistir, o valente chefe ficou com seus homens pelo sertão, vagando, com receio das autoridades, pois sua cabeça estava a prêmio.

Atendendo ao apelo paterno, depois de refugiar-se em Alagoas e Bahia, apresentou-se às autoridades do Império. Foi preso e enviado para o Rio de Janeiro, sendo encarcerado na Fortaleza de Laje.

Na prisão gozava de toda a confiança; tendo a liberdade de passos, era bem recebido pelos guardas e por todos.

Um dia, conseguiu prender o sargento de seu destacamento numa cela, juntamente com alguns soldados, e fugiu com os companheiros.

Desembarcou na praia de Botafogo e depois de alguns dias, refugiando-se aqui e acolá, tomou um navio português que seguia para a Europa.

O corajoso Capitão Pedro Ivo que tantas vezes enfrentara a morte e sempre escapando dela, faleceu a bordo, de um colapso cardíaco.

Pedro Ivo, o herói glorificado nos versos do genial Castro Alves, foi também glorificado pelo Coronel Constantino Correia, Intendente Municipal de Parnaíba, num passado já distante, que num gesto de admiração ao bravo chefe da “Praieira”, deu a esta artéria do Bairro dos Tucuns, na época, a denominação de Rua Pedro Ivo. E, assim, ele também passou para a história de nossa cidade.

P I R E S F E R R E I R A

Centro

Da Rua Conde D’Elu à Avenida
Governador Chagas Rodrigues.

Esta rua tem o nome de um parnaibano notável, digno pelos seus altos méritos, de receber, realmente, uma homenagem condigna.

É verdadeiramente lastimável que esse grande médico que rejeitou o honroso título de Visconde, seja inteiramente desconhecido em sua terra berço.

De nossas pesquisas, aliás uma das mais difíceis de nossa tarefa, em torno da dualidade das ruas Pires Ferreira, esta na parte central da cidade, a outra, no Bairro de Fátima, che-

gou às nossas mãos, por gentileza de nosso irmão Monsenhor Olavo Passos, que conseguiu com um amigo seu, em Piracuruca, onde reside, um recorte de "A Noite", do Rio de Janeiro, jornal, na época, de grande circulação nacional, hoje extinto, sobre o centenário de nascimento do Dr. Fernando Pires Ferreira.

Com outros apontamentos já pesquisados, chegamos a confirmação de que esse ilustre médico, nasceu em Parnaíba, em 20 de setembro de 1843 e faleceu no Rio de Janeiro, onde está sepultado, em 1918, aos setenta e cinco anos de idade.

Desse precioso recorte de jornal, extraímos os seguintes tópicos: — A data de amanhã assinala o centenário de nascimento do Dr. Fernando Pires Ferreira, notável oftalmologista brasileiro que durante quase meio século, exerceu a medicina nesta capital, depois de ter logrado marcantes sucessos em Paris.

Oriundo de uma família numerosa, na qual sobejam homens que por diversos títulos, se impuseram à admiração e ao apreço públicos, o Dr. Fernando Pires Ferreira, continua o jornal, veio ao mundo na próspera cidade de Parnaíba, que disputa à capital do Piauí — Teresina — a honra de ser a cidade mais importante.

Mais adiante, diz o jornal carioca, Doutor em Ciências e em Medicina pela Universidade de Paris, tornou-se ao completar o seu curso, assistente do grande oftalmologista francês Professor Wecker, de quem mais tarde recebeu o honroso convite, que como bom brasileiro, recusou, para ficar clinicando na "capital intelectual do mundo".

Vindo para o Rio de Janeiro, aqui foi, durante quase cinquenta anos, um dos mais famosos e procurados oculistas que tem tido o Brasil. Durante duas décadas, até ser proclamada a República, exerceu aqui o cargo, que era gratuito, de Delegado da Instrução Pública. Pelos serviços que nesse particular prestou, foi condecorado com a comenda da Ordem da Rosa.

E por tudo quanto quis e soube ser, como cientista, foi-lhe oferecido o título, que rejeitou, de Visconde de Piracuruca. Tal homenagem foi ainda mais significativa quando a oferta partiu dum seu adversário político, o Senador maranhense

Felipe Franco de Sá, Ministro do Império no Gabinete Liberal, organizado em 6 de junho de 1884, pelo Senador Dantas, e quando ele, Pires Ferreira, pouco antes havia desempenhado o mandato de Deputado ao lado do Dr. Antônio Coelho Rodrigues e Dr. Franklin Américo de Meneses Dória, Barão de Lorêto, na 16a, Legislatura — 1876 — 1878 — confiado pelos seus correligionários e comprovincianos, os conservadores piauienses.

Bastam estas linhas ainda que ligeiras, diz o vespertino carioca, para dar aos leitores uma idéia, pelo menos aproximada, do papel de relevo que o Dr. Pires Ferreira representou no seu tempo e do prestígio que fluiu como homem de ciência e como cidadão.

Necessário apenas aduzir que ele foi um católico fervoroso, e que o espírito de caridade cristã foi nele uma fonte farta e inesgotável a multidão de pobres a que atendia no seu consultório já repleto de clientes do escol social.

A Academia Nacional de Medicina, em sessão solene, no dia de seu centenário de nascimento, continua o jornal, prestou ao eminente cientista piauiense que tanto elevou o nome do Brasil, uma tocante homenagem à sua memória, em cuja solenidade falaram vários oradores, enaltecendo, com justiça, os elevados méritos desse notável oculista.

Ainda, na sua data centenária, a família Pires Ferreira mandou celebrar em sufrágio da alma desse médico e brilhante parlamentar, uma missa na Igreja da Cruz dos Militares, nesta capital, assim termina a notícia de “A Noite”.

Não resta dúvida, um Prefeito do passado, num de gesto de amor à sua terra, quis homenagear o Dr. Fernando Pires Ferreira, ilustre médico parnaibano e um dos mais famosos oftalmologistas do Brasil, dando a esta artéria central de nossa cidade, o nome auréolado desse cientista e parlamentar.

E para nós, como seu biógrafo, neste trabalho, é motivo de imensa satisfação, termos concorrido com as nossas pesquisas, para tirar do abismo do esquecimento e trazer à tona, essa personalidade marcante do Dr. Fernando Pires Ferreira que, no passado, tanto honrou, ilustrou e engrandeceu Parnaíba, a terra de seu berço.

E como ato de justiça à sua memória, cabe, agora, ao Poder Público Municipal, colocar nesta artéria da cidade, as novas placas denominativas: — RUA DR. FERNANDO PIRES FERREIRA.

P I C O S

Fica no Bairro Bebedouro. Da Avenida Princesa Isabel à Rua das Flores.

Picos, uma das mais importantes cidades do Piauí, está localizada à margem do rio Guaribas. Por ser cercada de diversos montes picosos, daí originou-se o seu nome.

Vila em 1859, mas tarde, em 12 de setembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade, pelo Governo do Estado, em exercício, João da Cruz e Santos, Barão de Uruçuí.

Picos é hoje a segunda cidade do Estado, com quase setenta e cinco mil habitantes, está predestinada a um extraordinário desenvolvimento.

Por ali passa a Transamazônica BR-316, que corta o Piauí na direção leste-oeste, começando exatamente em Picos. Da Paraíba e de Pernambuco, da costa do Atlântico, partem os dois ramos que se encontram ali. A Transamazônica é o seu fator de desenvolvimento, dando à cidade uma grande movimentação rodoviária, sem similar no interior piauiense.

Grande centro comercial agrícola e pastoril. Tem várias agências bancárias. Vida social intensa. Dois grandes hospitais e uma Casa de Saúde, com corpo médico de alto nível. Bons colégios, em prédios próprios. Hotéis turísticos, cinemas, bares e sorveterias movimentadas.

É sede de Bispado. A sua modesta capelinha de 1851, é hoje a suntuosa Catedral de Nossa Senhora dos Remédios. Seu Pastor Diocesano é Dom Augusto Alves Rocha.

É a terra natal do Dr. Helvídio Nunes de Barros que foi o primeiro Governador do Estado, eleito pela Assembléia Legislativa, pelo sistema da Revolução de 1964, para o período de

12 de setembro de 1966 a 14 de maio de 1970. Atualmente é Senador da República.

E Picos, a bela e movimentada “Princesa do Sertão”, está também nas ruas de Parnaíba.

P R O F E S S O R A M S T E I N

Antigas denominações: Rua do Sol e Rua 3 de Outubro. Centro. Da Praça da Graça à Praça Constantino Correia.

Alfredo Amstein era de nacionalidade suíça. Realmente era um tipo europeu, alto, forte, vermelho, olhos azuis, cabelos e barbas alourados.

Da Parnaíba do Norte, onde residia uma sua filha, presume-se dali tenha vindo para nossa cidade, em 1928, a convite do Professor José Pires de Lima Rebelo, na época, uma das mais fortes expressões do magistério de Parnaíba, pois aqui chegando, foi seu hóspede por algum tempo.

Ingressou, em seguida, pela mão de Lima Rebelo, para o corpo docente do Ginásio Parnaibano e Escola Normal.

Lente de Desenho, de Matemática e de Noções de Agricultura. Com exceção do nosso idioma, dominava outras disciplinas. Era, sem dúvida, um professor eclético.

Foi, por excelência, um grande professor e dedicado amigo de seus colegas e de seus alunos, sempre se destacando pela sua cultura, pelo seu caráter e pelo seu cavalheirismo, sempre forrado de bom humor.

Certa vez, Carlos Souza, professor de música, tinha que discorrer sobre o tema — “A correlação da música com a matemática”. Depois de consultas infrutíferas com vários professores, consultado Amstein, este foi ao “quadro negro” e deu uma excelente aula sobre o tema solicitado.

O Professor Amstein falava sempre das belezas de sua pátria, enaltecendo, com muita ênfase, as edelweiss, uma linda flor branca dos Alpes, tapetando os montes e os vales como se fossem farfalhas de neve.

As suas alunas, moças alegres e risonhas, quando queriam brincar um pouco na aula, gritavam: Professor... e as adelweiss...? Aí, o panorama mudava.

Amstein se entusiasmava, tomava um pouco de rapé, velho costume seu, limpava a sua barba alourada, com um grande lenço vermelho, em seguida, tecia um magistral panegírico a “Rosa dos Alpes”. E as alunas sorridentes, o aclamavam e a aula findava como se fosse um dia de festa.

O Professor residia na Ilha de Santa Isabel. Gostava de andar a cavalo por entre o farfalhar dos imensos carnaubais. Conservava sempre na baía, o cavalo de sua estimação, gordo, bem tratado, fogoso e bom de rédeas. Um dia, caiu de sua alimária, quebrando a perna. E por esta razão, coxeava um pouco, mas não abandonou o esporte equíno.

Nas horas de lazer, dedicava-se à criação de galinhas e à horticultura, tinha sempre belos canteiros de verduras. A sua vivenda ali à beira-rio, vivia sempre cheia de seus alunos, que iam gozar da hospitalidade da boemia do mestre.

Era também fervoroso amante do esporte. Pertencia ao quadro associativo do Parnaíba Sport Club, o timão do litoral. Certa vez, chefiou a embaixada da “Liga Parnaibana de Sport Terrestre” a São Luiz e Belém, em disputa de campeonatos.

O seu trabalho ficou imperecível nos anais do magistério parnaibano e a sua memória não foi esquecida. A nossa assertiva encontra ressonância na justa homenagem que o professorado prestou ao saudoso Mestre. O Professor José de Lima Couto, também um dos expoentes máximos do ensino de nossa cidade, homem de coração forrado de generosidade e envolto no véu diáfano da saudade, quando na direção do Ginásio Parnaibano, promoveu uma tocante homenagem àquele que veio da Suíça para ilustrar o magistério piauiense, mandando erigir, num movimento de solidariedade humana, entre os seus colegas de classe, um mausoléu, inspirado no túmulo do “Soldado Desconhecido”, ali no Cemitério Igualdade, onde repousam os restos mortais deste ilustre educador.

Na lápide, simbolizando a saudade de seus colegas, está a seguinte inscrição:

Professor Alfredo Amstein — Nasceu em 27 de março de 1887 — Faleceu em 30 de julho de 1948. Homenagem de seus colegas do Ginásio Parnaibano e Escola Normal de Parnaíba.

No dia 30 de julho de 1949, data do primeiro ano de sua morte, foi bento o seu túmulo, com numerosa presença de professores e alunos. À tarde, no salão nobre do Ginásio Parnaibano, realizou-se uma sessão solene, dedicada à rua memória, sob a presidência do então Bispo Diocesano Dom Felipe Conduru Pacheco.

Nessa solenidade póstuma, falaram vários oradores, destacando-se o discurso do ilustre Professor Lima Couto, que fez um tocante panegírico da vida do Mestre Alfredo Amstein.

Mais tarde, a Prefeitura Municipal, associando-se às homenagens ao saudoso Mestre da mocidade parnaibana, mudou o nome da Rua do Sol para Rua Professor Amstein.

E agora repousam sobre a sua campa, as adelweiss da saudade, a flor que não murcha e nem fenece.

P R O F E S S O R D A R C Y A R A Ú J O

Antiga denominação: — Rua Maranhão. Centro. Da Praça da Graça à Praça Constantino Correia.

Darcy Fontenele de Araújo é um nome vastamente conhecido e querido do povo de Parnaíba, sua terra natal, pois aqui nasceu em 1916 e aqui viveu grande parte de sua vida.

Fez os seus primeiros estudos nesta cidade, mais tarde, bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Recife, depois de brilhante curso naquele tradicional instituto jurídico, onde pontificou a luminosidade de Clóvis Beviláqua, notável viçosse, a maior expressão do Direito da Pátria brasileira.

Foi Promotor Público por vários anos em sua terra, onde honrou e dignificou o cargo pela sua inteligência, sua cultura e, acima de tudo, pelo seu caráter.

Foi político. Vibrante orador, aqui tomou parte em memoráveis campanhas partidárias, quando arrebatava a massa popular, em praça pública.

O eleitorado de sua terra natal, com expressiva votação, o fez seu representante na Assembléia Legislativa do Estado, onde tornou-se um autêntico e valoroso defensor do povo parnaibano, dada a sua brilhante atuação como parlamentar.

Mais tarde, transferiu sua residência para Teresina, ali na Capital do Estado, exerceu com muita eficiência e altivez, a advocacia, em cujo mister resplandeceu pelo seu valor e pela sua inteligência.

Em brilhante concurso, galgou a Cátedra de Direito Comercial da Universidade Federal do Piauí — Faculdade de Direito — e também, por concurso, conquistou a Cadeira de Geografia do Colégio Estadual.

O Dr. Darcy Araújo ainda exerceu os seguintes cargos: — Procurador da Justiça do Estado, Presidente da Junta Comercial do Piauí, Secretário de Estado nas administrações dos governos Major José Vitorino Correia e Dr. Alberto Tavares Silva, e por ato da Presidência da República, foi o executor, neste Estado, do Ato Institucional N.º 5.

Publicou várias obras jurídicas, logrando elogios pelos seus trabalhos, por parte da crítica especializada.

Foi Membro da Academia Piauiense de Letras, ocupando a Cadeira N.º 26, como jurista, professor e intelectual.

Era casado com a Senhora Maria da Glória Santos Araújo, filha do ilustre Dr. Samuel Antônio dos Santos, Engenheiro e ex-Prefeito Municipal de Parnaíba. Deste consórcio nasceram vários filhos, destacando-se: Dr. José Darcy Fontenele de Araújo, Engenheiro; Dr. Luiz Darcy Fontenele de Araújo e Dr. Samuel Darcy Fontenele de Araújo, advogados, todos residentes em Teresina.

O Dr. Darcy Fontenele de Araújo faleceu aos 58 anos de idade, no dia 27 de março de 1974, na capital do Estado.

A rua que atualmente tem a denominação de Professor Darcy Araújo, antiga Rua Maranhão, no centro da cidade, foi dada pela municipalidade, por força de lei da Câmara de Vereadores, por inspiração do jornalista e radialista Bernardo Batista Leão, que movimentou os dois Poderes Municipais,

para conseguir esta homenagem justa e merecedora ao ilustre Catedrático da Salamanca piauiense.

A amizade e a admiração de Batista Leão à Darcy Araújo, que eram amigos pessoais, é ainda, tão viva e tão acentuada, através de seus familiares, que este jornalista reside na rua que tem o nome dele e em sua residência está colocada a placa denominativa: — Rua Professor Darcy Araújo.

PRUDENTE DE MORAES

Fica no Bairro São Francisco. Da
Avenida Princesa Isabel ao fim
do Bairro Boa Esperança.

Prudente José de Moraes era formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, seu Estado natal, pois ali nasceu em 1841.

Foi Senador por São Paulo, Presidente do Congresso Nacional e Vice-Presidente da Câmara Alta do País.

O ponto culminante da carreira política de Prudente de Moraes, foi a Presidência da República, ao assumir o segundo quadriênio do regime republicano — 1894 — 1898, como primeiro Presidente civil brasileiro, considerado um “republicano histórico”, pois, lutava pela instituição deste regime de governo desde a época do segundo reinado — Dom Pedro II.

O seu governo caracterizou-se por uma atividade de pacificação nacional, acalmando os ódios e implantando a paz.

A administração de Prudente de Moraes foi frutuosa, atendeu a dificuldades financeiras abaladas por sucessivas revoltas, como a da Escola Militar, conseguiu a pacificação do Rio Grande do Sul e resolveu a questão de limites com a Argentina — Território das Missões — e a restituição da Ilha Trindade, ocupada, indevidamente, pelos ingleses.

O seu governo, com decisão e coragem, enfrentou a revolta de Canudos, levante de sertanejos fanáticos da Bahia, dirigidos por Antônio Vicente Maciel, alcunhado de Antônio Conselheiro.

Após uma luta que durou seis meses e que custou a vida de cinco mil homens, foi destruído o célebre Arraial de Canudos. Essa luta de misticidade encontra-se vivamente retratada na obra do imortal Euclides da Cunha, em seu magistral — “Os Sertões”.

Em novembro de 1897, teve lugar um atentado contra a vida do Presidente, tendo escapado Prudente de Moraes, mas foi morto seu Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt.

O último ano de governo de Prudente de Moraes foi calmo, o que lhe deu oportunidade, com êxito relativo, tentar reorganizar as finanças nacionais.

O Presidente Prudente de Moraes que ficou cognominado “O Pacificador”, faleceu aos sessenta e um anos de idade, em São Paulo, depois de ter prestado inestimáveis serviços ao Brasil, passando a figurar, com muita justiça, na galeria dos grandes vultos de nossa Pátria.

Esta é a razão plausível de Parnaíba o ter homenageado com o seu nome, ilustrando esta extensa rua que vara dois bairros da cidade.

Q U E T I N H A P I R E S

Antiga denominação: Travessa do Basson. Fica no Bairro do Carmo. Da Avenida Nações Unidas à Praça Santo Antônio

Henriqueta Torres Pires, descende de Batalha, cidade piauiense, pois ali nasceu em 31 de dezembro de 1873.

Dona Quetinha, como era conhecida popularmente, gozava de invejável conceito no seio da sociedade parnaibana e com grande lastro de admiração nas camadas pobres de nossa periferia. Era casada com o industrial José de Souza Pires Filho.

Senhora de coração forrado do arminho da bondade, onde tinha um necessitado, um doente desvalido, ali estava exercendo o apostolado da caridade, sendo útil ao próximo.

Foi, sem dúvida, uma infatigável batalhadora em favor da Santa Casa de Misericórdia de nossa cidade, tendo sido membro de sua diretoria, como Mordomo, por várias vezes.

Dona Quetinha muito trabalhou por este nosocômio e pelos pobres de nossa terra, tornando-se uma verdadeira abnegada, amenizando a dor e o sofrimento alheio.

A família Pires construiu uma vila de casas modernas e bem edificadas, na antiga Travessa Basson e ali colocou uma placa — Vila Quetinha.

Mais tarde, a Prefeitura Municipal oficializou o nome — Rua Quetinha Pires — em homenagem aos altos méritos e pelos grandes serviços, no campo social, prestados à nossa terra, por essa virtuosa matrona de respeitáveis dotes de espírito e coração.

Dona Quetinha Pires faleceu nesta cidade, em 29 de junho de 1942, deixando imensas saudades no seio da comunidade parnaibana.

Q U I N Z E D E N O V E M B R O

Fica no Bairro São José. Da
Rua Barão do Rio Branco à
Rua Luiz Correia.

A idéia republicana implantou-se no Brasil desde muito cedo, despontando para a realidade.

As revoluções de 1720, com Felipe dos Santos, a de 1817, em Pernambuco, a Inconfidência Mineira, com Tiradentes à frente, a Forroupilha nos pampas do Rio Grande do Sul, foram, entre outros, movimentos republicanos.

Depois da Guerra do Paraguai, esta idéia foi tomando vulto e, nos últimos anos, fazia-se clara e abertamente propaganda contra o regime imperial.

O novo Gabinete do Imperador, em 1889, tomava medidas que desgostavam e feriam o Exército. Daí, a situação agravou-se, tornando-se tão melindrosa que a única solução seria a queda da monarquia.

E, assim aconteceu.

Espalharam-se boatos de que Deodoro e Benjamin Constant seriam presos. Deodoro, apesar de doente, montou a cavalo, pôs-se à frente da tropa, rigorosamente equipada. Marchou para o campo de Santana sem encontrar obstáculos. Desfilava pelas ruas da cidade, debaixo de grande entusiasmo. Os próprios soldados imperiais o aplaudiam.

O Visconde de Ouro Preto, Chefe do Gabinete Imperial, foi se sentindo sozinho. Telegrafou para Dom Pedro II, que veraneava em Petrópolis.

Abriram-se os portões do Quartel General. Deodoro entrou. Ficou frente a frente de Ouro Preto. Explicou-lhe os fins da revolta e declarou-lhe que estava deposto. O regime monárquico caiu e o Brasil era uma República.

Dom Pedro chegou na mesma tarde, ao Paço da cidade. Ainda tentou empregar alguns meios para salvar o trono, tudo foi em vão. A revolta republicana estava consolidada.

E nessa memorável e histórica tarde, cheia de sol e de vibração, José do Patrocínio, gênio impetuoso, brilhante inteligência, surgiu na sacada da Câmara Municipal, com retumbante eloquência, declarou ao povo que estava proclamada a República no Brasil. O delírio foi indescritível.

O primeiro Ministério foi formado, com as principais figuras do movimento republicano: — Justiça: — Manoel Ferraz de Campos Sales; Relações Exteriores: — Quintino Bocaiuva; Guerra: — Benjamin Constant; Marinha: — Eduardo Wandenkolk; Fazenda: — Rui Barbosa; Interior: — Aristides Lôbo e Agricultura: — Demétrio Ribeiro.

No dia seguinte ao da proclamação da República, Dom Pedro II foi inteirado no Paço Imperial, de sua deposição e banimento para a Europa. Assim é que, no dia 17, quarenta e oito horas do regime republicano, a família imperial embarcava no vapor Alagoas para o seu exílio, no velho mundo.

Ao denominar o Brasil de “República Federativa do Brasil”, o Preâmbulo da Constituição antecipou a organização política do País, dizendo qual a forma de governo — República — e qual a forma de Estado — Federação. Hoje, além de sermos uma República Federativa, temos ainda, caráter so-

cial — democrática — porque, segundo a atual Constituição Brasileira, preserva e estimula a iniciativa privada e estabelece regras para a ação do governo com o objetivo de preservar a ordem econômica e a justiça social.

E no dia 19 de novembro, pelo Decreto N.º 4, o Presidente Marechal Deodoro da Fonseca, instituía a nova Bandeira Nacional, um dos símbolos da Pátria, constituída por um retângulo verde, representando a exuberância de nossas florestas; sobre este retângulo, está o losango amarelo, como a indicar as nossas riquezas minerais, resplandescentes no ouro de nossas montanhas; ao centro, o círculo azul, a cor do céu, pontilhadas de estrelas, com a constelação do Cruzeiro do Sul, representando os Estados — conjunto federativo — cortado por uma faixa branca, branca como as águas cristalinas que brotam de nossas fontes. Enfim, a expressão “Ordem e Progresso” que corresponde ao ideal brasileiro de paz interna, fraternidade e prosperidade, significando que, na luta pela grandeza da Pátria, a ordem deve ser a base e o progresso será o objetivo.

Aí estão os retalhos históricos do grande movimento cívico de 15 de novembro de 1889, cuja data emplaça esta rua do Bairro São José, de nossa cidade, e do simbolismo de nosso Pavilhão Nacional, que tremula aos ventos da Pátria, como mensageiro de esperança, da fé, da fraternidade e da paz.

15 de Novembro é Feriado Nacional.

RAIMUNDO MACHADO DE MORAES

Fica no Bairro Bebedouro. Da
Avenida José de Moraes Cor-
reia à Lagoa do Bebedouro.

Na aprazível Fazenda Mucambo, do município de Buriti dos Lopes, a 29 de setembro de 1897, veio ao mundo, Raimundo Machado de Moraes, o Doca Machado, como era vastamente conhecido por estas paragens.

Passou a sua infância ali na fazenda de seu pai, Isidoro Machado Torres, homem que fazia da honra, o seu apanágio;

tomando banho no rio, ouvindo o mugir dos bois pelos campos e o trinar dos pássaros, voando nos galhos verdes das árvores frondosas, estudando, com afinco, com o velho e autero “Mestre-Escola”, as primeiras letras, despertando a sua inteligência para o amanhã.

Aos doze anos, veio para Parnaíba para continuar os seus estudos e trabalhar na firma J. Narciso & Cia., onde já trabalhava o seu irmão mais velho Pedro Machado de Moraes, hoje, uma das maiores expressões do comércio piauiense.

Após dois anos, foi transferido para Barras do Maratoan, onde a firma tinha uma filial, permanecendo ali, cerca de cinco anos, onde granjeou amizade e simpatia.

Volvendo à Parnaíba, aqui instalou com José Narciso, a Firma R. Machado & Cia. que teve largo conceito, honrando a tradição do comércio parnaibano, o equilíbrio e a capacidade de trabalho dos componentes da empresa.

Doca Machado casou-se em primeiras núpcias, com Dona Dourila Pinheiro Machado que faleceu em 26 de abril de 1930, deixando cinco filhos. Depois casou-se com Dona Nilsa Freitas Machado, de cujo consórcio deixou dois filhos: Raimundo Machado de Moraes Filho e Antônio Freitas Machado, ambos formados em Direito.

Doente, Doca Machado, a conselho médico, foi para Quixadá, no Ceará, ali faleceu a 15 de março de 1937, muito moço ainda, com apenas quarenta anos de idade.

Continuando a trajetória comercial de seu honrado genitor, reside nesta cidade, o seu filho — primeiro matrimônio — Francisco de Assis Raimundo Machado, com a firma F. Assis Machado & Cia., à Rua Duque de Caxias.

A escolha de seu nome para esta rua do Bairro Bebedouro, foi um preito de admiração e de justiça ao saudoso cidadão Raimundo Machado de Moraes, embora tendo desaparecido tão moço, foi sem dúvida, um comerciante digno e honrado que, pelo seu trabalho eficiente e constante, engrandeceu a classe empresarial parnaibana.

R E G E N E R A Ç Ã O

Fica no Bairro São José. Da
Avenida Alvaro Mendes ao Rio
Igarau.

Regeneração, município piauiense, encravado na Zona Fisiográfica do Médio Parnaíba, primitivamente era um aldeamento dos índios gueguezes e acarozes, com o nome de São Gonçalo do Amarante.

Foi criada a freguesia de São Gonçalo do Amarante, em 1871, desmembrada de Amarante. Seu primeiro vigário foi o Cônego Carino Nonato da Silva.

Mais tarde, é elevada à categoria de cidade, com o nome de Regeneração, pelo Decreto Estadual Nº 107, de 26 de junho de 1938. O município é banhado pelo rio Berlengas e vários riachos: Coité, Mulato, Riachão e outros.

No reino vegetal, destaca-se a carnauba, tucum, babaçu e possui grandes matas para extração de madeira e lenha.

O seu Padroeiro é São Gonçalo, sua festa se realiza a 10 de janeiro. A festa de São Gonçalo é tradicional no nordeste, mas principalmente no Piauí e Maranhão.

A “Jornada de São Gonçalo” com os seus versos e as suas músicas são tipicamente folclóricas. São dançadas em pátios ou em frente às Igrejas, em latadas improvisadas, enfeitadas de palmeiras e bandeirinhas multicores, Aqui trazemos apenas quatro versinhos da longa e bonita “Jornada de São Gonçalo”:

Vamos, vamos minha gente
Vamos todos no cordão
Para alegrar São Gonçalo
E a Virgem da Conceição.

São Gonçalo não quer missa
Nem as portas tira esmolos,
Quer suas danças bem feitas
De rabecas e violas

São Gonçalo do Amarante
Feito de cedro cheiroso
Dizei-me, meu São Gonçalo,
Quem vos fez tão milagroso

Adeus! Adeus! Latada!
Até para o ano que vem,
Se Deus nos emprestar a vida
E São Gonçalo também.

*Dr. Renato A. Arribola de Brito Bacellar
Diretor Executivo Procurador Geral
Função de Raul Furtado Bacellar (FRFB)*

E com estes versinhos da “Jornada de São Gonçalo” fechamos a cortina da rápida história da Rua Regeneração, que sente no cotidiano, o marulhar do Igaruçu.

RIACHUELO

FUNDAÇÃO

RAUL FURTADO BACELLAR

PARNAÍBA PI

Denominação muito remota: —
Rua da Praia. Rua Riachuelo — é
nome muito antigo. Em 1898, já
tinha esta denominação — segundo
“Memórias”, de Humberto de Cam-
pos. Centro. Da Praça da Graça à
Avenida Governador Chagas Ro-
drigues.

Riachuelo — batalha naval, travada em 11 de junho de
1865 — tem como figura máxima Francisco Manoel Barroso
da Silva — O Almirante Barroso.

Foi travada nas águas do rio Paraná, entre as esquadras
do Brasil e Paraguai.

A batalha foi violentíssima, durante dez longas horas se-
guidas, terminando com uma grande vitória da gloriosa Ma-
rinha de Guerra Brasileira, comandada pelo heróico Almiran-
te Barroso.

Ao iniciar-se o combate, Barroso mandou colocar no na-
vio-capitânea da esquadra, a fragata “Amazonas”, o célebre
dístico, que causou frenético entusiasmo entre nossas forças
de mar e guerra, estimulando os bravos marinheiros à luta: —

“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.

Tudo pela Pátria!”

Quando a batalha se encontrava bastante indecisa, talvez, pendendo em favor do inimigo, o grande Almirante Barroso, teve um gesto de audácia e de inaudita coragem, investindo com o seu próprio navio contra três naus paraguaias, conseguindo heroicamente, pôr à pique todas três. Os navios inimigos, restantes, fugiram rio acima.

Estava ganha a maior batalha naval da Guerra do Paraguai, cobrindo-se de glória, o bravo Barroso, leão indomável do mar.

Nesta batalha, que assegurou ao Brasil as comunicações para transporte de armas e víveres ao seu Exército, destacaram-se as figuras heróicas do guarda-marinha Greenhalgh e do marinheiro Marcílio Dias, ambos mortos ao arrancar das mãos do inimigo o Pavilhão Nacional.

Francisco Manoel Barroso, Almirante Barroso, era português, nascido em Lisboa a 25 de setembro de 1804. Veio para o Brasil muito criança em companhia de seus pais, quando se exilou no Brasil a Família Real. Juntamente com Tamandaré batalhou incansavelmente nas lutas da Independência, na revolta denominada “Cabanagem” e nas guerras do Uruguai e Paraguai.

No começo da guerra contra o Paraguai, foi ele escolhido para as operações que se sucederam, cobrindo-se de glória na Batalha Naval do Riachuelo.

Em 1868, Barroso foi promovido a Vice-Almirante e Dom Pedro II, pelos relevantes serviços prestados ao País, deu-lhe uma pensão anual e o agraciou com o honroso título de Barão do Amazonas, nome da Fragata-Capitânea.

E a Rua Riachuelo, aqui no centro de nossa cidade, é um atestado de nosso patriotismo, lembrando sempre a figura imortal de Barroso e a sua célebre frase que passou à História:

“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

— 11 de junho é o Dia da Marinha Brasileira —

RUBEM FURTADO

Fica no Bairro Bebedouro. Da Avenida José de Moraes Correia à Lagoa do Bebedouro.

Em Parnaíba, pouca gente sabe que aqui existiu um colégio chamado de “Dom Joaquim”.

Ele vem do limiar do século atual e era dirigido por ilustres educadores católicos: Padre Olegário, Padre Aarão e Padre Bianor. O seu corpo docente era formado de professores inteligentes e cultos.

O “Colégio Dom Joaquim” honrava Parnaíba, em sua época, como honraria ainda hoje, a nossa terra tão desenvolvida no campo educacional.

Entre os alunos do “Colégio Dom Joaquim” destacava-se pelo seu comportamento e pelo seu amor aos estudos, Rubem do Monte Furtado, o nosso biografado.

Era filho de Antônio de Monte Furtado e de Dona Isabel Ribeiro Furtado, nasceu em Parnaíba, em 17 de março de 1891.

Talvez, pela orientação religiosa que recebia no “Dom Joaquim”, Rubem Furtado, em plena juventude — 17 anos — ingressava no Seminário Episcopal de Teresina. Ali estudou sete anos.

Prestes a se ordenar, resolveu deixar a carreira eclesiástica, mas deixou no Seminário o rasto de sua inteligência e de aluno de ótimo comportamento, merecendo elogios de seus professores e de seus contemporâneos. Ali diplomou-se em Filosofia.

Após ter deixado o Seminário, foi nomeado Oficial do Registro Civil da Comarca de Parnaíba, em 1914 e posteriormente, a Segundo Tabelião Público, em 1932, permanecendo nestes cargos até o ano de 1956, quando merecidamente se aposentou.

Era homem de visão larga e de espírito filantrópico, tanto assim que recebeu por força estatutária, o título de sócio-fundador da Santa Casa de Misericórdia de nossa cidade, tendo

por diversas vezes, ocupado cargo de relevo, como o de tesoureiro, em sua diretoria administrativa.

Era casado com Dona Honória Coqueiro Furtado, desta união teve dois filhos, Anita Coqueiro Furtado, falecida no Rio de Janeiro, quando cursava a Faculdade de Medicina, e Rubenito Coqueiro Furtado, atual Oficial do Registro Civil desta Comarca, herdeiro da profissão e dos dotes morais de seu ilustre e honrado genitor.

Rubem Furtado que, merecidamente tornou-se, por força de Lei Municipal, patrono desta rua do Bairro Bebedouro, faleceu em 27 de abril de 1959, nesta cidade, deixando na estrada da vida, onde palmilhou de frente erguida, o traço de sua personalidade.

S Ã O B E R N A R D O

Fica no Bairro do Carmo. Da
Avenida Nações Unidas à Rua
Almirante Gervásio.

São Bernardo, Abade — Doutor da Igreja, nascido no ano de 1090, em Fontaines-lez-Dijon, na França, era filho dos condes Tecelino e Isabel, família essencialmente cristã.

Depois de ter vencido heroicamente algumas tentações, aos vinte e dois anos, arrastando consigo um tio, quatro irmãos e vinte e cinco jovens, amigos seus, ingressou no Mosteiro reformado de Cîteaux. Após três anos, foi incumbido de fundar o Mosteiro de Claraval. Quando de sua morte, em 1153, Claraval já abrigava setecentos monges e dava início a outras cento e sessenta abadias.

Como conselheiro do Papa Eugênio III, seu filho espiritual combate as heresias e os perigos doutrinários e disciplinares nascentes; prega a segunda Cruzada, visitando Príncipes, falando e escrevendo por toda a parte. Em meio de todas estas atividades, escreve coisas sublimes, que lhe merecem a justa definição “O último dos Padres e igual aos maiores dentre eles”, e que atraem sobre ele uma admiração extraordinária, que se resume no título de “Doutor Melifluo” que lhe foi dado há muitos séculos; título de Doutor reconhecido oficialmente pela Igreja no ano de 1830.

São Bernardo deixou 132 Sermões, testemunho de uma eloquência ardente e imbuída de Sagrada Escritura, ainda escreveu livros contra as heresias do seu tempo e deixou um precioso epistolário, contendo 534 cartas, de imenso valor espiritual e histórico.

Dom Aloísio Wiesinger, Abade Cisterciense, um dos seus biógrafos, diz: “Raiou enfim, o dia 20 de agosto de 1153, pelas nove horas da manhã, aquele que fora o farol de seu século, o santo verdadeiramente bem-aventurado Abade Bernardo, passou deste corpo mortal à terra dos vivos”. E continua Dom Aloísio: “O dobre dos sinos acompanhando os cânticos fúnebres de setecentos monges, interrompeu o silêncio de Claraval para anunciar ao mundo a morte de São Bernardo.

Contava o Santo sessenta e três anos, dos quais passara quarenta e oito no claustro a serviço de Cristo.

Bernardo, o Abade do Mosteiro de Claraval, pela sua fé inquebrantável, pelas suas peregrinas virtudes, pelas suas constantes mortificações, pelos seus inúmeros e comprovados milagres, depois de vinte e um anos de sua morte, o Sumo Pontífice Alexandre III, o levou pela sua canonização, à glória dos altares da Igreja de Cristo.

São Bernardo, Patrono desta rua, à margem do Igaraçu, rio genuinamente parnaibano, tem marcada no calendário litúrgico, a sua festa — 20 de agosto.

Aí está, um pedaço da vida deste imortal Abade de Claraval e grande Doutor Melifluo da Igreja de Deus.

S ã o J o s é

Fica no Bairro do Carmo. Esta rua serve de linha divisória entre o bairro e o centro da cidade. Da Avenida das Nações Unidas à Avenida Governador Chagas Rodrigues.

A denominação de Rua São José é um preito de religiosidade e de admiração ao humilde carpinteiro, casto esposo de Maria e Pai nutrício de Jesus.

No tempo do nascimento do Menino Deus, saiu um decreto do Imperador Romano, César Augusto, para que se fizesse o recenseamento do mundo inteiro. Cada pessoa tinha, obrigatoriamente, que ir à cidade de origem de sua família.

São José morava em Nazaré, cidade da Galiléia, mas sua cidade de origem era Belém, que ficava na Judéia, São José era descendente do Rei David, natural de Belém.

Foi em companhia de Maria. Eles procuraram uma hospedaria, mas não encontraram lugar em nenhuma delas.

José e Maria dirigiram-se para uma gruta.

Ali nasceu Jesus, que foi deitado numa manjedoura.

Naquela região, onde nasceu o Filho de Deus, pastores guardavam os seus imensos rebanhos, quando, de súbito, abriu-se uma grande claridade. Entre as nuvens, apareceu o Anjo do Senhor.

Os pastores se assustaram, o medo os envolveu.

O anjo lhes disse: não tenhais medo, venho dar-lhes uma notícia que causará alegria ao mundo inteiro.

Nasceu na cidade de David, o Salvador, Cristo Senhor! Ide. Encontrareis o Menino, envolto em panos, deitado numa manjedoura.

De repente apareceu, no firmamento, uma multidão de anjos, cantando: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, aos homens de boa vontade”.

Em seguida, os anjos desapareceram. Os pastores correndo, foram para o lugar indicado. E cheios de suave emoção, encontraram o Menino Jesus. Ao pé da manjedoura estava José e Maria.

Os pastores maravilhados saíram da gruta, anunciando a todos, o nascimento do Messias prometido.

Os magos do Oriente, também receberam a feliz notícia. Puseram-se a caminho da gruta, um estrela os levou ao Menino Jesus, que estava com Maria, sua Virgem Mãe. Os magos, abrindo os seus tesouros, ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra, e o adoraram piedosamente.

E, assim, nasceu o Menino Deus, Filho de Maria e de José — a Família Sagrada.

A história não registra quando São José morreu, apenas conclui-se que o seu desenlace se tenha dado antes da vida pública de Jesus.

O Papa Clemente XI designou como festa universal de São José, o dia 19 de março, data que é comemorada com muita fé e calor religioso.

E São José — o velho carpinteiro de Nazaré — símbolo do trabalho — é o Padroeiro Universal dos Operários.

S A O P E D R O

Fica no Bairro Bebedouro. Da
Avenida Princesa Isabel à Rua
das Flores.

Estamos na Rua São Pedro.

E, agora, perguntamos, quem é que não conhece a vida de São Pedro, o velho pescador da Galiléia, escolhido por Jesus Cristo para seu primeiro Apóstolo e “Chaveiro do Céu”?

Vamos à história.

São palavras de Cristo: “Tu és Simão, filho de Jonas, serás chamado de “Cephas”, quer dizer, isto é pedra.”

“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

E continua Jesus: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; tudo que ligares à terra, será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra, será desligado nos céus.”

Pedro, o primeiro discípulo de Jesus, por ordem de Nero, imperador romano, foi preso e condenado à morte.

Como o Divino Mestre, foi cruelmente açoitado e em seguida, levado à colina vaticana, para ser crucificado.

Tudo pronto para a execução.

São Pedro pediu aos algozes que o pregassem na cruz, com a cabeça para baixo, porque se achava indigno de morrer como o Divino Mestre.

E, assim, morreu o primeiro Papa da Igreja Romana, o grande Apóstolo de Jesus.

No local do suplicio, foi mais tarde, edificada a Basílica de São Pedro, um dos maiores e suntuosos templos do mundo. É a Catedral do Sumo Pontífice.

E nessa suntuosa Basílica, na Praça de São Pedro, em Roma, repousam os restos mortais do Apóstolo pescador.

Do hagiológico católico romano, marca a data de 29 de junho como o "Dia de São Pedro".

É um dia festivo.

Os pescadores, cultuando o seu grande Padroeiro, realizam belas procissões marítimas, em quase todo o litoral brasileiro.

É um espetáculo que deslumbra e encanta, são embarcações variadas, enfeitadas de bandeiras multicores, levando, em altar, a imagem de São Pedro, singram as águas verdes-azuladas do mar.

A noite, crepitam as fogueiras, com fogos de artifícios, com comidas e bebidas típicas, complementadas com danças folclóricas.

É a glorificação do Mártir da colina vaticana.

Este é o instantâneo histórico do velho pescador da Galiléia, que detém, em suas mãos, "as chaves do Reino dos Céus."

S A O P A U L O

Fica no Bairro de Fátima. Da
Rua Marechal Pires Ferreira à
Rua Afonso Pena.

O mais importante Estado brasileiro teve sua origem em um pequeno colégio construído pelos jesuítas, há mais de quatro séculos.

Vencendo as escarpas do planalto de Piratininga, o Padre Manoel da Nóbrega, ajudado por outros jesuítas e pelos indígenas, construiu um pequeno colégio entre os rios Tamanduatei e Anhangabaú.

No dia 25 de janeiro de 1554, o Padre Manoel da Nóbrega, rezou a Primeira Missa, inaugurando o colégio que recebeu o nome de “Colégio São Paulo”, dando, assim, início à fundação da futura capital paulista.

O Padre Anchieta e outros jesuítas foram os primeiros professores, ensinando aos curumins e aos filhos de colonizadores portugueses que se estabeleceram nas proximidades do colégio. Formou-se então, um pequeno povoado que por muito tempo se chamou de São Paulo de Piratininga.

Alguns anos após, a humilde povoação foi elevada à vila e cresceu lentamente, até chegar à cidade.

O café vindo da Guiana Francesa, trazido por Francisco de Melo Palheta, a sua cultura no planalto de Piratininga, foi a base para o seu progresso e o seu desenvolvimento.

São Paulo começou a crescer. A chegada de imigrantes de vários países do mundo, contribuiu para que a população aumentasse rapidamente.

Estradas de ferro e de rodagem tornou São Paulo uma encruzilhada ligada a outras cidade, a zonas cafeeiras e ao porto de Santos, hoje o mais importante do nosso País.

O desenvolvimento industrial acelerou o seu progresso e o seu crescimento, em todos os sentidos.

O Estado, hoje, goza da primazia de ser o maior parque industrial da América do Sul. Nessa área encontra-se o maior número de indústrias da Região Sudeste.

Inicialmente, instalaram-se no parque industrial paulistano, as indústrias têxteis e alimentícias; transformação de petróleo; produtos químicos e farmacêuticos; artefatos de borracha, fumo, calçados, plásticos e outros.

Classificada no grupo da metalurgia, está a indústria automobilística. As fábricas de automóveis e outros veículos constituem as mais importantes indústrias paulistas.

Santos, com encantadoras praias, apinhadas de arranha-céus, com mais de meio milhão de habitantes, é o mais movimentado e importante porto do Brasil.

E aí está, com toda a sua pujança e esplendor, a modesta vilazinha do planalto de Piratininga, de quatro séculos pas-

sados, do Padre Manoel da Nóbrega, o humilde jesuíta, apóstolo de nossa civilização, dando ao Brasil, um edificante exemplo de trabalho e de dinamismo.

Para completar a história desta rua, encravada no Bairro de Fátima, trazemos para cá, um pouco da história de Saulo — o anti-cristão — depois, Paulo — o Apóstolo de Jesus.

Saulo, natural de Tharso, na Cicília, filho da tribo de Benjamin, cidadão considerado romano, de extraordinário talento, tinha ódio mortal aos cristãos.

Ia a caminho da sinagoga de Damasco, de ordem do Sumo Sacerdote, com poderes para trazer presos para Jerusalém, todos os partidários de Jesus.

Em caminho, já perto de Damasco, de repente lhe reluziu em torno, uma luz vinda do céu, caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. “Quem sois vós, Senhor,” exclamou Saulo. “Eu sou Jesus, a quem persegues.”

Tremendo e assustado, Saulo falou: “Senhor, que devo fazer?” E o Senhor respondeu-lhe: “Levanta-te e entra na cidade, lá se te dirá o que tens de fazer”. Saulo levantou-se, abriu os olhos, mas estava cego. Tomaram-no pela mão e levaram-no para Damasco.

Três dias depois, Jesus opera o milagre: restituiu a vista a Paulo e exclama: “Tu pelo batismo, serás Paulo, homem escolhido por mim, para levar o meu nome às nações e aos reis, como também aos filhos de Israel.

E, assim, Paulo tornou-se o grande Apóstolo de Jesus, merecendo as honras dos altares, como Santo da Igreja de Cristo.

Com o seu talento e a sua cultura, escreveu muitas epístolas, de suma edificação dos fiéis, epístolas cheias de sabedoria e do Espírito Santo.

E com estas palavras de São Paulo, encerramos a narrativa desta rua: — “Vivo, porém, não eu mas, Cristo, vive em mim”.

SÃO VICENTE DE PAULO

Antiga denominação: — Rua da Ribeira. Centro. Da Praça da Graça ao Rio Igarçu.

Esta rua que recebeu o nome do grande “Apóstolo da Caridade”, o “Pai dos Pobres”, tem uma história alegre.

Na quadra invernosa, dada a aproximação do Igarçu, esta faixa da cidade, ficava inundada.

Daí, em passado remoto, a “Conde D’Eu” era conhecida por Rua do Igarapé e a “São Vicente” alcunhada de Rua da Ribeira.

Aqui na Rua São Vicente de Paulo, esquina da “Duque de Caxias”, em casa de beira-e-bica, em 1927, cinqüenta e quatro anos passados, o ilustre Dr. Raul Furtado Bacelar, a quem estamos ligados por laços de amizade, inaugurava a sua “Farmácia do Povo”, ainda hoje funcionando na Praça da Graça, com o Dr. Raul, de cabeça branca, receitando o povo.

Em frente à farmácia, na outra esquina, em casinha modesta, negociava o Raimundo Silva, conhecido por “Seu Raimundinho”.

Pequenas imagens, santinhos, terços, velas e outros artigos religiosos, era o seu pequeno comércio, mas com boa freqüesia.

“Seu Raimundinho” era muito católico, frequentava constantemente a Igreja. Gozava de bom conceito na cidade.

Um dia sugeriu à Câmara Municipal, onde contava com vereadores amigos, para acabar com esta história de “Ribeira”, expressão que ele achava deprimente para a cidade, colocando ali o nome de São Vicente de Paulo, o santo de sua devoção.

E numa manhã de sol de janeiro de 1930, o Raimundinho Silva correu para a “Fármácia do Povo” e euforicamente gritou: Dr. Raul... a Câmara aprovou a lei, acabou-se a tal “Ribeira”, agora estamos na Rua São Vicente de Paulo, o meu santinho protetor!”

O Dr. Raul, com o seu proverbial cavalheirismo, gostando também da mudança, abraçando-o, disse sorridente: Raimundinho, você é persistente, lutou e venceu, meus parabéns.

E com aquele abraço histórico da manhã de janeiro de 1930, a Rua da Ribeira passava para o seu novo e expressivo topônimo — Rua São Vicente de Paulo.

E agora vamos falar um pouco sobre São Vicente de Paulo. Era um Santo entre os Santos.

Homem apostólico. Sacerdote zeloso e humilde, nasceu em Pony, França, em 1581. Este ano comemora-se o IV Centenário de seu Nascimento em todo o mundo católico.

Vicente era pastor.

De preferência levava o gado para as imediações de uma capela de Nossa Senhora. Ali rezava e depositava flores aos pés da Virgem.

Criança ainda, já revelava princípios de caridade, guardando sempre um bocado da refeição para os pobres.

Mais tarde, ingressou na Congregação do Oratório, tornando-se um grande missionário.

Passou a pregar missões aos encarcerados e aos condenados às galés. Foi um Santo Homem nessa missão tão humana e generosa.

Com aprovação do Papa Clemente VIII, em 1693, fundava a Congregação dos Padres Lazaristas, onde sacerdotes fazem três votos simples monásticos: pobreza, castidade e obediência.

Mais tarde criou uma Congregação Feminina, à qual deu o nome de “Irmãs de Caridade”, ordem que segundo a idéia de seu fundador, destina-se à obra de caridade nos hospitais, asilos e orfanatos que ainda hoje existe, prestando relevantes serviços à comunidade.

São Vicente morreu aos 85 anos, em 27 de setembro de 1660, estando sepultado na Igreja de São Lázaro. Grandes e numerosos milagres foram-lhe observados no túmulo.

A canonização de São Vicente de Paulo se realizou em 1737 e o Papa Clemente VIII determinou-lhe a comemoração para o dia 19 de julho.

E são palavras de São Vicente de Paulo — O Apóstolo da Caridade: — “Quem dá aos pobres, empresta a Deus!”

S A N T A R I T A

Fica no Bairro São Francisco.
Da Avenida São Sebastião à
Rua Afonso Pena.

Esta rua é relativamente nova, pequena, mas com moderna edificação. Fica atrás da Igreja de São Sebastião.

Vejamos agora, um pouco da história de Santa Rita de Cássia. É uma história que tem cheiro de rosas e luzes de milagres.

Santa Rita nasceu em Roca Porena, vilazinha escondida entre montes da Umbria, província abençoada da Itália, em 1381, seis séculos passados.

Rita nasceu predestinada a Deus!

Criancinha ainda, as abelhas esvoaçando, deixavam cair mel em sua boca. Já mocinha, Rita começou a compreender que seu destino aqui na terra era exclusivamente a serviço de Deus.

Mais tarde, por força de um grande milagre, Rita ingressou na Ordem das Religiosas Agostinianas, na vila de Cassis. A sua vida no mosteiro foi toda de sacrifícios e mortificações.

Toda enamorada de Nosso Senhor Crucificado, pediu a Deus que lhe concedesse uma lembrança sensível em seu corpo, da Paixão de Jesus, no que foi atendida.

Um dia, depois de um sermão sobre a Sagrada Paixão e Morte de Jesus Cristo, viu desprender-se da imagem do Crucificado, um espinho da coroa que cingia a cabeça de Jesus na cruz. O espinho com rapidez de uma flecha chavou-se na testa da Santa, causando-lhe uma dor quase insuportável. A ferida do espinho acompanhou-a até a morte e fê-la sofrer terrivelmente.

Sintomas indubitáveis indicavam o próximo desenlace de Rita, que em seu leito de dor parecia a imagem de Jesus Crucificado. Com grande devoção e santa alegria, recebeu os Sacramentos e entre expressões de amor a Jesus e Maria, sua alma se libertou dos vínculos que a prendiam à terra.

No exato momento de sua morte, mãos invisíveis tangeram os sinos do convento e da vila de Cássia, entoando o hino triunfal das esponsas eternas, convidando a comunidade agostiniana e a população de Cássia para fazer-lhe coro na glorificação de Deus, homenageando a alma daquela que vivera como santa e como santa morrerá.

A morte de Santa Rita foi acompanhada de muitos milagres. Em sua cela, apareceu numa luz de grande esplendor, um perfume especial que se fez sentir em todo o mosteiro.

O culto à bem-aventurada da vila de Cássia rapidamente se estendeu sobre a Itália, Portugal e Espanha, onde por causa dos inúmeros e constantes milagres obtidos por sua intercessão, o povo lhe deu o nome de "Santa das Cousas Impossíveis".

O Papa Urbano VIII, em 1628, lavrou o Decreto de beatificação. Muitos contratempos fizeram com que se protelesse a canonização, que só aos 24 de maio de 1900, se realizou sob o Pontifício de Leão XIII, entretanto, a sua festa é comemorada no dia 22 de maio.

Santa Rita de Cássia goza de grande veneração no coração do povo católico brasileiro.

E Parnaíba também a venera, tanto assim que deu a esta rua o nome da milagrosa Santa do Mosteiro de Cássia.

SANTOS DUMONT

Fica no Bairro de Fátima. Da Avenida Governador Chagas Rodrigues à Avenida de N. S. Fátima.

Alberto Santos Dumont — O Pai da Aviação — nasceu em 20 de julho de 1873, em Palmira, Estado de Minas Gerais.

Como justa homenagem ao filho imortal, pioneiro da aviação mundial, hoje, a sua cidade natal, denomina-se de Santos Dumont — belo gesto de patriotismo.

Santos Dumont é o inventor brasileiro de maior celebridade do mundo, pois foi o primeiro homem pássaro do universo a utilizar um motor de explosão para veículo aéreo.

Foi ainda, o primeiro a projetar e construir um hangar, utilizando, pioneiramente, a hélice na proa como força de tração.

Autor das duas descobertas-chaves para o progresso da navegação aérea: a dirigibilidade dos balões e o vôo de mais pesado que o ar.

Conquistou, brilhantemente, em 23 de outubro de 1906, o prêmio Deutsch de La Meurthe, contornando a Torre Eiffel, em Paris, com o balão de sua invenção, "14-Bis". Foi o primeiro vôo mecânico do mundo.

Este genial brasileiro que foi Alberto Santos Dumont, faleceu em 23 de julho de 1932, em Guarujá, Estado de São Paulo, deixando, graças ao seu invento, os aviões, na paz e na guerra, cortando, em todas as direções, os espaços do mundo.

A Pátria, reverenciando a sua memória, conferiu-lhe, como honra ao mérito, o alto posto de Marechal do Ar e Patrono da Força Aérea Brasileira.

Santos Dumont, no dizer do grande poeta Vicente Guimarães, "foi o primeiro homem do mundo que voou como ave pelo céu de anil".

S A M U E L S A N T O S

Antiga denominação: Rua do Rumo. Fica no Bairro São Francisco. Da Avenida Armando Cajubá à Rua Aimoré.

O Dr. Samuel Antônio dos Santos, era Engenheiro Civil, Professor e político de destaque. Nasceu em Teresina em 20 de agosto de 1891.

Foi o primeiro Prefeito Municipal de Parnaíba, após a revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas à Presidência da República.

Nomeado por Portaria de 6 de outubro de 1930, tomando posse no mesmo dia, cargo que exerceu até 17 de abril do ano seguinte.

Coube ao Dr. Samuel Santos a tarefa de orientar a opinião pública e adaptar a administração municipal às normas do regime que se implantava, foi imperativo de que não podia se escusar nessa primeira fase de experiências e reformas sucessivas da legislação, que repercutiam profundamente na vida econômica e financeira do município.

Apesar, porém, de todos os gastos extraordinários que se impunham ao correr dos fatos, o Dr. Samuel Santos conseguiu o pagamento da dívida passiva do município, realizou vários serviços e deixou apreciável saldo no tesouro municipal.

O Dr. Samuel Santos, que foi um dos fundadores do Ginásio Parnaibano, exerceu ali, mais tarde, o alto cargo de Inspetor Fiscal do Ensino. Nesta função prestou também relevantes serviços ao Ginásio Nossa Senhora das Graças.

Dirigiu com muita eficiência e comprovada capacidade de trabalho, a Estrada de Ferro Central do Piauí, onde gozava de grande conceito no seio da comunidade ferroviária.

O ilustre Dr. Samuel Antônio dos Santos faleceu nesta cidade, em 25 de fevereiro de 1951. Era casado com a Senhora Aldira Basto dos Santos que, octogenária, reside, ainda, em seu palacete à rua Riachuelo.

Esta rua era conhecida por “Rua do Rumo”, pois era a linha divisória entre os terrenos das famílias Santos e Borges.

Na época em que o ilustre Dr. Mirocles Veras ocupava, pela segunda vez, a Prefeitura Municipal de Parnaíba, mandou proceder pelo agrimensor João Ribeiro o levantamento topográfico do antigo bairro Campos, hoje, bairro de Fátima, quando foram abertas diversas artérias públicas, dando a esta parte da cidade um novo aspecto urbanístico, digno de uma cidade em franco desenvolvimento.

Nesta ocasião, delineada a “Rua do Rumo” passou, oficialmente, a denominar-se — Rua Dr. Samuel Santos — em homenagem ao ilustre engenheiro e ex-Prefeito Municipal da cidade.

S E N A D O R F U R T A D O

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Avenida Alvaro Mendes à
Avenida Princesa Isabel.

Francisco José Furtado, nasceu em Oeiras em 1818.

Bacharel em Direito, político, jurisconsulto e orador parlamentar. Foi Presidente da Província do Amazonas. Deputado à Assembléia Geral, em várias legislaturas. Foi Senador pela Província do Maranhão e Ministro da Justiça no Gabinete de 24 de maio de 1862.

A seu respeito, escreveu Pereira da Costa, em sua “Cronologia Histórica do Estado do Piauí”:

“Em 1864, chamado pela confiança da Coroa, organiza Furtado, o Gabinete de 31 de agosto, de que era chefe, porém subia ao poder em gravíssimas circunstâncias, pelas complicações nos negócios internacionais com a República do Uruguai; terrível crise comercial na praça do Rio de Janeiro, por fim, o rompimento da Guerra do Paraguai.

Foi uma situação milindrosíssima que deu ao Gabinete Furtado, trabalhos de Hércules, torturas de mártir, imposição de tributos de patriotismo pagos galharda, enérgica e estupidamente com mais dedicado civismo e glória, que só tem por igual a glória dos Patriarcas da Independência do Brasil.

O Senador Furtado, ilustre piauiense, faleceu no ano de 1870, aos 52 anos de idade, quando, ainda, podia prestar relevantes e patrióticos serviços ao Piauí e ao Brasil.

S E B A S T I Ã O B A S T O

Fica no Bairro São Benedito.
Rua Benedito Santos Lima à
Rua Major Análio.

Paulino José Coelho Basto, o lusitano que aportou a Parnaíba em 1828, vítima de um naufrágio nas praias da Pedra do Sal, é o tronco genealógico da família Coelho Basto que,

ainda hoje, através de descendentes se espalham pelas nossas plagas.

Aqui vamos, em rápidas linhas, tecer a biografia do Dr. Sebastião Fernandes Basto, que era neto pelo lado paterno do velho Paulino Basto, que dorme o seu sono eterno, em um dos paredões de nossa Catedral.

Era filho de José Tomaz Coelho Basto e de Dona Maria Amélia Fernandes Basto; irmão de Fausto Fernandes Basto que fez doação da faixa de terra que forma o bairro São Benedito.

Nasceu em Parnaíba. Muito jovem, ainda, seguiu para Recife. Ali na capital pernambucana, fez os seus primeiros estudos e mais tarde ingressava na tradicional Faculdade de Direito da cidade maurícia.

Depois de um curso, onde pontificou a sua inteligência e dedicação aos estudos, colava grau de Bacharel de Ciências Jurídicas e Sociais.

Volvendo, depois de formado, à sua terra natal, aqui teve curta permanência. Na época, não havia mercado de trabalho, o movimento forense era de pouca monta.

A Amazônia, plantada no extremo norte do País, atravessava o ciclo da borracha, que contribuía de maneira notável para o desenvolvimento e conquista da região.

O nordestino que nasceu com o espírito visionário as aventuras, rumava para o “Inferno Verde”. Cada um, com sua profissão, com a sua especialidade. Havia lugar para todos.

O Dr. Sebastião Basto, recém-formado, jovem sonhador, inteligente e culto, sentiu que a clareira estava aberta.

A Amazonas era o seu destino.

Chegava ao Território do Acre, às margens do rio Acre, afluente do Amazonas, o rio-mar.

Ali a sorte lhe sorria. A sua estrela brilhava.

Ocupou vários e importantes cargos públicos e exercia, com brilhantismo, advocacia.

Chegou a ser Presidente do Banco do Acre, cargo de alta responsabilidade, onde deu sobejas provas de sua capacidade profissional.

Era casado. Morreu relativamente moço, lá no Acre, a terra que ele tanto amou e engrandeceu pelo seu valor de homem público.

Parnaíba quis, assim, perpetuar, nesta rua do bairro São Benedito, os méritos de seu ilustre filho.

S E R G I P E

Fica no Bairro do Carmo. Da
Avenida Nações Unidas à Rua
São José.

Na época do descobrimento do Brasil, Sergipe era habitada por indígenas. Os índios, em grupos, viviam em cabanas, espalhadas pelas florestas, alimentavam-se de caça e pesca.

A nossa língua que sempre foi enriquecida pelo idioma dos selvícolas, Sergipe, por exemplo, quer dizer, rio dos siris; a sua capital, Aracaju, significa, terra de cajueiros.

Sergipe é banhado pelo São Francisco, chamado rio da “Unidade Nacional” que nasce na serra da Canastra, em Minas Gerais, com uma extensão de mais de três mil quilômetros, banha, ainda, os Estados da Bahia, Pernambuco e Alagoas.

Entre Bahia e Alagoas, o São Francisco, forma a majestosa Cachoeira de Paulo Afonso, despencando de uma altura de mais de cem metros, as suas águas, formando grosso e espumante véu, que nos dá a natureza, um deslumbrante espetáculo.

Ali a engenharia nacional, construiu, em 1945, no Governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, a Hidrelétrica do São Francisco — CHESF — com as suas gigantescas turbinas, gerando e fornecendo energia elétrica para todo o Nordeste brasileiro, desenvolvendo a sua indústria e acelerando o seu progresso.

Sergipe é um dos grandes Estados produtores de petróleo do Brasil, as suas jazidas que mais produzem estão situadas nos campos de Carmópolis, Sirizinho e Riachuelo, são bastante promissores os poços da plataforma continental.

O Governo Federal considerou Sergipe area de reserva nacional, a fim de defender as fontes minerais do Estado.

A sua capital é Aracaju, próxima ao Oceano Atlântico, na planície costeira, às margens do rio Sergipe. Seu aspecto é muito pitoresco, graças à quantidade de coqueiros que se espalham por toda a cidade, com os seus leques abertos, dançante ao vento, dando beleza e encantamento à capital sergipana.

Cidade moderna e movimentada; bonita e progressista; comércio e indústria em ritmo de acelerado desenvolvimento.

As suas praias são encantadoras, desafiando a um banho de mar. Atalaia, Treze de Julho, Colina e Santa Antônia, são belas, de fascinantes atrações turísticas.

Enfim, Sergipe, a terra de Tobias Barreto e Sílvio Romero, dois notáveis brasileiros, tornou-se um verdadeiro oásis dentro do Nordeste brasileiro e também, pela sua importância, batiza esta artéria fincada no bairro que traz o nome da fundadora da Ordem das Carmelitas.

S E T E D E J A N E I R O

Antiga denominação: Rua do Tamancão. Fica no Bairro São José. Da Avenida Presidente Getúlio Vargas ao Rio Igarauçu.

Esta denominação — Sete de Janeiro — está enraizada na consciência de várias gerações, varando o espaço desde 1893.

É um nome conhecidíssimo e vastamente popular. Não há quem arranque este nome do povo, mas podemos afirmar, sem contestação que a sua origem era inteiramente desconhecida entre nós, apesar de ser um fato histórico de alta significação e que demonstra o valor e a coragem da mocidade parnaibana, através dos tempos.

Grças às nossas profundas pesquisas, forradas de paciência de um Job, agora, trazemos à baila a sua origem.

Coriolano de Carvalho e Silva, Coronel do Exército, era Governador do Piauí, no período de 1892 a 1896.

Arrastado pela vaga da politicagem, pretendeu depor o Conselho Municipal de Parnaíba, hoje denominada de Câmara Municipal.

A ordem foi dada para o seu fechamento, mas partiu a reação de um grupo de estudantes, chefiado pelo ardoroso jovem Constantino de Moraes Correia, aluno da Escola Militar de Fortaleza, que estava aqui, em gozo de férias, ao lado de seu irmão Francisco de Moraes Correia e vários outros estudantes parnaibanos.

Era uma plêiade de valorosos e destemidos rapazes que tomou essa imposição política, como uma afronta aos brios cívicos de Parnaíba, terra de tantas tradições patrióticas.

O Conselho Municipal não foi fechado, mas os estudantes foram presos a pedido do Governador e conduzidos para a capital do Estado.

Ouvidos ali pelo Coronel Filomeno Cunha, Comandante da Unidade do Exército — 35º Batalhão de Infantaria, estacionada em Teresina, informou ele ao Ministro da Guerra que os estudantes tinham defendido uma causa justa e que agora eram vítimas de perseguições políticas.

Depois de dez dias de prisão em Teresina, foram postos em liberdade. De volta à terra natal, Parnaíba os recebeu com grandes aclamações populares.

Diante da multidão que os aclamava, Constantino Correia no calor de sua mocidade, fez vibrante discurso de saudação ao Conselho Municipal, aos estudantes e ao povo parnaibano.

Esse fato de alta significação histórica, deu-se no memorável dia 7 de janeiro de 1893.

O Conselho Municipal, em homenagem ao gesto de patriotismo e de bravura dos estudantes parnaibanos, em sessão especial e solene, mudou o nome da Rua do Tamancão, às margens do rio Igaruçu, para Rua 7 de Janeiro. Foi outro dia de festa.

Esta data é, sem dúvida, um marco histórico para a mocidade estudantil de hoje que com patriotismo e altivez, segue os exemplos de seus colegas do passado.

A tradição que tem base na história, deve ser cultuada e respeitada.

Façamos desta data — Sete de Janeiro — relicário do passado, uma página imperecível de nossa História.

S E T E D E S E T E M B R O

Fica no Bairro São José. Da
Rua Luiz Correia à Avenida
Cel. Lucas Correia.

Em agosto de 1822, a situação política de São Paulo apresentava uma certa gravidade, devido aos desentendimentos entre alguns políticos paulistas e a Junta Provisória local, que era dirigida por Francisco Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio.

Para acalmar os ânimos, Dom Pedro I resolveu ir até São Paulo, deixando sua esposa Dona Leopoldina, à testa do Governo, assessorada por José Bonifácio.

Enquanto o Príncipe estava na capital paulista, chegaram de Lisboa novos decretos, anulando vários atos do Regente, impedindo-lhe a nomeação de um Ministério e mandando prender e processar todos os que contrariassem as determinações das Cortes.

Considerando a gravidade dessas ordens, Dona Leopoldina imediatamente enviou o correio da Corte Pedro Bregaro, o melhor correio do Paço, a São Paulo, a fim de informar o Príncipe sobre os acontecimentos. Junto com os decretos das Cortes, seguiam cartas da Princesa e de José Bonifácio, incitando-o a tomar uma decisão.

Chegara a hora da independência!

Dom Pedro, que fizera uma visita à cidade de Santos, foi alcançado pelo emissário, quando já retornava a São Paulo. O encontro deu-se às margens do Riacho Ipiranga, onde hoje fica o importante bairro paulista, com o “Monumento do Ipiranga”.

O Príncipe, que estava ao lado do Padre Belchior, membro de sua comitiva, depois de ler os documentos, não se conteve.

Amassando os papéis, deu viva à liberdade do Brasil, no que foi acompanhado pela comitiva que com ele viajava.

Arrancou do chapéu o laço com as cores de Portugal — azul e branco — e jogou-o no chão, gritando: “Laços fora, soldados!”

Em seguida, proferiu o seguinte juramento: “Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil.”

Sacou então sua espada, e bradou: “Independência ou Morte!”.

“Seja essa a nossa divisa de hoje em diante”.

Eram cinco horas da tarde do dia 7 de setembro de 1822.

O Brasil acabava de tornar-se independente.

Sete de Setembro — “Dia da Pátria” — é Feriado Nacional.

E esta rua teve a glória de perpetuar em nossa cidade, um dos maiores feitos de nossa História.

S I M P L Í C I O D I A S

Antiga denominação: Rua Esperança. Centro. Da Rua Francisco Correia à Rua Santos Dumont.

Para focalizarmos a personalidade de Simplício Dias da Silva, é óbvio que rebusquemos um pouco a história de Domingos Dias da Silva, o seu genitor, homem de opulenta fortuna.

Era natural de Pedroneles, em Portugal. Chegou à vila de São João da Parnaíba, no ano de 1764, vindo da Província do Rio Grande do Sul, trazendo uma grande fortuna em moedas, obras de ouro e prata, além de outras em barras fundidas.

A vila de São João estava nascendo ali no “Testa Branca”, com os seus “quatro fogos, oito pessoas livres e doze escravos”.

Domingos Dias da Silva instalou para os lados do “Porto das Barcas”, a sua indústria de carne prensada, as afamadas charqueadas.

Essa indústria teve rápido desenvolvimento, dando um novo surto de progresso à vila. Essas charqueadas, em número de seis, chegaram a sacrificar doze mil bois, anualmente, que era para a época, uma cifra bastante elevada.

Cinco navios, de sua propriedade, movimentavam a indústria, sendo três transportando carne para o Maranhão, Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; e dois navegavam diretamente para Lisboa e Porto, trazendo de volta, fazendas, mercadorias e gêneros de Portugal.

Essas charqueadas concorreram tanto para o progresso da Província do Piauí que a vila de São João recebeu a honrosa visita do Governador João Pereira Caldas que foi fidalgamente recepcionado pelo potentoso “Senhor da Casa Grande”.

Em virtude do “Testa Branca” ser um lugarejo insignificante, de remotas possibilidades, a vila começou a crescer no Porto das Barcas. Esse povoado oferecia mais vantagens, era então, uma feitoria com estabelecimento da indústria da charqueada, cujos produtos eram exportados para várias províncias brasileiras, deixando grande interesse às rendas públicas pelo movimento comercial que ali se desenvolvia.

O Porto das Barcas começava a florescer, já tinha uma população crescente e ativa, algumas casas e armazéns e uma pequena capela. E em suas imediações estava o faustoso solar dos Dias da Silva.

Dado esse surto de progresso, finalmente em 1770, já no Governo Provincial de Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, foi a sede da vila de São João, oficialmente transferida do “Testa Branca” para o sítio denominado Feitoria ou Porto das Barcas, onde hoje repousa a majestosa e bela cidade de Parnaíba, tão rica de tradições históricas.

O Porto das Barças depois da instalação das charqueadas de Domingos Dias da Silva passou a ser chamado pelo povo de “Porto Salgado”, por causa da grande quantidade de sal que ali chegava para a indústria da carne prensada. E o nome pegou e pegou para sempre.

E o “Porto Salgado” está ali onde começa hoje, a Avenida Presidente Getúlio Vargas, com a sua bonita ponte “Simplicio Dias”, atestando que foi deste local, banhado pelo Igarapé,

que partiu o primeiro grito de industrialização do Piauí, grande pioneirismo de Parnaíba.

No apogeu da prosperidade de suas charqueadas que granjeava fama em todo o Império, Domingos Dias da Silva que já tinha constituído família aqui na nascente vila de São João, veio a falecer em 16 de janeiro de 1793, portanto a cento e oitenta e oito anos passados, repousando os seus restos mortais na rica capela do Santíssimo na bi-centenária Igreja de Nossa Senhora da Graça, hoje, Catedral, cuja construção foi iniciada por ele, em 1770 e terminada pelo seu filho Simplício Dias da Silva, em 1795.

Depois de termos feito este retrospecto da vida de Domingos Dias da Silva, considerado, com sobejas razões, o fundador de Parnaíba e que nem sequer, tem uma rua com o seu nome, passamos agora a focalizar a personalidade ilustre do grande Simplício Dias da Silva, o seu filho primogênito, que tanto esplendor deu à sua terra natal.

Quando a vila de São João tinha apenas onze anos de existência, nascia aqui, a 2 de março de 1773, Simplício Dias da Silva que seria o sucessor de seu pai e a figura máxima da História da Parnaíba.

Simplício, muito jovem, portador de grande inteligência e demonstrando inclinação para as lutas democráticas, mandou o velho Domingos, o filho, para estudar em Coimbra, naquela recuada época, só iam rapazes brasileiros, filhos de pais que ostentavam fabulosas riquezas. Também viajou pela França. Ali, diz um dos seus biógrafos, “impregnou-se das idéias da Enciclopédia e envenenou o espírito dos conciliábulos das sociedades secretas”.

Jovem arguto, contando com imensa fortuna paterna, sonhando com um porvir de ouro, deu o seu primeiro golpe de inteligência, para galgar o fausto da Casa Real de Portugal, no episódio que aqui narramos:

Houve um terremoto em Portugal, segundo o historiador Gustavo Barroso, arrastando o país a uma verdadeira calamidade pública. Esse fato doloroso fez com que uma Princesa da Corte da Rainha Dona Maria I, saísse às ruas, em busca de donativos para as vítimas.

A Princesa foi a Coimbra, pois ali estudavam rapazes estrangeiros, filhos de pois que podiam auxiliá-la nessa cruzada de alta filantropia.

A moeda corrente era o cruzado.

Os rapazes começaram a subscrever na lista imperial. As quantias variavam de cem a duzentos cruzados. Chegou a vez de Simplício, o moço parnaibano. Este subscreveu quinhentos cruzadas.

A Princesa um tanto nervosa, julgando tratar-se de equívoco, dada a quantia elevada, pediu a sua confirmação. Sim, respondeu Simplício, com voz firme, Princesa, dobro a minha contribuição. O meu correspondente aqui em Portugal pagará, finalizou o filho do industrial Domingos Dias da Silva.

Daí para frente, Simplício passou a ser persona grata da Casa Real de Bragança, frequentando as festas e recepções de galas do Paço Imperial.

A Rainha Dona Maria I, em 1796, deu-lhe a Carta de Brazão D'armas e foro de Fidalgo Cavalheiro da Casa Real e o hábito da Ordem de Cristo, em que professou, sendo mais tarde, pelo Imperador Pedro I, agraciado com a Imperial Ordem do Cruzeiro e promovido a Coronel de Cavalaria de Melícia.

Em Lisboa, o Coronel Simplício, “nobre fidalgo, meu jovem colono brasileiro”, como lhe tratava a Rainha Dona Maria I, veio a conhecer sua jovem prima Dona Isabel Tomázia de Seixas, já de linhagem fidalga e dama de honra, com quem casou-se, havendo de seu matrimônio quatro filho: Antônio Raimundo Dias de Seixas e Silva, Simplício Dias de Seixas e Silva, Helena Amélia Dias de Seixas e Silva e Carolina Tomázia Dias de Seixas e Silva.

No escudo de seu brazão, representam as figuras das armas nobiliárias dos — Dias — Silva — Seixas — tendo um leão, seu emblema, entrelaçando-se às três famílias, sendo a Adem que ali se vê, o emblema do escudo dos Seixas.

Hoje, a bandeira, as armas e o selo de Parnaíba, símbolos instituídos na então administração do Prefeito Municipal Dr. Lauro Andrade Correia, foram baseados nos Brazões de Simplício Dias da Silva, figura exponencial da história parnaibana.

Em discurso pronunciado em 31 de janeiro de 1937, diz o Dr. Lauro Correia: “Fomos buscar na lápide do túmulo do imortal Simplício Dias, em nossa Catedral, os seus braços e o fizemos reproduzir através do artista Luiz Barreto Correia, dando-lhes, contudo, o cunho de brasilidade expresso nas cores nacionais: verde — amarelo — azul e branco.”

Outro fato curioso da vida desse notável parnaibano, nos é contado pelo historiador piauiense Abdias Neves:

“Simplício era um admirador extremado de Dom Pedro I. Sabe-se que lhe mandava presentes valiosos. Certa vez, mandou ao Imperador, um cacho de bananas, em ouro, terminadas em pedras preciosas.

O Coronel Simplício era realmente um homem de fabulosa fortuna, tudo em Parnaíba girava em torno de sua fidalguia, de seu alto poder econômico e da sua grande força política.

Tinha quase dois mil escravos organizados militarmente, em regimentos, com armas e banda de música. Tratava os seus escravos com muita urbanidade.

Há uma certa indagação, até mesmo por parte de historiadores, em torno da parte maternal desse ilustre parnaibano, fidalgo da Casa Real de Bragança. Até mesmo nos dias atuais, para muitos, perdura esta interrogação.

Pereira da Costa, o profundo pesquisador da História do Piauí, narra com segurança e autoridade, esse episódio da maneira seguinte: “Simplício Dias da Silva nasceu na vila de S. João da Parnaíba no dia 2 de março de 1773 e sua carta braço d’armas passada em 5 de agosto de 1779 se vê que era filho natural, mas legitimado por provisão real do Capitão Domingos Dias da Silva e de Claudina Josefa, solteira, neta pela parte paterna de José Dias da Silva, vereador e juiz ordinário no lugar Pedronelos, em Portugal, e de sua mulher Dona Maria Gonçalves, e bisneto de Manoel da Silva e de sua mulher Ana de Oliveira”.

O Coronel Simplício, como homem público, pelo seu caráter sem jaça, pelo dinamismo de sua ação, notabilizou-se pelos relevantes serviços que prestou à Parnaíba e ao Piauí, principalmente no glorioso período das lutas emancipacionistas da Província.

Simplicio desempenhou vários cargos e missões militares no Piauí e Maranhão, destacando-se o de Comandante Militar de Parnaíba, cujo cargo exerceu por dilatados anos.

Chegamos ao ponto alto de sua vida, vamos conhecê-lo dentro da luta da independência do Piauí, como figura máscula desse notável movimento patriótico, desenrolado em Parnaíba, no agitado 1822, ano da emancipação política brasileira.

Simplicio Dias da Silva, homem de rijo caráter, forjado na Europa, imbuído de idéias liberais, buscadas nos sentimentos do bravo povo francês, formou de logo, ao lado do movimento emancipacionista do Ipiranga.

Arrostando o poderio de Oeiras, capital da Província, com o Brigadeiro João José da Cunha Fidié, Governador das Armas portuguesas, tratou Simplicio Dias, daqui do litoral, com outros donativos companheiros a arrancada libertadora do Piauí.

Um grupo de destemidos patriotas: João Cândido de Deus e Silva, Juiz de Paz e grande tribuno, Capitão Domingos Dias da Silva, José Ferreira Meireles, Capitão Bernardo Antônio Saraiva, Escrivão Ângelo da Costa Rosal, Bernardo de Freitas Caldas e Tenente Joaquim Timóteo de Brito, Comandante do Destacamento local, tendo a comandá-los a figura estoica e brava do Coronel Simplicio Dias, entre ruidosas manifestações populares, em frente à nossa Igreja Matriz, num impulso de verdadeiro civismo, de acendrado amor à terra brasileira, levantou o grito de independência do Piauí e aclamou, entre vivas e palmas, o Príncipe Dom Pedro I, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Era 19 de outubro de 1822.

Parnaíba lançava assim, a luva do desafio ao Governo Provincial e ao destemido povo piauiense. A luta estava aberta.

Fidié, como um leão, julgando-se ferido em seus brios de cabo de guerra das Cortes portuguesas, invadiu e apoderou-se de Parnaíba, a vila de São João.

Simplicio Dias e João Cândido refugiaram-se em Granja-Ceará, onde foram arregimentar tropas para a luta que estava deflagrada. Ali contaram com o decidido e valioso apoio do bravo Coronel João Pessoa de Andrade Anta, que os aju-

dou na arregimentação de tropas para combates de revanches. O Coronel Pessoa Anta, mais tarde, em 30 de abril de 1825, era fusilado, em Fortaleza, por ter tomado parte na Confederação do Equador, tornando-se herói e mártir da terra cearense.

O grito de Simplício Dias em favor da Independência havia ecoado por todo o Piauí. A bandeira da liberdade tremulava em todos os quadrantes da Província piauiense.

E agora, fruto de trabalho de Simplício Dias e João Cândido, aliado ao apoio de Pessoa Anta, piauienses e cearenses, unidos pelo mesmo sentimento de liberdade, selaram a vitória às margens do rio “Jenipapo”, em Campo Maior.

Segundo o historiador Vieira da Silva, o combate do “Jenipapo”, foi o mais notável na luta da Independência na Província do Piauí, desenrolado no histórico 13 de março de 1823.

Depois desse combate corpo a corpo, o Brigadeiro Fidié que perdeu — armas, munições, dinheiro, os despojos da vila de São João da Parnaíba e a sua própria bagagem — exausto pela luta, acampou com o resto de sua tropa, no povoado Estanhado, hoje a cidade de União. Mais tarde, refugiou-se nos montes das Tabocas, em Caxias-Maranhão. Ali capitulou o último reduto português. Fidié foi preso para Oeiras e depois conduzido para o Rio de Janeiro, ficando retido na Fortaleza de Villegaignon. Dali o Imperador Dom Pedro I o recambiou para Portugal, tendo falecido em Lisboa, no ano de 1856”.

E no dia 30 de abril de 1823, o inolvidável Coronel Simplício Dias, pioneiro das lutas emancipacionistas, o herói de 19 de outubro, volta coberto de louros, a sua adorada vila de Parnaíba.

Foi um dia festivo, de aclamações, de entusiasmo, de vivas e palmas, ao espoucar dos foguetes e ao repicar alegre dos sinos de sua querida Igreja de Nossa Senhora da Graça, Simplício entra, triunfalmente na vila fundada pelo seu pai. Pela primeira vez, Simplício chorou de emoção. Era o grande

filho que voltava ao seio da terra amada, trazendo no peito, o escudo de ouro da independência, símbolo da bravura e da glória do povo brasileiro.

Após a pacificação nacional, depois da Independência do Brasil, Simplício Dias mereceu a honrosa distinção de ser o primeiro nomeado para o alto cargo de Governador da Província do Piauí, por Carta Imperial de 25 de novembro de 1823, “em consideração aos distintos merecimentos, patriotismo e adoção à sagrada causa deste Império e mais qualidades recomendáveis”, afirmava Dom Pedro I, neste documento.

Para não deixar Parnaíba, Simplício não aceitou o alto posto de Governador da Província, pois a sede do governo era em Oeiras, mas ficou sumamente grato ao gesto nobre do jovem Imperador brasileiro, seu grande amigo.

Simplício Dias da Silva, honra e glória da Parnaíba e do Piauí, faleceu em seu berço natal, a 17 de setembro de 1829, com 56 anos de idade, muito moço ainda. Está sepultado na bela e rica capela do Santíssimo, a sua Igreja de 1759, ao lado de seu pai Domingos Dias da Silva e de seu irmão Raimundo Dias da Silva.



Como o rio Igaraçu naquela época, tão remota, vinha até às proximidades da antiga “Rua Esperança”, ali se localizaram algumas das charqueadas do Capitão Domingos Dias da Silva.

Até há pouco tempo eram encontradas, com relativa facilidade, ossadas de bois, quando de construções de prédios nesta via pública.

E como os Dias da Silva ali imperavam com a sua afamada indústria, ocupando uma vasta faixa de terreno, esta é a razão, por certo, de ter esta artéria de nossa cidade, sido denominada de Rua Simplício Dias.

É uma homenagem de respeito e de admiração ao maior vulto da história parnaibana.

S U Z A N E J A C O B

Centro. Da Avenida Presidente
Getúlio Vargas à Praça Santo
Antônio.

Em todos os campos de atividade humana, a mulher está presente.

E esta presença é natural. Ela veio com o homem, desde o Paraíso Celestial. O homem foi sempre o seu companheiro inseparável. Com ele trilha os caminhos da terra, quer na alegria, quer na adversidade.

A mulher, apanágio de bondade, que ampara pela grandeza de seu coração, os necessitados, que pela generosidade, ameniza os sofrimentos alheios, é enfim a meiga enfermeira universal.

Aqui em Parnaíba, as mulheres não podiam fugir ao batismo de suas ruas. Elas, como os homens, mereceram a homenagem: Eunice Weaver, Quetinha Pires e Suzanne Jacob.

Focalizemos a ilustre personalidade de Suzanne Geismann Jacob.

Nasceu na Suíça, país mais civilizado do mundo, daí, por certo, a sua esmerada educação, o seu fino trato, a sua maneira afável de tratar os semelhantes.

Além destes atributos, ornavam-lhe o coração, as flores da caridade, o amor ao próximo, o carinho às criancinhas desamparadas.

Chegou à Parnaíba em 1925. Era esposa de Roland Jacob, alto comerciante em nossa cidade.

Deste casamento aqui nasceram os seus dois filhos: Rosemary Jacob, casada com Alfredo Simoni Molina, e Marc Theophile Jacob, bacharel em Direito, casado com a Senhora Ilenir de Carvalho Correia Jacob.

Dona Suzanne Jacob alimentava o ardente desejo de criar aqui uma instituição assistencial à infância e à maternidade.

Este era o seu ideal, o seu sonho maior, o lactário foi criado em 22 de janeiro de 1935, mas por questão óbvia, não entrou, de logo, em funcionamento.

Morreu Suzanne Jacob, no Rio de Janeiro, em 1937. Não pôde, assim, contemplar a realização de seu ideal, abraçar as mães pobres e beijar as criancinhas humildes. Entretanto, a semente do bem estava plantada, germinando para o amanhã.

No ano seguinte de seu prematuro desaparecimento, em 16 de janeiro de 1938, Roland Jacob, portador de espírito humanitário, em memória de sua esposa, inaugura o “Lactário Suzanne Jacob”, hoje, Posto de Puericultura, mas conservando o nome de sua idealizadora, que vem prestando até os dias atuais, inestimáveis serviços à comunidade pobre da cidade.

A sua obra foi imensa, tão humana e altruística que mais tarde a Municipalidade, em homenagem a este seu gesto de alta filantropia, deu a esta artéria central da cidade o seu nome.

Ali estão as placas: Rua Suzanne Jacob, atestando a gratidão de Parnaíba àquela que idealizou em vida e realizou depois da morte, esta benemérita instituição de amparo à infância e à maternidade.

T A B A J A R A

Fica nos Bairros São Francisco e Fátima. Da Avenida Armando Cajubá à Avenida Padre Raimundo Vieira.

A história do Ceará remonta desde o descobrimento do Brasil, quando ali chegaram exploradores estrangeiros.

Nessa época, o Ceará era habitado pelos índios das tribos Tabajaras, Cariús e Tararirius que se espalhavam pelas serras, pelos sertões e pelo vasto litoral cearense.

Na serra da Ibiapaba, também conhecida por Serra Grande, exatamente onde hoje se assenta a cidade de Viçosa, era o aldeamento dos índios Camucins, Anacés e Ararinhos, da nação Tabajara, nome este que, consoante a etimologia indígena significa — “senhor das aldeias” — Em Viçosa localizava-se a aldeia de Mel Redondo e Irapuã.

Ainda habitavam a Ibiapaba, os Cararijus ou Tocarijus, altamente sanguinários e terríveis inimigos dos Tabajaras.

O primeiro vulto de maior projeção que perlustrou o solo ibiapabano, foi Pero Coelho de Souza, fidalgo português, em 1604.

Três anos depois, chegavam à Ibiapaba, vindos de Pernambuco, os missionários jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira, recebidos pelos selvícolas, sentaram aldeamento e pregação. Era o início da catequese.

É quando os Tocarijus, inimigos dos Tabajaras, levaram a efeito, um ataque do qual resultou o trucidamento do Padre Francisco Pinto, em 11 de janeiro de 1608, no local, onde hoje está a cidade de Ubajara. O Missionário Francisco Pinto é considerado o primeiro mártir da colonização da velha cordilheira ibiapabana.

Enfim, em 1659, nos longínquos albores da civilização da Ibiapaba, chegava em Viçosa — a taba dos Tabajaras — o imortal Padre Antônio Vieira, grande apóstolo da Companhia de Jesus e símbolo da catequese do indígena cearense. Era grande orador, a sua palavra era ouvida e acatada, com respeito, pela comunidade selvícola.

E os sermões de Vieira ficaram perenes e enriquecendo as páginas de nossa história.

Reza, ainda, a lenda romântica do genial escritor José de Alencar que, Iracema, a “virgem dos lábios de mel que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira”, era da nação Tabajara.

Iracema, a doce enamorada do Guerreiro Branco, que numa noite de luar, clara e bonita, ouviu esta exclamação:

“Iracema, é tempo que teu hóspede deixe a cabana do Pajé e os campos dos Tabajaras. Não tenho medo dos guerreiros de Irapuã; tenho medo dos olhos da Virgem de Tupã”.

E um dia, nas selvas, se uniram pelo amor!

Mais tarde, no galho da palmeira, a jandaia anunciava o nascimento de Moacir — o filho do Guerreiro Branco que quebrava com Iracema a flecha da paz.

Esta é a história bonita e comovente dos valentes Tabajaras da altiplanura serragrandense, que enflora com seu nome, esta longa artéria pública que entrelaça os bairros São Francisco e Fátima.

T A M O I O S

Fica no Bairro Pindorama. Da Avenida São Sebastião à Estrada Pi-7, no Bairro Ceará.

Os índios Tamoios eram da nação dos Tupis e viviam no litoral do Rio de Janeiro e São Vicente.

A princípio não se mostravam muito infensos aos colonizadores portugueses, principalmente por causa da paciência e do amor com que eram tratados pelos jesuítas.

Os colonos portugueses queriam à viva força tomar-lhe as terras e escravizá-los, sendo que mais que natural a reação dos selvícolas.

Organizaram então, a poderosa Confederação dos Tamoios e pretendiam destruir totalmente os colonizadores de além-mar.

Tudo pronto para a luta.

E foi nesse episódio sombrio que o Padre José de Anchieta se destacou, dando provas de profundo sentimento humano e cívico, foi o do armistício de Iperoig, atual praia de Ubatuba, no litoral paulista, para onde se dirigiu, em 21 de abril de 1563, com o Padre Manoel da Nóbrega, a fim de pacificar os chefes indígenas que ali lutavam ao lado dos franceses e negociar o tratado de paz.

Anchieta permaneceu em Iperoig, como refém, até 14 de setembro de 1563. Durante o seu cativeiro, escreveu nas areias da praia, o célebre poema "A Virgem".

Por fim, entraram os adversários em acordo e estabeleceram a paz que salvou a colônia portuguesa de ser destruída pelos Tamoios.

Desarmados os espíritos, os índios voltaram a colaborar com os jesuítas.

E, agora que o Padre José de Anchieta vai para o culto dos altares, dada a sua canonização, em marcha, pelo grande Papa reinante — João Paulo II — vejamos algo sobre a sua vida.

Nasceu o Padre Anchieta, na Ilha de Tenerife, nas Canárias. Em 1553, com 19 anos, veio para o Brasil, com o segundo Governador Geral Duarte da Costa. Dedicou-se durante quarenta e quatro anos à catequese no Brasil, tendo sido também mestre, enfermeiro, intérprete e embaixador dos índios. Para isso, aprendeu a língua dos indígenas, falando-a corretamente.

Em homenagem à José de Anchieta, o pacificador dos valentes Tamoios, o índio da praia de Iperoig, vejamos:

Prece a Anchieta. De Guilherme de Almeida.

Herói: plantaste nossa velha aldeia!
Santo: ergueste a voz na selva escura!
Poeta: escreveste versos sobre a areia...
Mestre: ensinaste a doutrina pura!

Invade a vila multidão alheia
Golpeia a cruz a foice inculta e dura.
Morre a voz sábia entre a distância e a altura,
Apaga o poema a onda espumante e cheia...

Santo, herói, mestre e poeta: — Pela glória
Que deste à terra e à sua história,
pela dor que sofremos sempre sós.

Pelo bem que quiseste a este povo
Ó novo Cristo deste Mundo Novo!
Padre José de Anchieta, ora por nós!

Esta é a “Prece a Anchieta”, do grande poeta Guilherme de Almeida, em homenagem ao imortal Pacificador dos Tamoios, que aqui dedicamos a esta rua que tem o nome desses valentes índios que lutaram e venceram pelo domínio de suas terras.

T E R E S I N A

Fica no Bairro Nova Parnaíba.
Da Avenida Álvaro Mendes à
Avenida Princesa Isabel.

Teresina, a capital do Piauí, nasceu na chapada do Corisco, fazenda de gado, de muitas trovoadas e faíscas elétricas, serpenteada pelos rios Poti e Parnaíba.

Seu nome foi dada em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II, o magnânimo Imperador do Brasil, reinante na época de sua fundação, em 1852.

Foi seu fundador o Conselheiro José Antônio Saraiva, trigéssimo-primeiro Presidente da Província, no período de 7 de setembro de 1850 a 12 de março de 1853.

O Conselheiro Saraiva nasceu em Santo Amaro, Província da Bahia, no ano de 1823. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, Magistrado, Deputado Geral, Senador do Império e da República, Ministro da Guerra, da Marinha e da Fazenda. Era Conselheiro do Império e presidiu o Conselho de Ministros, por duas vezes.

Teresina resgatou ao Conselheiro Saraiva esta dívida de gratidão. Ali está a majestosa Praça Saraiva com o monumento de seu fundador.

Escreve Monsenhor Joaquim Chaves: — “No dia 21 de agosto de 1859 a coluna foi colocada no pedestal. Logo que ela se firmou na base, subiram ao ar girândolas de foguetes e muitos vivas foram dados ao Exmo. Sr. Conselheiro Saraiva. Assistiram ao ato o Presidente da Província, autoridades, a Comissão pró-Monumento, pessoas gradas e grande massa popular. À noite houve baile na Presidência.”

O ilustre historiador piauiense A. Tito Filho nos oferece este valioso documento, assinado pelo Conselheiro José Antônio Saraiva, inserido no seu magnífico livro “Teresina Meu Amor”: —

“Aos dezesseis dias do mês de agosto de 1852, no lugar pertencente à data Covas, chamada Chapada do Corisco, o

Presidente da Província do Piauí, comunicava aos demais Presidentes que, “o corpo legislativo provincial autorizou pela Lei Nº 315, de 20 de julho do corrente ano, a transferir a capital desta Província para a nova cidade de Teresina, e que dei já execução a essa lei, pelo que me acho residindo nesta cidade à disposição de V. Exa.”

Ainda trazemos para cá, esta importante opinião de Cristino Castelo Branco, jurista, poeta e prosador, sobre a personalidade do fundador da capital potiensense: “É hoje indiscutível que a maior e melhor realização do estadista baiano foi essa obra da mocidade, de sua mocidade firme e equilibrada: a fundação de Teresina. Esse trabalho que lhe assegura a perpetuidade do nome no decurso dos séculos. Teresina há de existir sempre e, com ela, o nome de Saraiva”.

Teresina com uma área de mil oitocentos e nove quilômetros quadrados, é banhada pelo Parnaíba, numa extensão de noventa quilômetros e pelo Poti, em sessenta quilômetros, tem uma população aproximada em quase quatrocentos mil habitantes.

A cidade com atraente aspecto urbanístico, com ruas bem traçadas, grande número de praças e farta arborização, foi Teresina, cognominada de “Cidade-Verde”, no batismo do grande poeta Coelho Neto, alta expressão do parnasianismo brasileiro.

É ainda, grande centro cultural, a cidade abriga a Universidade Federal do Piauí e também a Academia Piauiense de Letras, fundada em 1917. Entre os seus fundadores está o Dr. Edson da Paz Cunha, uma das grandes culturas do nosso Estado, de saudosa memória, de quem tivemos a honra de privar de sua amizade, como mestre, como amigo e como companheiro do jornalismo parnaibano.

Teresina constitui, ainda, o principal entreposto comercial e o maior pólo industrial do Estado.

Encerrando esta página sobre Teresina, a capital que ilustra com o seu nome, esta rua de nossa cidade, aqui fazemos nosso, o último verso do belo poema “Ronda à Amada Ausente”, de autoria do consagrado poeta Moura Rêgo: —

Ó dona dos meus desejos,
Mando-te um montão de beijos,
Pois te amo seja onde for,
Minha cidade menina,
Minha linda Teresina,
Teresina meu amor!

T I M B I R A S

Fica no Bairro Pindorama. Da
Avenida São Sebastião à Rua
Ceará.

Os Timbiras pertencem à tribo dos Tapuias ou Gês. O seu habitáculo eram às margens dos rios Itapicuru e Corda no Maranhão.

Constituiu-se uma das maiores tribos da Província maranhense pois, sua população atingia três mil e quinhentos indígenas. No século XVII, segundo os historiadores, os Timbiras entraram em luta com os índios Canelas.

Esses ferozes combates travaram-se em Tapuitapera, quer dizer: “terra dos tapuias”, hoje a histórica cidade de Alcântara. Depois de lutas sangrentas os Timbiras foram derrotados e emigraram para a região amazônica.

Gonçalves Dias, uma das vozes mais altas do romantismo e o primeiro e grande poeta nacional, sua inspiração se volta para a natureza, criando ao lado de José de Alencar no romance, o indianismo, na literatura brasileira, transformou o Maranhão em “Terra dos Timbiras”.

Tendo por argumento a imigração desses selvícolas para o Amazonas, Gonçalves Dias escrevia — “Os Timbiras” — poema épico que, infelizmente, foi interrompido com a súbita morte do autor, no naufrágio do “Ville de Bologne”, quando da Europa, retornava à sua Pátria, em 3 de novembro de 1864, quando ao longe, já deslumbrava as palmeiras de São Luiz, dançando no ar.

“Os Timbiras”, o poema sobre os índios das margens do Itapicuru, talvez, fosse a obra-prima do cantor de “minha

terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”, mas a morte o arrebatou antes do término deste poema magistral.

E os Timbiras estão aí no Pindorama, servindo de patronos desta rua bonita e longa, longa e bonita, como seria o poema de Gonçalves Dias, o imortal maranhense.

T R E Z E D E M A I O

Fica no Bairro São José. Da
Rua Coronel Pacífico à Rua
Monsenhor Roberto Lopes.

O Paço Imperial estava em um dos seus grandes dias de solenidade.

Embora não se revestisse de caráter festivo, o ato, porque o Imperador Dom Pedro II se achava doente na Europa, carruagens paravam à porta do Palácio e desciam Ministros, Senadores, fidalgos, intelectuais, jornalistas e pessoas gradas.

Uns fardados, rebrilhando os dourados das espadas; outros, na serenidade distinta das casacas.

Estampavam em todos os semblantes, a alegria e o entusiasmo. Lá fora, o povo delirava.

Na sala dos despachos, diante de artística mesa de jacarandá, a Princesa Isabel, em trajes de pompa, acabava de ler o decreto, apresentado pelo Ministro João Alfredo.

Sua Alteza, a Princesa Isabel, com mão firme, assinava com uma caneta de ouro, ofertada, a Lei Aurea. Uma salva de palmas estalou no salão, enquanto as pétalas de rosas choviam sobre a cabeça da herdeira do Trono brasileiro.

José do Patrocínio, jornalista e orador de vastos recursos, um dos artífices da transformação da campanha abolicionista em causa nacional, levantou-se, beijou, respeitosa-mente, a mão da Princesa Isabel, exclamando: Obrigado, Alteza!

Joaquim Nabuco, brilhante escritor, grande tribuno, que tomava parte como figura proeminente da campanha de libertação dos escravos, correndo à varanda do Paço Imperial,

disse para o povo, cheio de júbilo, o artigo único do sublime decreto:

“Fica extinta a escravidão no Brasil.”

O povo delirou. Vivas ecoaram pela praça, a Princesa Isabel caía nos braços do povo agradecido.

E nesta hora sublime da Pátria, quando o sol da liberdade abria-se em nossos horizontes, as algemas do cativo, para sempre, caíam por terra, em toda imensidade brasileira.

O calendário cívico da Pátria marcava 13 de Maio de 1888 — Data Áurea da História do Brasil.

T R E M E M B É S

Fica no Bairro Pindorama. Da
Avenida São Sebastião à Rua
Ceará.

Os índios Tremembés ou Teremembés habitavam as terras banhadas pelo rio Tutóia, no Maranhão.

Segundo Gonçalves Dias, descendiam esses indígenas das tribos tupis que, por sua vez, se ramificavam com outras tribos.

Os índios araiós, por exemplo, que habitavam às margens do rio Santa Rosa, onde está localizada a cidade de Araióses, nome originário de seus nativos, eram uma ramificação dos Tremembés.

Os Tremembés também habitavam o território de Turiaçu, no Maranhão. Eram os hábeis nadadores que os portugueses encontraram no Brasil. Sem outra embarcação, que a dos seus próprios braços e às vezes com o auxílio de um pequeno remo, além de atravessarem muitas léguas de água, conservavam-se também debaixo dela por longos espaços.

Ao nascer da vila de Tutóia, os seus primeiros habitantes foram os índios Tremembés “os mais bem figurados, valentes e prestimosos que tinham esta capitania, segundo a opinião do Governador Gonçalo Pereira Lobato de Souza.

Em Tutóia, local da vila primitiva, ainda, conserva e cultua, a tradição dos Tremembés, através das danças folclóricas e de produtos artesanais.

Ali a sua modesta e laboriosa população tece redes, fabrica chapéus, bolsas, tapetes, cestos, sacolas e muitos outros produtos, utilizando a palha do buritizeiro, palmeira que os índios chamavam de carandá-guaçu, de cujos frutos fabricavam o “cauim”, nome generalizado das bebidas indígenas.

Entre as representações folclóricas, a mais típica é a “Dança do Carço” que já começa a penetrar na seara turística do Brasil-Nordeste.

Aqui em Parnaíba, em praça pública, já houve uma exibição da “Dança do Carço”, representada por um elenco da cidade de Tutóia, que mereceu grandes aplausos.

Este é um ligeiro capítulo da história da patrono desta rua que vara o bairro da “Terra das Palmeiras”.

T U P I S

Fica no Bairro Pindorama. Da
Rua Benedito Santos Lima ao
fim do Bairro Ceará.

Focalizemos, inicialmente, de modo genérico, o selvícola brasileiro.

Os indígenas formavam grupos numerosos, viviam, isoladamente, nas florestas. Faziam pequenas culturas nas proximidades das tabas a fim de completar a alimentação, baseada na caça e na pesca. Algumas tribos eram antropófagas.

Habitavam em choças, chamadas ocas, feitas de paus, cobertas de folhas de palmeiras e dispostas em círculo, formando aldeias ou tabas.

O chefe administrativo das aldeias era o cacique ou morubixaba. Eram valentes guerreiros. Sua arma mais perigosa era a zarabatana, com que sopravam pequenas flechas envenenadas.

Usavam canoas de troncos de árvores, chamadas de abás ou pirogas. Fabricavam vários utensílios domésticos, redes, balaios, esteiras e estendiam as suas atividades artísticas nos trabalhos de cerâmica, tecelagem e ornamentos de penas coloridas.

E é dos selvícolas que vem o nosso rico e soberbo artesanato, hoje, constituindo uma fonte de turismo e de riqueza de nosso país.

Conservavam credices e lendas e acreditavam num ser superior denominado Tupã, respeitavam e adoravam também Guaraci, que era o sol, mãe dos seres vivos, Jaci, que era a lua, mãe dos vegetais e Rudá, o deus do amor. Grande foi a influência indígena na nossa língua e no nosso folclore.

Das nações indígenas a mais importante era a dos Tupis que os jesuítas denominaram de “índios da língua geral”, pois, o Tupi-Guarani pelo fato de ter sido este o grupo mais numeroso, era falada em toda a costa brasileira.

As principais tribos tupis eram os Tupiniquis, os Tupinambás e os Tamóios que habitaram o litoral do Rio de Janeiro e São Vicente, enquanto, os Tabajaras e Potiguares habitavam o Ceará e o Rio Grande do Norte.

Da língua Tupi há grande vocabulário que se aplica em inúmeros acidentes geográficos do Brasil, como montanhas, serras, rios, ilhas e outros.

O padre José de Anchieta, denominado “O Apóstolo do Brasil”, escreveu a primeira gramática da língua Tupi-Guarani.

Ainda existem espalhadas pelo Maranhão e Amazonas e outros Estados, algumas tribos de índios Tupis, mas todas elas já integradas à civilização.

O Brasil possui um folclore muito rico porque três foram os povos que deram origem à nação brasileira: o português, o africano e o indígena. Deles recebemos os primeiros elementos para a formação de nossa cultura.

Dentro das lendas e dos mitos que enriquecem o folclore nacional, aqui trazemos uma lenda do índio brasileiro, ingênua, mas interessante:

Era uma vez, sete irmãozinhos índios.

Eles tinham pai e mãe, mas nem um, nem outro, cuidavam deles. Muitas vezes os indiozinhos sentiam fome e frio. Ninguém os acariciava, ninguém se preocupava com a sua sorte.

Um dia, o irmãozinho mais velho disse aos outros meninos: Irmãos, vamos para o Céu? Lá seremos muito felizes!

As criancinhas concordaram.

Passou, então, um vento muito leve que foi levando os indiozinhos para o Céu...

Quando a mãe das criancinhas viu-os subindo, subindo, gritou: Voltem! Voltem!

Mas os indiozinhos não voltaram. Subiram, subiram...

Hoje, se você olhar para o Céu, verá sete estrelas formando uma constelação: é o Sete Estrelo, os sete indiozinhos que subiram ao Céu.

E com esta lenda, encerramos a história da Rua Tupis, encravada no Pindorama, o bairro que nasceu e floresceu sob as bênçãos de Tupã.

V A L E N Ç A

Fica no Bairro Bebedouro. Da
Avenida Princesa Isabel à Rua
das Flores.

Valença do Piauí foi, em sua origem, uma aldeia de índios Aroazes que posteriormente recebera o nome de Catinguinha, originário de um riacho que corta o município.

No início do século XVIII, alguns jesuítas se estabeleceram nas proximidades da nascente do rio Tabua, com o fim de catequizar os gentios; levantaram, com o auxílio dos indígenas, algumas choupanas e iniciaram a construção de um gigantesco templo de pedras, do qual há ainda indícios.

O Bispo do Maranhão, em 1740, criou ali uma freguesia sob o orago de Nossa Senhora da Conceição, tendo como sede o local denominado Aroazes, hoje, Aroazes integra o contexto dos municípios piauienses.

Mais tarde, em outro local, foi criada a vila de Valença, que foi solenemente instalada pelo Governador da Província, João Pereira Caldas, em 20 de setembro de 1862, criada também sua freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Ó.

Proclamada a República, Valença foi elevada à categoria de cidade, pelo Decreto Nº 03, de 30 de dezembro de 1889, re-

ferendado pelo General Gregório Taumaturgo de Azevedo, primeiro Governador republicano do Piauí.

Valença hoje, está colocada entre as dez principais cidades piauienses, tem belo aspecto urbanístico, ruas largas e arborizadas, praças ajardinadas e bem iluminadas. O seu comércio é bastante desenvolvido, contando, ainda, com várias agências bancárias.

No alto de sua principal praça, está a sua Igreja-Matriz, templo majestoso, com a sua excelsa Padroeira Nossa Senhora do Ó, cuja festa é comemorada, com muita alegria, no dia 26 de dezembro.

Valença — Ninho de Governadores.

Da cidade banhada pelo Sambito e pelo Berlengas, já saíram cinco hóspedes para o Palácio de Karnak: Arlindo Francisco Nogueira, João Luiz Ferreira, Djalma Veloso e os irmãos Petrônio Portela Nunes e Lucídio Portela Nunes.

E a velha e simpática Valença, berço de governadores, também cognomina esta rua da cidade litorânea do Piauí.

V E R A C R U Z

Fica no Bairro São José. Da
Praça Antônio do Monte à Rua
Sete de Janeiro.

Há muito tempo — no ano de 1500 — Dom Manoel I, era detentor da Coroa de Portugal, tinha sonho de conquistador, queria firmar o domínio português nas Índias e lá propagar a fé cristã.

Organizou uma esquadra — caravelas e navios — sob o comando do Almirante Pedro Álvares Cabral, fidalgo lusitano, considerado um dos grandes navegadores portugueses, só comparado a Vasco da Gama que contornou a África e atingiu as Índias.

Na véspera da partida, houve missa solene, bênção da bandeira da Ordem de Cristo e do chapéu enviado pelo Papa ao comandante da esquadra.

E no dia 9 de março, com a bandeira de Cristo voluteando no topo do navio capitânea, a esquadra partiu.

As caravelas, parecendo garças beijando às águas do mar, singravam o oceano, nas suas brancas velas, estampava-se a cruz vermelha da Ordem de Cristo.

Passaram-se dias, muitos dias, mais de um mês, as caravelas continuavam, sempre singrando o oceano, parecendo garças beijando as ondas do mar.

A rota foi desviada.

Um dia, marinheiros começaram a ver sinal de terra, plantas boiavam, pássaros cantavam nos galhos das árvores e ao longe, ouvia-se o sotaque dos índios.

Um pouco adiante, avistaram um monte, Cabral chamou-o de Monte Pascoal, por ser tempo de Páscoa. Este foi o primeiro acidente geográfico brasileiro visto pelos nossos colonizadores.

Era a terra que vinha apontando, bonita e majestosa, soberba e imponente.

Dia claro, banhado de sol, sob a sinfonia alegre da passarada nos arvoredos, acariciados por uma brisa amena.

Era 22 de abril de 1.500.

A esquadra aportou numa Bahia que recebeu o nome de Porto Seguro, hoje, Cabrália.

Desembarcaram.

Índios de pele bronzeada, cabelos lisos, corpo enfeitado de penas de cores variadas, olhavam admirados aquele desembarque, cenas inéditas para os selvícolas.

Cabral olhou, contemplou o quadro deslumbrante da natureza que estava diante de seus olhos, pensando que estava dentro de uma ilha, deu-lhe o nome de Vera Cruz, este o primeiro batismo de nossa Pátria.

Era a ilhéu da Coroa Vermelha.

26 de abril de 1.500.

Ali, Frei Henrique Soares, de Coimbra, capelão da esquadra, celebrou a primeira missa na terra de Vera Cruz.

Os portugueses andaram pela praia. Penetraram na floresta imensa, virgem e encantadora. Lá cortaram madeira e fizeram uma grande cruz, enfeitada com as armas de Portugal.

Em seguida, armaram um altar e colocaram a Imagem de Nossa Senhora da Esperança, Padroeira e Sagra Protetora da Esquadra.

Era 1º de maio.

Frei Henrique, agora, em terra firme, celebrou a sua segunda missa aos pés da cruz de madeira de nossa terra, hoje, ornamentando a Catedral de Brasília, como peça de alto valor histórico.

E, nessa hora solene, no seio da floresta, sentindo o cheiro do incenso que vinha do turíbulo do altar, Cabral tomou posse da terra de Vera Cruz.

A noite desceu, envolta num luar de prata.

Os colonizadores, ainda no altar, levantaram os olhos para o Céu, iam fazer uma prece a Deus, quando viram no firmamento, uma grande cruz de estrelas.

Era o Cruzeiro do Sul que ao alto, brilhava!

Ali estava o sinete do Criador, marcando e abençoando a terra descorberta que, no porvir, seria gigante pela sua própria natureza.

E, assim, diante da cruz, símbolo da fé, nasceu o Brasil, sob as graças de Nossa Senhora da Esperança, a Padroeira da esquadra de Cabral.

Ai está a Rua Vera Cruz assinalando o fato mais importante da história de nossa Pátria.

Cultuemos, com orgulho, esta homenagem!

V E R E A D O R A L C E N O R C A N D E I R A

Fica no Bairro do Carmo.
Da Avenida Nações Unidas á
Praça da Graça.

Alcenor Rodrigues Candeira, casado com a Senhora Maria de Lourdes Castelo Branco Candeira, nasceu em Parnaíba a 5 de novembro de 1913.

Político militante, sempre fiel aos seus ideais partidários, era realmente um autêntico líder.

Ocupou, em várias legislaturas, as funções de Vereador, tendo sempre desempenhado essa missão eletiva com invulgar brilhantismo, honrando a tradição da Câmara Municipal de Parnaíba, como legislador sensato e orador eloquente.

Também militou na imprensa local, onde deu sobejas provas de seu acentuado pendor jornalístico.

Foi, ainda, Secretário da Prefeitura Municipal na gestão do Prefeito José Alexandre Caldas Rodrigues, cargo que desempenhou com brilho e comprovada eficiência.

Enfim, o Vereador Alcenor Candeira foi um exemplo de honestidade, coragem e lealdade, tendo falecido em plena função de Secretário Municipal, na tarde de 11 de outubro de 1959 — Dia da Padroeira de Parnaíba — Nossa Senhora da Graça.

A Municipalidade decretou luto oficial, pois, sua morte prematura e inopinada, causou verdadeiro impacto emocional na cidade, dada a sua posição política e social.

Deixou vários filhos, destacando-se entre eles, o Dr. Alcenor Rodrigues Candeira Filho, ilustre advogado, professor e brilhante poeta e jornalista.

Esta denominação — Rua Vereador Alcenor Candeira — representa uma justa homenagem e um tributo de admiração ao homem e ao político que tão bons e relevantes serviços prestou à coletividade parnaibana.

V I E I R A D A C U N H A

Antiga denominação: Rua Amaran-
tante. Fica no Bairro Nova Par-
naíba. Da Avenida Alvaro Mendes
à Avenida Princesa Isabel.

O Dr. Antônio Cavalcante Vieira da Cunha, Engenheiro Civil, nasceu em Pernambuco.

Radicado, ainda moço, em nosso Estado. Aqui exerceu a sua honrosa profissão de engenheiro, com eficiência e probidade.

Matias Olímpio de Melo, Magistrado, Juiz Federal, Jurisconsulto, Sociólogo, Senador da República, que governou o Piauí no período de 1.º de julho de 1924 a 1º de julho de 1928, contou, em sua equipe governamental, com a valiosa cooperação deste ilustre e competente profissional pernambucano.

O Dr. Vieira da Cunha também ligou-se ao Piauí, por laços afetivos de família, consorciando-se com a Senhora Maria Marques Vieira da Cunha, de tradicional família da cidade de União. Por vários anos, exerceu as altas funções de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos do Piauí.

Foi, em sua gestão, que a 11 de agosto de 1935, realizou-se pelas dezesseis horas, a solenidade de inauguração oficial do atual edifício dos Correios à Praça da Graça, com a presença de altas autoridades federais, estaduais e municipais.

O Inspetor de Linha de 3ª classe, Francisco Antônio Brandão Júnior, chefe da construção, usou da palavra, entregando-o ao Inspetor-Técnico de 1ª classe, Dr. Antônio Cavalcante Vieira da Cunha, Diretor Regional dos Correios e Telégrafos deste Estado, como consta da ata que foi lavrada e assinada pelas autoridades presentes.

Quatro dias após a sua inauguração, em 15 de agosto, o prédio foi aberto ao público, pois, anteriormente, funcionava em prédio alugado, onde hoje é a Casa Cristino.

Esclarecemos ainda que, na construção deste edifício dos Correios, ali na Praça da Graça, foram gastos cento e cinquenta contos de réis, moeda corrente na época, quantia irrisória para o cruzeiro de hoje.

Foi ainda em sua gestão, criada e instalada uma Agência Postal no Bairro Nova Parnaíba, no cruzamento das ruas Jozias Moraes e Amarante, hoje Vieira da Cunha, cuja agência foi extinta há vários anos.

Este ilustre ex-Diretor Regional dos Correios e Telégrafos do Piauí, está há anos aposentado, residindo no Rio de Janeiro, mas a homenagem de Parnaíba ao construtor do Edifício dos Correios de nossa cidade, ficou gravada nas placas desta rua que tem o seu nome.

VIRGÍLIO ANTUNES

Fica no Bairro São Benedito.
Da Avenida São Sebastião à
Avenida Padre Raimundo Viei-
ra.

Virgílio Fernandes de Sá Antunes, descende de tradicional família parnaibana, quase extinta entre nós.

Os Sá Antunes tiveram aqui, no passado, uma atuação de destaque.

Em 1889, proclamada a República, o Piauí passou, como era natural, de Província a Estado da Federação mas, somente em 1891, pelo Decreto Nº 07, de 9 de outubro, fez a sua primeira Organização Judiciária. Por esse Decreto, Parnaíba passou a ser Comarca de Segunda Instância.

Por força dessa organização, a nossa Comarca entrou em completa plenitude, tendo sido nomeado todo o seu corpo judiciário.

Daí então, surgiu Virgílio Fernandes de Sá Antunes para um dos cargos de Tabeliães Públicos da novel Comarca ao lado de José Alves de Seixas Pereira e Fausto Fernandes Basto.

A sua atuação como Tabelião foi, para a justiça, uma segurança, pois Virgílio Antunes era, realmente, um padrão de honradez e dignidade.

Casado, formou uma prole numerosa e ilustre, destacando-se entre os seus filhos, o Dr. Manoel Osório de Sá Antunes que foi Secretário do Governo do Amazonas e Procurador Judicial no Rio de Janeiro, época da capital federal; e de Euvaldo Pismel de Sá Antunes que foi funcionário de categoria da Booth-Line, nesta cidade.

Era irmão do Dr. Manoel Fernandes de Sá Antunes, Juiz Federal, em Parnaíba, principal fundador da Santa Casa de Misericórdia e seu primeiro Provedor, em 26 de abril de 1896.

Virgílio Antunes deixou o seu nome gravado na história de Parnaíba pela sua honorabilidade, pela sua inteligência e pelo seu eficiente trabalho no campo judiciário de nossa cidade.

Era, assim, uma figura do passado, a sua memória não podia fenecer. E quando surgiu o Bairro São Benedito, foram buscá-lo, com muita justiça, para patrono desta rua, como preito de homenagem ao venerando Tabelião Público de nossa Comarca.

X A V A N T E S

Fica no Bairro Pindorama. Da
Avenida São Sebastião à Rua
Ceará.

Quando Cabral pisou a terra de Vera Cruz, havia espalhados pelas nossas florestas, segundo os historiadores, mais de dois milhões de indígenas, que habitavam, principalmente, às margens dos grandes rios.

Akuês era um grupo de índios formado pelos Xavantes, Xarentes e Xakriabás, que habitavam em Mato Grosso, em área limitada pelos rios Caluene e das Mortes.

Os Xarentes e Xakriabás são hoje tribos extintas, enquanto os Xavantes têm atualmente uma população de quase três mil índios, aliás domesticados. Contactados desde 1948 pelo Serviço de Proteção ao Índio — Funai — passaram a viver pacificamente, integrados à civilização.

A comunidade xavantina ocupa, hoje uma vasta área da Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, com vinte mil quilômetros quadrados, formada por dois braços do rio Araguaia, no Estado de Goiás.

Neste rápido esboço sobre os Xavantes, queremos, por dever de justiça, patentear o trabalho patriótico e altamente humano, do grande militar Marechal Cândido Mariano Rondon, quando varava os insalubres sertões de Mato Grosso, na construção de linhas telegráficas, ligando aquela região ao resto do País.

Desse notável trabalho do Marechal Rondon, considerado a primeira iniciativa de pacificação indígena, vários foram os resultados obtidos, o destemido sertanista entrava em contato com tribos desconhecidas e hostis.

O seu lema era: “Morrer se preciso, matar, nunca”. Este lema representa a grandeza de um homem!

Aí está um pouco da história dos Xavantes, mesclada com o patriotismo do notável Marechal Cândido Mariano Rondon, o maior indianista brasileiro que, por solicitação sua, o Presidente Getúlio Vargas, a exemplo dos demais países americanos, instituiu o 19 de abril, como o “Dia do índio”.

E com esta rua do Pindorama, a nossa invicta cidade presta um preito de admiração aos Xavantes, o índio da Ilha do Bananal, e ao imortal Marechal Rondon, o grande pacificador da comunidade indígena brasileira.

OBRAS CONSULTADAS

- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros — I.B.G.E.
Enciclopédia de Moral e Civismo — Padre Fernando Basto de Ávila
Livro do Centenário de Parnaíba — Benedito Jonas Correia e Benedito Santos Lima.
Almanaque da Parnaíba — Várias Edições — Benedito Santos Lima e Ranulfo Torres Raposo.
História da Administração de Parnaíba — Dr. Lauro Andrade Correia
Memórias — Humberto de Campos
Teresina — Ruas — Praças — Avenidas — A. Tito Filho
Datas Comemorativas — Professor Fernando Rebelo
Na Luz Perpétua — Padre João Batista Lehmann
O Patrono de Minha Terra — Adrião José Neto.
Estudos Sociais — Therezinha Maestrelli
Moral e Civismo — Maria Caiafa
Marcha do Tempo — A. Batista Fontenele
Formação Moral e Cívica — Professor F. Teodoro da Silva
Plantas da Cidade de Parnaíba — 1912/1914 — Arquivo Dr. Lauro Andrade Correia
Planta da Cidade de Parnaíba — Prefeitura Municipal

Dr. Renato Araribóia de Brito Bacellar
Diretor-Executivo Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

BAIRROS

Bebedouro	23
Boa Esperança	24
Carmo	25
Cantagalo	26
Ceará	27
Fátima	30
João XXIII	31
Mendonça Clark	32
Ministro Reis Veloso	34
Nova Parnaíba	39
Pindorama	40
São Benedito	41
São Francisco	42
São José	44
São Judas Tadeu	45
Santa Luzia	49

SEGUNDA PARTE

PRAÇAS

Antônio do Monte	53
Constantino Correia	54
Coronel Jonas Correia	60
Coronel Osório	64
Da Graça	66
Genésio Pires Rebelo	70

Julio Augusto	71
Luiz Galhanoni	73
Lima Rebêlo	75
Miguel Furtado Bacelar	76
Mirocles Veras	78
Presidente Médici	85
Piauí	87
Rotary Clube	90
Santo Antônio	91

TERCEIRA PARTE

AVENIDAS

Alvaro Mendes	95
Armando Cajubá	96
Capitão Claro	97
Coronel Lucas Correia	99
Gov. Chagas Rodrigues	104
José de Moraes Correia	106
Lions Clube	112
Marquês de Paranaguá	113
Nações Unidas	115
Normalistas	116
N. S. de Fátima	117
Princesa Isabel	120
Padre Raimundo Vieira	122
Presidente Getúlio Vargas	124
Primeiro de Maio	128
São Sebastião	130

QUARTA PARTE

RUAS

Ademar Neves	135
Afonso Pena	137
Aimorés	139
Alberto Correia	139

Almirante Gervásio Sampaio	141
Alto Longá	142
Amapá	143
Amazonas	144
Anhanguéra	145
Anisio Neves	146
Anisio de Abreu	148
Antônio Neves	149
Areolino de Abreu	150
Armando Burlamáqui	151
Barão do Rio Branco	153
Benjamin Constant	155
Benedito Santos Lima	156
Borges Machado	158
Caiapós	160
Campo Maior	163
Castelo	164
Caramurú	165
Coelho Basto	166
Coelho Rodrigues	167
Coronel Gervásio	168
Coronel Joaquim Antônio	170
Coronel Pacífico	171
Coronel Ribeiro	174
Conde D'Eu	175
Costa Fernandes	176
Das Flores	177
Da Praia	178
Da Independência	178
David Caldas	179
Delbão Rodrigues	181
Dezenove de Outubro	182
Desembargador Sales	184
Dos Barqueiros	185
Do Comércio	186
Dom Felipe Condurú	188
Dom Pedro II	189
Do Rosário	192
Dois de Fevereiro	194

Domingos Leite	195
Duque de Caxias	196
Estudante José Adalberto	198
Eunice Weaver	200
Felipe Mota	202
Florianio	203
Florindo Castro	204
Francisco Aires	205
Francisco Correia	207
Francisco Severiano	211
Franklin Veras	216
General Taumaturgo Azevêdo	218
Guaporé	220
Godofredo de Miranda	221
Humberto de Campos	222
Itaúna	225
Jaicós	226
James Clark	227
Jerônimo Tupinambá	228
Jozias Moraes	229
João Cândido	231
João Emidio Falcão Costa	233
José Bonifácio	235
José Basson	236
José Mentor	237
José Narciso	238
Joaquim Sampaio	241
Joaquim Santos	243
Luiz Correia	245
Major Análio	255
Marc Jacob	256
Madeira Brandão	257
Maestro Almir Araújo	258
Marechal Deodoro	259
Marechal Pires Ferreira	261
Marquês de Herval	262
Marquês Basto	263
Mérval Veras	265
Monsenhor Joaquim Lopes	266

Monsenhor Roberto Lopes	268
Municipal	271
Oeiras	273
Oscar Clark	275
Osvaldo Cruz	277
Padre Castelo Branco	278
Paraíba	279
Paraná	281
Paulino Basto	282
Pedro Braga	283
Pedro Ivo	284
Pires Ferreira	286
Picos	289
Professor Amstein	290
Professor Darcy Araújo	292
Prudente de Moraes	294
Quetinha Pires	295
Quinze de Novembro	296
Raimundo Machado de Moraes	298
Regeneração	300
Riachuelo	301
Rubem Furtado	303
São Bernardo	304
São José	305
São Pedro	307
São Paulo	308
São Vicente de Paulo	311
Santa Rita	313
Santos Dumont	314
Samuel Santos	315
Senador Furtado	317
Sebastião Basto	317
Sergipe	319
Sete de Janeiro	320
Sete de Setembro	322
Simplicio Dias	323
Suzanne Jacob	331
Tabajara	332
Tamoios	334

Teresina	336
Timbiras	338
Treze de Maio	339
Tremembés	340
Tupis	341
Valença	343
Vera Cruz	344
Vereador Alcenor Candeira	346
Vieira da Cunha	347
Virgílio Antunes	349
Xavante	350

Dr. Renato Araribóia de Britto Bacellar
Diretor-Executivo Procurador Geral
Fundação Raul Furtado Bacellar (FRFB)